

**COLEÇÃO VINCERE**

COPYRIGHT © **HPLUS SISTEMA DE ENSINO, 2023**

Direitos desta edição: Hplus Sistema de Ensino, São Paulo, 2023

Todos os direitos reservados à Editora Hplus.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

**AUTORES**

Manuela Costa

Bruno Rafael Ferreira Santana

**DIRETOR EDITORIAL**

Pedro Tadeu Vader Batista

**DIRETOR OPERACIONAL**

Raphael Gaudio

**COORDENADORA-GERAL**

Emanuela Amaral

**RESPONSABILIDADE EDITORIAL, REVISÃO E PESQUISA ICONOGRÁFICA**

Hplus Sistema de Ensino

**PROGRAMAÇÃO VISUAL**

Daniel Fuscella

**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA**

Marcus Vinícius Gisolfi

Diógenes Lopes

**PROJETO GRÁFICO E CAPA**

Leonardo Moraes

Caique Padovan

Laryssa Barreira

**IMAGENS**

Freepik (<https://www.freepik.com>)

Adobe Stock (<https://stock.adobe.com/>)

Todas as citações de textos contidas neste livro didático estão de acordo com a legislação, tendo por fim único e exclusivo o ensino. Caso exista algum texto a respeito do qual seja necessária a inclusão de informação adicional, ficamos à disposição para o contato pertinente. Do mesmo modo, fizemos todos os esforços para identificar e localizar os titulares dos direitos sobre as imagens publicadas e estamos à disposição para suprir eventual omissão de crédito em futuras edições.

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra é usado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.

**2023**

Avenida São Gualter, 1380 – Alto de Pinheiros – São Paulo – SP

CEP: 05455-002

Telefone: (11) 3023-7070

[www.sistemahplus.com.br](http://www.sistemahplus.com.br)

[contato@hplus.com.br](mailto:contato@hplus.com.br)



Caro(a) aluno(a)

O **Hplus** considera como estudo ativo uma série de técnicas que exigem atenção, concentração cerebral e leitura do conteúdo, além da execução de mapas mentais, anotações, grifos em textos, e demais ações que colocam o estudante como agente ativo na construção do seu conhecimento.

O método de estudo ativo torna o aluno protagonista de seu processo de aprendizagem, participando diretamente do desenvolvimento do conteúdo programático. Isso significa que o aluno não apenas internaliza os conteúdos, mas também os vivencia na sua jornada de estudos, exercendo sua autonomia e criatividade. A principal ideia do método ativo é que o estudante se envolva completamente com o assunto e que ele mesmo procure pelas respostas conforme as dúvidas forem aparecendo, assim desenvolve-se uma organização chamada de Estudo individualizado (E.I.), composto por questões estrategicamente selecionadas em ordem de dificuldade pela equipe de professores. Desse modo, o aluno consegue encontrar o melhor caminho de aprendizagem, potencializando a rotina de estudos.

Como parte da metodologia ativa, é importante realizar a correção das respostas incorretas, colocando a mão na massa e usando as referências e resoluções comentadas para entender a resposta esperada. Assim, o aluno estará mais preparado para refazer o exercício, traçar métodos de resolução e adquirir repertório e experiência no campo dos exames.

**Equipe Hplus**





# SUMÁRIO

## LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

### GRAMÁTICA

|  |     |
|--|-----|
| <b>Aulas 1 e 2</b> - Formação de Palavras  | 09  |
| <b>Aulas 3 e 4</b> - Artigos, Substantivos e Adjetivos                             | 25  |
| <b>Aulas 5 e 6</b> - Verbos: Estudo dos Tempos e dos Modos Indicativo e Subjuntivo | 47  |
| <b>Aulas 7 e 8</b> - Verbos II: Estudo do Modo Imperativo e das Vozes Verbais      | 65  |
| <b>Aulas 9 e 10</b> - Advérbios  | 81  |
| <b>Aulas 11 e 12</b> - Pronomes Pessoais   | 103 |

### INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

|  |     |
|--|-----|
| <b>Aula 1</b> - Funções da Linguagem I             | 123 |
| <b>Aula 2</b> - Funções da linguagem II            | 139 |
| <b>Aula 3</b> - Variação Linguística I             | 153 |
| <b>Aula 4</b> - Variação Linguística II            | 167 |
| <b>Aula 5</b> - Semântica: Elementos de Análise I  | 181 |
| <b>Aula 6</b> - Semântica: Elementos de Análise II | 201 |

### LITERATURA

|  |     |
|--|-----|
| <b>Aulas 1 e 2</b> - As formas e os sentidos da Literatura   | 221 |
| <b>Aulas 3 e 4</b> - A Literatura na Idade Média e Humanismo | 237 |
| <b>Aulas 5 e 6</b> - Classicismo                             | 253 |
| <b>Aulas 7 e 8</b> - Quinhentismo                            | 265 |
| <b>Aulas 9 e 10</b> - Barroco                                | 277 |
| <b>Aulas 11 e 12</b> - Arcadismo                             | 289 |



**LINGUAGENS, CÓDIGOS  
E SUAS TECNOLOGIAS**

**ESTUDO ATIVO**

**1**

**DISCIPLINA:**

**GRAMÁTICA**

---



Competência(s):  
1 e 8

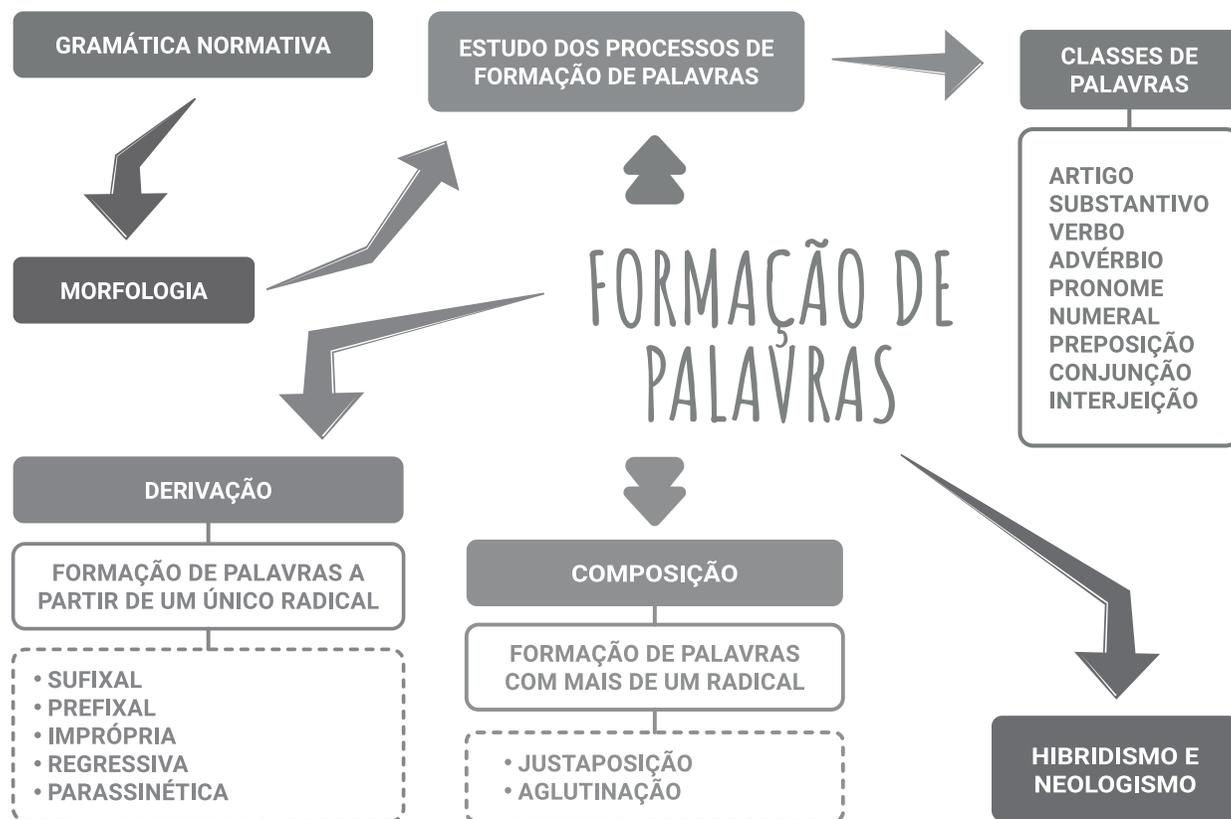
Habilidade(s):  
1, 2, 3, 4, 26 e 27

## AULAS 1 e 2

### Você DEVE SABER!

- Morfologia: formação de palavras
- Morfemas
- Processos de formação
- Formação por derivação
- Formação por composição
- Outros processos
- Hibridismo
- Neologismo

### MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

1. (UNICAMP 2022) Leia, a seguir, o título e subtítulo de uma reportagem.

### Rocha-office: dobra procura por imóveis no interior baiano durante pandemia

Reflexão sobre vivência urbana tem causado um novo êxodo urbano; conheça histórias e veja quando vale a pena se mudar

(Fonte: Correio 24horas. 21/06/2021.)

Ao longo da pandemia da Covid-19 tornou-se cada vez mais recorrente o uso da expressão de língua inglesa **home office** (em tradução literal, “escritório em casa”) para se referir a trabalho a distância ou a teletrabalho. Indique a alternativa que descreve o processo de composição do neologismo “roça-office”, conforme empregado no título da reportagem.

- a) A substituição do vocábulo em inglês “home” por “roça” torna o uso desse estrangeirismo mais adequado à grafia do português.
- b) A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.
- c) A justaposição de “roça” e do neologismo “office” baseia-se na similaridade fonético-fonológica entre os vocábulos “home” e “roça”.
- d) A aglutinação dos radicais “roça” e “office” adapta o neologismo aos imóveis brasileiros e produz o efeito de humor na manchete.
2. (FAMEMA 2022) Todas as opções abaixo mostram palavras formadas com a ajuda do sufixo **-ada**; assinale a opção em que esse sufixo tem o mesmo valor semântico.
- a) martelada / panelada / entrada.
- b) garotada / livralhada / cusparada.
- c) cacetada / bordoadada / meninada.
- d) marmelada / estada / goiabada.
- e) caldeirada / bacalhoadada / feijoada.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a cena inicial da comédia **O noviço**, de Martins Pena.

AMBRÓSIO: No mundo a fortuna é para quem sabe adquirir-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar

todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

(Martins Pena. *Comédias (1844-1845)*, 2007.)

3. (UNESP 2022) Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem a modificação de sua forma. É o que se denomina derivação imprópria. Na fala de Ambrósio, constitui exemplo de derivação imprópria o vocábulo sublinhado em
- a) “O como não importa”.
- b) “Mas um dia pode tudo mudar”.
- c) “No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la”.
- d) “Pintam-na cega”.
- e) “Em mim se vê o exemplo”.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Caso de justiceiro”, de Carlos Drummond de Andrade.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carrinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho invisível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada. – A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados. – Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes? A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranha. A mulher, fula de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda rorejante e berra para o caixa:

– Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.

– Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.

– Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebeitar aquela joça. O partido nacionalista acoelhou-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

– Ah, é? – disse o vingador. – Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

– Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: “Engole mais os outros cem!” “Os ovos também!” “Salafra” “Isso!” “Aquilo!”. A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

– Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarmos este rapaz.

(Carlos Drummond de Andrade. *Cadeira de balanço*, 2020.)

4. **(ALBERT EINSTEIN - MEDICINA 2022)** A derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo por meio da eliminação do referido sufixo. Verifica-se um exemplo de derivação regressiva no seguinte trecho:
- “Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere” (4º parágrafo)
  - “Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro” (13º parágrafo)
  - “ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja” (5º parágrafo)
  - “Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos” (1º parágrafo)
  - “eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota” (11º parágrafo)

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um “infotainment”, para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o *tsunami* de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o “infotainment”. No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto. Em frente ao hospital, uma repórter fala: “mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...”. Agora, repórteres repetem a expressão “a boa notícia é que...”, buscando alguma brecha de esperança no “outro lado” das más notícias.

(Adaptado de Wilson R. V. Ferreira, Globo adota “a boa notícia é que...” para tentar se salvar do baixo astral nacional.

Disponível em <https://cinegnose.Blogs.pot.com/2019/02/globo-adota-boa-noticia-e-que-para.html>. Acessado em 01/03/2019.)

5. **(UNICAMP 2020)** Para se referir a matérias jornalísticas televisivas que informam e, ao mesmo tempo, entretêm os espectadores, o autor cria um neologismo por meio de
- derivação prefixal.
  - composição por justaposição.
  - composição por aglutinação.
  - derivação imprópria.
6. **(UNICAMP)** O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores “praticamente intraduzíveis”. Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.
- Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:
- Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
  - Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (I) e (II) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulisses*).
- b) *Transtrazer* (GR, *Grande sertão: veredas*) e monoideal (JJ, *Ulisses*).
- c) Rttststr (JJ, *Ulisses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- d) Tattarrattat (JJ, *Ulisses*) e inescquecer-se (GR, *Ave, Palavra*).

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O MEDO DO SILÊNCIO E O VÍCIO DA INFORMAÇÃO DESENFREADA

Julián Fuks

Não sou o único, suspeito que seja um entre milhares, um entre milhões, a ocupar de palavras cada instante vago, a fugir do silêncio, do vazio, do marasmo. Faço isso contra mim mesmo, obedeço ao meu vício, me saturo, me embriago de linguagem. <sup>1</sup>Entro no elevador e já apalpo o bolso à procura do celular, para que me acompanhe por um minuto até que a porta se abra. <sup>2</sup>Se a notícia é forte, se a conversa é enfática, caminho pela rua dividindo o olhar entre a tela e a calçada, e espero na fila do mercado absorvido em comentários erráticos de pessoas que conheço mal. Durante todo o trajeto, perdi rostos, pensamentos, paisagem, fui uma ausência entre ausências no mundo que reputo real. A princípio a novidade me pareceu um disparate: poderíamos agora acelerar o som dos programas que ouvimos, dos áudios que recebemos. Quem teria tanta pressa, cheguei a me perguntar, quem aceitaria deturpar as vozes dos amigos, fazer de suas vagarezas habituais um discurso impaciente, ansioso, seco? Brinquei com as minhas filhas de acelerar as nossas vozes, de falar tão rápido quanto podíamos e em seguida ouvir nossas asperezas, nossos atropelos. E então a graça foi se perdendo pelos dias em sua presteza, o que era insólito se fez ordinário, e passei a ouvir quase tudo apressado, com um módico incremento de ritmo e de raiva. Adensei de informações a minha existência, reduzi ao mínimo meu silêncio, meu tédio, minha inteligência.

Meu vício é por notícias, por análises, por debates, meu vício é por imagens improváveis, meu vício é por comentários jocosos, piadas de circunstância, risos fáceis. Nunca estive tão abastecido de produtos que possam saciar essa ânsia, nunca dispus de uma comunicação tão irrefreável, e ainda assim não me sacio. Dormir é calar a profusão de palavras, acordar é voltar a aceitá-la. <sup>3</sup>Guardo consciência de que tudo isso não está me preenchendo de nada, de que estou me esvaziando, estou hipertrofiado de informações, atrofiado de interioridade. Há dias em que me escuto muito mal, quase não me escuto com tanto ruído que me invade.

<sup>4</sup>Pouca paciência me resta para o cinema que antes me encantava. Vejo um homem cruzando um deserto, atravessando uma praça, seguindo pelo corredor de um hotel, e anseio para que apresse o passo, para que enfim a cena comece, para que se

dê o diálogo. É como se quisesse optar, nos mesmos filmes que admirava, nos filmes que ainda admiro, por uma nova velocidade, uma que não me obrigue à assimilação lenta de cada detalhe. Não é um desejo harmônico, não é nada unânime entre os muitos que sou. Sou <sup>5</sup>impaciente com a minha própria <sup>6</sup>impaciência, luto contra mim para recuperar a tranquilidade, para voltar a ser um sujeito de pálpebras baixas disposto à divagação e à contemplação desarmada.

Penso no tempo em que a incomunicação ditava o sentido do cinema, da literatura, das artes. Víamos contundência e beleza no marasmo, víamos um homem em estado de solidão e pensávamos capturar seu desamparo, seu desconsolo, sua profundidade. <sup>7</sup>Hoje a dor desse homem se converteu num tédio que já não suportamos. Samuel Beckett virou tema para estudiosos, suas esperas falam incomunicação não nos comunica mais nada. O autor que quiser dar conta deste tempo atordoante terá que abrir espaço aos excessos da comunicação, fazer reverberar em sua obra essas vozes que nunca calam, nunca cansam de falar, em ritmo agora turbinado. E, no entanto, o que procuro na literatura é o contrário, é nela que me abrigo do ruído, com suas palavras <sup>8</sup>reinstaurou o silêncio necessário. <sup>9</sup>No intervalo entre dois versos, entre duas linhas de um romance bom, me desvio para os meus próprios pensamentos e é como se os <sup>10</sup>reentrasse, à minha espera, calmos, imperturbáveis. Geralmente, querem me falar sobre coisas muito diferentes dessa existência vertiginosa, seu tempo não é o presente, outro é seu horizonte, outra sua cadência. <sup>11</sup>Quando o pensamento se emancipa do vício, o passado é vasto, o futuro é franco, o mundo não se limita a esse caos rumoroso que nos consome e nos debilita.

O último pensamento me conduziu a uma nostalgia: nostalgia do silêncio, da conversa ineficiente, do encontro vadio. Dos amigos que pouco vejo neste mundo de atropelos, das vozes queridas que acelerei para meu <sup>12</sup>desprazer. De vocês, não quero mais a informação certa, não quero a eficácia comunicativa. Quero voltar a ouvir suas pausas, suas hesitações, seus descaminhos, quero voltar a adivinhar o rumo de seus juízos. Preciso de vocês para combater o meu vício, para me munir de palavras ociosas e indolentes.guardo áudios que me adormeçam, que me despertem.

Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/08/21/o-medo-do-silencio-e-o-vicio-da-informacao-desenfreada.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2021

1. **(UECE 2022)** No texto, o autor utiliza diversas palavras com o mesmo processo de formação, como se constata em: “impaciente” (ref. 5); “impaciência” (ref. 6); “reinstaurou” (ref. 8); “reentrasse” (ref. 10); “desprazer” (ref. 12). Esse processo de formação de palavras recebe o nome de derivação
  - a) parassintética.
  - b) sufixal.
  - c) imprópria.
  - d) prefixal.

2. **(ENEM PPL)** Devemos dar apoio emocional específico, trabalhando o sentimento de culpa que as mães têm de infectar o filho. O principal problema que vivenciamos é quanto ao aleitamento materno. Além do sentimento muito forte manifestado pelas gestantes de amamentar seus filhos, existem as cobranças da família, que exige explicações pela recusa em amamentar, sem falar nas companheiras na maternidade que estão amamentando. Esses conflitos constituem nosso maior desafio. Assim, criamos a técnica de mamadeirar. O que é isso? É substituir o seio materno por amor, oferecendo a mamadeira, e não o peito!

PADOIN, S. M. M. et al. (Org.) *Experiências interdisciplinares em Aids: interfaces de uma epidemia*. Santa Maria: UFSM, 2006 (adaptado).

O texto é o relato de uma enfermeira no cuidado de gestantes e mães soropositivas. Nesse relato, em meio ao drama de mães que não devem amamentar seus recém-nascidos, observa-se um recurso da língua portuguesa, presente no uso da palavra “mamadeirar”, que consiste

- a) na manifestação do preconceito linguístico.
- b) na recorrência a um neologismo.
- c) no registro coloquial da linguagem.
- d) na expressividade da ambiguidade lexical.
- e) na contribuição da justaposição na formação de palavras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/blog-do-lute-1.366314/charge-do-dia-12-03-2019-1.700110> acesso em: 25 de out de 2019

3. (S1 - IFCE 2020) A expressão *fake news* que aparece na charge representa um exemplo de fenômeno linguístico conhecido como
- a) onomatopeia.
  - b) neologismo.
  - c) estrangeirismo.
  - d) hibridismo.
  - e) composição.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia um trecho do artigo “Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões).

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual. Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmogônicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

(Folha de S.Paulo, 07.06.1998.)

4. (UNIFESP) O processo de formação de palavras verificado em “estrutural” (2º parágrafo) também está presente em
- “futuro” (1º parágrafo).
  - “portanto” (2º parágrafo).
  - “momento” (3º parágrafo).
  - “plasticidade” (4º parágrafo).
  - “origem” (3º parágrafo).

5. Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, o processo de formação das palavras destacadas nas frases abaixo.

- “Ia tomar sol, esquentar o corpo **gigantesco** que agora se dobrava em dois...”
- “Gostava tanto de ver o **florir** e o carregar do cacau...”
- “O rapaz avistou um vulto e, **inconsequentemente**, soltou um grito, acordando a fera.”

- sufixação - derivação regressiva - parassíntese
- prefixação - derivação regressiva - parassíntese
- sufixação - derivação imprópria - prefixação e sufixação
- prefixação - derivação imprópria - prefixação e sufixação

6. (ENEM PPL)

Pirai, Pirai, Pirai  
 Pirai bandalargou-se um pouquinho  
 Pirai infoviabilizou  
 Os ares do município inteirinho  
 Com certeza a medida provocou  
 Um certo vento de redemoinho

Diabo de menino agora quer  
 Um *ipod* e um computador novinho  
 Certo é que o sertão quer virar mar  
 Certo é que o sertão quer navegar  
 No micro do menino internetinho

GIL, G. Banda larga cordel. *Geleia Geral*. 2008.  
 Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br>.  
 Acesso em: 24 abr. 2010 (fragmento).

No texto, encontram-se as expressões “bandalargou-se”, “infoviabilizou” e “internetinho”, que indicam a influência da tecnologia digital na língua. Em relação à dinamicidade da língua no processo de comunicação, essas expressões representam

- a expansão vocabular influenciada pelo uso cotidiano de ferramentas da cultura digital.
- o desconhecimento das regras de formação de palavras na língua.
- a derivação de palavras sob a influência de falares arcaicos.
- a incorporação de palavras estrangeiras sem adaptações à língua portuguesa.

- a apropriação de conceitos ultrapassados disseminados pelas influências estrangeiras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões).

### A PIPOCA

*Rubem Alves*

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me até atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras que com as panelas. Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de “culinária literária”. Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nôbis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoada, suflês, sopas, churrascos. Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A festa de Babette*, que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo – porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento.

As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu. A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas ideias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela. Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas. Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas

nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado. Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças!

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: pum! – e ela aparece como uma outra coisa, completamente diferente,

que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Meu amigo William, extraordinário professor-pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia as explicações científicas não valem. Por exemplo: em Minas “piruá” é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: “Fiquei piruá!” Mas acho que o poder metafórico dos piruás é muito maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: “Quem preservar a sua vida perdê-la-á.” A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

Disponível em [http://www.releituras.com/rubemalves\\_pipoca.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp).  
Acessado em 31 de mai. 2016.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

7. (EFOMM) No que tange ao processo de formação de palavras, o termo destacado que se enquadra como **formação-regressiva** aparece na opção
- As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha **capacidade** de sonhar.*
  - Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma **inesperada** e imprevisível.*
  - É que a transformação do milho **duro** em pipoca macia é símbolo da grande transformação (...)*
  - O **estouro** das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária (...)*
  - O milho da pipoca somos nós: duros, **quebra-dentes**, impróprios para comer (...)*

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto de Luís de Camões.

A fermosura desta fresca serra  
e a sombra dos verdes castanheiros,  
o manso caminhar destes ribeiros,  
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha<sup>1</sup> terra,  
o esconder do sol pelos outeiros,<sup>2</sup>  
o recolher dos gados derradeiros,  
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza  
com tanta variedade nos ofrece,  
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;  
sem ti, perpetuamente estou passando,  
nas mores alegrias, mor tristeza.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 2001.)

<sup>1</sup> **estranha**: rara, que não é comum, que não é vulgar.

<sup>2</sup> **outeiros**: montes.

8. (UNIFESP 2022) Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem qualquer modificação de sua forma. Tal processo de formação de palavras é denominado derivação imprópria. Observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso:
- “donde toda a tristeza se desterra;” (1ª estrofe)
  - “o manso caminhar destes ribeiros,” (1ª estrofe)
  - “o rouco som do mar, a estranha terra,” (2ª estrofe)
  - “das nuvens pelo ar a branda guerra;” (2ª estrofe)
  - “sem ti, perpetuamente estou passando,” (4ª estrofe)

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta – só o deo-gratias; e o troco. Bobeia. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: – “A pátria não pode nada com a velhice...” Discordo. A pátria é dos velhos, mais. Era um homem maluco, os dedos cheios de anéis velhos sem

valor, as pedras retiradas – ele dizia: aqueles todos anéis davam até choque elétrico... Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuaia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. [...] Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

(*Grande sertão: veredas*, 2015.)

9. (UNESP 2021) Para a formação do neologismo “vivimento”, o narrador recorreu ao mesmo processo de formação de palavras observado em
- “desemendo”.
  - “velhice”.
  - “denúncia”.
  - “reverte”.
  - “adiante”.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**O nada que é**

*Um canavial tem a extensão  
ante a qual todo metro é vão.*

*Tem o escancarado do mar  
que existe para desafiar*

*que números e seus afins  
possam prendê-lo nos seus sins.*

*Ante um canavial a medida  
métrica é de todo esquecida,*

*porque embora todo povoado  
povoa-o o pleno anonimato*

*que dá esse efeito singular:  
de um nada prenehe como o mar.*

(João Cabral de Melo Neto. *Museu de tudo e depois*, 1988.)

10. (UNIFESP) No título do poema – *O nada que é* –, ocorre a substantivação do pronome *nada*. Esse processo de formação de palavras também se verifica em:
- A arquitetura do poema em João Cabral define-**lhe** o processo de criação.
  - A poética de João Cabral assume traços do Barroco **gongórico**.
  - Poema **algum** de João Cabral escapa de seu processo rigoroso de composição.
  - Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral expressa o homem como **coisa**.
  - A poesia de João Cabral tem um **quê** de despoetização.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Analise a charge para responder à(s) questão(ões).



<<https://tinyurl.com/yaougao9>> Acesso em: 12.10.2018. Original colorido.

11. (G1 - CPS 2019) O título da charge “democracinhas” é um neologismo composto pelo mesmo processo de formação presente no termo
- desanuviar*, derivação sufixal.
  - inativo*, derivação parassintética.
  - girassol*, composição por hibridismo.
  - fidalgo*, composição por aglutinação.
  - televisão*, derivação prefixal e sufixal.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

<sup>1</sup>Hoje os conhecimentos se estruturam de modo <sup>3</sup>fragmentado, <sup>4</sup>separado, <sup>5</sup>compartimentado nas disciplinas. <sup>8</sup>Essa situação impede uma visão global, uma visão fundamental e uma visão complexa. <sup>13</sup>“Complexidade” vem da palavra latina *complexus*, que significa a compreensão dos elementos no seu conjunto. As disciplinas costumam excluir tudo o que se encontra fora do <sup>9</sup>seu campo de especialização. A literatura, no entanto, é uma área que se situa na inclusão de todas as dimensões humanas. Nada do humano <sup>10</sup>lhe é estranho, <sup>6</sup>estrangeiro.

A literatura e o teatro são desenvolvidos como meios de expressão, meios de conhecimento, meios de compreensão da <sup>14</sup>complexidade humana. Assim, podemos ver o primeiro modo de inclusão da literatura: a inclusão da <sup>15</sup>complexidade humana. E vamos ver ainda outras inclusões: a inclusão da personalidade humana, a inclusão da subjetividade humana, e, também, muito importante, a inclusão; do estrangeiro, do marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos e desprezamos na vida cotidiana.

A inclusão da <sup>16</sup>complexidade humana é necessária porque recebemos uma visão mutilada do humano. <sup>11</sup>Essa visão, a de *homo sapiens*, é uma <sup>17</sup>definição do homem pela razão; de *homo faber*<sup>20</sup>, do homem como trabalhador; de *homo economicus*<sup>21</sup>, movido por lucros econômicos. Em resumo, trata-se de uma visão prosaica, mutilada, <sup>12</sup>que esquece o principal<sup>22</sup>: a relação do *sapiens/demens*, da razão com a demência, com a loucura.

Na literatura, encontra-se a inclusão dos problemas humanos mais terríveis, coisas <sup>18</sup>insuportáveis que nela se tornam suportáveis. Harold Bloom escreve: <sup>24</sup>“Todas as <sup>25</sup>grandes obras revelam a universalidade humana através de destinos singulares, de situações singulares, de épocas singulares». É essa a razão por que as <sup>19</sup>obras-primas atravessam <sup>7</sup>séculos, sociedades e nações.

<sup>2</sup>Agora chegamos à parte mais humana da inclusão: a inclusão do outro para a compreensão humana. A compreensão nos torna mais generosos com relação ao outro<sup>23</sup>, e o criminoso não é unicamente mais visto como criminoso, <sup>26</sup>como o Raskolnikov de Dostoiévsky, como o Padrinho de Coppola.

A literatura, o teatro e o cinema são os melhores meios de compreensão e de inclusão do outro. Mas a compreensão se torna provisória, esquecemo-nos depois da leitura, da peça e do filme. Então essa compreensão é que deveria ser introduzida e desenvolvida em nossa vida pessoal e social, porque serviria para melhorar as relações humanas, para melhorar a vida social.

Adaptado de: MORIN, Edgar. A inclusão: verdade da literatura.

In: RÖSING, Tânia et ai. *Edgar Morin: religando fronteiras*. Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18

12. (UFRGS) Na coluna II, estão palavras retiradas do texto; na coluna I, descrições relacionadas à formação de palavras.

Associe corretamente a coluna da esquerda com a da direita.

#### Coluna I

1. Constituída por composição através de justaposição.
2. Constituída por prefixo com sentido de negação e sufixo formador de adjetivos a partir de verbos
3. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de adjetivo.
4. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de verbo.
5. Constituída por aglutinação, tendo em vista a mudança silábica de um dos elementos do vocábulo.

#### Coluna II

- ( ) **complexidade** (refs. 13, 14, 15 e 16)  
 ( ) **definição** (ref. 17)  
 ( ) **insuportáveis** (ref. 18) sufixo formador de adjetivos a partir de verbos.  
 ( ) **obras-primas** (ref. 19)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 4 - 3 - 2 - 1.
- b) 3 - 4 - 2 - 5.
- c) 4 - 3 - 1 - 5.
- d) 3 - 4 - 2 - 1.
- e) 3 - 2 - 1 - 5.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenilidade e timidez, sua poesia saudosa guarda um não sei quê de infantil.

(Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.)

13. (UNIFESP) Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:
- a) juvenilidade e timidez.
  - b) geração e byroniano.
  - c) reflexo e imaginários.
  - d) prematuramente e autobiográfico.
  - e) saudade e infantil.

14. (UEL) A questão refere-se ao romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto.

A crítica literária tem aproximado o moçambicano Mia Couto do brasileiro Guimarães Rosa, em particular pelo fato de ambos empregarem neologismos em suas obras.

No trecho “as mãos calosas, de enxadachim”, extraído do conto “Fatalidade”, de autoria do autor brasileiro, o neologismo “enxadachim” é construído pelo mesmo processo de formação de palavras utilizado pelo autor moçambicano para a criação de

- a) vitupérios.
- b) bebericava.
- c) tamanho.
- d) mudançarinos.
- e) malfadado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Que coisa mais jeca!

Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país

É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários.

Aconteceu com o Jeca Tatu, criado há pouco mais de cem anos pelo escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948).

O Houaiss define assim o brasileirismo jeca-tatu, substantivo masculino: “habitante do <sup>2</sup>interior brasileiro, especialmente da região centro-sul, de hábitos rudimentares, morador da zona rural”. Ou seja, jecatatu é sinônimo de caipira, matuto, equivalência que o dicionário também registra.

Curiosamente, é só no verbete jeca, forma reduzida de jeca-tatu, que o lexicógrafo aponta o escancarado caráter pejorativo da palavra. O termo caipira pode ser depreciativo, mas também aparece em contextos neutros e até de valorização da cultura rural. Jeca não: é ofensivo sempre.

Mesmo quando o ator e cineasta Amácio Mazzaropi (1912-1981) fez dele um herói simpático e de grande sucesso, o riso que sua comédia buscava era baseado na superioridade do espectador sobre aquele capiau ridiculamente simplório, que envergonhava os próprios filhos, ainda que fosse honesto e de bom coração.

A negatividade vem de berço. Quando lançou o personagem do Jeca Tatu em 1914, em artigo para O Estado de S. Paulo <sup>3</sup>intitulado “Uma velha praga”, Lobato o apresentava como síntese dos defeitos que, na sua experiência de fazendeiro cheio de sonhos frustrados de modernização, condenavam o matuto brasileiro – e o país com ele – ao atraso eterno.

Preguiçoso, ignorante, <sup>4</sup>abúlico, triste, nessa primeira encarnação o Jeca (corruptela de Zeca) é uma espécie de aberração responsável por todas as suas próprias desgraças aos olhos urbanos do escritor elitista. Só que o autor nunca parou de retocar o personagem.

Em pouco tempo tinha transformado o Jeca numa vítima da <sup>5</sup>incompetência do Estado, que lhe negava saneamento, remédios e educação.

O personagem começou a ganhar contornos construtivos. Nessa fase o <sup>6</sup>astuto Lobato chegou a lhe arranjar um emprego de garoto-propaganda do Biotônico Fontoura, elixir vendido como capaz de curar os jecas de sua jequice.

No fim da vida do escritor, uma intervenção mais claramente política mudou tanto o caipira, agora retratado como explorado pelos donos da terra, que ele precisou mudar de nome.

Assim surgiu o personagem Zé Brasil, camponês dotado de consciência de classe. De modo significativo, não fez um milésimo do sucesso do Jeca. Ocorre que a criatura já havia declarado sua <sup>7</sup>independência do criador. Morto Lobato, novas transformações estavam por vir tanto para o Jeca, o personagem, quanto para jeca, a palavra.

<sup>8</sup>O já citado Mazzaropi se encarregou da primeira, mas é a outra que <sup>9</sup>interessa mais de perto à coluna. Se a <sup>10</sup>incrível <sup>11</sup>inserção cultural alcançada pelo caipira de Lobato só pode ser entendida no contexto de um país que, na primeira metade do século passado, ainda era maciçamente rural, o Brasil de urbanização velocíssima das décadas seguintes reservou novos papéis para o termo jeca.

Hoje é mais comum vê-lo usado como adjetivo para qualificar o “que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo” (Houaiss).

Abusar de palavras em inglês é jeca. Humilhar porteiros e garçons é jeca demais. Usar faixa presidencial em solenidades que não a exigem, haja jequice! Não há dúvida de que vivemos o momento mais jeca de nossa história.

Rodrigues, S. “Que coisa mais jeca! Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país”. *Folha de São Paulo*. 24.10.2019. Disponível em: <https://bit.ly/2NxyLzK/>. Adaptado.

15. (FUVEST-ETE 2022) “É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários” (ref. 1). A transformação de substantivo próprio em comum é um processo conhecido como:

- a) Derivação regressiva.
- b) Conversão.
- c) Composição por aglutinação.
- d) Mudança fonológica.
- e) Recomposição.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### BOITEMPO

Entardece na roça  
de modo diferente.  
A sombra vem nos cascos,  
no mugido da vaca  
separada da cria.  
O gado é que anoitece  
e na luz que a vidraça  
da casa fazendeira  
derrama no curral  
surge multiplicada  
sua estátua de sal,  
escultura da noite.  
Os chifres delimitam  
o sono privativo  
de cada rês e tecem  
de curva em curva a ilha  
do sono universal.  
No gado é que dormimos  
e nele que acordamos.  
Amanhece na roça  
de modo diferente.  
A luz chega no leite,  
morno esguicho das tetas  
e o dia é um pasto azul  
que o gado reconquista.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979.)

16. (UFSCAR) O título de um texto constitui a chave para a decodificação da mensagem, e a sua interpretação deve ser integrada numa leitura global do texto.

- a) Comente o título do texto, a partir das informações apresentadas.
- b) Explique por qual processo de formação de palavras Drummond criou “boitempo”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda. Em compensação nesse mes-

mo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num puxado que tinham feito no rancho.

Em 85 uma nuvem de gafanhotos desceu sobre a lavoura deitando a perder toda a colheita. Em 86, quando Pedrinho se aproximava dos oito anos, uma peste atacou o gado e um raio matou um dos escravos.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália? Bom. A verdade era que a criança tinha nascido pouco mais de um ano após o casamento. Dona Henriqueta cortara-lhe o cordão umbilical com a mesma tesoura de podar com que separara Pedrinho da mãe. E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que dona Henriqueta fora para a cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo o que engolia, gemendo e suando de frio.

Érico Veríssimo. *O tempo e o Vento*, "O Continente", 1956.

17. (FGV - ADAPTADA) Leia o trecho do 1º parágrafo: "Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena **venda**. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num **puxado** que tinham feito no rancho".

Explique os processos de derivação das palavras destacadas no trecho.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema para responder à(s) questão(ões).

### Mãe

Mãe – que adormente este viver dorido.  
E me vele esta noite de tal frio,  
E com as mãos piedosas até o fio  
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,  
Ao passar pelo sítio mais sombrio...  
Me banhe e lave a alma lá no rio  
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem – dava  
Minha estéril ciência, sem receio,  
E em débil criancinha me tornava,  
Descuidada, feliz, dócil também,  
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,  
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

(Antero de Quental. *Antologia*, 1991)

18. (FGV - ADAPTADA) Analisando os termos empregados no texto, explique o processo de derivação do termo destacado em "Do meu pobre **existir**, meio partido..." (primeira estrofe) e o sentido que o sufixo confere ao termo destacado em "E em débil **criancinha** me tornava," (terceira estrofe).
19. (UNICAMP 2020) **Texto I**

Em Bacurau, vilarejo fictício no meio do nada que recebe o nome de um pássaro "brabo" de hábitos noturnos, o sertão é também o centro do país. *Bacurau* cheira a morte. A primeira sequência do longa é a passagem de um caminhão-pipa que atropela caixões pelo caminho. No povoado isolado, mas hiper conectado à internet, os moradores, com uma grande variedade de gêneros, raças e sexualidades, vivem sem água e escondem-se quando o prefeito em campanha pela reeleição chega para distribuir mantimentos vencidos, e despejar livros velhos em frente à escola local. Aí já começa a resistência: em meio à penúria, os moradores organizam-se e ajudam-se entre si. Quando o vilarejo literalmente desaparece dos mapas digitais e a comunidade perde a conexão com a internet, a presença de forasteiros coincide com o misterioso aparecimento de cadáveres crivados à bala e Bacurau vive uma carnificina.

(Adaptado de Joana Oliveira, Em 'Bacurau', é lutar ou morrer no sertão que espelha o Brasil. *El País*. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/20/cultura/1566328403\\_365611.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/20/cultura/1566328403_365611.html). Acessado em 20/10/2019.)

## Texto II

### BACURALIZAR

verbo transitivo direto

1. autogovernar-se em comunidade, fazer a própria gestão dos recursos e serviços que deveriam ser oferecidos pelo estado, sem a ajuda de empresas ou de parcerias público-privadas.
2. entricheirar-se em suas comunidades como forma de defesa à máquina de matar do estado.

(Adaptado do *Instagram* de Lia de Itamaracá.

Disponível em <https://www.instagram.com/tag/LiaDeltamaraca>. Acessado em 20/10/2019.)

- a) Explique por que “bacuralizar” é um neologismo e qual é o processo de formação dessa palavra.
- b) Considere as informações sobre o enredo do filme *Bacurau* presentes no **texto I** e sobre o papel do Estado na vida da comunidade no **texto II**. A partir dessas informações, crie um exemplo do uso de “bacuralizar” para cada acepção da palavra registrada no **texto II**.

20. (UNICAMP) Os textos abaixo foram retirados da coluna “Caras e bocas”, do Caderno Aliás, do jornal *O Estado de São Paulo*:

“A intenção é **salvar** o Brasil.” Ana Paula Logulho, professora e entusiasta da segunda “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que pede uma intervenção militar no país e pretendeu reeditar, no sábado, a passeata de 19 de março de 1964, na capital paulista, contra o governo do Presidente João Goulart.

“Será um evento **esculhambativo** em homenagem ao outro de São Paulo.” José Caldas, organizador da “Marcha com Deus e o Diabo na Terra do Sol”, convocada pelo *Facebook* para o mesmo dia, no Rio de Janeiro.

*O Estado de São Paulo*, 23/03/2014, Caderno Aliás, E4. Negritos presentes no original.

- a) Descreva o processo de formação de palavras envolvido em “esculhambativo”, apontando o tipo de transformação ocorrida no vocábulo.
- b) Discorra sobre a diferença entre as expressões “evento esculhambado” e “evento esculhambativo”, considerando as relações de sentido existentes entre os dois textos acima.

## GABARITO

- |       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. D  | 2. B  | 3. C  | 4. D  | 5. C  |
| 6. A  | 7. D  | 8. B  | 9. B  | 10. E |
| 11. D | 12. D | 13. A | 14. D | 15. B |

16.

- a) O título “Boitempo” informa que a trajetória do tempo - manhã, tarde e noite - não é definida pela trajetória do sol, e sim pela relação do homem com o gado bovino.
- b) “Boitempo” é uma palavra formada por composição por justaposição (boi + tempo).

17.

Em “venda”, ocorre derivação regressiva, uma vez que o substantivo “venda” deriva do verbo “vender”. Já em “puxado”, ocorre derivação sufixal, uma vez que o sufixo -ado, relacionado à formação de um adjetivo, está unido ao radical “pux”; é possível também indicar a derivação imprópria neste caso, uma vez que o adjetivo “puxado” é empregado como substantivo, determinado inclusive por um artigo.

18.

Ocorre derivação imprópria em “Do meu pobre **existir**, meio partido...”, uma vez que o verbo “existir” foi empregado como substantivo, inclusive acompanhado pelo adjetivo “pobre”.

O sufixo diminutivo em “criancinha” confere afetividade ao substantivo criança, caracterizada no poema como alguém frágil.

19.

- a) O neologismo consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente, como acontece em bacuralizar por derivação sufixal a partir de bacurau (bacurau+-izar).
- b) Como exemplo do uso de “bacuralizar” para a primeira acepção da palavra registrada no **texto II** pode ser sugerida a frase “Face à necessidade de ampliar o público leitor, a escola bacuralizou-se na tentativa de conseguir material e equipamento para construir uma biblioteca itinerante que passe regularmente pela comunidade”. Para a segunda acepção, “A escalada de violência policial contra a população pobre da comunidade obrigou a população a bacuralizar-se”.

20.

- a) Trata-se de uma derivação sufixal: “esculhambativo” é uma palavra formada pelo acréscimo de um sufixo (-ivo) ao verbo “esculhambar”.
- b) Apesar de derivarem do mesmo verbo (“esculhambar”), os adjetivos mencionados diferem quanto ao seu significado. Evento “esculhambado” é sinônimo de “desorganizado, desmoralizado”; já evento “esculhambativo” é aquele que “desmoraliza, satiriza” o evento anterior.

Competência(s):  
1 e 8

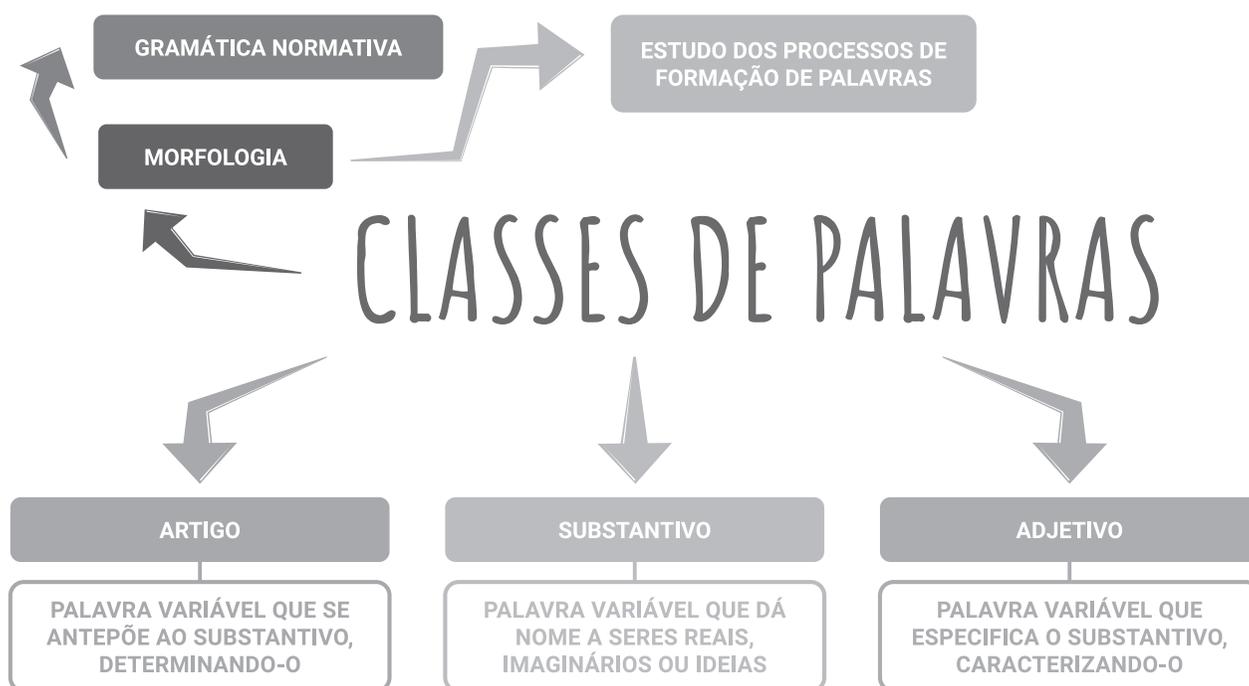
Habilidade(s):  
1, 2, 3, 4, 26 e 27

### AULAS 3 E 4

## VOCÊ DEVE SABER!

- Artigo
- Artigo combinado com preposições
- Artigo aplicado ao texto
- Artigo como marcador de quantidade
- Artigo como marcador de convívio/intimidade
- Artigo marcando conhecimento ou desconhecimento de substantivos
- Artigo como particularizador ou generalizador
- Artigo como marcador de coerência textual
- Substantivo
- Classificação de substantivos
- Flexão dos substantivos
- Número
- Gênero
- Grau
- Adjetivo
- Nomes substantivos e nomes adjetivos
- Flexão do adjetivo
- Grau dos adjetivos

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

---

1. (UNESP 2021) Assim como a língua de um povo, os genes são representados por um código de letras. No código genético, as letras referem-se às iniciais das bases nitrogenadas que, combinadas em uma sequência específica, compreendem um significado químico relativo a uma proteína. Analise a sequência de letras na oração a seguir.

A tua gata Cuca ataca a cacatua Cacau.

Nessa oração, as palavras formadas integralmente por letras que se referem a bases nitrogenadas encontradas no DNA pertencem às seguintes classes gramaticais:

- preposição, pronome e verbo.
- artigo, pronome e substantivo.
- artigo, substantivo e verbo.
- preposição, substantivo e adjetivo.
- artigo, adjetivo e verbo.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija<sup>1</sup> um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar, e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem. Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(*Raízes do Brasil*, 2014. Adaptado.)

<sup>1</sup> erigir: erguer.

2. (FCMSCSP 2021) O sentido do termo que qualifica o substantivo na expressão “generosa amplitude” (2º parágrafo) aproxima-se daquele que também qualifica o substantivo em
- “processos intermediários” (1º parágrafo).
  - “esforço lento” (3º parágrafo).
  - “projetos vastos” (2º parágrafo).
  - “distinção fundamental” (1º parágrafo).
  - “máximo proveito” (3º parágrafo).

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Meu ideal seria escrever...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para cara do outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!” E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina.”

E quando todos me perguntassem – “mas de onde é que você tirou essa história?” – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

Fonte: As cem melhores crônicas brasileiras/ Joaquim Ferreira dos Santos, organização e introdução. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Com base no texto, responda às questões que se seguem.

3. (EFOMM 2022) Assinale a opção em que a mudança da posição do adjetivo ao lado do substantivo vai implicar uma alteração de sentido daquele.
- a) [...] *que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse [...]*.
  - b) [...] *se lembrasse do alegre tempo de namoro [...]*.
  - c) [...] *seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.*
  - d) [...] *foi com certeza algum anjo tagarela que a contou [...]*.
  - e) [...] *mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres [...]*.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### FELICIDADE CLANDESTINA

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando-me mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Com base no texto acima, **responda** à(s) questão(ões) a seguir.

4. (EFOMM) Assinale a opção em que a expressão sublinhada **NÃO** tem valor de adjetivo.
- a) (...) *continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.*
  - b) (...) *o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife.*
  - c) (...) *entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai.*
  - d) *Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho.*
  - e) (...) *eu nadava devagar num mar suave (...)*

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Cineclube em SP realiza feira de trocas mensalmente

<sup>1</sup>No último domingo (7), a associação Cineclube Socioambiental Crisantempo, localizada na Vila Madalena, bairro da zona oeste de São Paulo, realizou uma feira em que os moradores puderam trocar objetos entre si. <sup>2</sup>A iniciativa busca incentivar o consumo <sup>3</sup>consciente e levar para o espaço o conceito de economia solidária.

<sup>4</sup>A feira de trocas acontece uma vez por mês, sempre aos domingos. O grupo aconselha levar livros, roupas, CDs, DVDs, aparelhos eletrônicos, brinquedos, objetos de decoração, objetos em geral que estejam em bom estado. Segundo os organizadores, o objetivo é “promover um espaço de reflexão sobre o consumo, trocar diversos tipos de objetos, saberes e sabores”. Por isso, também podem ser levados alimentos e plantas, além de “serviços e saberes”. Tudo para a troca de ideias e divulgação de utilidades.

O evento funciona da seguinte maneira: <sup>5</sup>cada um coloca seus bens num local e utiliza uma etiqueta com seu nome. Após a organização dos espaços pessoais, os participantes circulam para conhecer os espaços dos outros e <sup>6</sup>num determinado momento (ao tocar do sino) começam as trocas.

<sup>7</sup>O espaço também promove o desapego através da doação. Há uma área destinada apenas para doar objetos às instituições que necessitam. Para finalizar, acontece um lanche <sup>8</sup>compartilhado com alimentos levados pelos próprios participantes. <sup>9</sup>Uma <sup>10</sup>experiência colaborativa agradável, que questiona o <sup>11</sup>individualismo imposto nas grandes cidades.

Fonte: <http://cicIovivo.com.br/noticia/cineclubem-sp-realiza-feira-de-trocas-mensalmente/>. Acesso em 03/10/2016.

5. (G1 - CP2) “No último domingo (7), a associação Cineclube Socioambiental Crisantempo, localizada na Vila Madalena, bairro da zona oeste de São Paulo, realizou **uma** feira em que os moradores puderam trocar objetos entre si.” (referência 1)

“**A** feira de trocas acontece uma vez por mês, sempre aos domingos.” (referência 7)

Em relação aos artigos sublinhados nas duas passagens do texto, pode-se dizer que

- a) na primeira, usou-se o artigo definido para apresentar um elemento, e depois se usou o indefinido para retomar esse elemento.
- b) na primeira, usou-se o artigo indefinido para apresentar um elemento, e depois se usou o definido para retomar esse elemento.
- c) nas duas passagens, usou-se o artigo indefinido para não determinar o elemento sobre o qual se está falando.
- d) Nas duas passagens, usou-se o artigo definido para retomar a um elemento citado anteriormente.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

**Entrevistador:** - O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

**Entrevistado:** - Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

*Veja, 15/06/2011.*

6. **(FUVEST)** No trecho “dotadas da prerrogativa ou de competência”, a presença de artigo antes do primeiro substantivo e a sua ausência antes do segundo fazem que o sentido de cada um desses substantivos seja, respectivamente,
- a) figurado e próprio.
  - b) abstrato e concreto.
  - c) específico e genérico.
  - d) técnico e comum.
  - e) lato e estrito.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Pesquisadores detectam pela primeira vez oplásticos no sangue humano

<sup>1</sup>Um estudo holandês relatou pela primeira vez, mas com uma amostra reduzida, a <sup>2</sup>presença de <sup>3</sup>microplásticos no sangue humano, <sup>4</sup>descoberta que levanta dúvidas sobre uma eventual penetração dessas partículas nos órgãos.

Os autores do estudo, publicado nesta quinta-feira na *Environment International*, <sup>5</sup>analisaram <sup>6</sup>amostras de sangue de 22 doadores anônimos, todos voluntários com boa saúde, e <sup>7</sup>encontraram microplásticos em 17 deles.

Metade das amostras continha vestígios de PET (polietileno tereftalato), um dos plásticos mais usados no mundo, principalmente na fabricação de garrafas e fibras de poliéster. Mais de um terço tinha poliestireno, usado, entre outras coisas, em embalagens de alimentos, e um quarto, polietileno.

“Pela primeira vez, conseguimos detectar e quantificar” esses microplásticos no sangue humano, declarou Dick Vethaak, ecotoxicologista da universidade livre de Amsterdã. “Isso prova que temos plástico em nosso corpo, e não deveríamos”, disse à AFP.

<sup>8</sup>De acordo com o estudo, os microplásticos detectados puderam entrar no corpo por múltiplas vias: aéreas, aquáticas ou por meio da comida ou de produtos de higiene e cosméticos. “É <sup>9</sup>cientificamente provável que partículas de sangue possam ser transportadas para os órgãos através do sistema sanguíneo”, observaram os autores.

O estudo foi financiado pela Organização Holandesa para a Pesquisa e o Desenvolvimento em Saúde e pela Common Seas, ONG ambiental com sede no Reino Unido que busca reduzir a poluição por plástico.

<sup>10</sup>Para Alice Horton, especialista em contaminantes <sup>11</sup>antropogênicos do <sup>12</sup>centro britânico de <sup>13</sup>oceanografia, “apesar da pequena amostra e das baixas concentrações detectadas”, os métodos analíticos do estudo são “muito robustos”. <sup>14</sup>“Este estudo ajuda a mostrar que as partículas de plástico não estão presentes apenas no meio ambiente, mas também em nossos corpos. <sup>15</sup>As consequências a longo prazo ainda não são bem conhecidas”, disse ao Science Media Center.

Disponível em: <https://www.opovo.com.br/> Acesso em 25 de março de 2022.

1. (UECE 2022) Observe a sequência de artigos indefinidos, utilizada pelo autor no seguinte trecho: “Um estudo holandês relatou pela primeira vez, mas com **uma** amostra reduzida, a presença de microplásticos no sangue humano, descoberta que levanta dúvidas sobre **uma** eventual penetração dessas partículas nos órgãos.” (ref. 1). Esse uso denota a intenção de
  - a) mostrar novos estudos sobre o microplástico e desvalorizar outros estudos sobre o assunto.
  - b) reforçar que os elementos já foram citados e são de conhecimento mútuo dos interlocutores.
  - c) associar as ações do autor em relação aos estudos e enfatizar o livre acesso do leitor por meio de objetos já reconhecidos.
  - d) abordar o estudo de forma generalizada, uma vez que o objeto ainda não foi devidamente apresentado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### E a indústria de alimentos na pandemia?

O editorial da edição de 10 de junho do *British Medical Journal*, assinado por professores da *Queen Mary University of London*, na Inglaterra, propõe uma reflexão tão interessante que vale provocá-la entre nós, aqui também: a pandemia de *Covid-19* deveria tornar ainda mais urgente o combate à outra pandemia, a de obesidade. O excesso de peso, por si só, já é um fator de risco importante para o agravamento da infecção pelo *Sars-CoV 2*, como lembram os autores. A probabilidade de uma pessoa com obesidade severa morrer de *Covid-19* chega a ser 27% maior do que a de indivíduos com obesidade grau 1, isto é, com um índice de massa corporal entre 30 e 34,9 quilos por metro quadrado, de acordo com a plataforma de registros *OpenSAFELY*.

O editorial cita uma série de outros dados e possíveis razões para a associação entre a má evolução de certos casos de *Covid-19* e a obesidade. No entanto, o que mais destaca é o ambiente obesogênico que o novo coronavírus encontrou no planeta.

Nos Estados Unidos e no Reino Unido, para citar dois exemplos, entre 65% e 70% da população apresentam um peso maior do que o recomendado para o bem da saúde. E, assim, os autores apontam o dedo para a indústria de alimentos que, em sua opinião, em todo o globo não parou de promover produtos ultraprocessados, com muito açúcar, uma quantidade excessiva de sódio e gorduras além da conta.

A crítica do editorial é mesmo cortante: “Fica claro que a indústria de alimentos divide a culpa não apenas pela pandemia de obesidade como pelos casos mais graves de *Covid-19* e suas consequências devastadoras”, está escrito.

E os autores cobram medidas, lembrando que o confinamento exigido pela *Covid-19* aparentemente piorou o estado nutricional das pessoas, em parte pela falta de acesso a alimentos frescos, em outra parte porque o pânico fez muita gente estocar itens ultraprocessados em casa, já que esses costumam ter maior vida de prateleira, inclusive na despensa.

Mas o que deixou os autores realmente desconfortáveis foram as ações de *marketing* de algumas marcas nesses tempos desafiadores. Todas, claro, querendo demonstrar o seu envolvimento com iniciativas de responsabilidade social, mas dando tiros que, para olhos mais atentos, decididamente saíram pela culatra. Por exemplo, quando uma indústria bem popular na Inglaterra distribuiu nada menos do que meio milhão de calóricos *donuts* para profissionais na linha de frente do *National Health Service* britânico.

A impressão é de que as indústrias de alimentos verdadeiramente preocupadas com a população, cada vez mais acometida pela obesidade, deveriam aproveitar a crise atual para botar a mão na consciência, parar de promover itens pouco saudáveis e reformular boa parte do seu portfólio. As mortes por *Covid-19* dão a pista de que essa é a maior causa que elas poderiam abraçar no momento.

Fonte: Adaptado de <https://abeso.org.br/e-a-industria-de-alimentos-na-pandemia>.  
Publicado em 30 de junho de 2020. Acessado em 09 Mar 21.

**GLOSSÁRIO:** O termo “ambiente obesogênico” foi criado pelo professor de Bioengenharia da Universidade da Califórnia, nos EUA, Bruce Blumberg. Segundo ele, são os Obesogênicos os responsáveis por contribuir no ganho de peso sem que o indivíduo tenha consciência de que está engordando.

2. (ESPCEX (AMAN) 2022) Em “As mortes por *Covid-19* dão a pista de que essa é a maior causa que elas poderiam abraçar no momento”, são classificados como substantivos os seguintes vocábulos:
- mortes – *Covid-19* – pista – maior.
  - Covid-19* – pista – maior – causa.
  - mortes – essa – causa – momento.
  - Covid-19* – pista – causa – momento.
  - mortes – pista – maior – momento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Exemplo de gentileza, porteiro que cumprimenta alunos um a um em MT faz sucesso na web após ser filmado por pai de aluna

O porteiro Leônidas Alves Pereira, que trabalha em uma escola particular em Sinop, a 503 km de Cuiabá, ficou famoso nas redes sociais por causa de um vídeo gravado pelo pai de uma aluna, que mostra o trabalhador, no portão, recepcionando os alunos. Ele cumprimenta os estudantes um a um.

Impressionado com a gentileza do porteiro, Gledson Geuda filmou a cena e publicou as imagens na página dele no Facebook.

O pai da aluna disse que fez o vídeo a pedido da filha, que todas as vezes que passa pelo portão é chamada de campeã.

“Eu achei interessante e fiquei reparando. E, naquela manhã, resolvi gravar para mostrar para as outras pessoas que um simples bom dia pode animar o outro”, disse.

O vídeo gravado em uma das entradas da escola já teve quase 6 milhões de visualizações. Leônidas disse que sente prazer em trabalhar na escola e que se sente renovado com o cumprimento que dá a cada criança que passa por ele. É como se alguns anos de vida lhe fossem acrescentados.

“A gente não cansa, né? Quanto mais você dá bom dia para uma criança ou um adolescente, parece que você sente mais renovado. É uma coisa muito boa”, disse Leônidas.

Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/02/08/exemplo-de-gentileza>. Acesso em: 28 jan. 2019.

3. (G1 - IFMT 2020) A exemplo da palavra “visualizações” (5º parágrafo), que representa o plural de “visualização”, e considerando que nem todas as palavras terminadas em “ão” são flexionadas da mesma forma, assinale a alternativa que contém **INADEQUAÇÃO** quanto ao plural dos substantivos previsto na norma culta.
- limão – limões; alemão – alemães.
  - região – regiões; nação – nações.
  - coração – corações; pão – pães.
  - religião – religiões; órfão – órfãos.
  - cidadão – cidadãos; irmão – irmãos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

### O ARRASTÃO

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais.<sup>1</sup>Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas “mais um caso”.<sup>2</sup>Ele está dizendo: seria uma morte anônima, <sup>3</sup>aplainada pela surdez da <sup>4</sup>praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

<sup>5</sup>É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um “acaso objetivo” (a expressão era usada pelos <sup>6</sup>surrealistas), uma cena <sup>7</sup>recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada <sup>8</sup>transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas. <sup>9</sup>Pois assim como <sup>10</sup>Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos. <sup>11</sup>Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik

Adaptado de [oglobo.globo.com](http://oglobo.globo.com), 22/03/2014.

<sup>3</sup> **aplainada** – nivelada

<sup>4</sup> **praxe** – prática, hábito

<sup>6</sup> **surrealistas** – participantes de movimento artístico do século 20 que enfatiza o papel do inconsciente

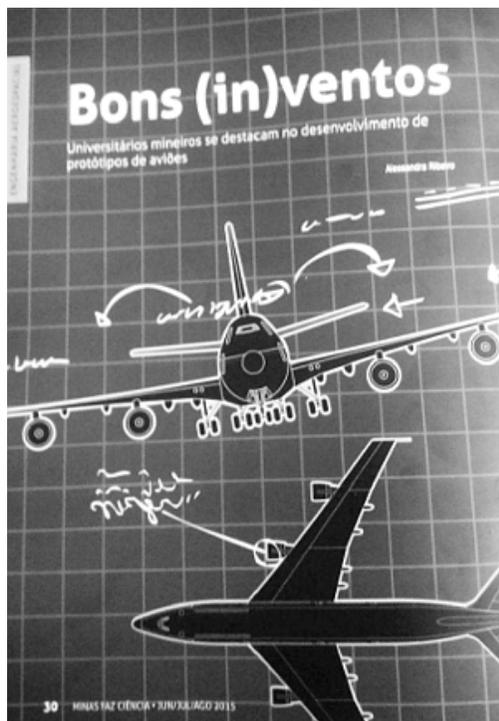
<sup>7</sup> **recalcada** – fortemente reprimida

<sup>8</sup> **transcendental** – que supera todos os limites

<sup>10</sup> **Amarildo** – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais

4. (UERJ) No início do texto, ao expressar sua indignação em relação ao tema abordado, o autor apresenta uma reflexão sobre o emprego de adjetivos. Essa reflexão está associada à seguinte ideia:
- o fato exige análise criteriosa
  - o contexto constrói ambiguidade
  - a linguagem se mostra insuficiente
  - a violência pede descrição cuidadosa

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



## Bons (in)ventos

### Universitários mineiros se destacam no desenvolvimento de protótipos de aviões

Alessandra Ribeiro

“Urrú! É pão de queijo!”. O grito de comemoração tornou-se recorrente na premiação do campeonato anual promovido nos Estados Unidos pela Sociedade de Engenheiros da Mobilidade (SAE, na sigla em inglês), a *Aero-design East Competition*. O desafio consiste em projetar e construir aeronaves radiocontroladas, com capacidade de transportar cargas. Na última edição, encerrada em março, com a participação de 75 grupos das Américas, da Ásia e da Europa, duas equipes mineiras alcançaram o segundo lugar, em diferentes categorias: a Uirá, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), na classe “regular”, e a Trem Ki Voa, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na “micro”.

Instituições mineiras de ensino superior figuram anualmente na lista de vencedores da competição desde 2006, quando o primeiro e o segundo lugares da classe “regular” ficaram, respectivamente, com as equipes Uai-So-Fly, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Tucano, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pouco antes, em 2004, o grupo CEAV-UAV, também da UFMG, havia conquistado o vice-campeonato. Nessa categoria, os participantes devem construir aeronaves com dimensões totais de, no máximo, 4,45 metros, capazes de decolar na distância máxima de 61 metros, com o uso de motores elétricos limitados à potência de 1000 watts. O uso de materiais compostos – como fibra de carbono ou vidro – é vetado na estrutura dos aviões.

Já na classe “micro”, os protótipos devem ter dimensões reduzidas e pesar, em média, 700 gramas. Além disso, a equipe precisa transportar a aeronave dentro de um tubo de 15,3 centímetros de diâmetro. Quanto menor o comprimento do tubo, mais pontos são ganhos. As aeronaves também têm de usar motores elétricos e decolar por lançamento manual. Foi nesta categoria que a Trem Ki Voa (TKV), da UFSJ, subiu pela primeira vez no pódio da *Aerodesign East Competition*.

A equipe micro teve sua participação iniciada em 2010, por iniciativa de estudantes do curso de Engenharia Mecânica. “De lá para cá, participamos de todas as competições, sendo vice-campeões nacionais em 2012 e 2014 e vice-campeões mundiais em 2015”, conta o professor Cláudio Pellegrini, orientador do grupo, que conta com o apoio do Programa Santos Dumont, da FAPEMIG. O edital batizado com o nome do “pai da aviação”, natural de Minas Gerais, estimula o espírito empreendedor de alunos de graduação, por meio do financiamento de projetos focados em iniciação tecnológica. O apoio financeiro abrange a participação de equipes em competições de caráter educacional, como as promovidas pela SAE.

A TKV é “filha caçula” da equipe regular da UFSJ, a Coiote, criada em 2001. Três anos mais tarde, as duas se unificaram e decidiram adotar a alcunha Trem Ki Voa, uma referência (ou reverência) ao dialeto mineiro. Os nomes das equipes, aliás, demonstram o nível de criatividade dos participantes. Na mesma universidade, a NoizAvua, que reúne estudantes das engenharias Civil, Mecatrônica e de Telecomunicações do campus Alto Paraopeba, estreou em 2012 na SAE Brasil *Aerodesign*, competição brasileira que garante a classificação ao desafio internacional. Já na primeira participação, o grupo recebeu menção honrosa por apresentar o melhor projeto não custeado. Desde então, já conseguiu patrocínios pontuais, um deles também viabilizado pelo programa da FAPEMIG.

“Para esses estudantes, o projeto e a construção de uma aeronave de carga não tripulada controlada a distância é uma oportunidade única de testar seus conhecimentos, de modo a desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe e integrar os conhecimentos adquiridos ao longo das várias unidades curriculares, por vezes tão distintas, de seu curso”, avalia Cláudio Pellegrini (...). O professor ressalta que isso vale, inclusive, para os estudantes sem formação específica em aeronáutica – caso das equipes da UFSJ. “A participação também desenvolve a autonomia no aprendizado, característica essencial em um mercado de trabalho em constante mudança”, acrescenta.

Fonte: MINAS FAZ CIÊNCIA, jun/jul/ago de 2015. P. 31-2.

5. (UFJF-PISM 2) Releia a frase:

“Na última edição, encerrada em março, com a participação de 75 grupos das Américas, da Ásia e da Europa, duas equipes mineiras alcançaram o segundo lugar, em diferentes categorias: a Uirá, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), na classe “regular”, e a Trem Ki Voa, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na “micro”.”

Na frase acima, “micro” exerce a função de adjetivo. Entretanto, não está explícito o substantivo que ele qualifica, que seria:

- classe.
- avião.
- edição.
- grupo.
- equipe.

6. (UFMG-ADAPTADA) As expressões em negrito correspondem a um adjetivo, exceto em:

- João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
- Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
- Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
- Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
- E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Uma esperança**

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve o grito abafado de um de meus filhos:

– Uma esperança! e na parede, bem em cima de sua cadeira! – Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não podia ser.

– Ela quase não tem corpo – queixei-me.

– Ela só tem alma – explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças.

Ela caminhava devagar sobre os fiapos das longas pernas, por entre os quadros da parede. Três vezes tentou rentente uma saída entre dois quadros, três vezes teve que retroceder caminho.

Custava a aprender.

– Ela é burrinha – comentou o menino.

– Sei disso – respondi um pouco trágica.

- Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.
- Sei, é assim mesmo.
- Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.
- Sei - continuei mais infeliz ainda.

Ali ficamos, não sei quanto tempo olhando. Vigiando-a como se vigiava na Grécia ou em Roma o começo de fogo do lar para que não apagasse.

- Ela se esqueceu de que pode voar, mamãe, e pensa que só pode andar devagar assim.

Andava mesmo devagar - estaria por acaso ferida? Ah não, senão de um modo ou de outro escorreria sangue, tem sido sempre assim comigo.

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia 'a' aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse fracamente, confusa, sem saber se chegara infelizmente a hora certa de perder a esperança:

- É que não se mata aranha, me disseram que traz sorte...

- Mas ela vai esmigalhar a esperança! - respondeu o menino com ferocidade.

- Preciso falar com a empregada para limpar atrás dos quadros - falei sentindo a frase deslocada e ouvindo o certo cansaço que havia na minha voz. Depois devaneei um pouco de como eu seria sucinta e misteriosa com a empregada: eu lhe diria apenas: você faz o favor de facilitar o caminho da esperança.

O menino, morta a aranha, fez um trocadilho com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.

Mas como é bonito o inseto: mais pousa que vive, é um esqueletinho verde, e tem uma forma tão delicada que isso explica por que eu, que gosto de pegar nas coisas, nunca tentei pegá-la. Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta pousara no meu braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: "e essa agora? que devo fazer?" Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. É, acho que não aconteceu nada.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

**7. (G1 - CFTMG)** Analise as seguintes afirmativas:

- I. No título da crônica, o artigo indefinido indica, ao mesmo tempo, uma singularidade e uma indefinição.
- II. No trecho "Não uma aranha, mas me parecia 'a' aranha", a mudança de artigo tem função intensificadora.
- III. No trecho "Encabulei com a delicadeza", o artigo pode ser suprimido sem alterar o sentido da frase.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I, II e III.

**8. (ESPCEX (AMAN))** Assinale a única opção em que a palavra "a" é artigo.

- a) Hoje, ele veio *a* falar comigo.
- b) Essa caneta não é *a* que te emprestei.
- c) Convenci-*a* com poucas palavras.
- d) Obrigou-me *a* arcar com mais despesas.
- e) Marquei-te *a* frente, mísero poeta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Gerundismo - evite esse vício de linguagem**

Tanto se tem falado a respeito de gerundismo, que já há quem tenha prática sobre o uso do gerúndio. Há até quem pergunte se o gerúndio não é mais usado ou se é errado o seu emprego. Então, antes que se comece a tomar o certo pelo duvidoso e o errado pelo certo, vamos nos lembrar de algumas regras gramaticais.

Começemos pelo significado da palavra "gerúndio". Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação: "Gerúndio é uma das formas nominais do verbo que apresenta o processo verbal em curso e que desempenha a função de adjetivo ou advérbio".

Ele apresenta-se de duas formas. A simples (Ex.: Chegando a hora da largada, a luz verde acendeu) e a composta (Ex.: Tendo chegado ao fim da corrida, o carro foi recolhido ao boxe).

O gerúndio expressa uma ação que está em curso ou que ocorre simultaneamente ou, ainda, que remete a uma ideia de progressão. Sua forma nominal é derivada do radical do verbo acrescida da vogal temática e da desinência -ndo. Exemplos: comendo; partindo.

Veja, a seguir, o uso do gerúndio na prática:

E a lama desceu pelo morro, destruindo tudo que encontrava pela frente.

Rindo, ele se lembrava com saudades dos dias felizes que tivera.

Abrindo o laptop, começou a escrever.

“Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta, fiz algumas reflexões sobre a morte” (Erico Veríssimo, Solo de Clarineta, p. 12).

Como vimos nos exemplos, o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que tenhamos praticado nenhuma hereesia. Já com o gerundismo é outra história. Nesse caso, trata-se do uso inadequado do gerúndio. Um vício de linguagem que se alastrou de modo tão corriqueiro e insistente que até já virou piada.

Então, se você usa expressões como: “Vou estar pesquisando seu caso” ou “Vou estar completando sua ligação”, mude imediatamente sua fala para: “Vou pesquisar seu caso” e “Vou completar sua ligação”. Note que, nos dois casos, você passa a usar somente duas formas verbais (“vou” + “pesquisar” ou “vou” + “completar”) no lugar de três. Além disso, a ideia temporal a ser transmitida é a de futuro e não de presente em curso.

O gerundismo, portanto, é uma mania que peca pelo excesso, pela inadequação do verbo, que ocorre ao transformarmos, desnecessariamente, um verbo conjugado em um gerúndio.

(Fonte: UOL. Adaptado. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gerundismo-evite-esse-vicio-de-linguagem.htm>> Acesso em: 20 jan. 2019).

9. (G1 - IFMT 2020) Do fragmento “Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta [...]”, só **NÃO** podemos afirmar que:
- “sozinho” é um substantivo.
  - “aquela” é um pronome demonstrativo.
  - “noite” é um substantivo.
  - “pela” é uma preposição.
  - “deserta” é um adjetivo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**amora**

a palavra amora  
seria talvez menos doce  
e um pouco menos vermelha  
se não trouxesse em seu corpo  
(como um velado esplendor)  
a memória da palavra amor

a palavra amargo  
seria talvez mais doce  
e um pouco menos acerba  
se não trouxesse em seu corpo  
(como uma sombra a espreitar)  
a memória da palavra amar

Marco Catalão, *Sob a face neutra*.

10. (FUVEST 2020) Tal como se lê no poema,
- a palavra “amora” é substantivo, e “amargo”, adjetivo.
  - o verbo “amar” ameniza o amargor da palavra “amargo”.
  - o substantivo “corpo” apresenta sentido denotativo.
  - o substantivo “amor” intensifica o dulçor da palavra “amora”.
  - o verbo “amar” e o substantivo “amor” são intercambiáveis.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Momento**

Adélia Prado

Enquanto eu fiquei alegre,  
permaneceram um bule azul com um  
descascado no bico,  
uma garrafa de pimenta pelo meio,  
um latido e um céu <sup>1</sup>limpidíssimo  
com recém-feitas estrelas.  
Resistiram nos seus lugares, em seus ofícios,  
constituindo o mundo pra mim, anteparo  
para o que foi um acometimento:  
súbito é bom ter um corpo pra rir  
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo  
alegre do que triste. Melhor é ser.

PRADO, Adélia. In: *A Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014 [1979], p.54.

11. (UECE 2022) Sobre a palavra “limpidíssimo” (ref. 1), é correto afirmar que está escrita no grau superlativo absoluto
- analítico do adjetivo límpido.
  - sintético do adjetivo limpo.
  - analítico do adjetivo limpo.
  - sintético do adjetivo límpido.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O plagiável sucesso internacional da música popular brasileira

*Acusação de plágio do sucesso 'Mulheres', cantado por Martinho da Vila, atravessa a pré-divulgação do novo álbum de Adele*

JOANA OLIVEIRA

São Paulo - 17 OCT 2021 - 12:20 BRT

Foi o lendário guitarrista e compositor de jazz Pat Metheny - que trabalhou com nomes como Milton Nascimento, Jaques Morelenbaum e Paulinho Braga - quem disse que a música popular brasileira "pode ter sido a última do mundo a ter uma harmonia sofisticada". Metheny, ganhador de 20 Grammys ao longo de sua carreira, é um dos muitos artistas internacionais que se encantou pela música do Brasil das décadas de 1960 e 1970, uma das mais estudadas em academias e universidades mundo afora, e incorporou suas referências nas próprias composições. Foi o que também fez Greg Krustin, igualmente premiado produtor musical, que estudou MPB em Nova York e hoje trabalha com estrelas como Paul McCartney, Pink e Adele. <sup>1</sup>É ao lado da diva inglesa, inclusive, que ele agora responderá a um processo por plágio: o sambista Toninho Geraes, compositor de hinos cantados nas vozes de Zeca Pagodinho, Diogo Nogueira, Martinho da Vila e outros, acusa ambos de copiar quase integralmente a melodia de *Mulheres* (sucesso gravado por Martinho em 1995) com sotaque britânico no *single Million years ago*, lançado em 2015 como parte do álbum 25.

A disputa de propriedade intelectual suscitada pelo suposto plágio atravessou a pré-divulgação do novo trabalho de Adele, depois de um hiato de seis anos: a cantora, que lançará em 19 de novembro seu quarto disco, intitulado *30*, viu-se obrigada a silenciar os comentários de fãs em suas redes sociais depois que brasileiros passaram a enviar uma enxurrada de mensagens em suas publicações e *lives* cobrando um posicionamento sobre a acusação de cópia. De momento, tanto ela quanto Greg Kurstin têm se mantido em silêncio.

"Esse silêncio é uma estratégia de escapismo", diz Fredímio Biasotto Trotta, advogado de Toninho Geraes, que enviou duas notificações extrajudiciais a Adele, à gravadora britânica XL Recording, à Sony Music, e a Kurstin em fevereiro deste ano. Em nota, a Sony afirma que "o assunto está atualmente nas mãos da XL Recordings [dona do fonograma] e da própria Adele", já que a gravadora foi apenas distribuidora do *single* no Brasil, por meio de um contrato já expirado. Já a XL Recording ainda não se pronunciou. "Por isso, estamos reunindo provas para ingressar com uma ação na justiça britânica, onde os juízes costumam ser rigorosos em casos como esse", afirma Trotta, que trabalha há três décadas na área e também é músico desde os 11 anos.

O advogado não informa, no entanto, o valor da ação a ser ajuizada. As notificações solicitam que Adele e Kurstin informem a receita com a venda do álbum em que consta *Million years ago*, bem como os dados de monetização da música em plataformas de *streaming* — o álbum *Tá delícia, tá gostoso*, de Martinho da Vila, no qual aparece a faixa *Mulheres*, foi um recorde para o mercado brasileiro da época, chegando a vender 1,5 milhão de cópias, de acordo com os dados da Columbia Records. O compositor Toninho Geraes não gostaria, no entanto, de chegar às vias jurídicas de fato e se contentaria com a inclusão de seu nome nos créditos de composição de *Million years ago*. "Só quero defender meu legado musical", diz.

O próprio Geraes soube da surpreendente similaridade entre as canções graças a Misael da Hora, filho de Rildo Hora, autor do arranjo de *Mulheres* e colaborador dos maiores sambistas brasileiros. "Ele comentou comigo achando se tratar de uma versão autorizada em inglês, e aí eu tomei um susto", conta. A perícia musical levantada por seu advogado identificou 88 compassos idênticos, similares ou com pequenas variações entre as duas canções, além de trechos iguais da introdução, refrão e o final de ambas as músicas.

"A música brasileira é muito visada nesse sentido porque é muito referenciada e estudada internacionalmente, principalmente a MPB das décadas de sessenta e setenta, mas, em geral, todas as melodias até o início dos anos noventa", comenta Trotta. Quicá um dos casos mais emblemáticos nesse sentido seja o de Jorge Ben Jor, que em 1979 iniciou um processo de indenização contra Rod Stewart pelo plágio da música *Taj Mahal* (lançada cinco anos antes) no refrão de *Da you think I'm sexy?*. Stewart admitiu publicamente o plágio em 2012, classificando-o como um "ato inconsciente" em suas memórias intituladas *Rod - The Autobiography*.

[...]

O advogado Caio Mariano, especialista em direito autoral e propriedade intelectual, considera, no entanto que casos como esses não chegam a ser comuns. "Afim, existem também coincidências na música, então é preciso provar o dolo, a vontade e a intenção de copiar algo para poder acusar alguém de plágio", diz. "Algo que acontece muito é o uso não autorizado de músicos como Tim Maia, Arthur Verocai, entre outros, que têm uma obra muito rica. Na gênese de gêneros como o hip hop e o rap, por exemplo, está a cultura de *samplear* canções. O problema é quando fazem isso sem a devida autorização, sem se preocupar se estão violando as regras autorais", continua.

Na disputa de Toninho Geraes *versus* Adele, Maria-no diz que “há, sim, uma semelhança muito gritante na harmonia, no tempo e na estrutura das canções”. O advogado destaca que a lei brasileira acompanha as convenções internacionais de direitos autorais e que essas situações de conflitos são geralmente resolvidas extrajudicialmente, com acordos e negociações. Resta saber se esse será o caminho trilhado quando a voz de Adele e seu produtor romperem o silêncio.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-17/o-plagiavel-sucesso-internacional-da-musica-popular-brasileira.html>, acesso em 04/11/2021 às 18h16.

12. (UFJF-PISM 1 2022) O sufixo “-ável”, geralmente, forma adjetivos a partir de verbos. Por exemplo, ajustar/ajustável; perdoar/perdoável, indicando capacidade, habilidade, possibilidade, entre outros sentidos.

Sobre o uso do adjetivo “plagiável”, no título do texto, é correto afirmar que o autor do texto:

- defende que a música brasileira é mais suscetível ao plágio quando comparada a outras de menor qualidade e de maior sucesso.
- incentiva a apropriação indevida da música brasileira, cujas melodias são muito visadas e referenciadas internacionalmente.
- indica a possibilidade de realização de plágio internacional das músicas brasileiras, por vezes inconscientemente, pelo fato de serem amplamente conhecidas e estudadas.
- justifica a prática de plágio por artistas e produtores musicais estrangeiros que se encantam com a música popular brasileira.
- minimiza a gravidade do plágio, tendo em vista o sucesso da música brasileira entre artistas internacionais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O ARRASTÃO

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais.<sup>1</sup>Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas “mais um caso”.<sup>2</sup>Ele está dizendo: seria uma morte anônima,<sup>3</sup>aplainada pela surdez da “praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

<sup>5</sup>É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um “acaso objetivo” (a expressão era usada pelos <sup>6</sup>surrealistas), uma cena <sup>7</sup>recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada <sup>8</sup>transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas. <sup>9</sup>Pois assim como <sup>10</sup>Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos.

<sup>11</sup>Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik

Adaptado de [oglobo.globo.com](http://oglobo.globo.com), 22/03/2014.

<sup>3</sup> **aplainada** – nivelada

<sup>4</sup> **praxe** – prática, hábito

<sup>6</sup> **surrealistas** – participantes de movimento artístico do século 20 que enfatiza o papel do inconsciente

<sup>7</sup> **recalcada** – fortemente reprimida

<sup>8</sup> **transcendental** – que supera todos os limites

<sup>10</sup> **Amarildo** – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais

13. (UERJ) Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil. (ref. 11)

A sequência do emprego dos artigos em “de um Brasil” e “do Brasil” representa uma relação de sentido entre as duas expressões, intimamente ligada a uma preocupação social por parte do autor do texto.

Essa relação de sentido pode ser definida como:

- a) ironia
- b) conclusão
- c) causalidade
- d) generalização

14. (FEAR 2022) Avalie as afirmações entre parênteses sobre os substantivos em destaque.

- I. Das toalhas do **enxoval** não se via mais sinal do bordado. (Coletivo: conjunto de objetos de noivas, de estudantes, etc.)
- II. Ver a pequenina **borboleta** era símbolo de casamento à vista. (Sobrecômum: usado somente no feminino.)
- III. Para o ator, interpretar cada **personagem** é sempre um desafio. (Classifica-se como masculino e feminino.)
- IV. O público tem glamorizado os **vilões** de novelas. (Outra forma de plural é **vilãos**.)

Está correto o que se afirma em

- a) I, III e IV.
- b) I, II, III, e IV.
- c) II e IV apenas.
- d) III e IV apenas.

15. (UNISINOS 2022) Analise a charge abaixo. Em seguida, assinale V nas afirmações verdadeiras ou F nas falsas.



Disponível em: <<https://blogdoaftm.com.br/charge-movimento-terraplanista/>>  
Acesso em: 30 out. 2021.

- ( ) O emprego do adjetivo “chata”, na segunda fala, produz dois sentidos: o sentido de plana e o sentido de enfadonha, tediosa.
- ( ) Na segunda fala, o operador argumentativo “na verdade” indica a versão considerada verdadeira, que se contrapõe à versão apresentada na primeira fala.
- ( ) Por meio da charge, o cartunista defende uma posição contrária ao terraplanismo, avaliado negativamente por meio da expressão “esse papo”.
- ( ) O uso do pronome pessoal reto “ela” como complemento do verbo “deixando” não segue as regras da gramática normativa, que prevê o uso do pronome oblíquo nessa posição (está deixando-a). Neste gênero textual, porém, o emprego de “ela” é adequado, pois ilustra o uso da variante normalmente empregada em uma situação de comunicação informal.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) F - V - F - F.
- b) V - F - V - V.
- c) V - V - V - V.
- d) V - F - F - V.
- e) F - F - V - V.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A identidade e a diferença: o poder de definir

A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. (...) A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder.

Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; são disputadas.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais simetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.

Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”).

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (...) Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder: dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. O processo de classificação é central na vida social.

Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações.

As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

A mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas. O filósofo francês Jacques Derrida analisou detalhadamente esse processo. Para ele, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.

Na medida em que é uma operação de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do “dentro”. A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-75.

[http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web\\_F/web\\_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf](http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf)

## 16. (UFJF) Leia o fragmento a seguir:

“A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como **uma** identidade, mas simplesmente como **a** identidade”. (penúltimo parágrafo)

No trecho destacado, qual é o efeito de sentido determinado pelo uso dos artigos indefinido e definido acima negritos?

17. (UEL 2020) Leia o texto sobre a origem da palavra “alvo” e responda aos itens a seguir.

ALVO - Adjetivo que significa “claro, branco”. Mas por que o adjetivo se tornou substantivo, com os significados de “ponto a que se dirige o tiro”, “ponto de convergência” ou “fim a que se dirigem desejos ou ações”? Nos estandes de tiros, usados para treinamento ou competição, usa-se um desenho de vários círculos concêntricos, com os maiores contendo os menores. De acordo com uma versão bastante difundida, o nome passou a ser usado porque o principal objetivo do atirador é acertar o círculo menor, o único que é inteiramente branco, ou alvo. Em português, alvo é sinônimo de branco, mas somente alvo tem o significado de “meta”. [...]. Um dos termos relacionados com alvo é “álbum” [*album*, em latim], que na Roma antiga designava um painel branco onde eram afixados avisos de juizes e pretores. Hoje, “álbum” designa livro onde são coladas, entre outras peças, assinaturas, fotografias, poemas, letras de músicas etc.

BUENO, M. *A origem curiosa das palavras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 18.

- a) Com base no texto, é correto afirmar que “alvo” deixou de ser adjetivo para ser substantivo? Explique.  
b) Segundo o texto, o que aproxima e o que afasta “album” de “álbum”?

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base um poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

#### Fuga

De repente você resolve: fugir.  
Não sabe para onde nem como  
nem por quê (no fundo você sabe  
a razão de fugir; nasce com a gente).

É preciso FUGIR.  
Sem dinheiro sem roupa sem destino.  
Esta noite mesmo. Quando os outros  
estiverem dormindo.  
Ir a pé, de pés nus.  
Calçar botina era acordar os gritos  
que dormem na textura do soalho<sup>1</sup>.

Levar pão e rosca; para o dia.  
Comida sobra em árvores  
infinitas, do outro lado do projeto:  
um verdor  
eterno, frutescente (deve ser).

Tem à beira da estrada, numa venda.  
O dono viu passar muitos meninos  
que tinham necessidade de fugir  
e compreende.  
Toda estrada, uma venda  
para a fuga.

Fugir rumo da fuga  
que não se sabe onde acaba  
mas começa em você, ponta dos dedos.  
Cabe pouco em duas algibeiras<sup>2</sup>  
e você não tem mais do que duas.  
Canivete, lenço, figurinhas  
de que não vai se separar  
(custou tanto a juntar).  
As mãos devem ser livres  
para pesos, trabalhos, onças  
que virão.

Fugir agora ou nunca. Vão chorar,  
vão esquecer você? ou vão lembrar-se?  
(Lembrar é que é preciso,  
compensa toda fuga.)  
Ou vão amaldiçoá-lo, pais da Bíblia?  
Você não vai saber. Você não volta  
nunca.  
(Essa palavra nunca, deliciosa.)  
Se irão sofrer, tanto melhor.  
Você não volta nunca nunca nunca.  
E será esta noite, meia-noite.  
em ponto.

Você dormindo à meia-noite.

(*Menino antigo*, 1973.)

<sup>1</sup>soalho: o mesmo que “assoalho”.  
<sup>2</sup>algibeira: bolso de roupa.

18. (UNESP) Identifique uma forma verbal e um substantivo que, bastante retomados ao longo do poema, ilustram seu tema. Em seguida, valendo-se dessa informação, explique a oposição entre o último verso e o restante do poema.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Antiguidades (fragmento)

Quando eu era menina  
bem pequena,  
em nossa casa,  
certos dias da semana  
se fazia um bolo,  
assado na panela com um <sup>1</sup>testo de <sup>2</sup>borralho em  
cima.

Era um bolo econômico,  
como tudo, antigamente.  
Pesado, grosso, pastoso.  
(Por sinal que muito ruim.)

Eu era menina em crescimento.  
Gulosa,  
abria os olhos para aquele bolo  
que me parecia tão bom  
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa  
cortava aquele bolo  
com importância.  
Com atenção.  
Seriamente.  
Com vontade de comer o bolo todo.  
Era só olhos e boca e desejo  
daquele bolo inteiro.

Minha irmã mais velha  
governava. <sup>3</sup>Regrava.  
Me dava uma fatia,  
tão fina, tão delgada...  
E fatias iguais às outras <sup>4</sup>manas.  
E que ninguém pedisse mais!  
E o bolo inteiro,  
quase intangível,  
se guardava bem guardado,  
com cuidado,  
num armário, alto, fechado,  
impossível.

(Cora Coralina. *Melhores poemas*. 2 ed. São Paulo: Global Ed.,  
2004.)

Vocabulário:

<sup>1</sup>**testo**: camada;

<sup>2</sup>**borralho**: brasido coberto de cinzas; cinzas quentes, rescaldo;

<sup>3</sup>**regrar**: traçar linhas ou regras sobre;

<sup>4</sup>**mana**: irmã;

19. (G1 - CP2) Na terceira estrofe, o eu lírico caracteriza a si mesmo, quando criança, por meio de um adjetivo.

- a) Transcreva esse adjetivo.  
b) Copie o verso por meio do qual o eu lírico justifica essa sua característica.

20. (UNICAMP) Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade “x” está saindo com o ator “y”, isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam “x” e “y”, é de enorme interesse do público, ou de um certo público (numeroso), pelo menos.

As decisões do Banco Central para conter a inflação têm óbvio interesse público. Mas quase não despertam interesse, a não ser dos entendidos.

O jornalismo transita entre essas duas exigências, desafiado a atender às demandas de uma sociedade ao mesmo tempo massificada e segmentada, de um leitor que gravita cada vez mais apenas em torno de seus interesses particulares.

(Fernando Barros e Silva, O jornalista e o assassino. *Folha de São Paulo* (versão on line), 18/04/2011. Acessado em 20/12/2011.)

- a) A palavra *público* é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. Exemplifique cada um desses empregos com passagens do próprio texto e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.  
b) Qual é, no texto, a diferença entre o que é chamado de *interesse público* e o que é chamado de *interesse do público*?

## GABARITO

---

1. D      2. D      3. E      4. C      5. A  
6. B      7. A      8. E      9. A      10. D  
11. D     12. C     13. D     14. A     15. C

16.

Enquanto o artigo indefinido expressa uma ideia genérica de pluralidade, sugerindo que a identidade normal representa uma entre outras identidades (uma parte do todo), o artigo definido, delimitando o nome, sugere a ideia de singularidade, de tal modo que a identidade normal é caracterizada como um padrão único e “natural”.

17.

- a) Não. A palavra ALVO existe tanto como adjetivo (com o significado de “branco”) quanto como substantivo (com o significado de “meta”). Segundo o texto, o que antes era somente adjetivo passou a ser também substantivo: antigamente, em competições envolvendo mira, o ponto mais central de um desenho com círculos concêntricos era branco, ou “alvo”; logo, o que antes caracterizava a cor do círculo passou a designar o nome dele e, por extensão, de tudo aquilo que se quer mirar e atingir.
- b) As palavras “album” e “álbum” se aproximam se considerarmos não só o fato de “álbum” ter-se originado de “album”, como também porque ambos são objetos onde se afixam/colam coisas: avisos, peças, assinaturas, fotografias, poemas, letras de músicas. Porém, essas palavras se afastam na medida em que hoje o objeto mudou e não há mais relação com a cor.

18.

Trata-se da forma verbal *fugir* e do substantivo *fuga*. O plano de fuga do menino, descrito de forma intensa ao longo do poema, acaba por não se realizar, já que no último verso, ele dorme tranquilamente, esquecendo o horário para a ação planejada.

19.

- a) O adjetivo que caracteriza o eu lírico é “gulosa”.
- b) O verso “abria os olhos para aquele bolo” justifica a caracterização do eu lírico como guloso, pois “abrir os olhos” é uma expressão que significa ficar admirada com, ou, no caso, desejar comer o bolo.

20.

- a) Na frase “Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público”, a palavra “público” é usada na primeira ocorrência como adjetivo, relacionado com o substantivo “interesse”, e na segunda como substantivo inserido na locução adjetiva “do público”.
- b) O autor usa a expressão “interesse público” para designar toda a coletividade a quem a notícia deve interessar e “interesse do público” com valor restritivo, referindo-se a determinados setores sociais propensos à informação de massa, divulgada em grande escala pela mídia atual.

# ANOTAÇÕES



# Verbos: Estudo dos Tempos e dos Modos Indicativo e Subjuntivo

GRAMÁTICA

Competência(s):  
1 e 8

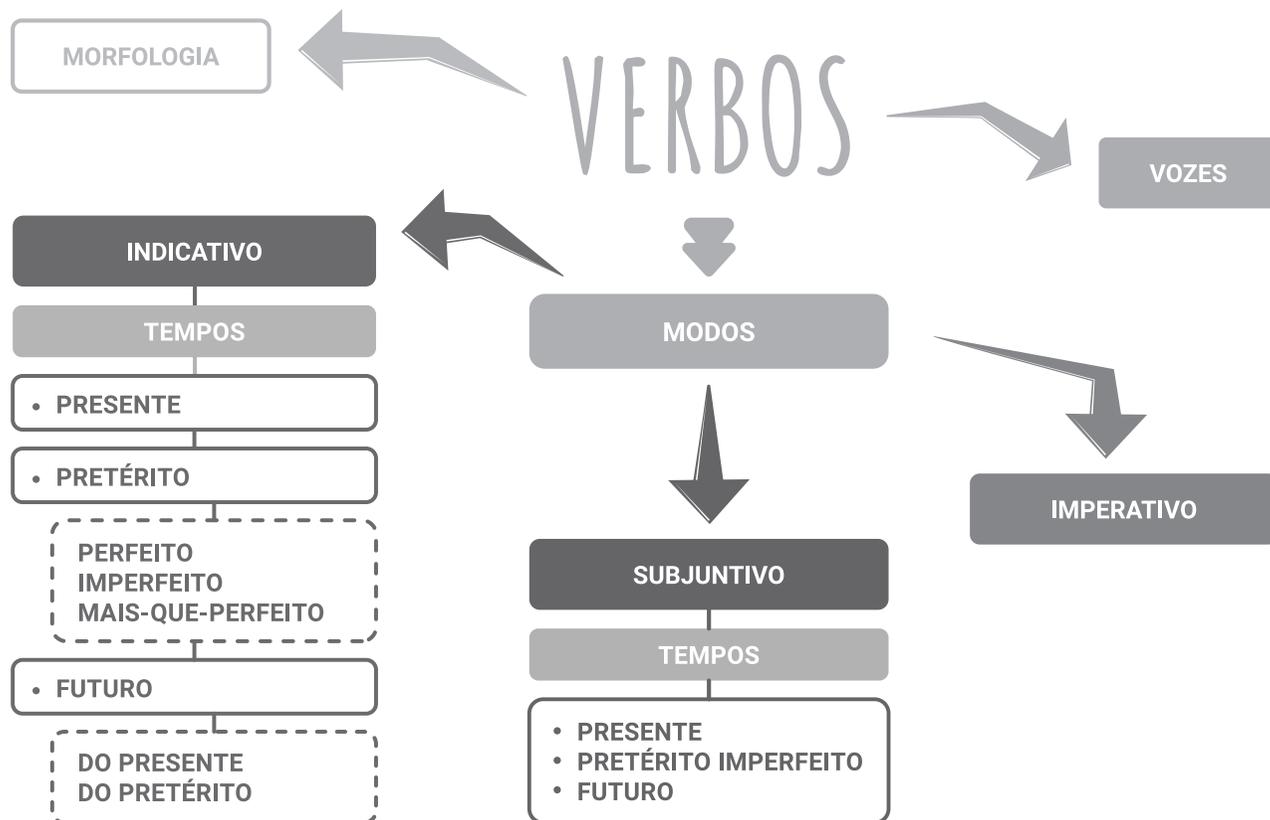
Habilidade(s):  
1, 2, 3, 4, 26 e 27

**AULAS**  
**5 E 6**

## VOCÊ DEVE SABER!

- Verbo
- Formas nominais do verbo
- Locução verbal
- Modos verbais
- Tempos do modo indicativo
- Tempos do modo subjuntivo

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho inicial da crônica “*Está aberta a sessão do júri*”, de Graciliano Ramos, publicada originalmente em 1943.

O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas. Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.

Não via, não sorria. Quando parava numa esquina, as cavaqueiras dos vadios gelavam. Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas<sup>1</sup> e degraus. A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.

Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.

Dr. França levantava-se às sete horas e recolhia-se à meia-noite, fizesse frio ou calor, almoçava ao meio-dia e jantava às cinco, ouvia missa aos domingos, comungava de seis em seis meses, pagava o aluguel da casa no dia 30 ou no dia 31, entendia-se com a mulher, parcimonioso, na linguagem usada nas sentenças, linguagem arrevesada e arcaica das ordenações. Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutaros.

Não amou nem odiou. Contudo exaltou a virtude, emanção das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.

Se atentássemos nas palavras emitidas por via oral, poderíamos afirmar que o Dr. França não pensava. Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência. Apenas o pensamento de Dr. França não seguia a marcha dos pensamentos comuns. Operava, se não nos enganamos, deste modo: “considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concludo.” Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.

Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos. E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.

(Graciliano Ramos. *Viventes das Alagoas*, 1976.)

<sup>1</sup>barroca: monte de terra ou de barro.

1. (UNESP 2022) Expressa sentido hipotético a forma verbal sublinhada em:
- a) “Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos.” (7º parágrafo)
  - b) “Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas e degraus.” (2º parágrafo)
  - c) “Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência.” (6º parágrafo)
  - d) “Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.” (6º parágrafo)
  - e) “Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutaros.” (4º parágrafo)

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Romance LIII ou Das Palavras Aéreas

*Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras,  
sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!*

*Sois de vento, ides no vento,  
e quedais, com sorte nova! (...)*

*Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Perdão podíeis ter sido!  
– sois madeira que se corta,  
– sois vinte degraus de escada,  
– sois um pedaço de corda...  
– sois povo pelas janelas,  
cortejo, bandeiras, tropa...*

*Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Éreis um sopro na aragem...  
– sois um homem que se enforca!*

Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*.

2. (FUVEST 2021) Ao substituir a pessoa verbal utilizada para se referir ao substantivo “palavras” pela 3ª pessoa do plural, os verbos dos versos “sois de vento, ides no vento,” (v. 4) / “Perdão podíeis ter sido!” (v. 12)! “Éreis um sopro na aragem (v. 20) seriam conjugados conforme apresentado na alternativa:
- são, vão, podiam, eram.
  - seriam, iriam, podiam, serão.
  - eram, foram, poderiam, seriam.
  - são, vão, poderiam, eram.
  - eram, iriam, podiam, seriam.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, *Evolução política do Brasil*. Adaptado.

3. (FUVEST) No contexto, o verbo “enche” indica
- habitualidade no passado.
  - simultaneidade em relação ao termo “ascensão”.
  - ideia de atemporalidade.
  - presente histórico.
  - anterioridade temporal em relação a “reino lusitano”.

Leia o texto de Carlos Ranulfo Melo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

#### Corrupção eleitoral

As democracias contemporâneas são arranjos representativos. A representação foi a “solução encontrada” para um dilema. Tão logo firmado o princípio da igualdade política entre os indivíduos, regimes políticos baseados na tradição, na origem de classe ou na condição de status perderam a legitimidade. Por outro lado, o tamanho das sociedades e a complexidade cada vez maior das questões em discussão – demandando acesso a informações,

disponibilidade de tempo e condições de negociação – tornaram proibitiva a ideia de que todos participassem das decisões a serem coletivizadas. A escolha de um corpo de representantes em eleições livres, justas e periódicas – e que incluam a todo o eleitorado adulto – passou a ser algo que, sem esgotar a noção contemporânea de democracia, firmou-se como sua pedra angular. Ao se dirigirem às urnas os cidadãos reafirmam sua condição de igualdade perante um ato fundamental do Estado. Ao organizar as eleições e transformar os votos em postos executivos e/ou legislativos, o aparato institucional das democracias permite que, em maior ou menor grau, os mais diversos interesses, opiniões e valores sejam vocalizados no curso do processo decisório. Tal processo, no entanto, pode apresentar problemas que ameacem corromper o corpo político constituído, comprometendo sua legitimidade e diminuindo sua capacidade de oferecer à coletividade os resultados esperados.

A corrupção eleitoral ou a reiterada incidência de fenômenos capazes de desvirtuar o processo de constituição de um corpo de representantes sempre significou um problema para as democracias. A condição para que seu enfrentamento se tornasse possível foi a constituição de uma Justiça Eleitoral dotada de autonomia face aos poderes político e econômico, com recursos suficientes para organizar e poderes necessários para regulamentar os processos eleitorais. Mas mesmo as democracias consolidadas não conseguiram impedir de forma cabal que determinados interesses pudessem, utilizando os recursos que tivessem à mão, obter vantagens diferenciadas em função de sua participação nas eleições.

*Corrupção*, 2008. Adaptado.

4. (FAMERP) “Ao se dirigirem às urnas os cidadãos reafirmam sua condição de igualdade perante um ato fundamental do Estado.” (1º parágrafo) Em seu contexto, o verbo destacado, na forma em que foi empregado, indica uma ação
- usual, reiterada, no passado.
  - habitual, regular.
  - feita no instante em que o enunciado é apresentado.
  - contínua, extensa, no presente.
  - pontual, corriqueira, ordinária e sem importância.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem  
Mas beleza é fundamental. É preciso  
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de  
[haute couture\*  
Em tudo isso (ou então  
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,  
[como na República Popular China).  
Não há meio-termo possível. É preciso  
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito  
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas  
[pousada e que um rosto  
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no  
[terceiro minuto da aurora.

*Vinicius de Moraes.*

\* **“haute couture”**: alta costura.

5. **(FUVEST)** Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:
- a) indicativo; expressar verdades universais.
  - b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
  - c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
  - d) indicativo; relacionar ações habituais.
  - e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

Leia o trecho do romance *Senhora*, de José de Alencar, para responder à questão 06

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza; Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que se fazia íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

– É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia, e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar desses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas.

Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação no rol da moça; e longe de se agastarem com a franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava do ágio de suas ações naquela empresa nupcial.

*(Senhora, 2013. Adaptado.)*

6. “a Lísia Soares, que se fazia íntima com ela, e **desejava** ardentemente vê-la casada, **dirigiu-lhe** um gracejo acerca do Alfredo Moreira”

Os tempos dos verbos destacados indicam, respectivamente,

- a) fato que perdura no presente e fato frequente no passado.
- b) fato que perdura no presente e fato que perdura no passado.
- c) fato que perdura no passado e fato pontual, terminado, no passado.
- d) fato pontual, terminado, no passado e fato anterior a outro já passado.
- e) fato pontual, terminado, no passado e fato que perdura no passado.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A questão toma por base um poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

### *Jesus Pantocrátor<sup>1</sup>*

*Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja De Monreale, feita em mosaico, a divina Figura de Jesus Pantocrátor: domina Aquela face austera, aquele olhar troveja.*

*Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina. À árida pupila a doce, a benfazeja Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina<sup>2</sup>.*

*Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo Que há nos frescos<sup>3</sup> de Santo Stefano Rotondo<sup>4</sup>; Este do mundo antigo espedaçado assoma...*

*Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o: Tem o anátema<sup>5</sup> à boca, às duas mãos o raio, E em vez do espinho à frente as três coroas de Roma.*  
(Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.)

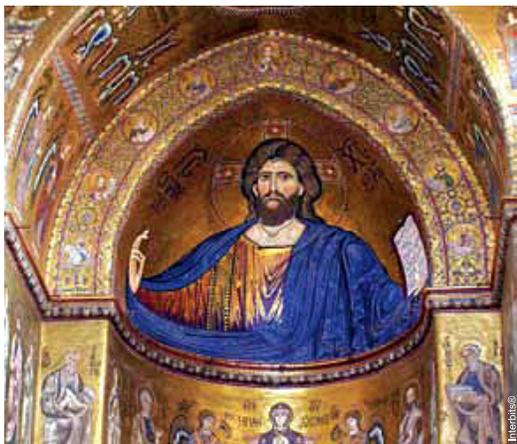
<sup>1</sup> **Pantocrátor:** que tudo rege, que governa tudo.

<sup>2</sup> **Bizantina:** referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

<sup>3</sup> **Fresco:** o mesmo que *afresco*, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

<sup>4</sup> **Santo Stefano Rotondo:** igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (*Stefano*, em italiano), mártir do cristianismo.

<sup>5</sup> **Anátema:** reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.



(Catedral de Monreale, Itália.)

1. (UNESP) A leitura do soneto revela que o poeta seguiu o preceito parnasiano de só fazer rimar em seus versos palavras pertencentes a classes gramaticais diferentes, como se observa, por exemplo, nas palavras que encerram os quatro versos da primeira quadra, que rimam conforme o esquema ABBA. Consideradas em sua sequência do primeiro ao quarto verso, tais palavras surgem, respectivamente, como
- a) adjetivo, verbo, substantivo, adjetivo.
  - b) substantivo, adjetivo, verbo, verbo.
  - c) substantivo, adjetivo, substantivo, advérbio.
  - d) verbo, adjetivo, verbo, adjetivo.
  - e) substantivo, substantivo, verbo, verbo.

Leia o texto, do qual foram retiradas três palavras, e responda à(s) questão(ões).

### ACHADO NÃO É ROUBADO

Fabrizio Carpinejar

Não ganhava mesada, nem ajuda de custo na infância. Eu me virava como dava. Recebia casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir e \_\_\_\_\_ mais nada aos pais, só agradecer.

As minhas fontes de renda eram praticamente duas: procurar dinheiro nas bolsas vazias da mãe, torcendo para que deixasse alguma nota na pressa da troca dos acessórios, ou catar moedas nas ruas e nos bueiros.

A modalidade de caça a dinheiro perdido exigia disciplina e profissionalismo. Saía de casa pelas 13h e caminhava por duas horas, com a cabeça apontada ao meio-fio como pedra em estilingue. Varria a poeira com os pés e cortava o mato com canivete. Fui voluntário remoto do Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

Gastava o meu Kichute em vinte quadras, do bairro Petrópolis ao centro. Voltava quando atingia a entrada do viaduto da Conceição e reiniciava a minha arqueologia monetária no outro lado da rua.

Levava um saquinho para colher as moedas. Cada tarde rendia o equivalente a três reais. Encontrar correntinhas, colares e \_\_\_\_\_ salvava o dia. Poderia revender no mercado paralelo da escola. As meninas pagavam em jujubas, bolo inglês e guaraná. Já o bueiro me socializava. Convidava com frequência o Liquinho, vulgo Ricardo. Mais forte do que eu, ajudava a levantar a pesada e lacrada tampa de metal. Eu ficava com a responsabilidade de descer \_\_\_\_\_ profundezas do lodo. Tirava toda a roupa – a mãe não perdoaria o petróleo do esgoto – e pulava de cueca, apalpando às cegas o fundo com as mãos. Esquecia a nojeira imaginando as recompensas. Repartia os lucros com os colegas

que me acompanhavam nas expedições ao sub-mundo de Porto Alegre. Lembro que compramos uma bola de futebol com a arrecadação de duas semanas.

Espantoso o número de itens perdidos. Assim como os professores paravam no meu colégio, acreditava na greve dos objetos: moedas e anéis rolavam e cédulas voavam dos bolsos para protestar por melhores condições.

Sofria para me manter estável, pois nunca pedia dinheiro a ninguém. Desde cedo, descobri que viajar é também trabalhar duro.

Disponível em: < <http://carpinejar.blogspot.com.br/2016/06/achado-nao-e-roubado.html> > Acesso em: 22 jun. 2016.

2. (G1 - IFSUL) Que palavra do primeiro parágrafo **NÃO** é classificada como verbo?

- a) Ganhava.
- b) Ajuda.
- c) Havia.
- d) Agradecer.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Tapuia

As florestas ergueram braços peludos para esconder-te  
com ciúmes do sol.

E a tua carne triste se desabotoa nos seios,  
recém-chegados do fundo das selvas.

Pararam no teu olhar as noites da Amazônia, mor-nas e imensas.

No teu corpo longo  
ficou dormindo a sombra das cinco estrelas do Cru-zeiro.

O mato acorda no teu sangue  
sonhos de tribos desaparecidas  
– filha de raças anônimas  
que se misturaram em grandes adultérios!

E erras sem rumo assim, pelas beiras do rio,  
que teus antepassados te deixaram de herança.

O vento desarruma os teus cabelos soltos  
e modela um vestido na intimidade do teu corpo exato.

*À noite o rio te chama*  
e então te entregas à água preguiçosamente,  
como uma flor selvagem  
ante a curiosidade das estrelas.

(Raul Bopp *apud* Mário da Silva Brito. "Tapuia". In: *Poesia do Modernismo*, 1968.)

3. (UEA) *À noite o rio te chama*

No verso, o eu lírico dirige-se a um interlocutor no singular. Se esse interlocutor estivesse no plural, o verso estaria corretamente reescrito, conservando-se o mesmo modo e tempo verbais, em

- a) À noite o rio vos chamou.
- b) À noite o rio vos chamam.
- c) À noite o rio vos chamais.
- d) À noite o rio vos chama.
- e) À noite o rio vos chamastes.

4. (ENEM) João/Zero (Wagner Moura) é um cientista genial, mas infeliz porque há 20 anos atrás foi humilhado publicamente durante uma festa e perdeu Helena (Alinne Moraes), uma antiga e eterna paixão. Certo dia, uma experiência com um de seus inventos permite que ele faça uma viagem no tempo, retornando para aquela época e podendo interferir no seu destino. Mas quando ele retorna, descobre que sua vida mudou totalmente e agora precisa encontrar um jeito de mudar essa história, nem que para isso tenha que voltar novamente ao passado. Será que ele conseguirá acertar as coisas?

Disponível em: <http://adorocinema.com>.  
Acesso em: 4 out. 2011.

Qual aspecto da organização gramatical atualiza os eventos apresentados na resenha, contribuindo para despertar o interesse do leitor pelo filme?

- a) O emprego do verbo haver, em vez de *ter*, em "há 20 anos atrás foi humilhado".
- b) A descrição dos fatos com verbos no presente do indicativo, como "retorna" e "descobre".
- c) A repetição do emprego da conjunção "mas" para contrapor ideias.
- d) A finalização do texto com a frase de efeito "Será que ele conseguirá acertar as coisas?".
- e) O uso do pronome de terceira pessoa "ele" ao longo do texto para fazer referência ao protagonista "João/Zero".

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Três teses sobre o avanço da febre amarela

Como a febre amarela rompeu os limites da Floresta Amazônica e alcançou o Sudeste, atingindo os grandes centros urbanos? A partir do ano passado, o número de casos da doença alcançou níveis sem precedentes nos últimos cinquenta anos. <sup>1</sup>Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da forma silvestre da doença já registrado no país. Outros 435 registros ainda estão sob investigação.

Como tudo começou? Os navios portugueses vindos da África nos séculos XVII e XVIII não trouxeram ao Brasil somente escravos e mercadorias. <sup>2</sup>Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. Por volta de 1940, a febre amarela urbana foi erradicada. Mas o vírus migrou, pelo trânsito de pessoas infectadas, para zonas de floresta na região Amazônica. No início dos anos 2000, a febre amarela ressurgiu em áreas da Mata Atlântica. Três teses tentam explicar o fenômeno. Segundo o professor Aloísio Falqueto, da Universidade Federal do Espírito Santo, “uma pessoa pegou o vírus na Amazônia e entrou na Mata Atlântica depois, possivelmente na altura de Montes Claros, em Minas Gerais, onde surgiram casos de macacos e pessoas infectadas”. O vírus teria se espalhado porque os primatas da mata eram vulneráveis: como o vírus desaparece da região na década de 1940, não desenvolveram anticorpos. Logo os macacos passaram a ser mortos por seres humanos que temem contrair a doença. <sup>3</sup>O massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano. De acordo com o pesquisador Ricardo Lourenço, do Instituto Oswaldo Cruz, os mosquitos transmissores da doença se deslocaram do Norte para o Sudeste, voando ao longo de rios e corredores de mata. Estima-se que um mosquito seja capaz de voar 3 km por dia. “Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. Em cerca de dez dias, primatas e humanos ou morrem ou se curam, tornando-se imunes à doença. Para o infectologista Eduardo Massad, professor da Universidade de São Paulo, o rompimento da barreira da Samarco, em Mariana (MG), em 2015, teve papel relevante na disseminação acelerada da doença no Sudeste. A destruição do habitat natural de diferentes espécies teria reduzido significativamente os predadores naturais dos mosquitos. A tragédia ambiental ainda teria afetado o sistema imunológico dos macacos, tornando-os mais suscetíveis ao vírus. Por que é importante determinar a “viagem” do vírus? Basicamente, para orientar as campanhas de vacinação. Em 2014, Eduardo Massad elaborou um plano de imunização depois que 11 pessoas morreram vítimas de febre amarela em Botucatu (SP): “Eu fiz cálculos matemáticos para determinar qual seria a proporção da população nas áreas não vacinadas que deveria ser imunizada, considerando os riscos de efeitos adversos da vacina. Infelizmente, a Secretaria de Saúde não adotou essa estratégia. Os casos acontecem exatamente nas áreas onde eu havia recomendado a vacinação. A Secretaria está correndo atrás do prejuízo”. Desde julho de 2017, mais de

100 pessoas foram contaminadas em São Paulo e mais de 40 morreram.

O Ministério da Saúde afirmou em nota que, desde 2016, os estados e municípios vêm sendo orientados para a necessidade de intensificar as medidas de prevenção. A orientação é que pessoas em áreas de risco se vacinem.

NATHALIA PASSARINHO

Adaptado de [bbc.com](http://bbc.com), 06/02/2018.

5. (UERJ 2019) No quinto parágrafo, são apresentadas duas hipóteses acerca da disseminação da febre amarela.

A marca verbal que evidencia a formulação dessas hipóteses é o uso de:

- voz ativa
- modo subjuntivo
- futuro do pretérito
- forma no gerúndio

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A partir dos anos 20, com os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu grupo, a língua passou a ser vista como um fenômeno social e os enunciados passaram a ser considerados como uma grande rede responsiva: cada enunciado responde a enunciado anterior e, ao mesmo tempo, espera resposta de um outro enunciado posterior.

#### Super-Homem (A Canção)

I

Um dia

Vivi a ilusão de que ser homem bastaria

Que o mundo masculino tudo me daria

Do que eu quisesse ter

II

Que nada

Minha porção mulher, que até então se resguardara

É a porção melhor que trago em mim agora

É que me faz viver

III

Quem dera

Pudesse todo homem compreender, oh, mãe quem dera

Ser no verão o apogeu da primavera

E só por ela ser

IV

Quem sabe

O Super-homem venha nos restituir a glória

Mudando como um deus o curso da história

Por causa da mulher

Gilberto Gil. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/search.php?q=super%20homem>.

6. (UECE 2017) A divisão do texto *Super-Homem* em partes ou apartados nos mostra uma estrutura bem delimitada com uma sequência lógica que facilita sua compreensão. A atenção aos verbos empregados no poema é indispensável para que se possa explorar o sentido do texto.

Relacione as quatro estrofes do poema aos comentários apresentados a seguir, numerando-os de I a IV, de acordo com cada uma delas.

( ) Revela esperança débil e frouxa, e expectativa. Esses dois sentimentos são linguisticamente manifestados por uma interjeição e um verbo no subjuntivo. Aparece, ainda, um gerúndio, demarcando a maneira como ocorre a ação.

( ) Expressa o tempo presente, dentro do qual se divisa um passado anterior a outro passado.

( ) Foi estruturada de modo a expressar desejo e vontade, função que se realiza com o uso da interjeição e de uma forma do subjuntivo.

( ) Inicia-se com uma expressão indicativa de tempo, mas de um tempo indeterminado. O emprego do pretérito perfeito sugere que a ação indicada pelo verbo já está concluída. Os recursos linguísticos empregados na estrofe imprimem, na mente do leitor, a inviabilização do que seria o desejo do sujeito lírico.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) IV, II, III, I.
- b) III, I, II, IV.
- c) II, IV, III, I.
- d) II, I, III, IV.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Otimismo em tempos de Covid-19 e o papel da medicina\*

Breno Macêdo\*\*

Não há dúvidas de que estamos vivendo tempos difíceis. É provável que só tenhamos a real dimensão quando olharmos para estes dias em retrospecto. O vírus <sup>1</sup>nefasto já ceifou mais de 600.000 vidas em todo o mundo. Alguns já denominam este período, marcado pelas medidas de isolamento, de “O Grande Lockdown”.

Diariamente, recebemos incontáveis notícias negativas. O risco de novas ondas de contaminação e a possibilidade de recessão econômica global pairam no ar, <sup>2</sup>contribuindo para o clima de pessimismo. Acontece em todo o mundo. Os pacientes chegam mais “cabisbaixos” ao consultório. Os que sofrem com dores na coluna, <sup>3</sup>por exemplo, têm sua dor <sup>4</sup>exacerbada. <sup>5</sup>Isso ocorre porque o estado emocional contribui para a percepção da dor, já que os momentos de tristeza tendem a agravar a situação.

Parece um clichê, mas é preciso pensar positivo. É fundamental, <sup>6</sup>sobretudo atualmente. Coisas boas estão acontecendo. <sup>7</sup>Vivemos a era do progresso científico. O compartilhamento de informações entre cientistas de diferentes países ocorre em tempo real. O método científico segue em progresso, amadurecido na busca das melhores alternativas de tratamento. Pesquisas por uma vacina estão em um ritmo acelerado como nunca visto.

O avanço médico ocorre também em outras frentes de batalha além da Covid-19. Na neurocirurgia, <sup>8</sup>por exemplo, é difícil não se impressionar ao operar o mais nobre dos órgãos, o cérebro humano. <sup>9</sup>Mesmo diante de intervenções delicadas, o paciente permanece intacto ao acordar da cirurgia. <sup>10</sup>Vitórias como <sup>11</sup>essa são conquistadas por várias especialidades médicas <sup>12</sup>nos diversos rincões da Terra.

Diante do exposto, convido o leitor a mudar os óculos que <sup>13</sup>tem usado, <sup>14</sup>a fim de enxergar o momento com <sup>15</sup>outras lentes, <sup>16</sup>mais compreensivas e solidárias.

\*Texto publicado no Diário de Pernambuco, em 14 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/opiniao/2020/08/otimismo-em-tempos-de-covid-19-e-o-papel-da-medicina.html>>. Acesso em: 24 out. 2020. Adaptação.

\*\*Neurocirurgião especialista em coluna vertebral.

7. (UNISINOS 2021) Levando em conta a relação entre o emprego de recursos linguísticos e o sentido que promovem no texto, assinale V nas afirmações verdadeiras ou F nas falsas.

- ( ) Ao empregar o adjetivo “nefasto” (ref. 1), o autor chama a atenção para a nocividade do coronavírus e para os efeitos danosos que este pode acarretar.
- ( ) Mediante o emprego do adjetivo “exacerbada” (ref. 4), o argumentador manifesta que o pessimismo que reina durante a pandemia provoca a intensificação ou o agravamento da dor dos pacientes que têm problemas na coluna vertebral.
- ( ) Por meio do emprego do advérbio “sobretudo” (ref. 6), é promovido o sentido de que o contexto atual de pandemia é o momento em que é maior a necessidade de pensamento positivo.
- ( ) O pretérito perfeito composto “tem usado” (ref. 13) produz o sentido de que, no marco temporal passado, os leitores olhavam para a realidade com pessimismo e egoísmo.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) F - V - F - F.
- b) V - F - F - V.
- c) V - F - V - V.
- d) F - V - V - F.
- e) V - V - V - F.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

<sup>1</sup>Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

<sup>2</sup>Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

<sup>3</sup>Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker

Adaptado de *Folha de São Paulo*, 29/07/2014.

8. (UERJ) O primeiro parágrafo expõe projeções passadas sobre possibilidades de um futuro regido pela internet.

O recurso linguístico que permite identificar que se trata de projeção e não de fatos do passado é o uso da:

- forma verbal
- pontuação informal
- adjetivação positiva
- estrutura coordenativa

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O lema da tropa

*O destemido tenente, no seu primeiro dia como comandante de uma fração de tropa, vendo que alguns de seus combatentes apresentavam medo e angústia diante da barbárie da guerra, gritou, com firmeza, para inspirar seus homens a enfrentarem o grupamento inimigo que se aproximava:*

*– Ou mato ou morro!*

*Ditas essas palavras, metade de seus homens fugiu para o mato e outra metade fugiu para o morro.*

9. (FEAR 2019) Considere o seguinte trecho do texto:

*“– Ou mato ou morro!”*

*Ditas essas palavras, metade de seus homens fugiu para o mato e outra metade fugiu para o morro.”*

No fragmento acima, para que houvesse redução de possibilidades interpretativas, do ponto de vista morfológico, e manutenção do sentido original desejado pelo tenente, bastaria que ele, ao encorajar seus combatentes,

- acrescentasse preposições, como, por exemplo, “para”, antes dos substantivos, criando locuções adverbiais.
- acrescentasse determinantes às palavras, como, por exemplo, o artigo definido “o” antes dos substantivos.
- conjugasse os verbos pronunciados no tempo presente do modo indicativo.
- pronunciasse as palavras considerando-as como verbos na forma nominal do infinitivo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Disponível em: <http://profmilenacaetano.blogspot.com.br/2012/12/tiras-da-mafalda-quin-para-discussao.html>. Acesso em: 29 abr. 2013.

10. (G1 - IFSC) Com relação à classe gramatical das palavras no texto, é CORRETO afirmar:
- O adjetivo realmente, no quinto quadrinho, serve para intensificar o advérbio importantes.
  - No terceiro quadrinho, a palavra ótima funciona como um substantivo, usado para caracterizar o comportamento da mãe da professora.
  - A palavra parabéns, no terceiro quadrinho, funciona como um advérbio, o qual indica uma circunstância de modo.
  - No quinto quadrinho, o verbo ensinar aparece conjugado no presente do indicativo, para indicar uma ação que ocorrerá num futuro imediato.
  - Os verbos *amar* e *mimar*, no primeiro quadrinho, estão conjugados no presente do indicativo e revelam, no contexto, uma verdade geral a respeito do comportamento materno.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnordeado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. As salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. A luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. As bactérias da água potável. A contaminação da água do mar. A lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o

trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

COLASANTI, M. *Eu sei, mas não devia*. Jornal do Brasil, 1972.

11. (EAM 2021) Leia as afirmações abaixo.

I. Em “[...] tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, [...]” (9º§), os termos destacados são verbos em sua forma nominal, respectivamente, gerúndio e infinitivo.

II. Em “A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.” (5º§), os termos destacados são locuções verbais cujo verbo principal encontra-se no particípio regular.

III. Em “A tomar o café correndo porque está atrasado.” (3º§), os termos destacados foram empregados com valor de advérbio e adjetivo respectivamente.

Está correto o que se afirma em:

- I apenas.
- I e II apenas.
- I e III apenas.
- II e III apenas.
- I, II e III.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Preto e Branco**

Perdera o emprego, <sup>5</sup>chegara a passar fome, sem que <sup>6</sup>ninguém <sup>2</sup>soubesse: por constrangimento, afastara-se da roda <sup>7</sup>boêmia escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser o seu mais velho que antes costumava frequentar companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe <sup>3</sup>oferecia um emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

E um belo dia vai seguindo com o chefe pela rua <sup>10</sup>México, já distraído de seus passados tropeços, mas tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam – quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano <sup>4</sup>poderia parecer estranha tal amizade, e mais ainda incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa muito séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação. Por via das dúvidas correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar – não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se.

Era seu amigo, velho companheiro, um bom sujeito, dos melhores mesmo que já conhecera – acaso jamais chegara sequer a se lembrar que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se <sup>1</sup>aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de <sup>9</sup>cumprimentá-lo, talvez ainda sem <sup>8</sup>tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano – também seu amigo.

SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 1962. p.163-4.

12. (G1 - CFTSC) Assinale a afirmação correta a respeito dos verbos sublinhados no texto.
- Na ref. 1, o verbo *aproximou* está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, para fazer referência a um acontecimento usual do passado.
  - Na ref. 2, o verbo *soubesse* está conjugado no pretérito perfeito do subjuntivo, para mostrar que se trata de uma condição hipotética, não real.
  - Na ref. 3, o verbo *oferecia* está conjugado no pretérito perfeito do indicativo, para fazer referência a uma ação que se repete várias vezes.
  - Na ref. 4, o verbo *podéria* está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, para fazer referência a um acontecimento futuro.
  - Na ref. 5, o verbo *chegara* está conjugado no pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, para indicar um acontecimento que é anterior ao momento em que se inicia a história.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.  
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.  
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.  
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,  
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,  
calçando de ouro a sandália velha,  
jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,  
descendo de quintais escusos  
sem pressa,  
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.  
Amo a avenca delicada que renasce  
na frincha de teus muros empenados,  
e a plantinha desvalida, de caule mole  
que se defende, viceja e floresce  
no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha  
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos  
morros,  
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.  
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a  
sombra,  
no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
Franzino, maltrapilho,  
pequeno para ser homem,  
forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha  
cidade.

Amo e canto com ternura  
todo o errado da minha terra.  
Becos da minha terra,  
discriminados e humildes,  
lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.  
Beco do Cotovelo.  
Beco do Antônio Gomes.  
Beco das Taquaras.  
Beco do Seminário.  
Bequinho da Escola.  
Beco do Ouro Fino.  
Beco da Cachoeira Grande.  
Beco da Calabrote.  
Beco do Mingu.  
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,  
dos becos da minha terra,  
suspeitos... mal afamados  
onde família de conceito não passava.  
"Lugar de genticinha" - diziam, virando a cara.  
De gente do pote d'água.  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida.  
Becos de mulheres da vida.  
Renegadas, confinadas  
na sombra triste do beco.  
Quarto de porta e janela.  
Prostituta anemiada,  
solitária, hética, engalicada,  
tossindo, escarrando sangue  
na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.  
Becos de assombração...  
Altas horas, mortas horas...  
Capitão-mor - alma penada,  
terror dos soldados, castigado nas armas.  
Capitão-mor, alma penada,  
num cavalo ferrado,  
chispando fogo,  
descendo e subindo o beco,  
comandando o quadrado - feixe de varas...  
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -  
dava em cima...  
Mandava sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...  
 Becos de assombração.  
 Românticos, pecaminosos...  
 Têm poesia e têm drama.  
 O drama da mulher da vida, antiga,  
 humilhada, malsinada.  
 Meretriz venérea,  
 desprezada, mesentérica, exangue.  
 Cabeça raspada a navalha,  
 castigada a palmatória,  
 capinando o largo,  
 chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.  
 Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.  
 Uma passagem de terceira no grande coletivo de  
 São Vicente.  
 Uma estação permanente de repouso - no aprazível  
 São Miguel.

Cai o pano.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.  
 21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006.

13. (IME 2019) O poema se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)
- contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.
  - uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.
  - frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.
  - fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.
  - necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

14. (ENEM) Em junho de 1913, embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz, porque a respeito dele me falara João Luso, que ali passara um inverno com a senhora. Mais tarde vim a saber que antes de existir no lugar um sanatório, lá estivera por algum tempo Antônio Nobre. “Ao cair das folhas”, um de seus mais belos sonetos, talvez o meu predileto, está datado de “Clavadel, outubro, 1895”. Fiquei na Suíça até outubro de 1914.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No relato de memórias do autor, entre os recursos usados para organizar a sequência dos eventos narrados, destaca-se a

- construção de frases curtas a fim de conferir dinamicidade ao texto.
- presença de advérbios de lugar para indicar a progressão dos fatos.
- alternância de tempos do pretérito para ordenar os acontecimentos.
- inclusão de enunciados com comentários e avaliações pessoais.
- alusão a pessoas marcantes na trajetória de vida do escritor.

15. (ENEM)

**CÓPIA RÁPIDA FÁCIL.  
 VAI SER BOM, NÃO FOI?**



UMA EMPRESA COM PRÊMIOS INTERNACIONAIS  
 NÃO PODERIA OFERECER MENOS DO QUE  
 A MELHOR QUALIDADE EM IMPRESSÃO  
 DIGITAL DO MUNDO.

Disponível em: [www.behance.net](http://www.behance.net). Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego

- a) do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.
- b) de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.
- c) das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.
- d) da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.
- e) da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão de obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa *The Economist* mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

(*Você s/a*, setembro de 2005)

16. (FGV) Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em - “o poder de barganha ... teria se esfacelado” - e do advérbio “provavelmente” (parte final do texto).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A CLASSE

A eliminação gradual da classe média brasileira, um processo que começou há anos mas que de uns tempos para cá assumiu proporções catastróficas, a ponto de a classe média brasileira ser hoje classificada pelas Nações Unidas como uma espécie em extinção, junto com o mico-rosa e a foca-focinho-verde, está preocupando autoridades e conservacionistas nacionais. Estudam-se medidas para acabar com o massacre indiscriminado que vão desde o estabelecimento de cotas anuais - só uma determinada parcela da classe média poderia ser abatida durante uma temporada - até a criação de santuários onde, livre de impostos extorsivos e protegida de contracheques criminosos e custos predatórios, a classe média brasileira se reproduziria até recuperar sua antiga força <sup>2</sup>numérica, e numerária. Uma espécie de reserva de mercado. A tentativa de recriar a classe média brasileira em laboratório, como se sabe, não deu certo. Os protótipos, assim que conseguiram algum dinheiro, fretaram um avião para Disneyworld.

A preservação natural da classe média brasileira evitaria coisas constrangedoras como a recente reunião da classe realizada em São Paulo, à qual, de vários pontos do Brasil, compareceram dezesseis pessoas. As outras cinco não conseguiram crédito para a passagem. A reunião teve de ser transferida do Morumbi para a mesa de uma pizzaria, e ninguém pediu vinho. Uma proposta para que a classe fizesse greve nacional para chamar a atenção do país para a sua crescente insignificância foi rejeitada sob a alegação de que ninguém iria notar. Fizeram uma coleta para financiar a eleição de representantes da classe média na Assembleia Constituinte, mas acabaram devolvendo os 10 cruzeiros. A única resolução aprovada foi a de que, para evitar a perseguição, todos se despojassem de sinais ostensivos de serem da classe média, como carro pequeno etc., e passassem a viver como pobres. Aí não seria rebaixamento social, seria disfarce. No fim os garçons se cotizaram e deram uma gorjeta para os integrantes da mesa.

Cenas lamentáveis têm ocorrido também com ex-membros da classe média que, passando para uma classe inferior, não sabem como se comportar e são alvo de desprezo de pobres tradicionais, que os chamam de “novos pobres”.

- Viu aquela ali? Quis fazer caneca de lata de óleo e não sabe nem abrir um buraco com prego.

- E usa lata de óleo de milho.

- Metida a pouca coisa...

- Já viram ela num ônibus? Não sabe empurrar a borboleta com a anca enquanto briga com o cobrador.

- E não conta o troco!

- <sup>3</sup>Berço é berço, minha filha.

Alguns pobres menos preconceituosos ainda tentam ajudar os novos pobres a evitar suas gafes.

- Olhe, não leve a mal...

- O quê?

- É o seu jeito de falar.

- Diga-me.

- Você às vezes usa o <sup>1</sup>pronome oblíquo muito certo.

- Mas...

- Aqui na vila, pronome oblíquo certo pega mal.

- Sei.

- E outra coisa...

- O quê?

- Os seus discos.

- O toca-discos foi a única coisa que eu consegui salvar quando me despejaram.

- Eu sei. Mas Julio Iglesias?!

(Luís Fernando Veríssimo - *COMÉDIAS DA VIDA PÚBLICA* - 17/07/85)

17. (PUCRJ) Reescreva o período abaixo, substituindo os substantivos destacados por verbos dos quais eles derivem. Faça todas as alterações que julgar necessárias, inclusive de ordenação de elementos na frase.

É fundamental a LUTA das autoridades e dos conservacionistas pela PRESERVAÇÃO da classe média.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O fragmento do texto apresentado foi retirado do romance *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós.\*

FRAGMENTO III

Dias depois o padre Amaro e o cônego Dias tinham ido jantar com o abade da Cortegaça. – Era um velho jovial, muito caridoso, que vivia há trinta anos naquela freguesia e passava por ser o melhor cozinheiro da diocese. Todo o clero das vizinhanças conhecia a sua famosa *cabidela de caça*. O abade fazia anos, havia outros convidados – o padre Natário e o padre Brito: <sup>1</sup>o padre Natário era uma criaturinha biliosa, seca, com dois olhos encovados, muito malignos, a pele picada das beixigas e extremamente irritável. Chamavam-lhe o *Furão*. Era esperto e questionador; tinha fama de ser grande latinista, e ter uma lógica de ferro; e dizia-se dele: *É uma língua de víbora!* Viviam com duas sobrinhas órfãs, declarava-se extremo por elas, gabava-lhes sempre a virtude, e costumava chamar-lhes as *duas rosas do seu canteiro*.

(...)

– E com a confissão, disse o padre Natário. A coisa então vai pelas mulheres, mas vai segura! Da confissão tira-se grande partido.

O padre Amaro, que estivera calado, disse gravemente:

– Mas enfim a confissão é um acto muito sério, e servir assim para eleições...

O padre Natário, que tinha duas rosetas escarlates na face e gestos excitados, soltou uma palavra imprudente:

– Pois o senhor toma a confissão a sério?

Houve uma grande surpresa.

– Se tomo a confissão a sério!? gritou o padre Amaro recuando a cadeira, com os olhos arregalados.

– Ora essa! exclamaram. Oh, Natário! Oh, menino!

O padre Natário exaltado queria explicar, atenuar:

– Escutem, criaturas de Deus! Eu não quero dizer que a confissão seja uma brincadeira! Irra! Eu não sou pedreiro-livre\*\*! O que eu quero dizer é que é um meio de persuasão, de saber o que se passa, de dirigir o rebanho para aqui ou para ali... E quando é para o serviço de Deus, é uma arma. Aí está o que é – a absolvição é uma arma!

– Uma arma! exclamaram.

(CAPÍTULO VII)

\* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

\*\*pedreiro-livre – membro da maçonaria

18. (UERJ 2019) Na fala do narrador acerca do padre Natário (ref. 1), observa-se a repetição de um mesmo tempo e modo verbal, além do uso recorrente de uma classe de palavras para expressar juízos de valor negativos sobre o padre.

Identifique o tempo e modo verbal e justifique seu emprego, relacionando-o ao modo de organização textual desse trecho.

Indique, ainda, uma das palavras do fragmento III que expressam tais juízos de valor, classificando-a gramaticalmente.

19. (PUCRJ - ADAPTADA) A amizade, nos séculos XVIII e XIX, é aceita, valorizada, mas não está em evidência. O amor, o casal e a família ocupam o primeiro plano. As práticas de amizade acrescentam-se a eles, desempenhando muitas vezes papéis secundários. A amizade é alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações.

Todos a dizem essencial: na verdade, é “acessória”. Seu exercício voluntário torna-lhe a existência mais frágil, mais submetida ao acaso. Os valores da amizade parecem tanto mais invocados quanto mais outras obrigações, outras injunções tendem a limitar de fato a possibilidade do seu exercício. A amizade no entanto se exerce, ela ocupa, é atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre-si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança. Nela se conjugam a alegria comum e o ethos, que eu gostaria de traduzir ao mesmo tempo como uso e como fragmento de ética.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 9.

- a) O texto revela o caráter secundário da amizade nos séculos XVIII e XIX, o que fica explícito em “O amor, o casal e a família ocupam o primeiro plano. As práticas de amizade acrescentam-se a eles, desempenhando muitas vezes papéis secundários.” Transcreva do 2º parágrafo do texto o adjetivo que reitera essa ideia.
- b) No texto, há o predomínio de um determinado tempo verbal. Identifique-o e explique o seu emprego.

20. (UNIMEP-SP - ADAPTADA) “Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como este sorriso.» (Fernando Sabino). Indique o tempo e o modo dos verbos negritos.

## GABARITO

---

1. B      2. B      3. D      4. B      5. C  
6. A      7. E      8. A      9. D      10. E  
11. C     12. E     13. A     14. C     15. C

16.

Tanto o futuro do pretérito quanto o advérbio “provavelmente” atribuem ideia de hipótese à causa de o “poder de barganha” dos sindicatos ter-se esfacelado.

17.

É fundamental que as autoridades e os conservacionistas lutem para preservar a classe média.

18.

Os verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo. Posto que o modo e o tempo verbal escolhidos indicam hábitos mantidos no passado, percebe-se a descrição da personagem ao longo de sua vida.

Uma palavra que expressa juízo de valor é “biliosa”, um adjetivo. Poderiam ser citados também os adjetivos “seca” ou “malignos” ou ainda “irritável”.

19.

- a) O adjetivo é a palavra “acessória”.  
b) Há predomínio pelo presente do indicativo para tratar até mesmo de ações do passado.

20.

Queria - futuro do pretérito do indicativo fosse - pretérito imperfeito do subjuntivo

ANOTAÇÕES



# Verbos II: Estudo do Modo Imperativo e das Vozes Verbais

GRAMÁTICA

Competência(s):  
1 e 8

Habilidade(s):  
1, 2, 3 e 27

**AULAS**  
**7 E 8**

## Você DEVE SABER!

- Modo imperativo
- Vozes
- Voz ativa
- Voz passiva (analítica)
- Voz passiva (sintética)
- Voz reflexiva

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

1. (FUVEST) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
  - a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. [Clica aqui!](#)
  - b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
  - c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
  - d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
  - e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.
2. (FUVEST) Leia este texto.

O tempo personalizou minha forma de falar com Deus, mas sempre termino a conversa com um pai-nosso e uma ave-maria.

(...)

Metade da ave-maria é uma saudação floreada para, só no final, pedir que ela rogue por nós. No pai-nosso, sempre será um mistério para mim o “mas” do “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Me parece que, a princípio, se o Pai não nos deixa cair em tentação, já estará nos livrando do mal.

Denise Fraga, [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br), 07/07/2015. Adaptado.

- a) Mantendo-se a relação de sentido existente entre os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal”, a conjunção “mas” poderia ser substituída pela conjunção e, de modo a dissipar o “mistério” a que se refere a autora? Justifique.
  - b) Sem alterar seu sentido, reescreva o trecho da oração citado pela autora, colocando os verbos “deixeis” e “livrai” na terceira pessoa do singular.
3. (FAMERP 2022)



(João Montanaro. [www.folha.fotografia.uol.com.br](http://www.folha.fotografia.uol.com.br))

Considere os textos dos quatro jornais. Ocorre voz passiva

- a) nos três primeiros, apenas.
- b) em todos eles.
- c) no segundo e no quarto, apenas.
- d) apenas no quarto.
- e) apenas no segundo.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Árvores do planeta serão menos longevas: fenômeno impacta estoques naturais de CO<sub>2</sub>

Mesmo crescendo mais rápido, as árvores de florestas de todo o planeta passaram a ter uma vida mais curta, fenômeno que impacta diretamente a vida na Terra. Menos árvores, mais gás carbônico na atmosfera. Altas concentrações de dióxido de carbono levam ao aumento do efeito-estufa, elevação da temperatura, derretimento das calotas de gelo, elevação dos níveis oceânicos e mudanças nos padrões de chuvas, entre outras consequências. As causas podem estar associadas à baixa disponibilidade de água e ao aumento da temperatura terrestre. Para chegar a esses resultados, pesquisadores dos Departamentos de Botânica e de Ecologia, do Instituto de

Biociências (IB) da USP, em conjunto com colegas de universidades da Inglaterra, Alemanha e Chile, fizeram análise de dados de praticamente todos os biomas terrestres e trazem informações mais detalhadas sobre a floresta amazônica. “A redução na longevidade das árvores significa que o carbono ficará menos tempo estocado nos troncos. Quando elas morrem, liberam CO<sub>2</sub> de volta para a atmosfera, tornando o ciclo do carbono mais dinâmico, reduzindo potencialmente a quantidade de carbono nas florestas tropicais”, explica o biólogo Giuliano Locosselli. O estudo analisou dados de florestas do mundo inteiro e nessas análises <sup>1</sup>foi encontrado um valor crítico de temperatura 25 média anual, que é o de 25,4 °C, acima do qual a longevidade das árvores tropicais diminui drasticamente. Na floresta amazônica, por exemplo, estudos mais recentes mostram que a temperatura ambiente vem se mantendo acima dessa medida já há algumas décadas. Já a floresta do Congo, na África Central, a segunda maior floresta tropical do mundo, terá temperatura acima dessa medida até 2050. <sup>2</sup>Há evidências científicas recentes do aumento da mortalidade naquela região que não haviam sido observadas ao longo de décadas.

Ferreira, I. “Árvores do planeta serão menos longevas: fenômeno impacta estoques naturais de CO<sub>2</sub>”. *Jornal da USP (Ciências ambientais)*. 15/12/2020. Disponível em: <https://bit.ly/3scu3WY/>. Adaptado.

4. (FUVEST-ETE 2022) Assinale a alternativa que corresponde à transposição correta do fragmento “foi encontrado um valor crítico de temperatura média anual” (ref. 1) para a voz passiva sintética.
- a) Encontrou-se um valor crítico de temperatura média anual.
  - b) Encontraram um valor crítico de temperatura média anual.
  - c) Tinha sido encontrado um valor crítico de temperatura média anual.
  - d) Encontrariam um valor crítico de temperatura média anual.
  - e) Encontraram-se um valor crítico de temperatura média anual.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

1. **(ENEM 2ª APLICAÇÃO)** Descubra e aproveite um momento todo seu. Quando você quebra o delicado chocolate, o irresistível recheio cremoso começa a derreter na sua boca, acariciando todos os seus sentidos. Criado por nossa empresa. Paixão e amor por chocolate desde 1845.

*Veja, n. 2.320, 8 mai. 2013 (adaptado).*

O texto publicitário tem a intenção de persuadir o público-alvo a consumir determinado produto ou serviço. No anúncio, essa intenção assume a forma de um convite, estratégia argumentativa linguisticamente marcada pelo uso de

- a) conjunção (quando).
- b) adjetivo (irresistível).
- c) verbo no imperativo (descubra).
- d) palavra do campo afetivo (paixão).
- e) expressão sensorial (acariciando).

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia um trecho do artigo “Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões).

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevan-

te em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

*(Folha de S.Paulo, 07.06.1998.)*

2. **(UNIFESP)** “Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que **a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo**, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia.” (4º parágrafo)

Ao se converter o trecho destacado para a voz passiva, o verbo “influencia” assume a seguinte forma:

- a) é influenciada.
- b) foi influenciada.
- c) era influenciada.
- d) seria influenciada.
- e) será influenciada.

3. **(ENEM 2ª APLICAÇÃO)** O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. Siga adiante e entenda o que está acontecendo (e aproveite que, segundo uma das mais recentes descobertas, nenhum exercício para o seu cérebro é tão bom quanto a leitura).

*KENSKI, R. A revolução do cérebro.*

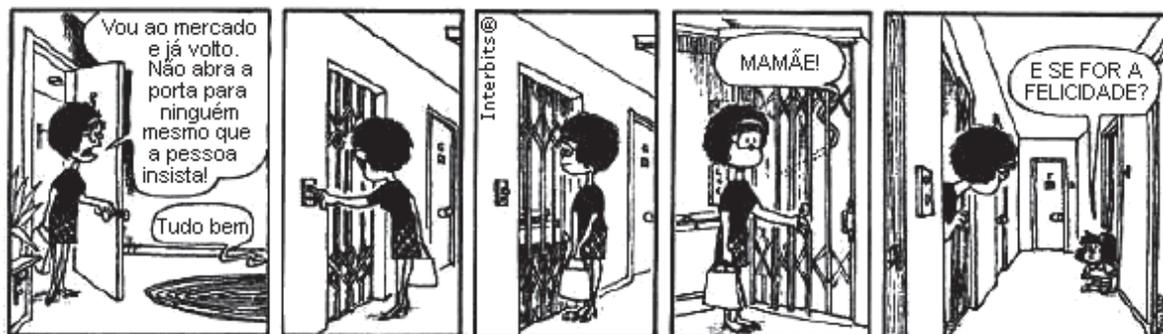
*Superinteressante, ago. 2006.*

Nessa introdução de uma matéria de popularização da ciência, são usados recursos linguísticos que estabelecem interação com o leitor, buscando envolvê-lo. Desses recursos, aquele que caracteriza a persuasão pretendida de forma mais incisiva se dá pelo emprego

- a) do pronome possessivo como em “O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa”.
- b) de verbos na primeira pessoa do plural como “entendemos” e “somos”.
- c) de pronomes em primeira pessoa do plural como “nossa” e “nós”.
- d) de verbos no modo imperativo como “siga” e “aproveite”.
- e) de estruturas linguísticas avaliativas como “tão bom quanto a leitura”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Mafalda e a felicidade



QUINO, 10 anos com Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 2010

4. (IFSUL) Observe.

Não abra a porta...

Se o enunciado acima passasse para o imperativo afirmativo e o tratamento dado fosse o de segunda pessoa, qual das construções estaria de acordo com a norma culta da língua?

- a) Abre a porta...
- b) Abres a porta...
- c) Abra a porta...
- d) Abras a porta...

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Como se Tornar um Ativista

Coescrito por Equipe wikiHow

Os ativistas são pessoas que acreditam que o mundo precisa mudar e, assim, dedicam tempo a ações que facilitem tais transformações. Como se pode ver em ativistas jovens, as barreiras estruturais, sociais ou econômicas da sociedade não podem impedir ninguém de ir atrás daquilo em que acredita e de promover coisas positivas. Se tem interesse por algo assim, comece a estudar o problema, busque maneiras de se envolver (pessoal e virtualmente) e, se possível, desenvolva uma carreira nessa área. Leia as dicas deste artigo para saber mais!

#### Método 1 - Buscando e alimentando a vontade de promover mudanças

1. **Identifique e especifique as causas que despertam o seu interesse.** Quando olha para o mundo à sua volta, o que parece interessante? O que traz esperança? E raiva? O que faz você ter medo do futuro? Pense em coisas boas (como lutar pela distribuição de merendas mais saudáveis nas escolas) ou ruins (como lutar contra o bullying entre adolescentes).
2. **Trace metas ambiciosas, mas realistas.** Ao longo da história, ativistas individuais conseguiram derrubar impérios, libertar os oprimidos e abrir as mentes das pessoas para ideias novas. Hoje, até os adolescentes conseguem melhorar os lugares onde moram ou conscientizar as pessoas em relação aos movimentos de igualdade social por meio do ativismo. Se você quiser conquistar uma meta, seja específico quanto ao que espera e como pretende chegar lá.
3. **Comece a participar (ou crie) uma organização que defenda a causa.** Se lutar pelas mesmas causas sociais que outros ativistas, você pode começar a participar das organizações que já existem nessa área. Tudo é válido: desde um grupo pequeno de estudantes a uma instituição mais nacional, como uma ONG.
4. **Faça ações voluntárias.** Uma das melhores formas de fazer a diferença é dedicar tempo a uma causa social. Entre em contato com organizações locais que façam um trabalho interessante e mostre que está disposto a colaborar.

5. **Envolva parentes e amigos.** Fale sobre a causa social e convide-os a participar. Se eles se interessarem, instrua-os sobre todas as atividades de ativismo nas quais você está se envolvendo e conte as suas experiências. Se alguém quiser participar, dê todo o apoio.
6. **Seja uma pessoa exemplar.** Uma das formas de ativismo mais simples e importante é colocar em prática aquilo em que você acredita – ou seja, fazer um “ativismo consciente”. Incorpore a causa ao seu dia a dia: viva e aja de formas que contribuam diretamente com o problema em questão (reduzir a emissão de gases poluentes, usar produtos sustentáveis etc.).

### Método 2 - Fazendo ativismo na internet

1. **Divulgue a causa nas redes sociais.** Você pode usar a rede para compartilhar as causas que defende com amigos e seguidores. Poste artigos informativos, escreva sobre o que está fazendo e convide as pessoas para eventos ou incentive-as a doar dinheiro e outros recursos. O Facebook, o Twitter e o Instagram são ótimos lugares para começar.
2. **Explique e comprove os dados da causa de acordo com a sua perspectiva.** Seja qual for – desde a proliferação da identidade de gênero às questões relacionadas ao respeito, por exemplo –, você vai se deparar com muitas pessoas que têm opiniões diferentes na internet. Algumas delas nunca vão mudar de ideia, mesmo que você mostre que elas estão enganadas, enquanto outras vão ouvir a voz da razão.
3. **Divulgue e compartilhe petições na internet.** Graças à internet, criar abaixo-assinados já não envolve trabalho físico. Existem inúmeros sites e plataformas de redes sociais que disponibilizam esse recurso, como o change.org.

### Método 3 - Sendo um ativista bem informado

1. **Leia bastante sobre a causa.** Antes de se envolver com o problema, informe-se bem. Vá à biblioteca pública ou da escola ou faculdade e pegue livros que estejam relacionados à causa. Faça uma pesquisa na internet para encontrar páginas de organizações de ativistas. Assista aos noticiários ou leia jornais, revistas ou outros meios para descobrir mais sobre a causa.
2. **Participe de cursos sobre a causa que você representa.** Se você está na escola ou faculdade, pode se matricular em disciplinas que ajudem a melhorar a sua compreensão da questão. Por exemplo: se quiser lutar por uma causa ambientalista, vá a aulas de biologia dedicadas ao assunto.
3. **Ouçá as pessoas que mais são afetadas pelo problema.** Se você se interessar por uma causa que afeta outras pessoas, uma das melhores formas de ajudar é dar voz a elas. Caso não consiga fazer isso pessoalmente, use as redes sociais para entrar em contato ou leia livros e matérias na internet sobre tais indivíduos.
4. **Converse com outros ativistas.** Se conhece outras pessoas locais que lutam pela mesma causa, entre em contato com elas para descobrir o que já está acontecendo na área e como você pode ajudar mais.

### Método 4 - Seguindo carreira no ativismo

1. **Faça um curso de graduação que tenha a ver com ativismo.** Se você já está na faculdade ou ainda vai começar, pense em se dedicar a uma área que esteja ligada à causa social. Por exemplo: estude no campo da liderança organizacional ou faça algo mais específico ao problema, como na ciência ambientalista ou nos estudos sociais das mulheres.
2. **Tente fazer estágios na área.** Se é novato no mercado de trabalho, o melhor lugar para começar a carreira de ativista é no estágio. Durante ou depois da faculdade, tente encontrar oportunidades que tenham a ver com os seus interesses – nas organizações que mais lhe chamam a atenção. Converse com os responsáveis dessas instituições para descobrir mais. Fazer um ou mais estágios pode dar o pontapé inicial em uma carreira de sucesso.
3. **Busque empregos na área.** Se já está preparado para começar a trabalhar, tente encontrar vagas relevantes no mercado de trabalho. Veja se as instituições de caridade e afins nas quais se inspira têm alguma oportunidade legal. Por exemplo: se você é bom na redação e edição de textos, tente encontrar uma vaga de redator para um site de ativismo; se é bom para planejar e coordenar eventos, tente trabalhar como coordenador voluntário etc.

## Dicas

- Seja criativo! Nem toda causa de ativismo precisa envolver grandes eventos. Você pode fazer a diferença mesmo se trabalhar dentro de casa. Os blogueiros podem ser ativistas por meio da internet; os professores podem incentivar os alunos a lutar pela causa; os artistas podem distribuir obras relacionadas ao tema pela cidade; os *nerds* da computação podem trabalhar com a parte da programação etc.
- Quando trabalhar com outras pessoas, pense primeiro nas necessidades coletivas. Disponha-se a dar o braço a torcer se isso for trazer benefícios a todos.

5. (UFJF-PISM 1 2021) O uso das formas verbais no imperativo (trace / comece/ faça ...) evidencia
- a) a crítica imposta àqueles que não agem para mudar o mundo.
  - b) a natureza normativa do texto I, ao instituir o ativismo jovem.
  - c) a obrigatoriedade de se seguirem à risca as orientações para ser um ativista.
  - d) a possibilidade de se escolher a melhor forma de se tornar um ativista.
  - e) a proposição de instruções para quem quer se tornar um ativista.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Um caminho tortuoso

Do jeito que a ciência é ensinada nas escolas, não é à toa que a maioria das pessoas acha que o conhecimento científico cresce linearmente, sempre se acumulando. No entanto, uma rápida olhada na história da ciência permite ver que não é bem assim: o caminho que leva ao conhecimento é tortuoso e, às vezes, vai até para trás, quando uma ideia errada persiste por mais tempo do que deveria.

Isso pode ocorrer por razões como censura política [...] ou por ideologias na classe científica, defendidas por membros influentes.

Apresentar a ciência nas escolas e universidades ou nos meios informais de comunicação como uma crença infalível da civilização esconde um de seus lados mais interessantes: o drama da descoberta, as incertezas da criatividade.

Cientistas tendem a reagir negativamente às ideias que ameaçam o que eles pensam ser a verdade. Por um lado, essa descrença é essencial, dado que a maioria das ideias novas está errada. Por outro, ela pode revelar um conservadorismo que trava o avanço do conhecimento. Um bom exemplo disso é o experimento de Albert Michelson e Edward Morley, realizado em 1887 para detectar o movimento da Terra através do éter, o meio material cuja função era servir de suporte para a propagação das ondas de luz.

Tal qual as ondas de som se propagam no ar, supunha-se que as ondas luminosas também necessitassem de um meio para se propagar, o éter. O experimento mediria as diferenças na velocidade da luz quando um raio luminoso ia contra o éter ou a favor, como quando andamos de bicicleta e sentimos um “vento” contra nosso corpo. (Uma bola jogada contra ou a favor do “vento” terá velocidades diferentes.)

Para total e completa surpresa da comunidade científica, o experimento não detectou diferenças na velocidade da luz em qualquer direção.

Em meio à perplexidade generalizada, várias tentativas de explicar o achado foram propostas, inclusive uma por George Fitzgerald e Hendrik Lorentz que sugeria que as hastes do aparato podiam encolher na direção do movimento. Esse encolhimento de fato existe, mas não como proposto pelos dois.

Apenas em 1905 Einstein explicou o que estava acontecendo, com sua teoria da relatividade especial: o éter não existe - a velocidade da luz é sempre a “mesma, uma constante da natureza”.

Observações recentes andam questionando a existência de um outro meio material ainda não detectado, a matéria escura. Essa matéria, supostamente feita de partículas diferentes das que compõem o que conhecemos no Universo (ou seja, coisas feitas de elétrons, prótons e nêutrons), deve ser seis vezes mais abundante que a matéria comum e se aglomerar em torno de galáxias, inclusive a nossa.

As observações não detectaram a quantidade esperada de matéria escura. E agora? A coisa é complicada porque existem outros métodos de detecção da matéria escura que parecem bastante claros. Qualquer que seja a resolução do impasse atual, estou certo de que algo de novo e surpreendente está para acontecer. Será interessante ver a reação da comunidade ao se deparar com o inesperado.

GLEISER, Marcelo. Um caminho tortuoso. *Folha de São Paulo*, 29 de abril de 2012. Com adaptações.

6. (EAM 2022) Assinale a opção correta em que o trecho em destaque corresponde à voz do verbo.
- a) “Observações recentes andam questionando a existência [...]” (9º§) - voz reflexiva.
  - b) “Cientistas tendem a reagir negativamente às ideias [...]” (4º§) - voz passiva sintética.
  - c) “Do jeito que a ciência é ensinada nas escolas [...]” (1º§) - voz passiva analítica.
  - d) “[...] várias tentativas de explicar o achado foram propostas [...]” (7º§) - voz passiva sintética.
  - e) “Tal qual as ondas de som se propagam no ar [...]” (5º§) - voz ativa analítica.

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à(s) questão(ões) abaixo.

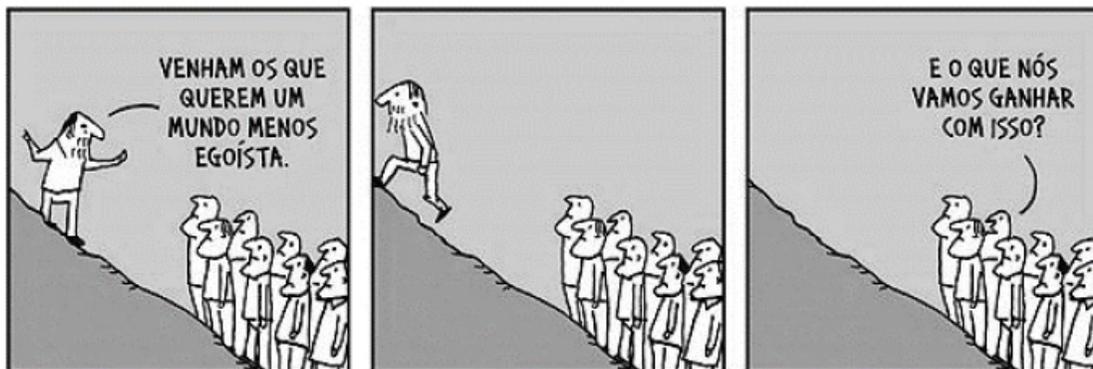
De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo. A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, Dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

7. (UNESP) O trecho “As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe.” (2º parágrafo) foi construído na voz passiva. Ao se adaptar tal trecho para a voz ativa, a locução verbal “foram substituídas” assume a seguinte forma:
- a) substitui.
  - b) substituíram.
  - c) substituiriam.
  - d) substituiu.
  - e) substituem.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



André Dahmer, Folha de S. Paulo, Ilustrada, 14/05/2016. Extraído de "Quadrinhos dos anos 10".

8. (G1 - COTUCA 2020) Qual das alternativas a seguir melhor indica o modo verbal e uma interpretação para o uso do verbo “venham” nos quadrinhos?
- a) O modo verbal empregado é o subjuntivo, sugerindo uma ação possível aos ouvintes.
  - b) O modo verbal empregado é o subjuntivo, apresentando uma possibilidade de ação possível aos ouvintes.
  - c) O modo verbal empregado é o subjuntivo, mostrando a incerteza do falante em relação à ação sugerida aos ouvintes.
  - d) O modo verbal empregado é o imperativo, apresentando um convite a todos os ouvintes.
  - e) O modo verbal empregado é o imperativo, apresentando um conselho a todos os ouvintes.

Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se. Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na *Gazeta*, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(*S. Bernardo*, 1996.)

9. (UNESP 2019) Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:
- “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços.” (7º parágrafo)
  - “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto.” (10º parágrafo)
  - “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.” (3º parágrafo)
  - “Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.” (5º parágrafo)
  - “Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.” (6º parágrafo)

## 10. (UEG)



Disponível em: <<http://www.blogdefrases.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2014. (Adaptado).

Na tirinha, a locutora utiliza o imperativo verbal para desafiar seu interlocutor a lhe apresentar uma prova de amor. Essas formas imperativas apresentam um caso de variação na pessoa do verbo, tendo a seguinte configuração:

- "mate" e "peça" são formas de 2ª pessoa que derivam do presente do modo indicativo e se correlacionam ao pronome de 2ª pessoa "tu".
- "prova" e "coloca" são formas de 3ª pessoa que derivam do presente do modo subjuntivo e se correlacionam ao pronome de 3ª pessoa "você".
- "prova" e "coloca" são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome "tu"; "mate" e "peça" são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome "você".
- "mate" e "peça" são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome "tu"; "prova" e "coloca" são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome "você".

A(s) questão(ões) a seguir está(ao) relacionada(s) ao texto abaixo.

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um "brasil" escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei <sup>1</sup>ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer<sup>2</sup>, <sup>3</sup>e o Brasil que designa um povo, uma <sup>4</sup>nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O "brasil" com b minúsculo é apenas um objeto sem vida<sup>5</sup>, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de <sup>6</sup>se reproduzir como sistema. <sup>7</sup>Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, <sup>8</sup>isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre <sup>9</sup>si<sup>10</sup>; como é que cada um depende do outro; e <sup>11</sup>como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de <sup>12</sup>pátria".

<sup>13</sup>Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses <sup>14</sup>ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os <sup>15</sup>jeitos" de cada grupo humano.

<sup>16</sup>Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? <sup>17</sup>A pergunta, <sup>18</sup>na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, <sup>19</sup>o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos <sup>20</sup>português e não <sup>21</sup>francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de <sup>22</sup>coisas" (e de experiências) <sup>23</sup>para se construir como algo único.

<sup>24</sup>Nessa perspectiva, a chave para entender a <sup>25</sup>sociedade brasileira é uma <sup>26</sup>chave dupla. <sup>27</sup>E, <sup>28</sup>para mim, a capacidade relacional — do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, <sup>29</sup>portanto, discutir o Brasil como uma <sup>30</sup>moeda. Como algo que tem dois lados. <sup>31</sup>E mais: como uma realidade que nos tem <sup>32</sup>iludido, precisamente porque <sup>33</sup>nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o <sup>34</sup>brasil, <sup>35</sup>Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade.

In: \_\_\_\_\_. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

11. (UFRGS) Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.
- como os dois formam uma realidade única (ref. 11) – como uma realidade única é formada pelos dois.
  - Trata-se, sempre, da questão de identidade (ref. 16) – é tratado, sempre, da questão de identidade.
  - A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante (ref. 17) – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.
  - o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses (ref. 19) – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.
  - nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora (ref. 33) – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A seguir, você lerá trechos de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tôquio, 1933-). Esses trechos estão na primeira parte do livro, intitulada “Música”, em que a autora fornece “instruções” para que seus leitores componham músicas.

**Texto 1:**

**Composição da batida**

Ouçã uma batida de coração

**Texto 2:**

**Composição do amanhecer**

Pegue a primeira palavra que vier à sua cabeça.

Repita a palavra até o amanhecer.

**Texto 3:**

**Composição do sanduíche de atum**

Imagine mil sóis no

céu ao mesmo tempo.

Deixe-os brilhar por uma hora.

Então, deixe-os derreter gradualmente no céu.

Faça um sanduíche de atum e coma.

(ONO, Yoko. *Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings* by Yoko Ono. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].).

12. (UFJF-PISM 1 2019) A formação do modo **imperativo afirmativo** dos verbos **repita**, **deixe** e **faça**, presente nos **Textos 1, 2 e 3**, é a mesma que encontramos no item:
- Vai à farmácia para mim, menino?
  - Pega aquele livro em cima da mesa para eu ler?
  - Feche a janela da sala, por favor.
  - Guarda esse segredo, viu?
  - Arruma sua mala agora!

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O menino do alto Eliane Brum Leandro Siqueira dos Santos nunca havia reparado que nascera numa cidade partida. Perdeu a inocência no instante da descoberta. Quando <sup>1</sup>os doutores disseram que nada mais poderiam fazer por ele, o pai arranhou uma porta velha, bichada, e sobre ela deitou o filho. Com a ajuda de parentes, dos vizinhos, do povo de cima, <sup>2</sup>carregou-o até o alto de seu destino. Pela primeira vez o menino decifrou o precipício de sua vida. Pela primeira vez sentiu medo do barranco, das pedras, das cicatrizes escalavradas na terra. O menino percebeu naquele exato momento que <sup>3</sup>havia nascido com todas as pontes dinamitadas. Quando compreendeu, começou a envelhecer. <sup>4</sup>Até a voz mudou. (...)

<sup>5</sup>Quando se mergulha no coma, o corpo dorme. Os membros, <sup>6</sup>as articulações desmaiam como se perdessem a vida. Para que <sup>7</sup>não se cristalizem no lugar errado, <sup>8</sup>é preciso que um fisioterapeuta movimente os pés, as mãos, dia após dia. Não fizeram com o menino do alto. <sup>9</sup>Selaram seu destino com a displicência com que a planície trata a cidade de cima. <sup>10</sup>Não foi o acidente que roubou a liberdade do menino. <sup>11</sup>Não foi o traumatismo craniano que retorceu seus pés. Foi crime.

Fragmento. BRUM, Eliane. O menino do alto. In: \_\_\_\_\_. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago 2006. p. 72 e 73.

13. (FMC 2022) Na voz passiva sintética, a oração sublinhada em “...é preciso que um fisioterapeuta movimente os pés, as mãos, dia após dia” (ref. 8) teria a seguinte estrutura, de acordo com a norma padrão:
- Se movimente os pés, as mãos, dia após dia.
  - Se movimentem os pés, as mãos, dia após dia.
  - Sejam movimentados os pés, as mãos, dia após dia.
  - Estejam movimentados os pés, as mãos, dia após dia.
  - Fossem movimentados os pés, as mãos, dia após dia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Crônica parafraseada de uma Síria em guerra**

Ela abre os olhos. Não fosse o cheiro horrível de morte, o silêncio seria até agradável, mas o olfato a lembra que não há paz <sup>1</sup>– nem pessoas, vizinhos, crianças. A trégua na manhãzinha não traz esperança. Tão somente lhe permite descansar o corpo, mas não a mente. As lembranças da noite anterior ainda produzem sobressaltos. Bombas, casas caindo e soldados gritando.

Levanta-se, bebe o pouco da água que restou do copo ao lado da cama. Já não é tão limpa, nem farta como antes. Sempre um gosto amargo misturado com H<sub>2</sub>O.

Abre a geladeira, e só encontra comida enlatada e congelada. E mesmo não tão congelada assim, já que os cortes diários de eletricidade derretem as camadas de gelo.

Os sobrinhos ainda dormem, e ela tenta orar. Não consegue. A mente desconcentra-se facilmente. Em uma prece fragmentada, pede a Deus descanso e trégua. E faz a oração sem pensar muito. Não precisa; é a mesma oração das últimas semanas.

Ela não quer sair de casa. Não é teimosia, é falta de opção. “Para onde ir?”, pergunta, com uma voz desesperançosa. Está tão confusa que não consegue imaginar saídas.

Nem a piedade de enterrar os mortos o governo permite. Cadáveres estão espalhados pelas ruas. As forças de Assad impediram de sepultar ou mesmo remover os restos mortais. Ou seja, mesmo viva, ela não tem como fugir da morte escancarada diante de seus olhos. Não é fácil acreditar na vida, quando a realidade grita o contrário.

Se não podem sepultar os mortos, os sobreviventes tentam ao menos ajudar a curar as feridas dos machucados. Não podem levá-los aos hospitais da cidade, já que há um medo generalizado de que o governo prenda os feridos como se fossem prisioneiros de guerra. Resta improvisar atendimento nos campos. Não bastasse a precariedade do atendimento, não há medicamentos suficientes.

Rebeca, de 32 anos, é trabalhadora autônoma. Ou melhor, “era. Agora já não sabe mais o que é e o que faz em sua cidade Damasco, capital da Síria.

Crônica parafrazeada do depoimento de uma moradora da capital da Síria (identificada apenas pela letra “R”) ao jornal *Folha de São Paulo*, de quarta-feira, dia 25. A Síria está em revolta há 16 meses contra a ditadura de Bashar al-Assad. Nos últimos dias, o confronto contra os rebeldes se acirrou e as mortes aumentaram.

Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/fatosecorrelatos/2012/07/26/cronica-parafrazeada-de-uma-siria-em-guerra/>> Acesso em: 14 set. 2015.

**14. (G1 - IFSUL) Leia:**

“Levanta-se, bebe o pouco da água que restou do copo ao lado da cama.”

Tomando-se a frase isoladamente do texto, caso o pronome “se” fosse substituído pelo pronome “te”, o verbo levantar

- sofreria mudança em seu modo verbal, passando do subjuntivo para o imperativo, e o verbo beber permaneceria inalterado.
- não sofreria alteração em seu modo verbal, permanecendo no indicativo, assim como o verbo beber.

c) sofreria modificação em seu modo verbal, passando do indicativo para o imperativo, e o verbo beber não necessitaria de ajustes.

d) não sofreria alteração em seu modo verbal, permanecendo no subjuntivo, mas o verbo beber seria modificado.

**15. (FUVEST 2020) Leia o trecho extraído de uma notícia veiculada na internet:**

“O carro furou o pneu e bateu no meio fio, então eles foram obrigados a parar. O refém conseguiu acionar a população, que depois pegou dois dos três indivíduos e tentaram linchar eles. O outro conseguiu fugir, mas foi preso momentos depois por uma viatura do 5º BPM”, afirmou o major.

Disponível em <https://www.gp1.com.br/>.

No português do Brasil, a função sintática do sujeito não possui, necessariamente, uma natureza de agente, ainda que o verbo esteja na voz ativa, tal como encontrado em:

- “O carro furou o pneu”.
- “e bateu no meio fio”.
- “O refém conseguiu acionar a população”.
- “tentaram linchar eles”.
- “afirmou o major”.

Leia o poema “O sobrevivente”, extraído do livro *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930.

**O sobrevivente**

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.

Impossível escrever um poema — uma linha que seja — de verdadeira poesia.

O último trovador morreu em 1914.

Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.

Se quer fumar um charuto aperte um botão.

Paletôs abotoam-se por eletricidade.

Amor se faz pelo sem-fio.

Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta muito para atingirmos um nível razoável de cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoraram e matam-se como percevejos.

Os percevejos heroicos renascem.

Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.

E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

(Poesia 1930-1962, 2012.)

**16. (UNESP 2020)**

- a) Que relação pode ser estabelecida entre os dois primeiros versos e o último verso do poema?  
 b) Reescreva, na voz passiva, o trecho sublinhado no último verso do poema “(Desconfio que escrevi um poema.)”.

**17. (FUVEST)** Leia o seguinte texto, que trata das diferenças entre fala e escrita:

Talvez ainda mais digno de atenção seja o desaparecimento [na escrita] da mímica e das inflexões ou variações do tom da voz. A sua falta tem de ser suprida por outros recursos.

*É, neste sentido, que se torna altamente instrutiva a velha anedota, que nos conta a indignação de um rico fazendeiro ao receber de seu filho um telegrama com a frase singela – “mande-me dinheiro”, que ele lia e relia emprestando-lhe um tom rude e imperativo. O bom homem não era tão néscio quanto a anedota dá a entender: estava no direito de exigir da formulação verbal uma qualidade que lhe fizesse sentir a atitude filial de carinho e respeito e de refugar uma frase que, sem a ajuda de gestos e entoação adequada, soa à leitura espontaneamente como ríspida e seca.*

J. Mattoso Câmara Jr., *Manual de expressão oral e escrita.*

Adaptado.

- a) Considerando-se que o verbo da frase do telegrama está no imperativo, se essa mesma frase fosse dita em uma conversa telefônica, haveria possibilidade de o pai entendê-la de modo diferente? Explique.  
 b) Reescreva a frase do telegrama, acrescentando-lhe, no máximo, três palavras e a pontuação adequada, de modo a atender a exigência do pai, mencionada no texto.
- 18. (FUVEST)** Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham  
 Com a luz do sol,  
 E a beleza das mulheres  
 Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

- a) Reescreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo “Décadas atrás” por “Ainda hoje” e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.  
 b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de NOVINHAS EM FOLHA e de RESPLANDECENTES, no comentário feito pelo autor do texto?

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Procura da Poesia

Não faça versos sobre acontecimentos,

Não há criação nem morte perante a poesia.

Diante dela, a vida é um sol estático,

não aquece nem ilumina.

As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

- 19. (UNESP)** Nos fragmentos do poema, há vários verbos empregados na 2ª pessoa do modo imperativo, pressupondo o sujeito tu.  
 a) Transcreva esses verbos.  
 b) Ponha os verbos transcritos, na 3ª pessoa, pressupondo o sujeito você.
- 20. (FUVEST 2018)** Leia o texto.

No Brasil colonial, o indissolúvel vínculo do matrimônio, tal como ele era concebido pela Igreja Católica, nem sempre terminava com a morte natural de um dos cônjuges. A crise do casamento assumia várias formas: a clausura das mulheres, enquanto os maridos continuavam suas vidas; a separação ou a anulação do matrimônio decretadas pela Igreja; a transgressão pela bigamia ou mesmo pelo assassinio do cônjuge.

Maria Beatriz Nizza da Silva, *História da Família no Brasil Colonial.* Adaptado.

- a) No texto, que ideia é sintetizada pela palavra “crise”?  
 b) Reescreva a oração “tal como ele era concebido pela Igreja Católica”, empregando a voz ativa e fazendo as adaptações necessárias.

## GABARITO

---

1. C      2. A      3. D      4. A      5. E  
6. C      7. B      8. D      9. A      10. C  
11. A     12. C     13. B     14. C     15. A

16.

- a) Enquanto que, nos dois primeiros versos, o eu lírico exprime a impossibilidade de “compor um poema a essa altura da evolução da humanidade”, no último hesita na desconfiança de que, realmente, o compôs. Trata-se de uma reflexão metalinguística de oposição sobre o fazer poético que pode acontecer mesmo na ausência de qualquer circunstância que o tornasse compreensível ou natural.
- b) Na voz passiva, o trecho sublinhado em “Desconfio que escrevi um poema.” teria a seguinte redação: *um poema foi escrito por mim.*

17.

- a) Sim, caso a conversa entre pai e filho se desse por telefone, a entonação utilizada haveria de desfazer o tom imperativo que a frase escrita possui.
- b) Uma possível resposta é “Papai, mande-me dinheiro, por favor?”.

18.

- a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
- b) “Novinhas em folha” justifica-se pela remissão a “desabrocham”; “resplandecentes”, pela remissão a “a luz do sol”.

19.

- a) Os verbos na 2ª pessoa do singular do modo imperativo são “não faça”, “penetra”, “chega” e “contempla”.
- b) “Não faça”, “penetre”, “chegue”, “contemple”.

20.

- a) O termo “crise” refere-se a conflitos matrimoniais que obrigavam à separação do casal, contrariando assim os preceitos da Igreja Católica que considerava o casamento como um vínculo indissolúvel.
- b) Na voz ativa, a oração apresentaria a seguinte configuração: *tal como a Igreja Católica o concebía.*

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
1 e

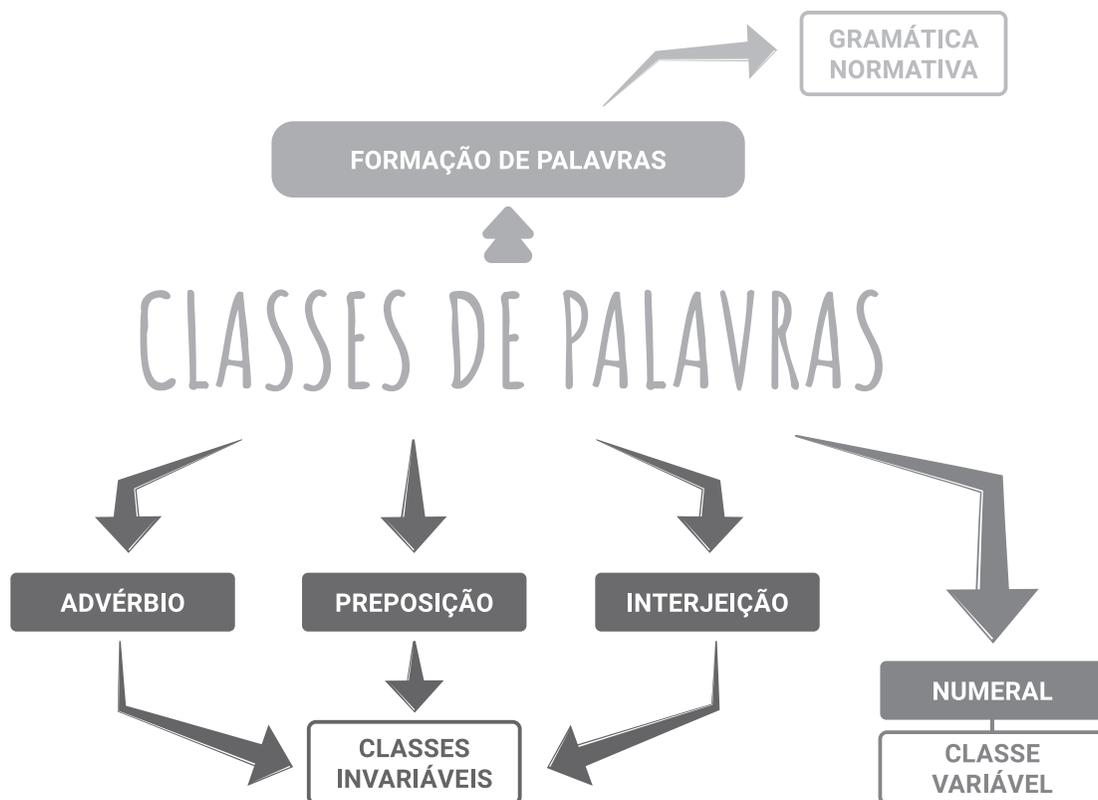
Habilidade(s):  
1, 2, 3 e 27

## AULAS 9 E 10

### VOCÊ DEVE SABER!

- Advérbios
- Classificação dos advérbios
- Palavras denotativas que se assemelham aos advérbios
- Locuções adverbiais
- Graus dos advérbios
- Grau comparativo
- Grau superlativo
- O advérbio aplicado ao texto
- Advérbio X Adjetivo

### MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

<sup>1</sup>Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como <sup>6</sup>os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: <sup>2</sup>o mal está “sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, <sup>5</sup>infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do <sup>3</sup>“pega um, pega geral”.

Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. VEJA. 21/08/2013.

1. (UECE) Atente para as seguintes afirmações sobre alguns dos elementos do texto.

- I. Os gramáticos modernos distinguem os **advérbios frásicos** (aqueles advérbios que modificam um elemento da frase, como em *Ele correu muito*.) dos **advérbios extrafrásicos** (aqueles que são exteriores à frase, estão no âmbito da enunciação, como em *Ele, naturalmente, passou de primeira, não foi?*). Esse segundo grupo congrega os advérbios avaliativos, isto é, que indicam uma avaliação do enunciador acerca do conteúdo enunciado. No texto em estudo, temos um advérbio frásico (ref. 4): “sempre”; e um advérbio extrafrásico (ref. 5): “infelizmente”.
- II. Na expressão “os três prudentes macaquinhos orientais” (ref. 6), o artigo definido “os” confere a “três macaquinhos orientais” o status de informação conhecida.
- III. O texto, embora constitua apenas um excerto do parágrafo original, apresenta a estrutura paragrafada canônica: tópico frasal ou introdução, desenvolvimento e conclusão.

Está correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I, II e III.
- d) II apenas.

2. (UNICAMP)



(Bruno Fonseca. Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/museumazzaropi/>. Acessado em 31/08/2017.)

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que o autor explora o fato de que palavras como “ontem”, “hoje” e “amanhã”

- mudam de sentido dependendo de quem fala.
- adquirem sentido no contexto em que são enunciadas.
- deslocam-se de um sentido concreto para um abstrato.
- evidenciam o sentido fixo dos advérbios de tempo.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Buscando a excelência

Lya Luft

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeira. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delinea com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista *Veja*, de 26.09.2012. Adaptado).

- (G1 - IFSP)** Assinale a classe de palavras correspondente a cada uma das palavras grifadas no trecho: *A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente.*
  - adjetivo, advérbio, advérbio.
  - advérbio, adjetivo, advérbio.
  - advérbio, advérbio, adjetivo.
  - adjetivo, adjetivo, adjetivo.
  - advérbio, advérbio, advérbio.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Como se Tornar um Ativista

Coescrito por Equipe wikiHow

Os ativistas são pessoas que acreditam que o mundo precisa mudar e, assim, dedicam tempo a ações que facilitam tais transformações. Como se pode ver em ativistas jovens, as barreiras estruturais, sociais ou econômicas da sociedade não podem impedir ninguém de ir atrás daquilo em que acredita e de promover coisas positivas. Se tem interesse por algo assim, comece a estudar o problema, busque maneiras de se envolver (pessoal e virtualmente) e, se possível, desenvolva uma carreira nessa área. Leia as dicas deste artigo para saber mais!

## Método 1 - Buscando e alimentando a vontade de promover mudanças

1. **Identifique e especifique as causas que despertam o seu interesse.** Quando olha para o mundo à sua volta, o que parece interessante? O que traz esperança? E raiva? O que faz você ter medo do futuro? Pense em coisas boas (como lutar pela distribuição de merendas mais saudáveis nas escolas) ou ruins (como lutar contra o bullying entre adolescentes).
2. **Trace metas ambiciosas, mas realistas.** Ao longo da história, ativistas individuais conseguiram derrubar impérios, libertar os oprimidos e abrir as mentes das pessoas para ideias novas. Hoje, até os adolescentes conseguem melhorar os lugares onde moram ou conscientizar as pessoas em relação aos movimentos de igualdade social por meio do ativismo. Se você quiser conquistar uma meta, seja específico quanto ao que espera e como pretende chegar lá.
3. **Comece a participar (ou crie) uma organização que defenda a causa.** Se lutar pelas mesmas causas sociais que outros ativistas, você pode começar a participar das organizações que já existem nessa área. Tudo é válido: desde um grupo pequeno de estudantes a uma instituição mais nacional, como uma ONG.
4. **Faça ações voluntárias.** Uma das melhores formas de fazer a diferença é dedicar tempo a uma causa social. Entre em contato com organizações locais que façam um trabalho interessante e mostre que está disposto a colaborar.
5. **Envolva parentes e amigos.** Fale sobre a causa social e convide-os a participar. Se eles se interessarem, instrua-os sobre todas as atividades de ativismo nas quais você está se envolvendo e conte as suas experiências. Se alguém quiser participar, dê todo o apoio.
6. **Seja uma pessoa exemplar.** Uma das formas de ativismo mais simples e importante é colocar em prática aquilo em que você acredita – ou seja, fazer um “ativismo consciente”. Incorpore a causa ao seu dia a dia: viva e aja de formas que contribuam diretamente com o problema em questão (reduzir a emissão de gases poluentes, usar produtos sustentáveis etc.).

## Método 2 - Fazendo ativismo na internet

1. **Divulgue a causa nas redes sociais.** Você pode usar a rede para compartilhar as causas que defende com amigos e seguidores. Poste artigos informativos, escreva sobre o que está fazendo e convide as pessoas para eventos ou incentive-as a doar dinheiro e outros recursos. O Facebook, o Twitter e o Instagram são ótimos lugares para começar.
2. **Explique e comprove os dados da causa de acordo com a sua perspectiva.** Seja qual for – desde a proliferação da identidade de gênero às questões relacionadas ao respeito, por exemplo –, você vai se deparar com muitas pessoas que têm opiniões diferentes na internet. Algumas delas nunca vão mudar de ideia, mesmo que você mostre que elas estão enganadas, enquanto outras vão ouvir a voz da razão.
3. **Divulgue e compartilhe petições na internet.** Graças à internet, criar abaixo-assinados já não envolve trabalho físico. Existem inúmeros sites e plataformas de redes sociais que disponibilizam esse recurso, como o change.org.

## Método 3 - Sendo um ativista bem informado

1. **Leia bastante sobre a causa.** Antes de se envolver com o problema, informe-se bem. Vá à biblioteca pública ou da escola ou faculdade e pegue livros que estejam relacionados à causa. Faça uma pesquisa na internet para encontrar páginas de organizações de ativistas. Assista aos noticiários ou leia jornais, revistas ou outros meios para descobrir mais sobre a causa.
2. **Participe de cursos sobre a causa que você representa.** Se você está na escola ou faculdade, pode se matricular em disciplinas que ajudem a melhorar a sua compreensão da questão. Por exemplo: se quiser lutar por uma causa ambientalista, vá a aulas de biologia dedicadas ao assunto.

3. **Ouçã as pessoas que mais são afetadas pelo problema.** Se você se interessar por uma causa que afeta outras pessoas, uma das melhores formas de ajudar é dar voz a elas. Caso não consiga fazer isso pessoalmente, use as redes sociais para entrar em contato ou leia livros e matérias na internet sobre tais indivíduos.
4. **Converse com outros ativistas.** Se conhece outras pessoas locais que lutam pela mesma causa, entre em contato com elas para descobrir o que já está acontecendo na área e como você pode ajudar mais.

#### Método 4 - Seguindo carreira no ativismo

1. **Faça um curso de graduação que tenha a ver com ativismo.** Se você já está na faculdade ou ainda vai começar, pense em se dedicar a uma área que esteja ligada à causa social. Por exemplo: estude no campo da liderança organizacional ou faça algo mais específico ao problema, como na ciência ambientalista ou nos estudos sociais das mulheres.
2. **Tente fazer estágios na área.** Se é novato no mercado de trabalho, o melhor lugar para começar a carreira de ativista é no estágio. Durante ou depois da faculdade, tente encontrar oportunidades que tenham a ver com os seus interesses – nas organizações que mais lhe chamam a atenção. Converse com os responsáveis dessas instituições para descobrir mais. Fazer um ou mais estágios pode dar o pontapé inicial em uma carreira de sucesso.
3. **Busque empregos na área.** Se já está preparado para começar a trabalhar, tente encontrar vagas relevantes no mercado de trabalho. Veja se as instituições de caridade e afins nas quais se inspira têm alguma oportunidade legal. Por exemplo: se você é bom na redação e edição de textos, tente encontrar uma vaga de redator para um site de ativismo; se é bom para planejar e coordenar eventos, tente trabalhar como coordenador voluntário etc.

#### Dicas

- Seja criativo! Nem toda causa de ativismo precisa envolver grandes eventos. Você pode fazer a diferença mesmo se trabalhar dentro de casa. Os blogueiros podem ser ativistas por meio da internet; os professores podem incentivar os alunos a lutar pela causa; os artistas podem distribuir obras relacionadas ao tema pela cidade; os *nerds* da computação podem trabalhar com a parte da programação etc.
- Quando trabalhar com outras pessoas, pense primeiro nas necessidades coletivas. Disponha-se a dar o braço a torcer se isso for trazer benefícios a todos.

#### 4. (UFJF-PISM 1 2021) Releia o trecho:

*Hoje, até os adolescentes conseguem melhorar os lugares onde moram ou conscientizar as pessoas em relação aos movimentos de igualdade social por meio do ativismo.*

O uso de “até” nesse excerto autoriza a afirmação de que

- a) a expectativa dos leitores de que a mudança da sociedade virá dos jovens é confirmada com o uso do advérbio de inclusão “até”.
- b) não é esperado que os adolescentes possam contribuir positivamente para uma mudança coletiva, por isso o uso do advérbio “até”.
- c) o advérbio de adição “também” poderia substituir o uso de “até”, no contexto em questão, sem alteração do sentido pretendido.
- d) o uso do advérbio “até”, no contexto em questão, expressa uma relação de limite das ações do ativismo dos adolescentes.
- e) os adolescentes estão na linha de frente da mudança da sociedade, o que é reforçado pelo uso do advérbio “até”.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

### Humor não é bullying

Natalia Klein

<sup>1</sup>Não existe nada mais fácil do que sacanear quem já é frequentemente sacaneado. É tiro certo, todos vão achar graça. <sup>2</sup>Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*.

[...] <sup>3</sup>Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor. Por uma infelicidade, publicaram apenas um trecho da minha resposta, em que eu digo que “não posso mais fazer piadas com anão, negros, homossexuais”.

<sup>4</sup>É importante deixar claro que eu disse sim essa frase pavorosa. Mas em um contexto muito mais amplo. O que eu expliquei – ou, pelo menos, tentei explicar – é que não se pode fazer piadas envolvendo assuntos polêmicos sem correr o risco de ser tachado de preconceituoso. <sup>5</sup>Mas fingir que o preconceito não existe é infinitamente pior.

<sup>6</sup>Não sou a favor de fazer graça de quem já tem que lidar diariamente com a intolerância. <sup>7</sup>Sou a favor de se fazer piada da intolerância em si. Em colocar na mesa os nossos podres para que a gente lembre que eles existem.

(Fonte: <http://www.adoravelpsicose.com.br/2011/10/humor-nao-e-bullying.html> Acessado em: 27/08/2015)

5. **(G1 - CP2)** Os advérbios em português servem para traduzir variadas circunstâncias, mas também, em alguns contextos, como nos textos argumentativos, são usados para expressar um ponto de vista defendido pelo produtor do texto.

Esse segundo uso do advérbio aparece em

- “Não sou a favor de fazer graça de quem já tem que lidar diariamente com a intolerância (...)” (ref. 6)
- “Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor.” (ref. 3)
- “Não existe nada mais fácil do que sacanear quem já é frequentemente sacaneado.” (ref. 1)
- “Mas fingir que o preconceito não existe é infinitamente pior.” (ref. 5)

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A escrita faz **de tal modo** parte de nossa civilização **que** poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era – depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se no escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substitui a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. **E sobretudo** não existe história que não se funde sobre textos.

Charles Higounet. *A história da escrita*. Adaptado.

1. (FUVEST 2022) A locução conjuntiva “de tal modo...que” e o advérbio “sobretudo”, respectivamente, expressam noção de:
- a) conformidade e dúvida.
  - b) consequência e realce.
  - c) condição e negação.
  - d) consequência e negação.
  - e) condição e realce.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

<sup>1</sup>– Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

– Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

– É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, <sup>2</sup>depois, o par \_\_\_\_\_ <sup>1</sup> dos outros móveis.

Era bom <sup>3</sup>ter uma <sup>4</sup>amiga <sup>5</sup>experiente. Nem precisa ser da mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, <sup>6</sup>muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada <sup>7</sup>valorizava o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, <sup>8</sup>acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria <sup>9</sup>contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

<sup>10</sup>– O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara estranhou a amiga, só doente <sup>11</sup>pararia quieta. Admirou-a: os <sup>12</sup>cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos \_\_\_\_\_ <sup>2</sup>, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor estariam hoje <sup>13</sup>seus olhos?

Ema aprumou o corpo.

– Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a <sup>14</sup>ideia. – As crianças brigariam o tempo todo.

<sup>15</sup>Novamente a amiga tinha razão. <sup>16</sup>Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. <sup>17</sup>O que sombreava o relacionamento dos casais.

– Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

Se o marido estivesse em casa, <sup>18</sup>seria obrigada a assistir à televisão, \_\_\_\_\_ <sup>3</sup>, ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. \_\_\_\_\_ <sup>4</sup> todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

– Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam <sup>19</sup>as personalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*.

1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

2. (UFRGS 2019) O texto apresenta sentimentos de admiração de Ema por sua amiga Bárbara. Esses sentimentos transparecem na relação entre palavras.

Assinale a alternativa em que a reunião de advérbios e adjetivo expressa esse sentido de admiração de Ema por sua amiga.

- a) amiga experiente (ref. 4).
- b) muito mais sábia (ref. 6).
- c) valorizava o perfil privilegiado (ref. 7).
- d) cabelos soltos (ref. 12).
- e) Novamente [...] tinha razão (ref. 15).

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base um fragmento da crônica *Letra de canção e poesia*, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julgemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S.Paulo, 16.06.2007.)

3. (UNESP) *Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema.*

O advérbio *necessariamente*, nas três ocorrências verificadas na passagem mencionada, equivale, pelo sentido, a:

- a) forçosamente.
- b) raramente.
- c) suficientemente.
- d) independentemente.
- e) frequentemente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Morre Steve Jobs, fundador da Apple e revolucionário da Tecnologia



À frente da empresa que criou, o executivo foi o responsável pelo lançamento de aparelhos que mudaram o mundo, como o iPad, o iPhone e o Macintosh.

O Estado de S. Paulo

CUPERTINO – Morreu, aos 56 anos, Steve Jobs, cofundador da Apple. Ele havia renunciado à presidência da empresa em agosto, após 14 anos no comando. “Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu hoje”, informou a empresa, em um pequeno comunicado. “O brilho, paixão e energia de Steve são fontes de inúmeras inovações que enriqueceram e melhoraram todas as nossas vidas. O mundo é imensuravelmente melhor por causa de Steve.”

Jobs foi responsável por lançamentos de equipamentos que mudaram o mundo, como o Macintosh, o iPod, o iPhone e o iPad. Ele sofreu por anos de uma forma rara de câncer pancreático e passou por um transplante de fígado.

(...)

Em 2004, Jobs foi submetido a uma cirurgia para tratamento de câncer no pâncreas. Cinco anos mais tarde, precisou realizar um transplante de fígado. Os dois procedimentos são complicadíssimos e de elevado risco para a vida do paciente.

(<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios%20tecnologia,morre-steve-jobs-fundador-da-apple-e-revolucionario-da-tecnologia,87094,0.htm> e [www.geekaco.com/apple-steve-jobs](http://www.geekaco.com/apple-steve-jobs). Acessado em 10/10/11.)

4. **(G1 - IFAL)** Na frase: “Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu hoje”, temos o advérbio de tempo hoje, que pode ser mudado de posição sem alterar o sentido da frase. Indique a alternativa em que essa mudança interfere no entendimento.
- Estamos profundamente entristecidos com hoje o anúncio de que Steve Jobs morreu.
  - Hoje estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu.
  - Estamos hoje profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu.
  - Estamos profundamente entristecidos hoje com o anúncio de que Steve Jobs morreu.
  - Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que hoje Steve Jobs morreu.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### **Chegada do *Perseverance* abre caminho para retorno de amostras de Marte**

Agora que o *rover Perseverance* está seguro e saudável na superfície de Marte, vários grupos de trabalho espalhados pelo mundo podem respirar aliviados e pensar nos passos futuros do programa de exploração marciana - que vai agora focar seus esforços no cobiçado retorno de amostras de volta à Terra. A missão atual é um primeiro passo crucial. Afinal, cabe ao *Percy*, como foi apelidado o jipe, fazer o escrutínio e a escolha das rochas (comandado por cientistas na Terra, claro) que serão acondicionadas por ele em pequenos tubos lacrados e ultrarresistentes e depois deixadas, juntas, em algum canto da superfície de Marte. Ele terá vários anos para fazer isso durante a exploração da cratera Jezero, um dos locais mais promissores para a busca de evidências de vida pregressa marciana.

Mas e aí, o que vem depois? Nasa e ESA, respectivamente agências espaciais americana e europeia, já trabalham conjuntamente nos próximos passos, que envolvem pelo menos mais dois, e possivelmente três, lançamentos diferentes afim de trazer de volta o cobiçado material. Ainda faltam definições, mas trabalhos 20 preliminares sugerem a seguinte sequência.

Em 2026, parte um módulo de pouso com um pequeno foguete, de menos de três metros, instalado a bordo. Projetada e construída pela Nasa, a nave pousaria próximo ao local onde desceu o *Perseverance*. E aí, talvez partindo do próprio módulo, talvez enviado num lançamento à parte, <sup>1</sup>um pequeno *rover* produzido pela ESA encontraria as amostras e as instalaria no interior do foguete. <sup>2</sup>Em paralelo, em 2026 ou 2027, um orbitador com propulsão elétrica, outra contribuição da ESA, partiria da Terra e se instalaria em órbita ao redor de Marte. Em meados de 2029, <sup>3</sup>o foguete seria disparado (o primeiro lançamento feito de outro planeta!), colocando a cápsula com as amostras em órbita marciana. Lá ela se acoplaria ao orbitador europeu, que por sua vez traria o conteúdo de volta à Terra, em 2031. <sup>4</sup>A empreitada toda custaria cerca de US\$ 5 bilhões, sem contar os US\$ 2,7 bilhões empenhados na missão do *Perseverance*. <sup>5</sup>A recompensa, contudo, teria valor incomensurável. <sup>6</sup>Cientistas já tiveram a chance de analisar algumas amostras de Marte - meteoritos provenientes do planeta vermelho -, mas nunca com a chance de escolher quais rochas, conhecendo o contexto geológico de onde elas partiram. E <sup>7</sup>amostras trazidas de volta continuam a render novos resultados por décadas, conforme equipamentos mais sofisticados surgem para estudá-las. Não à toa, as amostras trazidas pelo programa Apollo, que levou humanos à Lua entre 1969 e 1972, continuam sendo estudadas até hoje. Ademais, é fundamental demonstrar a capacidade de trazer uma pequena carga de Marte antes que se ambicione trazer uma grande carga - como humanos - em uma futura missão tripulada.

Nogueira, S. “Chegada do *Perseverance* abre caminho para retorno de amostras de Marte”. *Folha de São Paulo*. 21.2.2021, Disponível em: <https://bit.ly/3bZL69q/>. Adaptado

5. **(FUVEST-ETE 2022)** No fragmento “... a nave pousaria próximo ao local onde desceu o *Perseverance*”, “próximo” e “onde” são, respectivamente, classificados como
- substantivo e pronome relativo.
  - adjetivo e pronome relativo.
  - advérbio e pronome relativo.
  - adjetivo e advérbio.
  - advérbio e advérbio.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O “Tribunal da Internet” e os efeitos da cultura do cancelamento

ThaysBertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda

*A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável.*

quinta-feira, 30 de julho de 2020

De acordo com o dicionário australiano Macquarie, a “cultura do cancelamento” foi eleita o termo do ano de 2019, e não é para menos. Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.

Desde então, mesmo o Movimento #MeToo traduzindo a coragem de se expor problemas há anos escondidos, a cultura do cancelamento vem seguindo um caminho que aparentemente diferencia-se da iniciativa de conscientização e debate de assuntos relevantes no âmbito digital e no âmbito real, como assédio, racismo, homofobia etc.

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável. Nos termos da definição da palavra “cancelar”, a ideia do movimento é literalmente “eliminar” e “tornar sem efeito” o agente do erro ou conduta tidos como reprováveis. Ao analisarmos o movimento sob o prisma das modalidades de regulação da Internet proposta por Lawrence Lessig, composta por direito, normas sociais, mercado e arquitetura<sup>1</sup>, podemos considerar a cultura do cancelamento como uma sanção imposta pelos próprios usuários no âmbito da Internet, diante da violação de normas sociais existentes. Assim como as demais modalidades de regulação, as normas sociais são eficientes, uma vez que inibem o comportamento reprovável por parte da comunidade que assim o entende.

Exemplo que demonstra a eficiência das normas sociais é a campanha de boicote à publicidade (#StopHateforProfit), iniciada no último dia 17. A ideia foi aderida por diversas empresas que manifestaram interesse em suspender seus anúncios em uma das maiores redes sociais da Internet, de modo a protestar contra “discurso de ódio” e pressionar a empresa para adotar medidas satisfatórias e criar mecanismos eficientes de combate. Em contrapartida, outra gigante da tecnologia informou maiores medidas internas e externas para combater o racismo e aumentar a representatividade na empresa, reforçando as políticas já existentes contra o discurso do ódio.

Ocorre que, especificamente com relação à cultura do cancelamento, e ao contrário do Direito em que há um devido processo legal para justificar uma punição ou não, o “Tribunal da Internet” não costuma oportunizar sequer o exercício do contraditório. Na maioria das vezes, aliás, a cultura do cancelamento costuma ter efeitos imediatos, de modo que a onda de boicote tem início tão logo o erro ou conduta tidos como reprováveis são notados e expostos. Tal imediatismo, porém, traz à tona certa intolerância e muita polarização, demonstrando assim que a sanção antecede a defesa. Dessa forma, o ambiente virtual torna-se hostil, seletivo e, por vezes, injusto.

Nota-se que, a partir da constatação de erro ou conduta reprovável por um grupo de pessoas, cria-se um movimento na rede social de exposição para que não somente os usuários deixem de “seguir” a pessoa ou de comprar determinada marca, por exemplo, mas também para que parem de dar visibilidade ao trabalho de alguém ou determinada empresa. Por meio da onda de ataque aos perfis em redes sociais, os efeitos são sentidos em todos os aspectos: na vida pessoal de pessoas físicas que perdem trabalhos, contratos, patrocínios e até desenvolvem problemas psicoemocionais, bem como na atividade de empresas que deixam de realizar vendas, atender clientes etc.

Um dos exemplos recentes da cultura do cancelamento nas redes sociais ocorreu com uma digital influencer do mundo fitness que, durante a pandemia e o isolamento social, meses após ser diagnosticada e “se curar” do coronavírus, reuniu alguns amigos em sua casa, fazendo publicações da “festinha”. A anfitriã foi imediatamente cancelada nas redes sociais, com a consequente perda de diversas parcerias e rescisão de contratos. E apesar do pedido de desculpas e reconhecimento do erro, o cancelamento se manteve, beirando o linchamento virtual e fazendo com que ela desativasse seu perfil em uma de suas redes sociais.

Nesse contexto, observa-se que o “Tribunal da Internet” não realiza seus julgamentos com igualdade ou proporcionalidade. Primeiro, porque deixa-se de discutir ideias e passa-se a discutir pessoas ou empresas. Segundo, porque poucos preferem ouvir, entender e formar uma opinião antes de atacar. Terceiro, porque outras pessoas ou empresas envolvidas em situações análogas, por exemplo, não sofrem sanções na mesma intensidade que as “canceladas”. Quarto, porque, no mundo virtual, é muito tênue a linha entre a crítica construtiva e o ataque revestido de ofensas.

Apesar dos julgamentos, porém, a cultura do cancelamento também pode gerar um efeito contrário ao pretendido, já que a proporção da exposição faz com que a pessoa ganhe mais visibilidade nas redes sociais e, a depender de seus próximos passos, acabe transformando a visibilidade do ocorrido a seu favor, fazendo mais sucesso e ganhando mais engajamento. Numa breve analogia, comparar o Direito com o “Tribunal da Internet” seria como se, após a sentença do “cancelamento”, o recurso do “cancelado” fosse provido para afastar a condenação. O que se extrai de interessante dessa dicotomia na cultura do cancelamento é que não apenas comportamentos reprováveis são objeto da onda de boicote, mas também opiniões contrárias sobre determinados temas. E, em que pese a liberdade de expressão seja um direito fundamental, isso acontece porque muitos usuários, ao se depararem com divergências, ao invés de promoverem um debate saudável, dão lugar à cultura do cancelamento, boicotando pessoas físicas ou jurídicas.

Acontece que, além do mero “cancelamento”, os ataques virtuais tornam-se massificados e, por muitas vezes, extrapolam os limites da livre manifestação de pensamento de modo a ensejar, de fato, um linchamento virtual que, mesmo revestido de boa intenção, pode provocar uma propagação de discurso de ódio e, ainda, incorrer em crimes como injúria ou difamação. Em situações como esta, o “cancelado”, que não encontra formas de se justificar sobre o ocorrido em tempo de reparar sua imagem, acaba por adotar medidas judiciais em face daqueles que propagaram ofensas, divulgaram informações eventualmente falsas e coisas do tipo. (...)

A pergunta que fica diante de tantos julgamentos e sanções imediatamente impostas sem a possibilidade de defesa ou reflexão é: como seria se todos fôssemos “cancelados” por um erro ou conduta reprovável, já que estamos em constante evolução? (...)

Nas palavras do atual Ministro Alexandre de Moraes: “a liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo”<sup>2</sup>. (...)

Com isso, o propósito de exposição de temas para que haja liberdade de comunicação social, garantindo-se a livre circulação de ideias e informações de forma pluralista, na realidade, tornou-se uma ferramenta de autocensura ao invés de promover o debate, como a contranarrativa. A cultura do cancelamento, na forma como praticada atualmente, afeta, ainda que de maneira indireta, o exercício dos direitos da livre manifestação de pensamento e da liberdade de expressão, obstando o debate de questões que, de forma saudável, traria benefícios para a sociedade e ainda promoveria o progresso intelectual e a evolução pessoal de cada um.

<sup>1</sup>Leonardi, Marcel. Fundamentos de Direito Digital, São Paulo, 2019, Thomson Reuters, pág.. 47 e ss.- 2.5. As modalidades de regulação proposta por Lawrence Lessing.

<sup>2</sup>MORAES, Alexandre de. Direitos Humanos Fundamentais; 9ª edição, São Paulo. Atlas S.A. 2011.

\* ThaysBertoncini da Silva é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado e Direito das Plataformas Digitais pela FGV.

\* Erica Marie Viterito Honda é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado pela FGV.

Texto adaptado, disponível em: <https://migalhas.uol.com.br/depeso/331363/o--tribunal-da-internet--e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 27/11/2020.

## 6. (UFJF-PISM 3 2021) Releia o seguinte trecho do texto:

*“Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.”*

Considerando o termo “aparentemente”, no contexto do trecho destacado acima, é correto afirmar que esse advérbio expressa o posicionamento das autoras do texto, indicando

- a desvalorização do início da mobilização à cultura do cancelamento.
- a discordância quanto à origem do fenômeno da cultura do cancelamento.
- a dúvida quanto ao movimento que deu origem à cultura do cancelamento.
- a restrição à origem da cultura do cancelamento, iniciada em 2017.
- a sinceridade quanto à origem do fenômeno da cultura do cancelamento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

<sup>1</sup>Recebi consulta de um amigo que tenta <sup>2</sup>deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. <sup>3</sup>Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? <sup>4</sup>Certamente, não se diz <sup>5</sup>‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou <sup>6</sup>menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; <sup>7</sup>exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, <sup>8</sup>nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece <sup>9</sup>aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, <sup>10</sup>mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

<sup>11</sup>Para tentar formular uma hipótese <sup>12</sup>mais clara para o problema apresentado, <sup>13</sup>talvez <sup>14</sup>se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) <sup>15</sup>é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal. <sup>16</sup>Exemplos <sup>17</sup>correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois <sup>18</sup>não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) <sup>19</sup>se <sup>20</sup>forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não <sup>21</sup>seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema <sup>22</sup>real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar <sup>23</sup>na frase, mas que atuam como se <sup>24</sup>lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

7. (UFRGS 2019) Considere os usos de advérbios no texto e assinale com **1** aqueles em que o advérbio modifica o sentido de apenas uma palavra e com **2** aqueles em que modifica o sentido de segmentos textuais.

- ( ) Certamente (ref. 4)  
( ) menos (ref. 6)  
( ) mais (ref. 12)  
( ) talvez (ref. 13)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 - 1 - 2 - 1.  
b) 1 - 1 - 1 - 2.  
c) 2 - 1 - 1 - 2.  
d) 2 - 2 - 2 - 1.  
e) 1 - 2 - 2 - 2.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Vida Real

### Que tal comemorar o Dia Mundial do Livro começando a ler um livro?

<sup>1</sup>Mais de 40% dos brasileiros não têm o hábito da leitura. Talvez seja por isso que interpretação de texto esteja deixando tanto a desejar...

Por **Isabella Otto**

access\_time23 abr 2019, 13h11 - Publicado em 23 abr 2019, 13h00

Mais um Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor que deveria ser comemorado da forma mais justa: lendo um livro. Mas lendo de verdade! Pode ser HQ, romance, drama, biografia, terror, chick lit, humor... **No país que não lê, folhear um livro, seja no impresso ou no digital, é um diferencial** e tanto!

Em 2018, o Instituto Pró-livro divulgou uma pesquisa que mostra que **44% da população brasileira não tem o hábito da leitura, sendo que 30% nunca comprou um livro**. Apesar de alto, o número é justificável. Um livro novo não é barato, principalmente os didáticos. Baixar um e-book também requer tecnologias e bandas largas que não são acessíveis a todos. Há também aqueles que asseguram não ter tempo de ler nem sequer uma revista, pois trabalham fora e dentro de casa.

Alternativas existem, contudo. Um livro novo pode ser substituído por um usado e projetos que estimulam a leitura acontecem por todo lado, em espaços privados e públicos. **Que tal substituir a procrastinação nas redes sociais no caminho do trabalho pela leitura de um livro?**

Outra pesquisa, realizada agora pelo Indicador de Analfabetismo Funcional, conduzida pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a ONG Ação Efetiva, mostra que, de todos os brasileiros que chegam à universidade, somente 22% deles têm total condição de interpretar um texto que lê de forma correta e se expressar claramente. Quando dizemos “de forma correta”, não é que estamos falando que uma coisa não pode ser interpretada de mais de uma maneira, mas que a mensagem que o autor quis passar realmente foi entendida. E não tem segredo: é preciso de treino! Para aprimorar a leitura e a interpretação de texto, é preciso ler e escrever e ler mais um pouquinho. Ou, no caso do Brasil, mais <sup>2</sup>um poucão.

### E você, já leu um livro hoje? Que tal deixar um na cabeceira da sua cama?

Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/que-tal-comemorar-o-dia-mundial-do-livro-comecando-a-ler-um-livro/>, acesso em 10 de maio de 2019.

8. (G1 - IFCE 2019) No trecho “Ou, no caso do Brasil, mais um poucão.” (referência 2), a palavra “poucão” é empregada como
- substantivo que designa o objeto descrito no enunciado.
  - adjetivo caracterizador do substantivo “Brasil”.
  - conjunção que une as orações presentes no enunciado.
  - advérbio intensificador do verbo “ler”.
  - pronome demonstrativo relacionado ao substantivo “Brasil”.
9. (VUNESP/2019) Leia o texto de Jonathan Culler para responder à questão:
- Era uma vez um tempo em que literatura significava sobretudo poesia. O romance era um recém-chegado, próximo demais da biografia ou da crônica para ser genuinamente literário, uma forma popular que não poderia aspirar às altas vocações da poesia lírica e épica. Mas no século XX o romance eclipsou a poesia, tanto como o que os escritores escrevem quanto como o que os leitores leem e, desde os anos 60, a narrativa passou a dominar também a educação literária. As pessoas ainda estudam poesia — muitas vezes isso é exigido — mas os romances e os contos tornaram-se o núcleo do currículo.

Isso não é apenas um resultado das preferências de um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias mas raramente lê poemas. As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa. As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. A explicação científica busca o sentido das coisas colocando-as sob leis — sempre que a e b prevalecerem, ocorrerá c — mas a vida geralmente não é assim. Ela segue não uma lógica científica de causa e efeito mas a lógica da história, em que entender significa conceber como uma coisa leva a outra, como algo poderia ter sucedido: como Maggie acabou vendendo software em Cingapura, como o pai de Jorge veio a lhe dar um carro.

(Teoria literária: uma introdução, 1999.)

Advérbio é uma palavra invariável que pode modificar o sentido de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio ou de uma oração inteira.

Um advérbio que modifica o sentido de um adjetivo ocorre em:

- “próximo demais da biografia ou da crônica para ser genuinamente literário” (1º parágrafo)
- “um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias” (2º parágrafo)
- “literatura significava sobretudo poesia” (1º parágrafo)
- “As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa” (2º parágrafo)
- “sempre que a e b prevalecerem, ocorrerá c” (2º parágrafo)

10. (UNIFESP) Considere a charge e as afirmações.



A charge é uma ilustração que tem como objetivo fazer uma sátira de alguém ou de alguma situação atual por meio de desenhos caricatos

- O advérbio já, indicativo de tempo, atribui à frase o sentido de mudança;
- Entende-se pela frase da charge que a população de idosos atingiu um patamar inédito no país;
- Observando a imagem, tem-se que a fila de velhinhos esperando um lugar no banco sugere o aumento de idosos no país.

Está correto o que se afirma em

- I apenas.
- II apenas.
- I e II apenas.
- II e III apenas.
- I, II e III.

## 11. (EEAR 2021) Leia:

“Discreta e formosíssima Maria,/ Enquanto estamos vendo a qualquer hora/ Em tuas faces a rosada Aurora,/ Em teus olhos e boca, o sol e o dia:/ Goza, goza da flor da mocidade,/ Que o tempo trata a **toda ligeireza**/ E imprime **em toda flor** sua pisada.” (Gregório de Matos)

As locuções adverbiais destacadas exprimem, respectivamente, as circunstâncias de

- causa e intensidade.
- modo e intensidade.
- modo e lugar.
- lugar e causa.

Leia o texto e o poema para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A ondomotriz é uma forma de energia renovável que se aproveita da energia das ondas oceânicas. Além de poder fornecer energia, as ondas também serviram de inspiração para Manuel Bandeira compor o poema “A onda”.

### A onda

a onda anda  
aonde anda  
a onda?  
a onda ainda  
ainda onda  
ainda anda  
aonde?  
aonde?  
a onda a onda

12. (G1 - CPS) No poema, há o emprego do advérbio **aonde**. Segundo as gramáticas normativas, esse advérbio deve ser utilizado para indicar o local ou destino para o qual se vai, ou seja, expressa a ideia de movimento.

Assinale a alternativa em que o emprego do advérbio **aonde** está de acordo com as gramáticas normativas.

- Nunca sei aonde te achar.
- Esta é a casa aonde eu moro.
- Informe aonde você está agora.
- Não sei aonde o avião aterrissou.
- Aonde você pretende levar sua amiga.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, no ano de 1946. Além de contista e romancista, fez incursões pela literatura infantil. Ganhou cinco prêmios Jaboti. João Gilberto Noll faz uma literatura caracterizada pela dissolução. Seus romances são concisos e apresentam enredos episódicos sustentados pela causalidade. Essa técnica difere da técnica narrativa que estabelece o elo entre o real e o ficcional. Os personagens de Noll são seres não localizados e alijados da experiência; muito embora lançados numa sucessão frenética de acontecimentos e passando por um sem número de lugares, o que vivem não se converte em saber, em consciência de ser e de estar no mundo.

### Duelo antes da noite

<sup>1</sup>No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. <sup>2</sup>O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. <sup>3</sup>Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus. <sup>4</sup>A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus

que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. <sup>5</sup>E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e por ela poucos passavam. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. <sup>6</sup>O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar cuspe.

<sup>7</sup>Até que ficou evidente a noite. <sup>8</sup>E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, <sup>9</sup>agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. <sup>10</sup>A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. E na curva da estrada começaram a aparecer muitos caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. <sup>11</sup>Para onde vão esses soldados? – ela balbuciou. <sup>12</sup>O menino respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminha! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. <sup>13</sup>O menino gritou então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste, que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso. Os soldados continuavam a passar.

Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha vizinha, não é nada.

E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. A menina sentiu que seria bom se o encantado chegasse logo para se ver livre do menino. Entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato.

Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Doze e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... o menino repetia para ele mesmo. A menina se sentou no banco traseiro. Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

NOLL, João Gilberto. In: *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 690-692. (Texto adaptado).

Segundo Massaud Moisés, o conto é, do ponto de vista dramático, *univalente*: contém um só drama, uma só história, um só conflito (oposição, luta entre duas forças ou personagens), uma só ação. As outras características (limitação do espaço e do tempo; quantidade reduzida de personagens; unidade de tom ou de emoção provocada no leitor, concisão de linguagem) decorrem da unidade dramática.

Com base nessas informações, resolva a(s) questão(ões) a seguir.

13. (UECE) Na referência 6, lê-se: “O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar o cuspe”.

Assinale a opção INCORRETA em relação ao que se diz sobre o advérbio “assim”.

- Ao introduzir na narrativa o vocábulo “assim” para indicar o gesto da menina, de certa forma, o enunciador (de 3ª pessoa) invade a instância das personagens (isto é, o espaço em que atuam as personagens) e age como se fosse uma delas e visse o que se passava.
- O enunciador migra de sua instância fora da narrativa para a instância do interior dessa narrativa, dando a ilusão de que, naquele momento, ele tem as prerrogativas das personagens.
- A invasão do espaço dos personagens pelo narrador, marcada pelo uso do advérbio “assim” constitui um desvio incomum nas narrativas literárias.
- Em um discurso sem essa mudança de perspectiva, o narrador teria que explicar com palavras esse “assim”, com algo como “A menina pisou sobre a saliva dele e espalhou a areia com o pé para apagar o cuspe”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### A presidente Dilma ou a presidenta Dilma?

Laércio Lutibergue

Essa é a pergunta que mais temos recebido nos últimos dias por e-mail, pelas redes sociais (Twitter e Facebook) e mesmo pessoalmente. Há uma explicação para **isso(I)**: a eleição da primeira mulher à Presidência da República, Dilma Rousseff.

Já falamos deste assunto **aqui(II)**, mas diante do acontecimento do domingo 31 de outubro e da avalanche de perguntas somos obrigados a retomá-lo. Gramaticalmente as duas formas estão corretas. Ou seja, pode ser “a presidente Dilma” e “a presidenta Dilma”. Neste momento, com base nas ocorrências na imprensa, inclusive no Jornal do Commercio, sem dúvida “a presidente” é a mais comum.

E, se olharmos para o passado da língua, é a mais lógica. Palavras que vieram do participio presente do latim, normalmente terminadas em -ante, -ente e -inte, são invariáveis. O que identifica o gênero delas é o artigo ou outro determinante: o/a amante, o/a gerente, meu/minha presidente.

A língua, contudo, nem sempre é lógica. Muitas vezes ela foge do controle e revela uma face inventiva indiferente às regras. Isso ocorreu, por exemplo, com “comediante”, que ganhou o feminino “comediante”; com “infante”, que ganhou “infanta”; com “parente”, que ganhou “parenta”; e com “presidente”, que ganhou “presidenta”. Certamente o extralinguístico atuou na formação desses femininos. A versão feminina de um nome de cargo destaca com mais força a presença da mulher na sociedade.

Os mais velhos devem se lembrar do que ocorreu com a indiana Indira Gandhi. Começaram chamando-a de “o primeiro-ministro Indira Gandhi”; depois, passaram para “a primeiro-ministro”; e terminaram em “a primeira-ministra”. E hoje alguém tem dúvida de que uma mulher é “primeira-ministra”?

A favor de “presidenta” existe também o aspecto legal. A Lei Federal nº 2.749/56 diz que o emprego oficial de nome designativo de cargo público deve, quanto ao gênero, se ajustar ao sexo do funcionário. Ou seja, segundo a lei, os cargos, “se forem genericamente variáveis”, devem assumir “feição masculina ou feminina”.

Por **tudo isso(III)**, defendemos a adoção do feminino “a presidenta”. Apesar de neste momento a maioria, pelo que mostra a imprensa, preferir “a presidente”. Intuímos, porém, que ocorrerá no Brasil o **mesmo(IV)** que sucedeu com dois vizinhos nossos. Na Argentina, Cristina Kirchner começou sendo chamada de “la presidente” e hoje é “la presidenta”. O mesmo ocorreu com Michelle Bachelet, no Chile, **que(V)** terminou o mandato como “la presidenta”. O tempo dirá se nossa intuição estava certa.

(Texto publicado na coluna “Com todas as letras”, Jornal do Commercio do Recife, em 10/11/2010)

14. (G1 - IFPE) Leia o texto e observe as palavras numeradas em destaque. Assinale a alternativa que aponta **corretamente** as relações coesivas estabelecidas por esses termos.
- Em (I), o pronome demonstrativo “isso” retoma a pergunta polêmica realizada no título do artigo.
  - Em (II), o advérbio de lugar “aqui” refere-se à coluna que o autor escreve no Jornal do Commercio.
  - Em (III), a expressão “tudo isso” remete a todas as informações explicitadas pelo autor ao longo do texto.
  - Em (IV), o pronome demonstrativo “mesmo” antecipa a mudança para o termo “presidenta” na imprensa brasileira.
  - Em (V), o pronome relativo “que” retoma o termo antecedente “Chile”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### QUERO VOLTAR A CONFIAR

Fui criado com princípios morais comuns. Quando eu era pequeno, mães, pais, professores, avós, tios, vizinhos eram autoridades dignas de respeito e consideração. Quanto mais próximos ou mais velhos, mais afeto.

<sup>23</sup>Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores ou autoridades... <sup>24</sup>Confiávamos nos adultos, porque todos eram pais, mães ou familiares da nossa rua, do bairro ou da cidade. Tínhamos medo <sup>16</sup>apenas do escuro, dos sapos, dos filmes de terror<sup>10</sup>...

<sup>22</sup>Hoje me deu uma tristeza infinita por tudo aquilo que perdemos. Tudo que os meus netos um dia enfrentarão. Pelo medo no olhar das crianças, dos velhos, dos jovens e dos adultos. Direitos humanos para os criminosos, deveres ilimitados para os cidadãos honestos. Não levar vantagem em tudo significa ser idiota. <sup>25</sup>Trabalhador digno e cumpridor dos deveres virou otário. Pagar dívidas em dia é ser tonto – anistia para corruptos e sonegadores. O que aconteceu conosco? Professores maltratados nas salas de aula<sup>14</sup>; comerciantes ameaçados por traficantes<sup>15</sup>; grades em nossas janelas e portas. <sup>1</sup>Que valores são esses<sup>5</sup>? Automóveis que valem mais que abraços.

<sup>26</sup>Filhas querendo uma cirurgia como presente por passarem de ano. Filhos esquecendo o respeito no trato com

pais e avós. No lugar de senhor, senhora, ficou <sup>12</sup>“oi cara”, ou “como está, coroa”<sup>6</sup>? Celulares nas mochilas de crianças. “O que vais querer em troca de um abraço?” – “A diversão vale mais que um diploma.” – “Uma tela gigante <sup>20</sup>vale mais que uma boa conversa.” – <sup>21</sup>“Mais vale uma maquiagem do que um sorvete.” – <sup>13</sup>“Aparecer do que ser.” Quando foi que tudo desapareceu ou se tornou ridículo<sup>8</sup>?

Quero arrancar as grades da minha janela para poder tocar nas flores<sup>11</sup>... Quero me sentar na varanda e dormir com a porta aberta nas noites de verão. Quero a honestidade como motivo de orgulho. Quero a retidão de caráter, a cara limpa e o olhar “olho no olho”. Quero sair de casa sabendo a hora em que estarei de volta, sem medo de assaltos ou balas perdidas. Quero a vergonha na cara e a solidariedade. <sup>2</sup>Onde a palavra valia mais que um documento assinado. Quero a esperança, a alegria, a confiança de volta. Quero calar a boca de quem diz: “temos que estar <sup>3</sup>ao nível de” ao falar de uma pessoa.

E viva o retorno da verdadeira <sup>19</sup>vida, simples como a chuva, limpa como o céu de primavera, leve como a brisa da manhã. E <sup>17</sup>definitivamente <sup>18</sup>bela como cada amanhecer.

<sup>27</sup>Quero ter de volta o meu mundo simples e comum, onde existam o amor, a solidariedade e a fraternidade como bases. <sup>28</sup>Vamos voltar a ser gente. A ter indignação diante da falta de ética, de moral, de respeito. Construir um mundo melhor, mais justo e mais humano, onde as pessoas respeitem as pessoas.

Utopia<sup>9</sup>?

Quem sabe.

Precisamos tentar.

Arnaldo Jabor. Disponível em: [http://www.pensador.uol.com.br/textos\\_de\\_arnaldo\\_jabor/2/](http://www.pensador.uol.com.br/textos_de_arnaldo_jabor/2/). Data de acesso: 30/04/2011.

**15. (G1 - EPCAR (CPCAR))** Assinale a alternativa correta.

- “Apenas” (ref. 16) é um operador argumentativo que denota, ao mesmo tempo, realce e exclusão.
- “Definitivamente” (ref. 17) é um advérbio de intensidade que modifica “bela” (ref. 18) que, por sua vez, caracteriza “vida” (ref. 19).
- Em “vale mais” (ref. 20) e “mais vale” (ref. 21) a mudança de ordem das palavras alterou a classificação morfológica da palavra “mais”.
- Em “Aparecer do que ser.” (ref. 13) a locução sublinhada é usada para estabelecer uma relação de superlatividade entre os termos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### A DISCIPLINA DO AMOR

Foi na França, durante a segunda grande guerra. Um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e, na maior alegria, acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta a casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava a correr todo animado atrás dos mais íntimos para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar ansioso naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava a sua vida normal de cachorro até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao seu posto de espera.

O jovem morreu num bombardeio, mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias. Todos os dias.

Com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos, para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina. As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando?... Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho sempre voltado para “aquela” direção.

(TELLES, Lygia Fagundes. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 99-100)

Vocabulário:

Postar-se - posicionar-se, permanecer em determinado local

Apontar - aparecer

16. **(G1 - CP2 - ADAPTADA)** No 3º. parágrafo do texto, o narrador afirma que o cão parecia ter “um relógio preso à pata.” Copie desse texto dois advérbios que deixem clara essa afirmação.
17. **(G1)** Classifique os advérbios ou locuções adverbiais:  
a) Ele parou **ATRÁS**, à **DIREITA** da calçada.  
b) Elas ficaram **LEVEMENTE** feridas, mas os carros ficaram **COMPLETAMENTE** amassados.
18. **(G1)** Classifique os advérbios ou locuções adverbiais em destaque:  
a) As cidades brasileiras estão **MAIS** poluídas.  
b) O festival de teatro começou ontem **À NOITE**.  
c) Encontrei balas **DENTRO** da caixa.  
d) O burrinho caminhava **LENTAMENTE** a estrada deserta.  
e) **TALVEZ** aconteça uma tragédia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Longe de tudo

É livres, livres desta vã matéria,  
longe, nos claros astros peregrinos  
que havemos de encontrar os dons divinos  
e a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,  
nestes surdos abismos assassinos  
teremos de colher de atros destinos  
a flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama  
só nos mostra a caveira e só a lama,  
ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,  
hão de trocar, nas Regiões eleitas,  
largos, profundos, imortais abraços.

(SOUSA, Cruz e. *Poesias completas*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 158)

19. **(UFRJ - ADAPTADA)** O poema “Longe de tudo” confronta dois espaços para marcar a oposição “corpo e alma”.
- a) Retire do texto os dois advérbios que explicitam esses dois espaços.  
b) Transcreva duas expressões formadas por adjetivo(s) e substantivo que caracterizem esses espaços, identificando a que espaço cada uma se refere.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à *Revista Superinteressante*, Editora Abril, julho de 2001.

JACOB NEEDLEMAN

O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.

SUPER - Por que é tão difícil lidar com dinheiro?

NEEDLEMAN - O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.

SUPER - Por que ele tem esse poder?

NEEDLEMAN - O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos: "Quanto vale essa pessoa?" Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.

SUPER - E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?

NEEDLEMAN - As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]

SUPER - Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?

NEEDLEMAN - Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

## 20. (PUCRJ - ADAPTADA)

- a) Pressupostos são ideias que, embora não estejam expressas explicitamente no texto, podem ser percebidas pelo leitor a partir do emprego de certas palavras ou expressões. Compare os dois enunciados abaixo e indique o pressuposto marcado pela palavra "ATÉ" em (1).
- (1) "O dinheiro virou instrumento para aferir **ATÉ** nosso amor-próprio."
  - (2) O dinheiro virou instrumento para aferir nosso amor-próprio.
- b) Utilizando **APENAS** as palavras da frase a seguir, reescreva-a de forma que ela passe a apresentar uma ideia de negação.
- A verdade é que algum dinheiro traz felicidade.

## GABARITO

---

1. B      2. B      3. A      4. A      5. C  
6. C      7. C      8. D      9. A      10. E  
11. C     12. E     13. C     14. B     15. B

16.

Os advérbios “pontualmente”, “disciplinadamente” e “diariamente” reafirmam o rigor com o qual o cachorro esperava.

17.

- a) Atrás: advérbio de lugar.  
À direita: locução adverbial de lugar.  
b) Levemente e completamente: advérbios de modo.

18.

- a) intensidade  
b) tempo  
c) lugar  
d) modo  
e) dúvida

19.

- a) Os dois vocábulos são “cá” e “longe”.  
b) As expressões possíveis formadas por adjetivo(s) e por substantivo que caracterizam esses espaços são as seguintes:  
- Espaço do corpo (“cá”): vã matéria; humana e trágica miséria; surdos abismos assassinos; atros destinos; flor apodrecida e deletéria; baixo mundo; movimentos lassos.  
- Espaço da alma (“longe”): claros astros peregrinos; dons divinos; grande paz; grande paz sidérea; almas irmãs; almas perfeitas; regiões eleitas; largos, profundos, imortais abraços.

20.

- a) A palavra “até” indica uma quebra de expectativa, porque o amor-próprio não seria algo que se pudesse avaliar.  
b) A verdade é que dinheiro algum traz felicidade.

Competência(s):  
1, 6 e 8

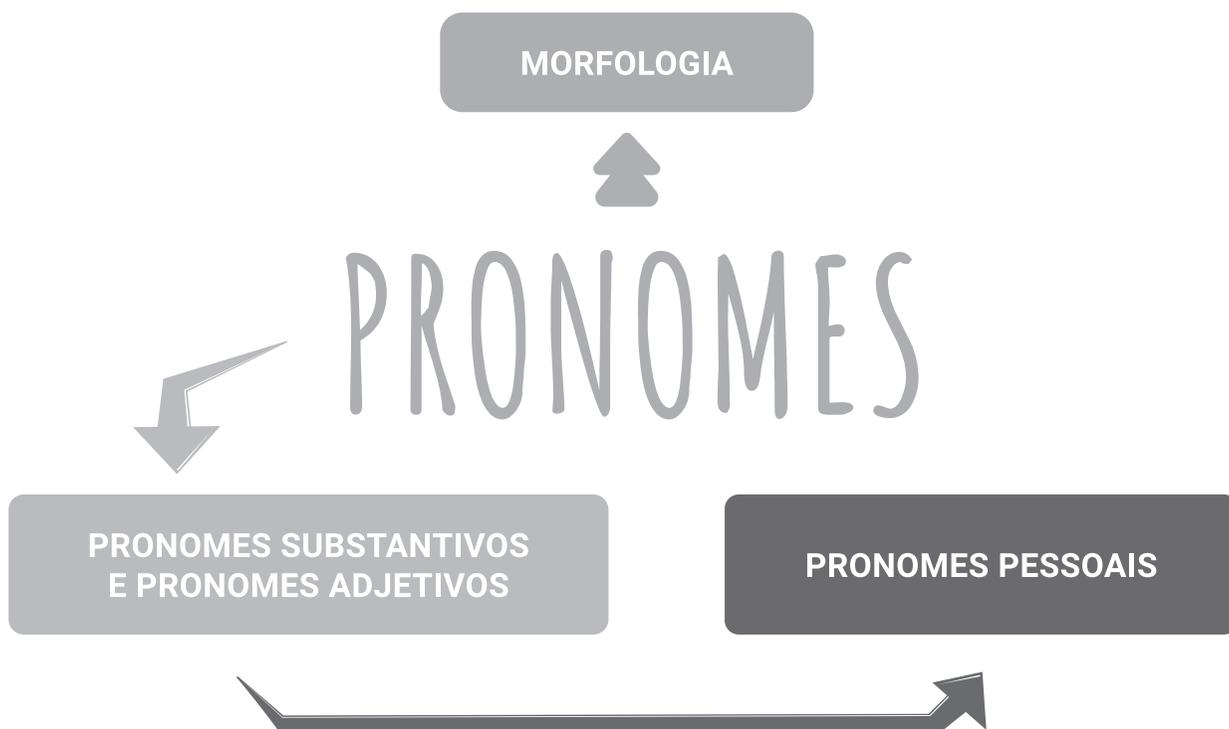
Habilidade(s):  
1, 2, 3, 18 e 27

**AULAS**  
**11 E 12**

## Você DEVE SABER!

- Pronome
- Pronomes substantivos x pronomes adjetivos
- Pronomes pessoais
- Casos especiais de uso dos pronomes átonos
- Pronome reflexivo
- Pronomes de tratamento
- Primeiras aplicações sintáticas

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.

(Corpo, 2015.)

1. (UNESP 2021) Os três pronomes “a” do poema referem-se, respectivamente, a
- ausência, falta, ausência.
  - ausência, ausência, falta.
  - falta, falta, ausência.
  - falta, ausência, ausência.
  - falta, ausência, falta.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525? – 1580), para responder à(s) questão(ões).

Aquele triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e de piedade,  
enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
saía, dando ao mundo claridade,  
viu apartar-se de uma outra vontade,  
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio  
que, de uns e de outros olhos derivadas,  
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas  
que puderam tornar o fogo frio,  
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)

2. (UNIFESP) O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a
- “piedade”.
  - “mágoa”.
  - “saudade”.
  - “claridade”.
  - “madrugada”.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) abordam uma passagem da peça teatral *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett (1799-1854).

Cena V – JORGE, MADALENA E MARIA

JORGE – Ora seja Deus nesta casa!  
(*Maria beija-lhe o escapulário e depois a mão; Madalena somente o escapulário.*)

MADALENA – Sejais bem-vindo, meu irmão!

MARIA – Boas tardes, tio Jorge!

JORGE – Minha senhora mana! A bênção de Deus te cubra, filha! Também estou desassossegado como vós, mana Madalena: mas não vos aflijais, espero que não há de ser nada. É certo que tive umas notícias de Lisboa...

MADALENA (*assustada*) – Pois que é, que foi?

JORGE – Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo. Os governadores querem sair da cidade... é um capricho verrdadeiro... Depois de aturarem metidos ali dentro toda a força da peste, agora que ela está, se pode dizer, acabada, que são raríssimos os casos, é que por força querem mudar de ares.

MADALENA – Pois coitados!...

MARIA – Coitado do povo! Que mais valem as vidas deles? Em pestes e desgraças assim, eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até a última, onde a miséria fosse mais e o perigo maior, para atender com remédio e amparo aos necessitados. Pois, rei não quer dizer pai comum de todos?

JORGE – A minha donzela Teodora! Assim é, filha, mas o mundo é doutro modo: que lhe faremos?

MARIA – Emendá-lo.

JORGE (*para Madalena, baixo*) – Sabeis que mais? Tenho medo desta criança.

MADALENA (*do mesmo modo*) – Também eu.

JORGE (*alto*) – Mas enfim, resolveram sair: e sabereis mais que, para corte e “buen retiro” dos nossos cinco reis, os senhores governadores de Portugal por D. Filipe de Castela, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa vila de Almada, que o deveu à fama de suas águas sadias, ares lavados e graciosa vista.

MADALENA – Deixá-los vir.

JORGE – Assim é: que remédio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre Convento de São Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do governo. Bom prelado é ele; e, se não fosse que nos tira do humilde sossego de nossa vida, por vir como senhor e príncipe secular... o mais, paciência. Pior é o vosso caso...

MADALENA – O meu!

JORGE – O vosso e de Manuel de Sousa: porque os outros quatro governadores – e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa – dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui <sup>2</sup>aposentadoria.

MARIA (*com vivacidade*) – Fechamos-lhes as portas. Metemos a nossa gente dentro – o <sup>3</sup>terço de meu pai tem mais de seiscentos homens – e defendemo-nos. Pois não é uma tirania?... E há de ser bonito!... Tomara eu ver seja o que for que se pareça com uma batalha!

JORGE – Louquinha!

MADALENA – Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros governadores, para nos fazerem esse desacato? Não há por aí outras casas; e eles não sabem que nesta há senhoras, uma família... e que estou eu aqui?...

(*Teatro*, vol. 3, 1844.)

<sup>1</sup>escapulário: faixa de tecido que frades e freiras de certas ordens religiosas cristãs usam pendente sobre o peito.

<sup>2</sup>pôr aposentadoria: ficar, morar.

<sup>3</sup>terço: corpo de tropas dos exércitos português e espanhol dos séculos XVI e XVII.

3. (UNESP) “Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo.”

Em relação à forma verbal “digo”, os pronomes oblíquos átonos “vo-lo” atuam, respectivamente, como

- objeto direto e objeto indireto.
- objeto indireto e objeto direto.
- objeto direto e predicativo do objeto.
- sujeito e objeto direto.
- sujeito e predicativo do sujeito.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca.

Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

4. (UNESP) “Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.” (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”, e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
5. (UNIFESP) Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



Explicitando-se os complementos dos verbos em “Eu cuido, eu respeito.”, obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- a) Eu a cuido, eu respeito-lhe.
- b) Eu cuido dela, eu lhe respeito.
- c) Eu cuido dela, eu a respeito.
- d) Eu lhe cuido e respeito.
- e) Eu cuido e respeito-a.

Leia a charge a seguir para responder à questão 6.



6. (MED UNESP - UNISA 2019) De acordo com a norma-padrão, as lacunas da charge devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- (A) feijões – enrolem-nos – vasilha.
- (B) feijão – enrolem estes – vasilha.
- (C) feijões – enrolem-os – vazilha.
- (D) feijão – enrolem-os – vazilha.
- (E) feijões – enrolem eles – vazilha.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Não é um dado natural, mas sim uma construção. Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios.*

(Jacques Le Goff)

Quando pensamos na relação entre memória e construção do que somos como seres humanos, chegamos à conclusão de que há certa autonomia na forma como administramos a vida que construímos e a que herdamos. Consciente ou inconscientemente, escolhemos o que lembrar e o que esquecer como caminho para dar sentido ao nosso passado e desenhar nosso futuro.

Ao optarmos pelo tema **memória**, desejamos contribuir com reflexões acerca do papel de cada um de nós nesse processo.

Imaginemos uma situação. Há muitos e muitos anos. Alguém chega a uma terra estranha e inexplorada. Trata de se situar, ver onde há água, de <sup>1</sup>onde vem o vento, que animais e plantas existem nas redondezas. Após algumas tentativas fracassadas, conclui que <sup>2</sup>certo <sup>3</sup>ponto é o <sup>4</sup>local mais adequado para providenciar um <sup>5</sup>abrigo. <sup>6</sup>Trata de construí-lo e torná-lo o mais confortável possível. Depois encontra alguns vizinhos distantes, com outras vivências diferentes. Trocam experiências, fazem amizade, incorporam mutuamente as descobertas um do outro. Em mais algum tempo, constitui-se um novo núcleo familiar. A casa cresce, ganha uma plantação, um cercadinho para os animais. <sup>7</sup>Faz-se uma estradinha e uma ponte para facilitar o convívio com os amigos. Novas e crescentes conquistas e aquisições. E assim por diante. Por várias gerações.

Alguns descendentes podem resolver explorar outros lugares. Mas levam a memória da casa, da plantação, das comidas, da ponte. Levam as ferramentas inventadas, os utensílios desenvolvidos, as lembranças acumuladas. E tudo se torna muito mais simples para eles graças a isso. Sua trajetória parte do zero, mas de vitórias e realizações anteriores.

Se um desses descendentes sofrer de uma forma de amnésia total, não conseguirá aproveitar nada do que seus ancestrais fizeram. <sup>8</sup>Ele não terá a memória das outras experiências. Vai ter que começar do nada. Chegando a uma terra estranha e inexplorada, pode nem ao menos tratar de se situar, ver onde há água, de onde vem o vento, que animais e plantas existem nas redondezas... Talvez procure um abrigo na areia onde a cheia do rio o carregue ou onde as feras vêm beber água. <sup>9</sup>Não aprendeu com quem viveu antes. <sup>10</sup>Não tem uma experiência anterior que lhe informe nada. Não sabe pescar nem cozinhar, não maneja uma ferramenta, desconhece armas e utensílios. Pior ainda, pode estar em frente à casa que herdou e não saber para que serve aquilo. Pode ouvir o chamado de seus vizinhos e não entender o que lhe dizem.

Reduzido ao instinto, o pobre desmemoriado terá sua própria sobrevivência ameaçada. Um caso de trágico desperdício.

Ou então, pode-se imaginar alguém que deseja muito melhorar de vida e tem na sala uma arca cheia de tesouros que os avós e os pais lhe deixaram. Mata-se de trabalhar, mas nunca supôs que aquele baú fosse mais do que uma caixa vazia. Jamais teve o impulso de arrombá-lo ou a curiosidade de procurar uma chave que o abrisse.

<sup>11</sup>Todo aquele patrimônio, ali pertinho, ao seu alcance, não lhe serve para nada. Um monumento à inutilidade. De alguma forma, toda a humanidade passa por riscos semelhantes. <sup>12</sup>Temos de herança o imenso patrimônio da leitura de obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos afora. Mas muitas vezes nem desconfiamos disso e nem nos interessamos pela possibilidade de abri-las, ao menos para ver o que há lá dentro. É uma pena e um desperdício.

<sup>13</sup>Talvez essa seja a primeira razão pela qual eu sempre quis explorar tudo o que eu pudesse nessa arca e, mais tarde, aproximar meus filhos dos clássicos. Porque eu sei que é um legado riquíssimo, que se trata de um tesouro inestimável que nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence e deixar que os outros se apoderem de tudo sem dividir conosco.

Ah, sim, porque esse risco também sempre esteve presente na história da humanidade. Tradicionalmente, a leitura devia ser para poucos porque ela é sempre um elemento de poder e podia ameaçar as minorias que controlavam os livros (e o conhecimento, o saber, a informação). Esses ideais de alfabetização para todos e acesso amplo aos livros são muito recentes na História. <sup>14</sup>Mas como estão aí e não há mais jeito para conseguir manter a massa na ignorância total, até parece que surgiu outra tática de propósito: distrair a maioria da população

com outras coisas, para que ela nem perceba que tem uma arca cheia de um rico tesouro bem à sua disposição, pertinho, ali no canto da sala. (...)

Assim, à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. (...)

Direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. <sup>15</sup>Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá.

(MACHADO. Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 16-19. Texto adaptado.)

1. (G1 - CMRJ 2020) “*Trata de construí-lo e torná-lo o mais confortável possível*”. (referência 6)

O emprego do pronome pessoal oblíquo é um dos recursos coesivos na construção do texto. Nesse trecho, as duas ocorrências do pronome fazem referência ao vocábulo

- a) onde (referência 1).
- b) local (referência 4).
- c) certo (referência 2).
- d) ponto (referência 3).
- e) abrigo (referência 5).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### História do humor

<sup>1</sup>“O humor está presente na civilização desde as sociedades mais primitivas – ele é uma capacidade que o ser humano tem de olhar a realidade e ressignificá-la, tornando-a algo engraçado e conferindo-lhe olhar crítico. No passado, ele era até uma forma de sobrevivência às adversidades e de união do grupo”, de acordo com o professor da Escola de Comunicações e Artes, Ricardo Alexino Ferreira.

Alexino conta que, a partir dos anos 40, os humoristas passaram a retratar frequentemente de forma pejorativa grupos minorizados da sociedade, como negros, mulheres, idosos e deficientes. <sup>2</sup>Segundo ele, os comediantes consideraram esse humor fácil, pois muitas vezes se limitava a imitar essas pessoas. “Parte do humor se tornou sem repertório e um reforçador de estereótipos, uma caricatura do ‘outro’”, diz.

(Fonte: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/10/quando-a-piada-perde-a-graca-e-viraofensa/> Acesso em: 08/09/2015)

2. (G1 - CP2) Releia o trecho do texto “História do humor” a seguir:

“O humor está presente na civilização desde as sociedades mais primitivas – ele é uma capacidade que o ser humano tem de olhar a realidade e ressignificá-la, tornando-a algo engraçado e conferindo-lhe olhar crítico.” (ref. 1).

Os pronomes oblíquos “la”, “a” e “lhe” referem-se ao mesmo termo, que é

- a) “uma capacidade”.
- b) “as sociedades”.
- c) “na civilização”.
- d) “a realidade”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Tu amarás outras mulheres  
E tu me esquecerás!  
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto  
Alguma coisa em ti pertence-me!  
Em mim alguma coisa és tu.  
O lado espiritual do nosso amor  
Nos marcou para sempre.  
Oh, vem em pensamento nos meus braços!  
Que eu te afeiçoe e acaricie...

(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: *O RITMO DISSOLUTO*. POESIA COMPLETA E PROSA. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

3. (UFSCAR) Manuel Bandeira usa, no poema, os pronomes pessoais com muitas variações. O pronome pessoal de primeira pessoa do singular, por exemplo, está empregado na sua forma reta e nas formas oblíquas (eu, me, mim). O mesmo acontece com o pronome pessoal de
- segunda pessoa do singular.
  - terceira pessoa do singular.
  - primeira pessoa do plural.
  - segunda pessoa do plural.
  - terceira pessoa do plural.

4. (ENEM PPL) Fazer 70 anos

Fazer 70 anos não é simples.  
 A vida exige, para o conseguirmos,  
 perdas e perdas no íntimo do ser,  
 como, em volta do ser, mil outras perdas.  
 [...]  
 Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!  
 Nós o conseguimos...  
 E sorrimos  
 de uma vitória comprada por que preço?  
 Quem jamais o saberá?

ANDRADE, C. D. *Amar se aprende amando*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992 (fragmento).

O pronome oblíquo “o”, nos versos “A vida exige, para o conseguirmos” e “Nós o conseguimos”, garante a progressão temática e o encadeamento textual, recuperando o segmento

- “Ó José Carlos”.
  - “perdas e perdas”.
  - “A vida exige”.
  - “Fazer 70 anos”.
  - “irmão-sem-Escorpião”.
5. (G1 - IFSC) Considere as seguintes regras relativas ao uso de pronomes oblíquos átonos:

**Regra 1:** O pronome a(s)/o(s) e suas variantes – la(s), na(s), lo(s), no(s) – é usado como objeto direto ou predicativo do sujeito.

**Regra 2:** O pronome lhe(s) é usado como objeto indireto e outros termos preposicionados (complemento nominal, adjunto adnominal de posse).

De acordo com as regras acima e respeitando a norma padrão da língua portuguesa, assinale a alternativa **CORRETA** quanto ao uso do pronome oblíquo átono destacado.

- Paulo sabia que a mulher **lhe** amava mais que tudo.
  - Marta estava nervosa, mas conseguimos tranquiliza-**la**.
  - O cão ainda parecia abatido. Por isso, tornei a dá-**lo** o remédio.
  - Convidei-**lhes** a entrar um pouco, enquanto esperavam o professor.
  - Chamei Cláudia e entreguei-**a** o dinheiro para as compras.
6. (INSPER)



(Jornal do Brasil, 01/04/1990)

- O que motivou o apito do juiz foi
- a) a necessidade de empregar a ênclise para seguir a norma padrão.
  - b) o uso de um objeto direto no lugar de um objeto indireto.
  - c) a opção pelo pronome pessoal oblíquo “o” em vez de “a”.
  - d) a obrigatoriedade da mesóclise nessa construção linguística.
  - e) a transgressão às regras de concordância nominal relacionadas ao pronome.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### A mulher e a casa

Tua sedução é menos  
de mulher do que de casa:  
pois vem de como é por dentro  
ou por detrás da fachada.

Mesmo quando ela possui  
tua plácida elegância,  
esse teu reboco claro,  
riso franco de varandas,

uma casa não é nunca  
só para ser contemplada;  
melhor: somente por dentro  
é possível contemplá-la.

Seduz pelo que é dentro,  
ou será, quando se abra;  
pelo que pode ser dentro  
de suas paredes fechadas;

pelo que dentro fizeram  
com seus vazios, com o nada;  
pelos espaços de dentro,  
não pelo que dentro guarda;

pelos espaços de dentro:  
seus recintos, suas áreas,  
organizando-se dentro  
em corredores e salas,

os quais sugerindo ao homem  
estâncias aconchegadas,  
paredes bem revestidas  
ou recessos bons de cavas,

exercem sobre esse homem  
efeito igual ao que causas:  
a vontade de corrê-la  
por dentro, de visitá-la.

Disponível em: <http://amoraroxa.blogspot.com.br/2008/02/mulher-e-casa-joo-cabral-de-melo-neto.html>. Acesso em: 24.09.2015

7. (G1 - IFBA) Fazendo a análise morfosintática da última estrofe, pode-se afirmar que, em “visitá-la”:
- a) o verbo é intransitivo.
  - b) o “la” é objeto indireto.
  - c) o acento agudo é facultativo.
  - d) o “la” é complemento nominal.
  - e) o “la” é pronome oblíquo e assume a função de objeto direto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### OGX poderá ficar com campos em caso de recuperação

“A OGX está bastante avisada que, em meio a tudo isso que ela está vivendo, ela tem que ter uma fiel observância ao contrato, tem que estar atenta para o cumprimento das cláusulas contratuais”, afirmou Magda Chambriard, diretora-geral da ANP. Entre outras, as cláusulas abrangem fornecimento de garantias, realização dos planos de desenvolvimento, realização dos planos de avaliação, “enfim, todas as obrigações dos contratos que ela tem, essa uma condição ‘sine qua nom’”, completou Magda.  
(Folha de SP, 17.10.2013)

8. (Espm 2016) Leia as frases do texto:

“ela tem que ter uma fiel observância ao contrato” e  
“as cláusulas abrangem fornecimento de garantias”.

Se os segmentos grifados forem substituídos por pronomes pessoais oblíquos, segundo a norma, teremos:

- a) ter ela; abrangem ele.
- b) tê-la; abrangem-nas.
- c) tê-la; abrangem-no.
- d) tê-lo; abrangem-o.
- e) ter a ela; abrangem-no.

9. (ENEM)



VERÍSSIMO, L. F. *As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio.* Porto Alegre: L&PM, 1997.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é inadequado, pois

- contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- gera inadequação na concordância com o verbo.
- gera ambiguidade na leitura do texto.
- apresenta dupla marcação de sujeito.

10. (ESPCEX (AMAN) 2019) Analise as duas frases abaixo:

- Os ladrões estão roubando! Prendam-nos!
- Somos os assaltantes! Prendam-nos!

Assinale a alternativa cuja descrição gramatical dos termos sublinhados está correta.

- Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural.
- Ambos são pronomes pessoais oblíquos referentes à 1ª pessoa do plural.
- Em I, “nos” é pronome reto da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome reto da 1ª pessoa do plural.
- Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.
- Ambos são pronomes pessoais retos referentes à 1ª pessoa do plural.

11. (PUCPR 2022) O trecho de reportagem a seguir é referência para a próxima questão.

Este ano é um ano de libertação para Charlotte Gainsbourg (Londres, 50 anos). (...). **“Para mim, foi** difícil deixar para trás os seis anos que moramos em Nova York, em que fui muito feliz, e voltar a Paris, a cidade que conheço tão bem com todos os seus fantasmas. Percebi que este ano estava dedicado aos meus pais, que foi uma necessidade”.

Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-28/charlotte-gainsbourg-nunca-gostei-de-mim-mesma-perto-da-minha-mae-tinha-vergonha-de-mim.html>>.

Acesso em: 29/8/21.

A combinação “Para mim, foi”, destacada no texto, é

- incorreta porque o pronome oblíquo “mim” não pode anteceder verbo.
- inadequada porque o pronome deveria ser “eu” para ser sujeito do verbo.
- uma maneira de representar a informalidade da fala da artista, traduzida do francês.
- correta porque o pronome pessoal não ocupa a função de sujeito.
- adequada porque exerce função de objeto direto na organização da frase em que ocorre.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto “Não comerei da alface a verde pétala”, de Vinicius de Moraes.

Não comerei da alface a verde pétala  
Nem da cenoura as hóstias desbotadas  
Deixarei as pastagens às manadas  
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas  
Talvez pouco elegantes para um poeta  
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta  
Que acredita no cromó das saladas.

Não nasci ruminante como os bois  
Nem como os coelhos, roedor; nasci  
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati  
E eu morrerei, feliz, do coração  
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

12. (FCMSCSP 2022) Objeto direto enfático: Por ênfase ou realce, é lícito repetir o objeto direto por meio de um pronome oblíquo.

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

Ocorre objeto direto enfático no seguinte verso:

- a) “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe)
- b) “E a quem mais aprouver fazer dieta.” (1ª estrofe)
- c) “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)
- d) “Não comerei da alface a verde pétala” (1ª estrofe)
- e) “Omnívoro; deem-me feijão com arroz” (3ª estrofe)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Quando a rede vira um vício

Com o título “Preciso de ajuda”, fez-se um desabafo aos integrantes da comunidade Viciados em Internet Anônimos: “Estou muito dependente da web, Não consigo mais viver normalmente. Isso é muito sério». Logo obteve resposta de um colega de rede. «Estou na mesma situação. Hoje, praticamente vivo em frente ao computador. Preciso de ajuda.» O diálogo dá a dimensão do tormento provocado pela dependência em Internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da própria rede se dissemina. Segundo pesquisas recém-conduzidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, de 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a web — com concentração na faixa dos 15 aos 29 anos. Os estragos são enormes. Como ocorre com um viciado em álcool ou em drogas, o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero. Ele também sofre de constantes crises de abstinência quando está desconectado, e seu desempenho nas tarefas de natureza intelectual despenca. Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia. Conclui uma psicóloga americana: “O viciado em internet vai, aos poucos, perdendo os elos com o mundo real até desembocar num universo paralelo — e completamente virtual”.

Não é fácil detectar o momento em que alguém deixa de fazer uso saudável e produtivo da rede para estabelecer com ela uma relação doentia, como a que se revela nas histórias relatadas ao longo desta reportagem. Em todos os casos, a internet era apenas “útil” ou “divertida” e foi ganhando um espaço central, a ponto de a vida longe da rede ser descrita agora como sem sentido. Mudança tão drástica se deu sem que os pais atentassem para a gravidade do que ocorria. “Como a internet faz parte do dia a dia dos adolescentes e o isolamento é um comportamento típico dessa fase da vida, a família raramente detecta o problema antes de ele ter fugido ao controle”, diz um psiquiatra. A ciência, por sua vez, já tem bem mapeados os primeiros sintomas da doença. De saída, o tempo na internet aumenta — até culminar, pasme-se, numa rotina de catorze horas diárias, de acordo com o estudo americano. As situações vividas na rede passam, então, a habitar mais e mais as conversas. É típico o aparecimento de olheiras profundas e ainda um ganho de peso relevante, resultado da frequente troca de refeições por sanduíches — que prescindem de talheres e liberam uma das mãos para o teclado. Gradativamente, a vida social vai se extinguindo. Alerta outra psicóloga: “Se a pessoa começa a ter mais amigos na rede do que fora dela, é um sinal claro de que as coisas não vão bem”.

Os jovens são, de longe, os mais propensos a extrapolar o uso da internet. Há uma razão estatística para isso — eles respondem por até 90% dos que navegam na rede, a maior fatia —, mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz. Algo como 10% dos entrevistados (viciados ou não) chegam a atribuir à internet uma maneira de “aliviar os sentimentos negativos”, tão típicos de uma etapa em que afloram tantas angústias e conflitos. Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias. Diz um outro psiquiatra: “Num momento em que a própria personalidade está por se definir, a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente”. No perfil daquela minoria que, mais tarde, resvala no vício se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração. Cerca de 50% deles, inclusive, sofrem de depressão, fobia social ou algum transtorno de ansiedade. É nesse cenário que os múltiplos usos da rede ganham um valor distorcido. Entre os que já têm o vício, a maior adoração é pelas redes de relacionamento e pelos jogos on-line, sobretudo por aqueles em que não existe noção de começo, meio ou fim.

Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema, nos Estados Unidos, a dependência em internet é reconhecida — e tratada — como uma doença. Surgiram grupos especializados por toda parte. “Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de que essa é uma doença”, conta um psicólogo. O prognóstico é bom: em dezoito semanas de sessões individuais e em grupo, 80% voltam a níveis aceitáveis de uso da internet. Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente distantes dela, como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida. Com a rede, afinal, descortina-se uma nova

dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento e ao próprio lazer, dos quais, em sociedades modernas, não faz sentido se privar. Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a qual já existe um consenso acerca do razoável: até duas horas diárias, no caso de crianças e adolescentes. Quanto antes a ideia do limite for sedimentada, melhor. Na avaliação de uma das psicólogas, “Os pais não devem temer o computador, mas, sim, orientar os filhos sobre como usá-lo de forma útil e saudável”. Desse modo, reduz-se drasticamente a possibilidade de que, no futuro, eles enfrentem o drama vivido hoje pelos jovens viciados.

Silvia Rogar e João Figueiredo, *Veja*, 24 de março de 2010. Adaptado.

13. (G1 - COL. NAVAL) Assinale a opção em que está correto o emprego do pronome pessoal.
- Os viciados em Web são reais. Precisamos ajudar-lhes.
  - Podemos ter relacionamentos virtuais, mas não devemos priorizá-los.
  - A Internet é útil e pode ser produtiva. Não devemos atribuí-la a culpa pelo uso exagerado.
  - Os filhos mais jovens costumam extrapolar o limite de horas na internet. Por isso, os pais devem orientar-lhes.
  - Os estragos para os jovens que não sabem tirar proveito da Web são enormes. Usam-a compulsivamente, a ponto de perderem os elos com o mundo real.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Um caso de burro

*Machado de Assis*

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais. Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tálburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma

de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburu ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburu e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contenta da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

14. (EFOMM 2021) Assinale a opção em que a palavra sublinhada é um pronome pessoal.

- a) “Diga-se a verdade; não o fez - ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos.”
- b) “O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência.”
- c) “[...] o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário.”
- d) “O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito.”
- e) “[...] fez-me ver que os que ficavam, não seriam menos exemplares do que esse.”

Leia o texto para responder a(s) questão(ões).

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, no entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – <sup>1</sup>eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. <sup>2</sup>Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: “Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?”, a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vi envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ansia foi, pois, de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um “crime passionnal”. *Cherchez la femme*\*. Depois, a vítima, um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. <sup>3</sup>E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, <sup>4</sup>nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados* que, muitas vezes, acabam no suicídio.

\* *Cherchez la femme*: Procurem a mulher.

15. (UNIFESP) Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- “As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados*”
  - “Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses.”
  - “Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.”
  - “Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem.”
  - “Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer.”
16. (G1 - CP2) “Todo dia duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia, a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabe. Toda noite, duzentos milhões de pessoas sonham em português.”

(Texto de abertura do filme *Língua – vidas em português*, de Victor Lopes)

No texto, há um pronome pessoal usado para substituir a expressão “a língua portuguesa”. Transcreva-o.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LXXII

### Uma Reforma Dramática

Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho. Eles chegam a seu tempo, até que o pano cai, apagam-se as luzes, e os espectadores vão dormir. Nesse gênero há porventura alguma coisa que reformar, e eu proporia, como ensaio, que as peças começassem pelo fim.

Otelo mataria a si e a Desdêmona no primeiro ato, os três seguintes seriam dados à ação lenta e decrescente do ciúme, e o último ficaria só com as cenas iniciais da ameaça dos turcos, as explicações de Otelo e Desdêmona, e o bom conselho do fino Iago: “Mete dinheiro na bolsa.” Desta maneira o espectador, por um, acharia no teatro a charada habitual que os periódicos lhe dão, porque os últimos atos explicariam o desfecho do primeiro, espécie de conceito, e, por outro lado, ia para a cama com uma boa impressão de ternura e de amor:

CXXXV

### Otelo

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço, - um simples lenço! - e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se, hoje são precisos os próprios lençóis, alguma vez nem lençóis há, e valem só as camisas. Tais eram as ideias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso, e Iago destilava a sua calúnia. Nos intervalos não me levantava da cadeira; não queria expor-me a encontrar algum conhecido. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, enquanto os homens iam fumar. Então eu perguntava a mim mesmo se alguma daquelas não teria amado alguém que jazesse agora no cemitério, e vinham outras incoerências, até que o pano subia e continuava a peça. O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvei as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.

Machado de Assis, *Dom Casmurro*

17. (Fuvest 1992) Este é o segundo período do capítulo LXXII: “Eles chegam a seu tempo, até que o pano cai, apagam-se as luzes, e os espectadores vão dormir. ”

- O pronome pessoal do caso reto da terceira pessoa do plural que inicia a frase retoma que termos da frase anterior?
- Explique por que esse pronome está no masculino plural.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O BICHO

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, Manuel. *O Bicho*. In: MANUEL BANDEIRA. POESIA E PROSA. Rio de Janeiro, Aguillar, 1958 vol. I, p.356)

**18. (UNESP - ADAPTADA)** “Vi ontem UM BICHO

Na imundície do pátio  
Catando COMIDA entre os detritos”

Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos em maiúsculo pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LIVRO DO ECLESIASTES - Introdução

1 Palavras do Eclesiastes filho de David, rei de Jerusalém.

2 Vaidade de vaidades, disse o Eclesiastes; vaidade de vaidades, tudo é vaidade.

3 Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?

4 Uma geração passa, e outra geração lhe sucede; mas a terra permanece sempre estável.

5 O sol nasce e põe-se, e torna ao lugar donde partiu, e, renascendo aí,

6 dirige o seu giro para o meio-dia, e depois declina para o norte; o vento corre, visitando tudo em roda, e volta a começar os seus circuitos.

7 Todos os rios entram no mar, e o mar nem por isso trasborda; os rios voltam ao mesmo lugar donde saíram, para tornarem a correr.

8 Todas as coisas são difíceis; o homem não as pode explicar com palavras. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se cansa de ouvir.

9 O que é que foi? É o mesmo que há de ser. Que é o que se fez? O mesmo que se há de fazer.

10 Não há nada novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: eis aqui está uma coisa nova, porque ela já existiu nos séculos que passaram antes de nós.

11 Não há memória das coisas antigas, mas ambém não haverá memória das coisas que hão de suceder depois de nós entre aqueles que viverão mais tarde.

12 Eu, o Eclesiastes, fui rei de Israel em Jerusalém,

13 e propus no meu coração inquirir e investigar sabiamente todas as coisas que se fazem debaixo do sol. Deus deu esta penosa ocupação aos filhos dos homens, para que se ocupassem nela.

14 Vi tudo o que se faz debaixo do sol, e achei que tudo era vaidade e aflição de espírito.

15 Os perversos dificilmente se corrigem, e o número dos insensatos é infinito.

(*Bíblia Sagrada - Antigo Testamento. Livro do Eclesiastes, I, 1-15. 1952.*)

## REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS

Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os últimos suspiros, estamos dispendo a nossa pompa fúnebre, como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para ocupação: nessa hora em que estamos para deixar o mundo, ou em que o mundo está para nos deixar, e entramos a compor e a ordenar o nosso acompanhamento e assistência funeral; e com vanglória antecipada nos pomos a antever aquela cerimônia, a que chamam as nações últimas honras, devendo antes chamá-la vaidades últimas. Queremos que em cada um de nós se entregue à terra, com solenidade e fausto, outra infeliz porção de terra: tributo inexorável! A vaidade no meio da agonia nos faz saborear a ostentação de um luxo que nos é posterior, e nos faz sensíveis as atenções que hão de dirigir-se à nossa insensibilidade. (...)

De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade; e se esconde de tal forma, que a si mesma se oculta e ignora: ainda as ações mais pias nascem muitas vezes de uma vaidade mística, que quem a tem não a conhece nem distingue: a satisfação própria, que a alma recebe, é como um espelho em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obramos, e nisso consiste a vaidade de obrar o bem.

Não há maior injúria que o desprezo; e é porque o desprezo todo se dirige e ofende a vaidade; por isso a perda da honra aflige mais que a da fortuna; não porque esta deixe de ter um objeto mais certo e mais visível, mas porque aquela toda se compõe da vaidade, que é em nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida, e quase sempre se sacrifica a vida por amor da honra. Com a honra que adquire, se consola o que perde a vida; porém o que perde a honra, não lhe serve de alívio a vida que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem no ser, que para durarem na vaidade. Justo fora que amassem com excesso a honra, se esta não fosse quase sempre um desvario que se sustenta na estimação dos homens, e só vive da opinião deles.

(Matias Aires Ramos da Silva de Eça. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. 1953.)

19. (UNESP - ADAPTADA) Alguns pronomes apresentam-se como anafóricos, isto é, referem-se a um sintagma nominal que os antecede no enunciado, como é o caso, por exemplo, do pronome pessoal do caso oblíquo “a” (empregado antes de “publiquei”), que se refere a “a reportagem” no período “Você me enviou com atraso a reportagem, e por isso eu não a publiquei logo”. De posse desta informação, Indique o núcleo do sintagma nominal a que se refere o pronome “as” empregado antes da forma verbal “pode” no versículo 8 do fragmento do Eclesiastes;

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.  
Ai, quem não chora não mama,

Quem não mama fica fraco,  
Fica sem força pra vida,  
A vida é luta renhida,  
Não é sopa, é um buraco.

Se eu não tivesse chorado  
Nunca teria mamado,  
Não estava agora cantando,  
Não teria um automóvel,  
Estaria caceteado,  
Assinando promissória,  
Quem sabe vendendo imóvel  
A prestação ou sem ela,  
Ou esperando algum tigre  
Que talvez desse amanhã,  
Ou dando um tiro no ouvido,  
Ou sem olho, sem ouvido,  
Sem perna, braço, nariz.

Chora, meu filho, chora,  
Anteontem, ontem, hoje,  
Depois de amanhã, amanhã.  
Não dorme, filho, não dorme,  
Se você toca a dormir

Outro passa na tua frente,  
Carrega com a mamadeira.  
Abre o olho bem aberto,  
Abre a boca bem aberta,  
Chore até não poder mais.

(MENDES, Murilo. "História do Brasil, XLIII".

In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova  
Aguilar, 1994, p. 177-178.)

20. (UNESP - ADAPTADA) No verso "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,

- a) aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de "Oração aos Moços": "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
- b) ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

## GABARITO

- |       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. E  | 2. D  | 3. A  | 4. D  | 5. B  |
| 6. B  | 7. E  | 8. C  | 9. B  | 10. D |
| 11. D | 12. A | 13. B | 14. C | 15. D |

16.

O pronome pessoal é "ela".

No trecho "Todo dia, a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos, e que *ela* acolhe como filhos" isso fica evidente, uma vez que o *ela* destacado pode ser substituído por "a língua portuguesa".

17.

a) Peripécias e desfechos.

b) Plural + singular = pronome pessoal no plural  
Feminino + masculino = pronome pessoal no masculino.

18.

Com as alterações solicitadas, a frase seria: Vi-o catando-a.

19.

O pronome oblíquo átono "as" refere-se ao sintagma nominal "as coisas".

20.

a) O antecedente a que se refere o pronome "as" é "certas situações".

b) O pronome "as" desempenha a função sintática de objeto direto da forma verbal "tenho resignado".

ANOTAÇÕES



**LINGUAGENS, CÓDIGOS  
E SUAS TECNOLOGIAS**

**ESTUDO ATIVO**

**1**

**DISCIPLINA:**

**INTERPRETAÇÃO  
DE TEXTO**





# Funções da Linguagem I

## INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Competência(s):  
5

Habilidade(s):  
15, 16 e 17

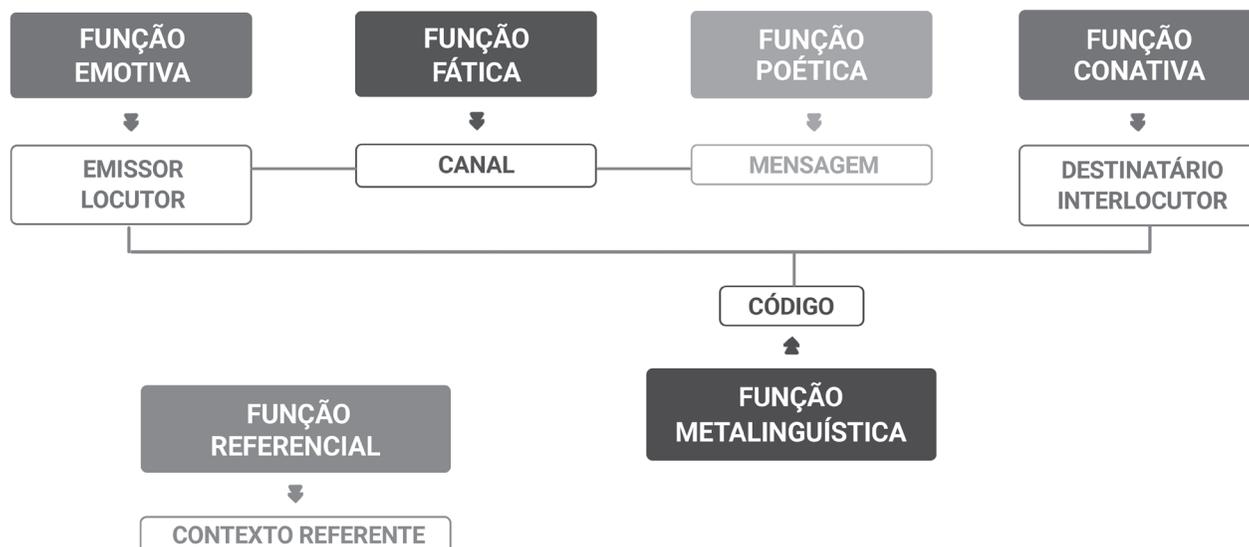
# AULA 1

## VOCÊ DEVE SABER!

- Função emotiva ou expressiva. Foco: emissor / locutor / enunciador
- Função apelativa ou conativa. Foco: receptor / ouvinte / interlocutor
- Função referencial ou denotativa. Foco: referente

## MAPEANDO O SABER

# FUNÇÕES DA LINGUAGEM



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### 1. (ENEM 2021) Estojo escolar

Rio de Janeiro – Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

[...] Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de computador portátil.

No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto.

[...] De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojo escolar. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[...] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. [...]

O notebook que agora abro é negro e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, a aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojo e de vida.

CONY, C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009 (adaptado).

No texto, há marcas da função da linguagem que nele predomina. Essas marcas são responsáveis por colocar em foco o(a)

- a) mensagem, elevando-a à categoria de objeto estético do mundo das artes.
- b) código, transformando a linguagem utilizada no texto na própria temática abordada.
- c) contexto, fazendo das informações presentes no texto seu aspecto essencial.
- d) enunciador, buscando expressar sua atitude em relação ao conteúdo do enunciado.
- e) interlocutor, considerando-o responsável pelo direcionamento dado à narrativa pelo enunciador.

### 2. (ENEM DIGITAL 2020)



PARA TER UMA SOCIEDADE JUSTA, VOCÊ PRECISA APENAS MOVER UM DEDO.

Nessas eleições, anule qualquer tipo de dúvida sobre candidatos ou propostas. Confirme seus direitos de cidadão e informe-se. No mês de setembro, você acompanhará matérias sobre a disputa pela Prefeitura e Câmara de Vereadores. Não deixe nada passar em branco e vote consciente.

Disponível em: [www.ricmais.com.br](http://www.ricmais.com.br). Acesso em: 10 nov. 2011 (adaptado).

De acordo com as intenções comunicativas e os recursos linguísticos que se destacam, determinadas funções são atribuídas à linguagem. A função que predomina nesse texto é a conativa, uma vez que ele

- a) atua sobre o interlocutor, procurando convencê-lo a realizar sua escolha de maneira consciente.
- b) coloca em evidência o canal de comunicação pelo uso das palavras “corrige” e “confirma”.
- c) privilegia o texto verbal, de base informativa, em detrimento do texto não verbal.
- d) usa a imagem como único recurso para interagir com o público a que se destina.
- e) evidencia as emoções do enunciador ao usar a imagem de uma criança.

## 3. (G1 - IFPE 2020)



Disponível em: <<http://www.mpggo.mp.br/portal/conteudo/campanha-de-combate-ao-bullying#.XbLTVOhkIU>>. Acesso em: 25 out. de 2019.

O uso da função apelativa é predominante nas campanhas comunitárias. O texto, produzido pelo Ministério Público de Goiás, reforça essa função ao priorizar o protagonismo do interlocutor. Isso pode ser comprovado a partir do uso

- da logomarca do Ministério Público.
- de verbos no imperativo.
- da imagem no centro do texto.
- de letras com formatação diferente.
- do número telefônico que receberá a denúncia.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Ciência é uma das formas de busca de conhecimento desenvolvida pelo homem moderno. Sob seu <sup>1</sup>escopo <sup>2</sup>inserem-se as mais diferentes realidades físicas, sociais e <sup>3</sup>psíquicas, entre outras. A linguagem, manifestação presente em todos os momentos de nossas vidas e em todas as nossas atividades, podendo até ser tomada como definidora da própria natureza humana, passou a ser tratada <sup>4</sup>sob a perspectiva <sup>5</sup>dessa forma de conhecimento, <sup>6</sup>ou seja, passou a ser objeto de investigação científica, a partir do início do século XX.

Por ter um papel central na vida dos seres humanos, a linguagem tem como sua característica <sup>7</sup>primordial ser <sup>8</sup>multifacetada. Tal característica exige que, ao <sup>9</sup>submeter-se ao tratamento científico, essa realidade multifacetada sofra cortes e <sup>10</sup>abstrações, tendo como consequência <sup>11</sup>o fato de que <sup>12</sup>ela só pode ser entendida <sup>13</sup>a partir de diferentes perspectivas, gerando uma pluralidade de teorias que buscam <sup>14</sup>compreendê-la e explicá-la.

Esmeralda Vailati Negrão, "A cartografia sintática", em *Novos caminhos da linguística*.

## 4. (MACKENZIE) Assinale a alternativa correta.

- O texto encontra na exploração das possibilidades estéticas de uso da linguagem sua principal característica.
- Marcas de interação com o leitor evidenciam que a função fática é a predominante no texto.
- A presença de índices de subjetividade, como o uso destacado da 1ª pessoa, indica que a função expressiva está em destaque no texto.
- A linguagem objetiva e direta é uma das características que possibilitam definir a função referencial como a predominante no texto.
- Como o texto trata de características da própria linguagem humana, pode-se afirmar que a função conativa é a predominante, dando prioridade a dados concretos e fatos.

## 5. (ENEM) Exmº Sr. Governador:

Trago a V. Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928.

[...]

**ADMINISTRAÇÃO**

Relativamente à quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos que prefeitura do interior não ponha no arame, proclamando que a coisa foi feita por ela; comunicam-se as datas históricas ao Governo do Estado, que não precisa disso; todos os acontecimentos políticos são badalados. Porque se derrubou a Bastilha - um telegrama; porque se deitou pedra na rua - um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela - um telegrama.

Palmeira dos Índios, 10 de janeiro de 1929.

GRACILIANO RAMOS

RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

O relatório traz a assinatura de Graciliano Ramos, na época, prefeito de Palmeira dos Índios, e é destinado ao governo do estado de Alagoas. De natureza oficial, o texto chama a atenção por contrariar a norma prevista para esse gênero, pois o autor

- emprega sinais de pontuação em excesso.
- recorre a termos e expressões em desuso no português.
- apresenta-se na primeira pessoa do singular, para conotar intimidade com o destinatário.
- privilegia o uso de termos técnicos, para demonstrar conhecimento especializado.
- expressa-se em linguagem mais subjetiva, com forte carga emocional.

## 6. (ENEM) A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo

Resumo: Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.

Palavras-chave: Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.

SANT'ANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo.

Dossiê: trabalho e educação básica. *Margens Interdisciplinar*. Versão digital. Abaetetuba, n. 16. jun. 2017 (adaptado).

O cumprimento da função referencial da linguagem é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico. Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida pela

- impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em “Este artigo tem por finalidade” e “Evidencia-se”.
- seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em “imaginário racista” e “estética do negro”.
- metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões “descolonização estética” e “discurso midiático-publicitário”.
- nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como “inferiorização” e “desvalorização”.
- adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em “ética da diversidade” e “descolonização estética”.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

### 1. (UNIFESP)

Este inferno de amar

Este inferno de amar – como eu amo!

Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?

Esta chama que alenta e consome,

Que é a vida – e que a vida destrói –

Como é que se veio a atear,

Quando – ai quando se há-de ela apagar?

Almeida Garrett

Nos versos de Garrett, predomina a função:

- metalinguística da linguagem, com extrema valorização da subjetividade no jogo entre o espiritual e o profano.
- apelativa da linguagem, num jogo de sentido pelo qual o poeta transmite uma forma idealizada de amor.
- referencial da linguagem, privilegiando-se a expressão de forma racional.
- emotiva da linguagem, marcada pela não contenção dos sentimentos, dando vazão ao subjetivismo.
- fática da linguagem, utilizada para expressar as ideias de forma evasiva, como sugestões.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### No país da biodiversidade, faltam recursos para gerir os nossos parques

<sup>1</sup>Quem já visitou <sup>2</sup>algum <sup>3</sup>parque brasileiro certamente se surpreendeu com <sup>4</sup>tamanha exuberância cênica <sup>5</sup>desses locais. <sup>6</sup>Não por acaso, <sup>7</sup>nossos parques conservam uma rica biodiversidade – uma das maiores do mundo – cuja excepcionalidade projetou algumas <sup>8</sup>dessas áreas ao patamar de patrimônio natural da humanidade. <sup>9</sup>Enquanto a natureza nos dá motivos de sobra para enaltecer nossos parques, <sup>10</sup>a realidade de escassez e limitação de recursos para a gestão e manutenção dessas áreas tem comprometido grande parte do seu potencial gerador de desenvolvimento, saúde e bem-estar – para não mencionar a vulnerabilidade a que sua fauna e flora ficam expostas.

<sup>11</sup>Esse retrato de limitações foi capturado na edição recém-lançada da pesquisa Diagnóstico de Uso Público em Parques Brasileiros: A Perspectiva da Gestão, produzida pelo Instituto Semeia junto a equipes gestoras de 370 parques de todas as regiões, biomas e níveis governamentais do país. <sup>12</sup>O sinal de alerta dessa escassez foi declarado por 67% dos respondentes, que afirmaram não contar com subsídios – humanos e financeiros – necessários para a realização de suas atividades no parque.

<sup>13</sup>Ainda de acordo com a pesquisa, grande parte (49%) das equipes que administram essas áreas conta somente com até 10 funcionários, ao passo que 9% possuem apenas um colaborador. Na prática, isso quer dizer que, no caso dos parques nacionais, há um único responsável, em média, por quase 11 mil hectares – o que equivale a cerca de 11 mil campos de futebol. <sup>14</sup>Já na esfera estadual, seria um funcionário para, aproximadamente, 2 mil hectares e, na municipal, um funcionário para 58 hectares.

<sup>15</sup>Quando o assunto é a gestão financeira desses espaços, além da escassez de recursos, o cenário é também de falta de informação: 40% dos respondentes declaram não ter acesso aos dados orçamentários das unidades em que atuam. Entre os que têm acesso a esses números, seja de forma parcial ou total, o valor médio do orçamento em 2019 para os parques federais foi de R\$ 790 mil, para os municipais, de R\$ 800 mil, e os estaduais, R\$ 9,6 milhões.

<sup>16</sup>Para se ter uma ideia, o *National Park Service* (órgão norte-americano responsável por 421 unidades distribuídas em 34 milhões de hectares) teve em 2019 um orçamento de USD 2,4 bilhões. No mesmo ano, o orçamento do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) foi de USD 142,6 milhões (em reais, 791 milhões), para administrar uma área cinco vezes maior (se considerarmos unidades de conservação terrestres e marinhas).

<sup>17</sup>Tudo isso se reflete nas condições de visitação e no uso público dos parques brasileiros. <sup>18</sup>Mais da metade declara não contar com infraestrutura básica para receber visitantes – como banheiros e estacionamento, por exemplo. E, entre as unidades que receberam visitantes em 2019 (79%), apenas 7% afirmam contar com uma estrutura que garante plenamente as necessidades básicas de visitação, enquanto somente 11% consideram que a manutenção das estruturas está em excelente estado.

<sup>19</sup>Esses dados evidenciam uma triste contradição: <sup>20</sup>se, por um lado, nossos parques possuem belezas naturais únicas, equipes altamente qualificadas e experientes, além de um potencial turístico promissor, por outro, tudo isso se arrefece com a precariedade observada na implementação e manutenção das atividades de uso público na maioria deles. Basta pensar que, em 2019, o Brasil foi listado pelo Fórum Econômico Mundial como 2º lugar em recursos naturais, mas figura somente na 32ª colocação do *ranking* global de competitividade turística.

<sup>21</sup>Alcançar um patamar condizente à altura do nosso capital natural é mais do que possível. <sup>22</sup>Para isso, faz-se necessário fortalecer os órgãos gestores dessas áreas e avançar numa agenda mais moderna, empreendedora e sustentável voltada à gestão desses espaços. E, nesse sentido, as parcerias e concessões podem ser uma alternativa possível – já experimentadas em alguns parques brasileiros internacionalmente reconhecidos como Igraçu e Chapada dos Veadeiros, por exemplo – para apoiar as equipes gestoras a potencializar a visitação, o turismo e a conservação. <sup>23</sup>Afinal de contas, quanto mais os brasileiros conhecerem o seu patrimônio natural, maior será a conscientização sobre o valor e a necessidade de cuidar dessas áreas.

(HADDAD, Mariana (Coordenadora de Conhecimento do Instituto Semeia e responsável pela pesquisa); REZENDE, Aline (Coordenadora de Comunicação do Instituto Semeia). No país da biodiversidade, faltam recursos para gerir os nossos parques. Publicado em *Exame* de 27 de abril de 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/opiniao/no-pais-da-biodiversidade-faltam-recursos-para-gerir-os-nossos-parques/>. Acesso em 02 de maio de 2021). Texto adaptado para esta prova.

2. (UPF 2021) O sujeito falante está constantemente usando a linguagem para se comunicar com os outros. Para isso, usa as funções da linguagem para concretizar seus atos comunicativos. No texto em análise, podemos identificar várias funções da linguagem que organizam seu sentido. Marque a alternativa correta que aponta a função de linguagem predominante no texto com sua respectiva característica.
- Fática, uma vez que o texto traz índices numéricos e percentuais com o objetivo de manter o contato com o leitor, evidenciando uma comunicação ativa.
  - Metalinguística, uma vez que explica, por meio de diferentes orações intercaladas, o sentido do texto.
  - Apelativa, uma vez que usa dados percentuais inquestionáveis para informar ao leitor do texto que algo deve ser feito pela natureza.
  - Referencial, uma vez que o texto, dentre outras questões, traz informações acerca dos parques brasileiros e da biodiversidade de sua fauna e flora.
  - Emotiva, uma vez que exhibe emoções quando expõe seu ponto de vista acerca do patrimônio natural de todos os brasileiros.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Revista São Paulo, 04 a 10 de agosto de 2013. Original colorido)

Participe do Concurso Cultural Viagem para o Pantanal do Shopping D.

Preencha o formulário e crie uma frase original e criativa em resposta à pergunta: "Por que meu pai merece conhecer o Pantanal?".

O autor da melhor frase ganha uma viagem com acompanhante.

Consulte o regulamento completo no site [www.shoppingd.com.br](http://www.shoppingd.com.br) Concurso válido de 22/7/2013 a 11/8/2013.

3. **(G1 - CPS)** Nesse texto publicitário, predomina a função da linguagem
- referencial, pois a pretensão é informar o leitor sobre a região do Pantanal.
  - poética, pois se exige que a narrativa vencedora relate uma situação verídica.
  - fática, pois a linguagem utilizada nas instruções é característica do público infantil.
  - emotiva, pois se espera que a mensagem seja clara e não dê margem a subjetividades.
  - apelativa, pois se busca interação com o leitor, como comprova o emprego de verbos no imperativo.
4. **(ENEM PPL)** "Escrever não é uma questão apenas de satisfação pessoal", disse o filósofo e educador pernambucano Paulo Freire, na abertura de suas *Cartas a Cristina*, revelando a importância do hábito ritualizado da escrita para o desenvolvimento de suas ideias, para a concretização de sua missão e disseminação de seus pontos de vista. Freire destaca especial importância à escrita pelo desejo de "convencer outras pessoas", de transmitir seus pensamentos e de engajar aqueles que o leem na realização de seus sonhos.

KNAPP, L. Linha fina. *Comunicação Empresarial*, n. 88, out. 2013.

Segundo o fragmento, para Paulo Freire, os textos devem exercer, em alguma medida, a função conativa, porque a atividade de escrita, notadamente, possibilita

- levar o leitor a realizar ações.
  - expressar sentimentos do autor.
  - despertar a atenção do leitor.
  - falar da própria linguagem.
  - repassar informações.
5. **(ENEM 2ª APLICAÇÃO)** Adoçante

Quatro gotas do produto contêm 0,04 kcal e equivalem ao poder adoçante de 1 colher (de chá) de açúcar. Ingredientes — água, sorbitol, edulcorantes (sucralose e acesulfame de potássio); conservadores: benzoato de sódio e ácido benzoico, acidulante ácido cítrico e regulador de acidez citrato de sódio. Não contém glúten.

Informação nutricional — porção de 0,12 mL (4 gotas).

Não contém quantidade significativa de carboidratos, proteínas, gorduras totais, gorduras trans, fibra alimentar e sódio.

Consumir preferencialmente sob orientação de nutricionista ou médico.

Cosmed Indústria de Cosméticos e Medicamentos S/A. Barueri, SP.

Esse texto, rótulo de um adoçante, tem como objetivo transmitir ao leitor informações sobre a

- composição nutricional do produto.
- necessidade de consultar um especialista antes do uso.
- medida exata de cada ingrediente que compõe a fórmula.
- quantidade do produto que deve ser consumida diariamente.
- correspondência calórica existente entre o adoçante e o açúcar.

#### 6. (ENEM PPL) Perder a tramontana

*A expressão ideal para falar de desorientados e outras palavras de perder a cabeça*

É perder o norte, desorientar-se. Ao pé da letra, “perder a tramontana” significa deixar de ver a estrela polar, em italiano *stella tramontana*, situada do outro lado dos montes, que guiava os marinheiros antigos em suas viagens desbravadoras.

Deixar de ver a tramontana era sinônimo de desorientação. Sim, porque, para eles, valia mais o céu estrelado que a terra. O Sul era região desconhecida, imprevista; já o Norte tinha como referência no firmamento um ponto luminoso conhecido como a estrela Polar, uma espécie de farol para os navegantes do Mediterrâneo, sobretudo os genoveses e os venezianos. Na linguagem deles, ela ficava tras-montes, para além dos montes, os Alpes. Perdê-la de vista era perder a tramontana, perder o Norte. No mundo de hoje, sujeito a tantas pressões, muita gente não resiste a elas e entra em parafuso. Além de perder as estribeiras, perde a tramontana...

COTRIM, M. *Língua Portuguesa*, n. 15, jan. 2007.

Nesse texto, o autor remonta às origens da expressão “perder a tramontana”. Ao tratar do significado dessa expressão, utilizando a função referencial da linguagem, o autor busca:

- apresentar seus indícios subjetivos.
- convencer o leitor a utilizá-la.
- expor dados reais de seu emprego.
- explorar sua dimensão estética.
- criticar sua origem conceitual.

#### 7. (ENEM 2022) Assentamento

Zanza daqui  
Zanza pra acolá  
Fim de feira, periferia afora  
A cidade não mora mais em mim  
Francisco, Serafim  
Vamos embora

Ver o capim  
Ver o baobá  
Vamos ver a campina quando flora  
A piracema, rios contravim  
Binho, Bel, Bia, Quim  
Vamos embora

Quando eu morrer  
Cansado de guerra  
Morro de bem  
Com a minha terra:  
Cana, caqui  
Inhame, abóbora  
Onde só vento se semeava outrora  
Amplidão, nação, sertão sem fim  
Ó Manuel, Miguilim  
Vamos embora

BUARQUE, C. *As cidades*. Rio de Janeiro: RCA, 1998 (fragmento).

Nesse texto, predomina a função poética da linguagem. Entretanto, a função emotiva pode ser identificada no verso:

- “Zanza pra acolá”.
- “Fim de feira, periferia afora”.
- “A cidade não mora mais em mim”.
- “Onde só vento se semeava outrora”.
- “Ó Manuel, Miguilim”.

#### 8. (COPEVE-UFAL)

##### Cotovia

Alô, cotovia!  
Aonde voaste,  
Por onde andaste,  
Que saudades me deixaste?  
– Andei onde deu o vento.  
Onde foi meu pensamento  
Em sítios, que nunca viste,  
De um país que não existe...  
Voltei, te trouxe a alegria.

(Fonte: *Os melhores poemas de Manuel Bandeira*. SP: Global, 1994. p. 130.)

Em cada mensagem, pode-se encontrar elementos correspondentes a diferentes funções da linguagem. Pela estrutura linguística, marcada tanto pelas formas verbais e pronominais quanto pelo emprego de figuras de linguagem, na estrofe predominam as funções da linguagem:

- apelativa e fática, centradas no receptor e no contato.
- emotiva e poética, centradas no emissor e na mensagem.
- referencial e apelativa, centradas no contexto e no contato.
- emotiva e metalinguística, centradas no emissor e no código.
- poética e referencial, centradas na mensagem e no contexto.

### 9. (UNICHRISTUS - MEDICINA 2021)

**SONEGAR É CRIME!**  
**QUEM PAGA POR ELE?**  
**VOCÊ.**  
**SUA ÚNICA DEFESA:**

**EXIJA A**  
**NOTA FISCAL**

**LEI FEDERAL Nº8.846,94 E LEI ESTADUAL Nº9.990/98**  
Afixação obrigatória de cartazes informativos, visíveis junto aos caixas e de fácil leitura; em todo local onde proceda a venda de bens ou prestação de serviços em todo Brasil, elaborados pela secretaria da Receita Federal.

Disponível em: <https://www.editoracapri.com.br>.  
Acesso em: 8 fev. 2021.

No texto anterior, a frase “Exija a nota fiscal” caracteriza a presença da função

- conativa.
- fática.
- metalinguística.
- poética.
- referencial.

### 10. (ENEM) Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder  
A dor que foi maior do que é capaz meu coração  
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar  
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar  
Ah, eu vou voltar pra mim  
Seguir sozinho assim  
Até me consumir ou consumir toda essa dor  
Até sentir de novo o coração capaz de amor

VANDRE. G. Disponível em: <http://www.lettras.terra.com.br>.  
Acesso em 29 jun. 2011.

Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor

- imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.
- transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.
- busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
- procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
- objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

11. (ENEM) Deficientes visuais já podem ir a algumas salas de cinema e teatros para curtir, em maior intensidade, as atrações em cartaz. Quem ajuda na tarefa é o aplicativo Whatscine, recém-chegado ao Brasil e disponível para os sistemas operacionais iOS (Apple) ou Android (Google). Ao ser conectado à rede *wi-fi* de cinemas e teatros, o *app* sincroniza um áudio que descreve o que ocorre na tela ou no palco com o espetáculo em andamento: o usuário, então, pode ouvir a narração em seu celular.

O programa foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade Carlos III, em Madri. “Na Espanha, 200 salas de cinema já oferecem o recurso e filmes de grandes estúdios já são exibidos com o recurso do Whatscine!”, diz o brasileiro Luis Mauch, que trouxe a tecnologia para o país. “No Brasil, já fechamos parceria com a São Paulo Companhia de Dança para adaptar os espetáculos deles! Isso já é um avanço. Concorda?”

Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em 25 jun. 2014 (adaptado).

Por ser múltipla e apresentar peculiaridades de acordo com a intenção do emissor, a linguagem apresenta funções diferentes. Nesse fragmento, predomina a função referencial da linguagem, porque há a presença de elementos que

- buscam convencer o leitor, incitando o uso do aplicativo.
- definem o aplicativo, revelando o ponto de vista da autora.
- evidenciam a subjetividade, explorando a entoação emotiva.
- expõem dados sobre o aplicativo, usando linguagem denotativa.
- objetivam manter um diálogo com o leitor, recorrendo a uma indagação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Seria o fogo em minha casa? Correriam risco de arder todos os meus manuscritos, toda a expressão de toda a minha vida? Sempre que esta ideia, antigamente, simplesmente me ocorrera, um pavor enorme me fazia estarrecer. E agora reparei de repente, não sei já se com pasmo ou sem pasmo, não sei dizer se com pavor ou não, que me não importaria que ardessem. Que fonte – que fonte secreta mas tão minha – se me havia secado na alma?

Fernando Pessoa: *Barão de Teive: a educação do insólito.*

12. (G1 - IFCE) As interrogações como autoquestionamento e o emprego da primeira pessoa do singular, de verbos no futuro do pretérito, elaborando hipóteses, são marcas textuais referentes

- a uma busca de testar a eficiência do canal de comunicação, medindo o nível do contato no ambiente comunicativo, e caracterizam a função fática da linguagem.
- ao apelo à atenção ou tentativa de persuasão dirigida ao decodificador da mensagem, e caracterizam a função conativa ou apelativa da linguagem.
- à emotividade ou à expressividade do enunciador da mensagem, e caracterizam a função emotiva ou expressiva da linguagem.
- à conceituação, à referência e à informação objetiva do elemento temático da mensagem, e caracterizam a função referencial da linguagem.
- a uma explicação, definição e análise dos elementos do código da mensagem, e caracterizam a função metalinguística da linguagem.

### 13. (ENEM) Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma crônica divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, J.E. *Veja*, 11 set. 2002 (fragmento)

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois

- o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*Parece quase impossível existir algo <sup>1</sup>tão complexo como o cérebro humano. Um neurocientista dedica anos de estudo apenas para se familiarizar com as principais regiões deste órgão, e não é para menos – são bilhões de células e trilhões de conexões. Por trás da fascinante estrutura neural, encontram-se funções bastante simples em seu objetivo. O cérebro existe para que possamos perceber o mundo e saber como reagir. É comum tratarmos a consciência como uma atividade passiva, mas não é bem <sup>2</sup>assim – consciência <sup>3</sup>requer metas, expectativas, capacidade de filtrar informações.*

*Se a mente lhe parece um espaço ativo, preenchido com mais coisas do que costuma aparecer em uma massa de circuitos, então você está certo ou certa. Você é a expressão física de uma história de desenvolvimento social muito maior do que imaginou. Seu cérebro é uma delicada entidade num constante <sup>4</sup>frenesi de produção de conhecimento. A riqueza de <sup>5</sup>suas vias reflete a riqueza de nossa vida.*

Adaptado de *Como o cérebro funciona*, de John McCrone

14. (MACKENZIE) Assinale a alternativa correta.
- A função expressiva evidencia-se como predominante no texto, marcada inclusive pelo uso reiterado da primeira pessoa.
  - O texto está elaborado em torno da função referencial, uma vez que a transmissão objetiva de um conteúdo é o interesse principal do autor.
  - Como todo texto científico, a exposição que se faz sobre o cérebro humano é estruturada em torno do uso predominante da função fática.
  - O destaque que se dá, no texto, para o uso expressivo da língua e seus recursos conotativos permite evidenciar a função poética como predominante.
  - A utilização de outros tipos de linguagem, além da verbal, permite que se reconheça no texto como predominante uma função argumentativa.

15. (UNIFESP)

**Texto I:**

Perante a Morte empalidece e treme,  
Treme perante a Morte, empalidece.  
Coroa-te de lágrimas, esquece  
O Mal cruel que nos abismos geme.  
(Cruz e Souza, *Perante a morte.*)

**Texto II:**

Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
(Gonçalves Dias, *I Juca Pirama.*)

**Texto III:**

Corrente, que do peito destilada,  
Sois por dous belos olhos despedida;  
E por carmim correndo dividida,  
Deixais o ser, levais a cor mudada.  
(Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos.*)

**Texto IV:**

Chora, irmão pequeno, chora,  
Porque chegou o momento da dor.  
A própria dor é uma felicidade...  
(Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno.*)

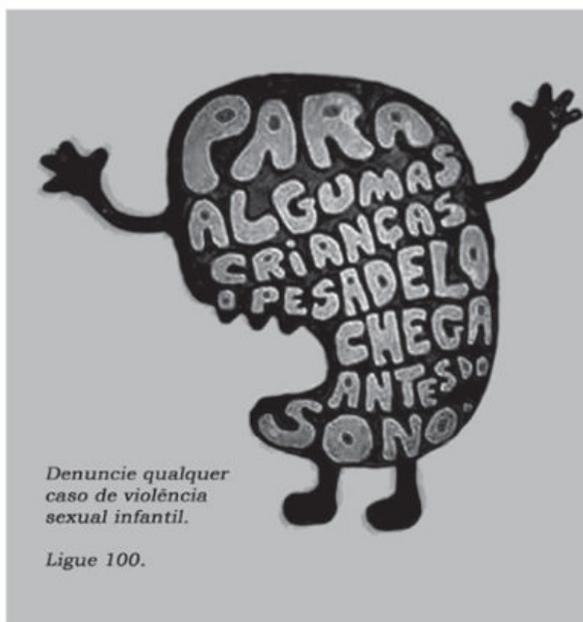
**Texto V:**

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira  
é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?!...  
Silêncio! ... Musa! Chora, chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto...  
(Castro Alves, *O navio negreiro.*)

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos linguísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- I e IV.
- II e III.
- II e V.
- III e V.
- IV e V.

16. (ENEM - ADAPTADA)



Disponível em: [www.portaldapropaganda.com.br](http://www.portaldapropaganda.com.br). Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado).

Os meios de comunicação podem contribuir para a resolução de problemas sociais, entre os quais o da violência sexual infantil. Isso ocorre através da divulgação de campanhas publicitárias como a apresentada. Com base nessas informações, indique a função da linguagem predominante nesse anúncio.

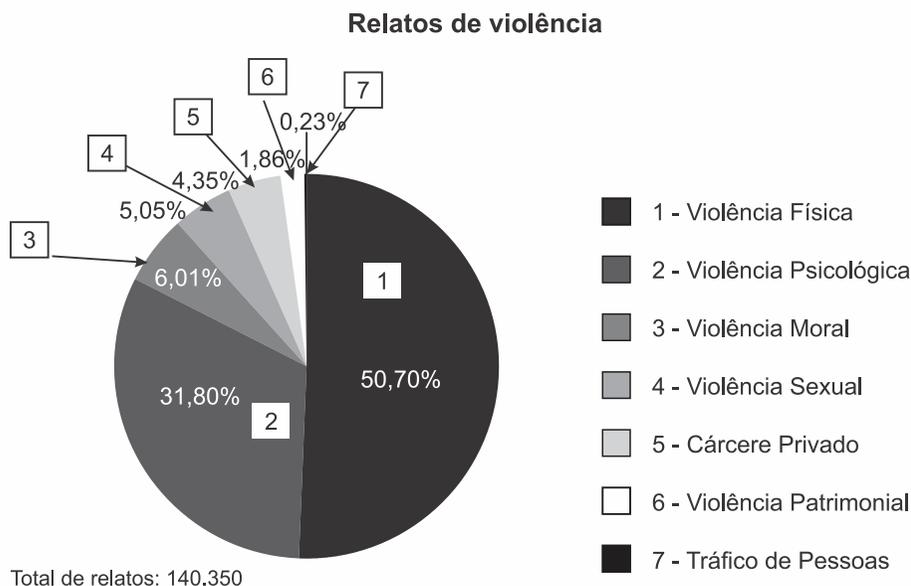
17. Indique a qual função da linguagem se refere cada uma das descrições abaixo.
- Ênfase no emissor (1ª pessoa) e na expressão direta de suas emoções e atitudes.
  - Evidencia o assunto, o objeto, os fatos, os juízos. É a linguagem da comunicação.
  - Busca mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo ou uma ordem.

## 18. (UFU) Texto I

Art. 3º - Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/bZiD4Q>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

### Texto II



BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. *Balanco anual 2016*. Disponível em: <<https://goo.gl/W59kFm>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

- a) Indique a função da linguagem predominante no texto I e justifique sua resposta.  
b) Considerando-se o total de 140.350 relatos de violência à Central de Atendimento à Mulher, escreva um parágrafo com, no máximo 10 linhas, a partir do texto II, cuja função da linguagem predominante seja a referencial.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### TEXTO I

#### COPLAS<sup>1</sup>

##### I

O GERENTE - Este hotel está na berra<sup>2</sup>!

Coisa é muito natural!

Jamais houve nesta terra

Um hotel assim mais tal!

Toda a gente, meus senhores,

Toda a gente ao vê-lo diz:

Que os não há superiores

Na cidade de Paris!

Que belo hotel excepcional

O Grande Hotel da Capital

Federal!

CORO - Que belo hotel excepcional, etc...

## II

O GERENTE - Nesta casa não é raro  
Protestar algum freguês:  
Acha bom, mas acha caro  
Quando chega o fim do mês.  
Por ser bom precisamente,  
Se o freguês é do bom-tom  
Vai dizendo a toda a gente  
Que isto é caro mas é bom.  
Que belo hotel excepcional!  
O Grande Hotel da Capital  
Federal!  
CORO - Que belo hotel excepcional, etc...

O GERENTE (Aos criados) - Vamos! Vamos! Aviem-se! Tomem as malas e encaminhem estes senhores! Mexam-se! Mexam-se!... (Vozerio. Os hóspedes pedem quarto, banhos, etc... Os criados respondem. Tomam as malas, saem todos, uns pela escadaria, outros pela direita.)

## CENA II

O GERENTE, depois, FIGUEIREDO

O GERENTE (Só.) - Não há mãos a medir! Pudera! Se nunca houve no Rio de Janeiro um Hotel assim! Serviço elétrico de primeira ordem! Cozinha esplêndida, música de câmara durante as refeições da mesa redonda! Um relógio pneumático em cada aposento! Banhos frios e quentes, duchas, sala de natação, ginástica e massagem! Grande salão com um plafond<sup>3</sup> pintado pelos nossos primeiros artistas! Enfim, uma verdadeira novidade! - Antes de nos estabelecermos aqui, era uma vergonha! Havia hotéis em S. Paulo superiores aos melhores do Rio de Janeiro! Mas em boa hora foi organizada a Companhia do Grande Hotel da Capital Federal, que dotou esta cidade com um melhoramento tão reclamado! E o caso é que a empresa está dando ótimos dividendos e as ações andam por empenhos! (Figueiredo aparece no topo da escada e começa a descer.) Ali vem o Figueiredo. Aquele é o verdadeiro tipo do carioca: nunca está satisfeito. Aposto que vem fazer alguma reclamação.

(AZEVEDO, Arthur. *A Capital federal*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.)

<sup>1</sup>espécie de estrofe

<sup>2</sup>estar na moda

<sup>3</sup>teto

19. (UERJ) O texto I faz parte de uma peça de teatro, forma de expressão que se destacou na captação das imagens de um Rio de Janeiro que se modernizava no início do século XX.

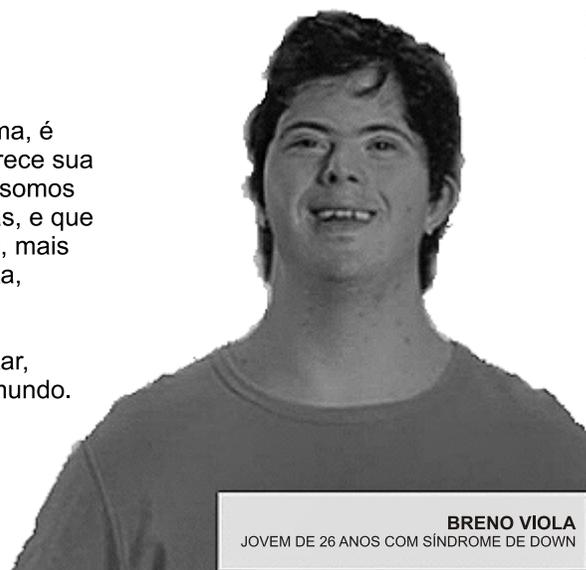
- Aponte o gênero de composição em que se enquadra esse texto e um aspecto característico desse gênero.
- A fala do gerente revela atitudes distintas, quando se dirige aos criados e quando está só. Identifique o modo verbal e a função da linguagem predominantes na fala dirigida aos criados.

## MOSTRE DE CARA QUE VOCÊ ACREDITA

Se você acredita que diversidade não é problema, é solução; se você acredita que cada pessoa merece sua oportunidade de ser feliz; se você acredita que somos capazes de aceitar e conviver com as diferenças, e que quanto mais gente se unir em torno dessa ideia, mais rapidamente chegaremos a uma sociedade justa, pacífica e igualitária, seja bem-vindo.

Junte seu rosto a todos os que, além de acreditar, estão tomando atitudes para mudar a cara do mundo.

SEJA DIFERENTE



(Disponível em: [www.gritodascinco.com.br](http://www.gritodascinco.com.br). Acesso em 11/12/2012. Adaptado.)

Em todo texto, predomina uma determinada finalidade comunicativa.

Escreva **um comentário**, no qual você apresente a finalidade comunicativa predominante no texto acima, e pelo menos três características ou recursos da linguagem nele utilizada, em função dessa finalidade.

## GABARITO

---

1. D      2. D      3. E      4. A      5. A  
6. C      7. C      8. B      9. A      10. A  
11. D     12. C     13. B     14. B     15. C

16.

O intuito desse tipo de campanha é engajar o público em causas ou ensinar algo de forma simples e clara. Desse modo, a função da linguagem predominante é a conativa/ apelativa, uma vez que o objetivo principal do texto é convencer o interlocutor a agir – nesse caso, denunciando os abusos infantis.

17.

A descrição I refere-se à função emotiva, a qual foca no emissor e nos seus sentimentos e sensações. A frase II caracteriza a função referencial, cujo foco são as informações e o contexto. Por fim, a definição III trata da função conativa ou apelativa, que visa persuadir ou seduzir o interlocutor.

18.

- a) A função da linguagem predominante no texto I é a função referencial (denotativa ou informativa), já que tem como objetivo principal informar sobre a disposição legal que assegura às mulheres as condições para o exercício efetivo dos seus direitos, considerados essenciais para o exercício da cidadania.
- b) Para atender às exigências da linguagem referencial, as ocorrências relatadas à Central de Atendimento à Mulher, que infringem as disposições legais enunciadas no texto I, o parágrafo deve apresentar objetividade, imparcialidade e clareza. Como sugestão, poderia ser redigido o seguinte: *O gráfico apresentado revela que o percentual de relatos relativos à violência física supera todos os outros que atingem a mulher de variadas formas. A violência psicológica, forma subjetiva de agressão por ferir a autoestima, abrange um terço das ocorrências, em um universo em que figuram também as de ordem moral e sexual, assim como as que resultam em cárcere privado, violação de patrimônio e tráfico de pessoas.*

19.

- a) Gênero dramático.  
Podemos citar como características desse gênero:  
- ausência de narrador  
- presença de rubricas  
- predomínio de diálogos  
- personagens encarnados por atores  
- encenação dos episódios em um palco

b) Modo imperativo.

Função apelativa ou conativa.

20.

O conteúdo do texto e o próprio título, associados à fotografia de um jovem com síndrome de Down, incitam o receptor da mensagem a participar na construção de um mundo mais justo, aceitando a diversidade, a convivência pacífica com as diferenças e a união cada vez maior dos que abraçam essa causa. Assim, a função conativa ou apelativa, cujo objetivo é de influenciar e convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem ou pedido, usa verbos no imperativo (“mostre”, “junte”, “seja”) ou conjugados na 3ª pessoa, enfaticamente repetidos na expressão “se você acredita”, para defender a inclusão social das pessoas portadoras dessa deficiência e, assim, ajudar a construção de um mundo mais justo.

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
5

Habilidade(s):  
15, 16 e 17

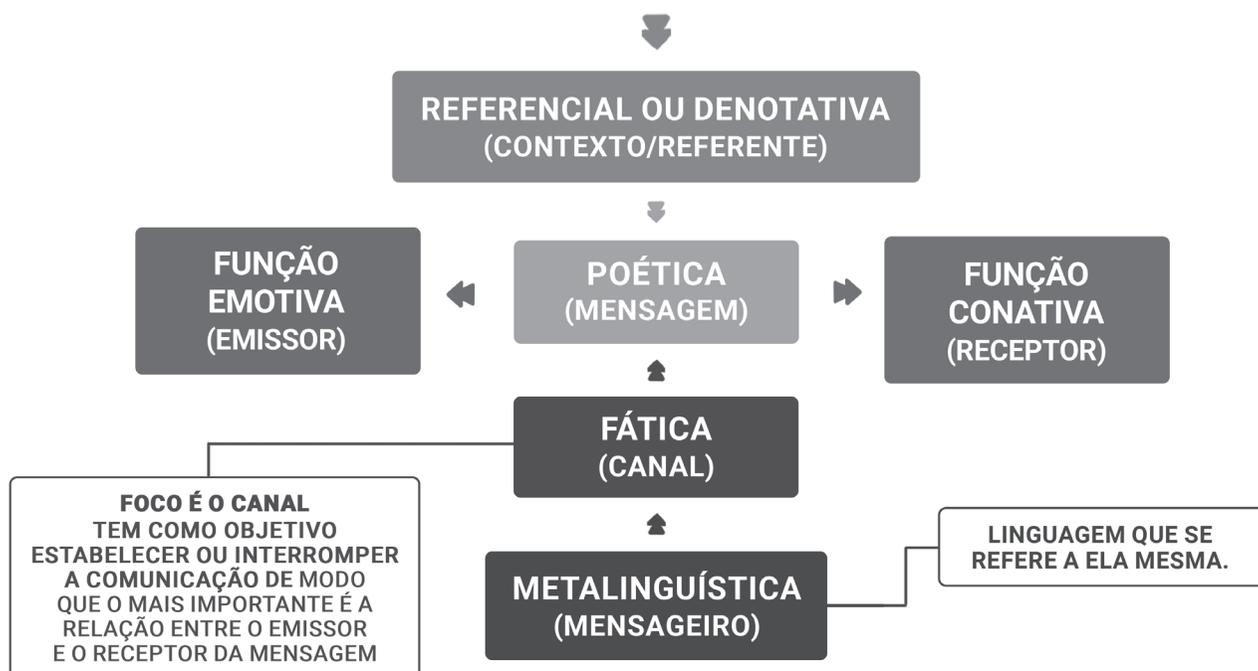
# AULA 2

## VOCÊ DEVE SABER!

- Função fática. Foco: canal de comunicação
- Função poética. Foco: mensagem
- Função metalinguística. Foco: código

## MAPEANDO O SABER

# FUNÇÕES DA LINGUAGEM



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

1. **(ENEM)** eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência para local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga para funcionário do Banco do Brasil e ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, há um breve relato de experiência pessoal, no qual se observa a frequente repetição de “né”. Essa repetição é um(a)

- índice de baixa escolaridade do falante.
  - estratégia típica de manutenção da interação oral.
  - marca de conexão lógica entre conteúdos na fala.
  - manifestação característica da fala regional nordestina.
  - recurso enfatizador da informação mais relevante da narrativa.
2. **(ENEM 2ª APLICAÇÃO)** O telefone tocou.  
– Alô? Quem fala?  
– Como? Com quem deseja falar?  
– Quero falar com o sr. Samuel Cardoso.  
– É ele mesmo. Quem fala, por obséquio?  
– Não se lembra mais da minha voz, seu Samuel? Faça um esforço.  
– Lamento muito, minha senhora, mas não me lembro. Pode dizer-me de quem se trata?

ANDRADE, C. D. *Contos de aprendiz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958 (fragmento).

Pela insistência em manter o contato entre o emissor e o receptor, predomina no texto a função

- metalinguística.
- fática.
- referencial.
- emotiva.
- conativa.

3. **(ENEM DIGITAL 2020)**

## aniversário (s.m.)

é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular. é sinônimo de doce. é festejar o próprio ser. é receber os abraços mais gostosos. é um bolo de chocolate vegano (*obrigado, mãe*). é quando eu esqueço o que não importa. é o dia em que eu me dou folga das folgas que a vida não me dá. é quando seus amigos se juntam para comprar a nova coleção de livros do Harry Potter pra você (*valeu, galera*)! é a felicidade fazendo visita.

é um balão imaginário que tem gosto de amor e cheirinho de infância.

DOEDERLEIN, J. *O livro dos ressignificados*. São Paulo: Parábola, 2017.

Nessa simulação de verbete de dicionário, não há a predominância da função meta linguística da linguagem, como seria de se esperar. Identificam-se elementos que subvertem o gênero por meio da incorporação marcante de características da função

- conativa, como em “(valeu, galera)!”.
- referencial, como em “é festejar o próprio ser.”
- poética, como em “é a felicidade fazendo visita.”
- emotiva, como em “é quando eu esqueço o que não importa.”
- fática, como em “é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular.”

4. **(ENEM PPL 2021) Anatomia**

Qual a matéria do poema?  
A fúria do tempo com suas unhas e algemas?

Qual a semente do poema?  
A fornalha da alma com os seus divinos dilemas?

Qual a paisagem do poema?  
A selva da língua com suas feras e fonemas?

Qual o destino do poema?  
O poço da página com suas pedras e gemas?

Qual o sentido do poema?  
O sol da semântica com suas sombras pequenas?

Qual a pátria do poema?  
O caos da vida e a vida apenas?

CAETANO, A. Disponível em: [www.antoniomiranda.com.br](http://www.antoniomiranda.com.br).  
Acesso em: 27 set 2013 (fragmento).

Além da função poética, predomina no poema a função metalinguística, evidenciada

- pelos usos que se fazem das figuras de linguagem.
  - pelos fatos de o poema falar de si mesmo como linguagem.
  - pela prevalência do sentido poético como inquietação existencial.
5. (ENEM 2020) *Vou-me embora p'ra Pasárgada* foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. [...] Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L'invitation au Voyage*, de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito em minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente este grito estapafúrdio: “Vou-me embora p'ra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; [...] Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí e “não de uma forma imperfeita neste mundo de aparências”, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a “minha” Pasárgada.

BANDEIRA, M. *Itinerário da Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984

Os processos de interação comunicativa preveem a presença ativa de múltiplos elementos da comunicação, entre os quais se destacam as funções da linguagem. Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é

- emotiva, porque o poeta expõe os sentimentos de angústia que o levaram à criação poética.
- referencial, porque o texto informa sobre a origem do nome empregado em um famoso poema de Bandeira.
- metalinguística, porque o poeta tece comentários sobre a gênese e o processo de escrita de um de seus poemas.

- poética, porque o texto aborda os elementos estéticos de um dos poemas mais conhecidos de Bandeira.
- apelativa, porque o poeta tenta convencer os leitores sobre sua dificuldade de compor um poema.

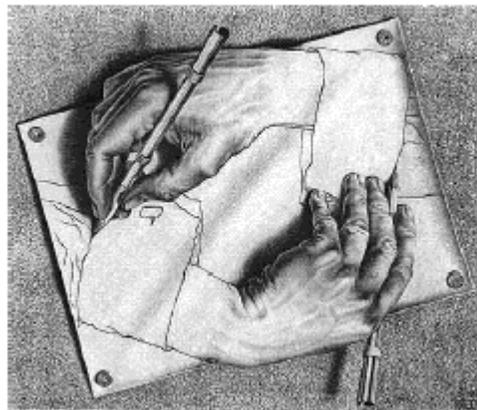
#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Casulo  
azul  
guarda as asas  
da água

(Araldo Antunes.)

(Disponível em: <[- \(UERN\) De acordo com a estrutura do texto apresentado de Araldo Antunes, e considerando os componentes do ato de comunicação, é correto afirmar a ocorrência de
  - destaque dado ao locutor.
  - expressão metalinguística.
  - linguagem direta e precisa.
  - destaque dado à mensagem.
- \(FUVEST\) Observe, a seguir, esta gravura de Escher:](http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/72545>06.</a>></p>
</div>
<div data-bbox=)



Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência,

- a) nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.
- b) nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.
- c) na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.
- d) na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.
- e) nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

### 1. (ALBERT EINSTEIN - MEDICINA)

#### Trecho A

Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafiado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

#### Trecho B

Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem.

Os trechos acima, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, apresentam, ambos, predominantemente linguagem de idêntica função, ou seja,

- a) Metalinguística, por explicitar os conteúdos do livro e explicar a forma de produção de seu estilo.
- b) Conativa, por incidir persuasivamente sobre o leitor e convencê-lo da verdade da obra.
- c) Poética, por usar significativo processo de seleção e de combinação das palavras, caracterizando a montagem estética do texto.
- d) Referencial, por informar predominantemente sobre a filosofia do livro e os movimentos pachorrentos do autor.

### 2. (ESA 2022) Observe a tira do Calvin a seguir.



A função da linguagem predominante na fala de Calvin, por testar o canal de contato com outra pessoa, é a:

- a) conativa (apelativa).
- b) metalinguística.
- c) poética.
- d) denotativa.
- e) fática.

3. **(ENEM)** Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. E, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto:

- ressaltar a importância da intertextualidade.
  - propor leituras diferentes das previsíveis.
  - apresentar o ponto de vista da autora.
  - discorrer sobre o ato de leitura.
  - focar a participação do leitor
4. **(ENEM)** Há o hipotétrico. O termo é novo, de imensa origem e ainda sem definição que lhe apañe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotétrico querendo dizer: antipodático, sen-graçante imprizado; ou talvez, vicedito: indivíduo pedante, importuno agudo, falta de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotétrico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

ROSA, G. *Tutameia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (fragmento).

Nesse trecho de uma obra de Guimarães Rosa, depreende-se a predominância de uma das funções da linguagem, identificada como

- metalinguística, pois o trecho tem como propósito essencial usar a língua portuguesa para explicar a própria língua, por isso a utilização de vários sinônimos e definições.
- referencial, pois o trecho tem como principal objetivo discorrer sobre um fato que não diz respeito ao escritor ou ao leitor, por isso o predomínio da terceira pessoa.
- fática, pois o trecho apresenta clara tentativa de estabelecimento de conexão com o leitor, por isso o emprego dos termos “sabe-se lá” e “tome-se hipotétrico”.
- poética, pois o trecho trata da criação de palavras novas, necessária para textos em prosa, por isso o emprego de “hipotétrico”. e. expressiva, pois o trecho tem como meta mostrar a subjetividade do autor, por isso o uso do advérbio de dúvida “talvez”.

5. **(UNIFOR - MEDICINA 2022)** Leia o seguinte trecho.

“... era um refinado mentiroso, pronto a enganar qualquer um com a sua língua bífida, que, neste caso, segundo o dicionário privado do narrador desta história, significa traiçoeira, pérfida, aleivosa, desleal e outras lindezas semelhantes.”

SARAMAGO, J. Caim. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Nesse trecho, o autor explica ao leitor a palavra por ele utilizada. Essa função da linguagem é conhecida como

- referencial
  - fática
  - emotiva
  - poética
  - metalinguística
6. **(ENEM PPL) Pedra sobre pedra**

Algumas fazendas gaúchas ainda preservam as taipas, muros de pedra para cercar o gado. Um tipo de cerca primitiva. Não há nada que prenda uma pedra na outra, cuidadosamente empilhadas com altura de até um metro. Engenharia simples que já dura 300 anos. A mesma técnica usada no mangueirão, uma espécie de curral onde os animais ficavam confinados à noite. As taipas são atribuídas aos jesuítas. O objetivo era domar o gado xucro solto nos campos pelos colonizadores espanhóis.

FERRI, M. *Revista Terra da Gente*, n. 96, abr. 2012.

Um texto pode combinar diferentes funções de linguagem. Exemplo disso é *Pedra sobre pedra*, que se vale da função referencial e da metalinguística. A metalinguagem é estabelecida

- por tempos verbais articulados no presente e no pretérito.
- pelas frases simples e referência ao ditado “não ficará pedra sobre pedra”.
- pela linguagem impessoal e objetiva, marcada pela terceira pessoa.
- pela definição de termos como “taipa” e “mangueirão”.
- por adjetivos como “primitivas” e “simples”, indicando o ponto de vista do autor.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água que ele fazia; cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água paralisada. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionarária: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria.

João Cabral de Melo Neto. A educação pela pedra.

7. (FUVEST-ETE 2022) No texto, predominam as seguintes funções da linguagem:
- fática e referencial.
  - referencial e conativa.
  - metalinguística e poética.
  - poética e conativa.
  - metalinguística e fática.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### A melhor e a pior comida do mundo

Há mais de dois mil anos, um rico mercador grego tinha um escravo chamado Esopo. Um escravo corcunda, feio, mas de sabedoria única no mundo. Certa vez, para provar as qualidades de seu escravo, o mercador ordenou:

— Toma, Esopo, aqui está esta sacola de moedas. Corre ao mercado, compra lá o que houver de melhor para um banquete. A melhor comida do mundo!

Pouco tempo depois, Esopo voltou do mercado e colocou sobre a mesa um prato coberto por fino pano de linho. O mercador levantou o paninho e ficou surpreso.

— Ah, língua? Nada como a boa língua que os pastores gregos sabem tão bem preparar. Mas por que escolheste exatamente a língua como a melhor comida do mundo?

<sup>1</sup>O escravo, cabisbaixo, explicou sua escolha:

— <sup>3</sup>O que há de melhor do que a língua, senhor? A língua é que une a todos, quando falamos. Sem a língua não poderíamos nos entender. <sup>4</sup>A língua é a chave das Ciências, o órgão da verdade e da razão. Graças à língua é que se constroem as cidades, graças à língua podemos dizer o nosso amor. A língua é o órgão do carinho, da ternura, da compreensão. É a língua que torna eternos os

versos dos grandes poetas, as ideias dos grandes escritores. <sup>5</sup>Com a língua se ensina, se persuade, se instrui, se reza, se explica, se canta, se elogia, se demonstra, se afirma. Com a língua, dizemos “sim”. Com a língua dizemos “eu te amo”! O que pode haver de melhor do que a língua, senhor?

<sup>6</sup>O mercador levantou-se entusiasmado:

— Muito bem, Esopo! Realmente tu me trouxeste o que há de melhor. Com esta outra sacola de moedas, vai de novo ao mercado <sup>7</sup>e traze o que houver de pior, pois quero ver a tua sabedoria.

Mais uma vez, tempos depois, Esopo voltou do mercado trazendo um prato coberto por um pano. O mercador recebeu-o com um sorriso.

— Hum... já sei o que há de melhor. Vejamos agora o que há de pior.

O mercador descobriu o prato e ficou indignado:

— O quê?! Língua? Língua outra vez? Língua? Não disseste que a língua era o que havia de melhor? Queres ser açoitado?

<sup>2</sup>Esopo encarou o mercador e respondeu:

— A língua, senhor, é o que há de pior no mundo. É a fonte de todas as intrigas, o início de todos os processos, a mãe de todas as discussões. É a língua que divide os povos. É a língua que usam os maus políticos quando querem enganar com suas falsas promessas. É a língua que usam os vigaristas quando querem trapacear. A língua é o órgão da mentira, da discórdia, dos desentendimentos, das guerras, da exploração. É a língua que mente, que esconde, que engana, que explora, que blasfema, que vende, que seduz, que corrompe. Com a língua dizemos “não”. Com a língua dizemos “eu te odeio”! Aí está, senhor, porque a língua é a pior e a melhor de todas as coisas!

([http://www.bibliotecapedrobandeira.com.br/pdfs/contos/a\\_melhor\\_e\\_a\\_pior\\_comida\\_do\\_mundo.pdf](http://www.bibliotecapedrobandeira.com.br/pdfs/contos/a_melhor_e_a_pior_comida_do_mundo.pdf) Acesso em: 05.08.2011. Adaptado)

8. (G1 - CPS) Pela leitura da narrativa, pode-se afirmar que o texto apresenta função
- referencial, pois o texto pretende, prioritariamente, informar sobre as relações sociais praticadas na Grécia Antiga.
  - apelativa, pois o texto critica, entrelinhas, a relação autoritária e de opressão vivenciada entre senhores e escravos.
  - metalinguística, pois as considerações de Esopo sobre as palavras nos levam a refletir sobre o poder da linguagem.
  - fática, pois o escravo, para explicar o seu ponto de vista, enumera vários exemplos de como podemos nos servir da linguagem.
  - poética, pois o mercador emprega uma linguagem correta e elaborada que comprova sua superioridade em relação ao escravo Esopo.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar *tinta vermelha*.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? *Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.*

(*Bem-vindo ao deserto do real!*, 2003.)

9. (UNESP) A “introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada” constitui um exemplo de
- eufemismo.
  - metalinguagem.
  - intertextualidade.
  - hipérbole.
  - pleonasma.
10. (ENEM) Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto

- ressaltar a importância da intertextualidade.
- propor leituras diferentes das previsíveis.
- apresentar o ponto de vista da autora.
- discorrer sobre o ato de leitura.
- focar a participação do leitor.

## 11. (ENEM) Não tem tradução

[...]  
Lá no morro, se eu fizer uma falseta  
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês  
A gíria que o nosso morro criou  
Bem cedo a cidade aceitou e usou  
[...]  
Essa gente hoje em dia que tem mania de exibição  
Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês  
Tudo aquilo que o malandro pronuncia  
Com voz macia é brasileiro, já passou de português  
Amor lá no morro é amor pra chuchu  
As rimas do samba não são *I love you*  
E esse negócio de *alô, alô boy* e *alô Johnny*  
Só pode ser conversa de telefone

ROSA, N. In: SOBRAL, João J. V. A tradução dos bambas. *Revisita Língua Portuguesa*. Ano 4, n.54. São Paulo: Segmento, abr. 2010 (fragmento).

As canções de Noel Rosa, compositor brasileiro de Vila Isabel, apesar de revelarem uma aguçada preocupação do artista com seu tempo e com as mudanças político-culturais no Brasil, no início dos anos 1920, ainda são modernas. Nesse fragmento do samba *Não tem tradução*, por meio do recurso da metalinguagem, o poeta propõe

- incorporar novos costumes de origem francesa e americana, juntamente com vocábulos estrangeiros.
  - respeitar e preservar o português padrão como forma de fortalecimento do idioma do Brasil.
  - valorizar a fala popular brasileira como patrimônio linguístico e forma legítima de identidade nacional.
  - mudar os valores sociais vigentes à época, com o advento do novo e quente ritmo da música popular brasileira.
  - ironizar a malandragem carioca, aculturada pela invasão de valores étnicos de sociedades mais desenvolvidas.
12. (ALBERT EINSTEIN - MEDICINA) A alegria ainda morou na cabana, todo o tempo que as espigas de milho levaram para amarelecer. Uma alvorada, caminhava o cristão pela borda do mar. Sua alma estava cansada. O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece em seu branco ninho de algodão, até que volta no outro ano a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro também satura-se de felicidade, e carece de sono e repouso. A caça e as excursões pelas montanhas em companhia do amigo, as carícias da terna esposa que o esperavam na volta, e o doce carbetto no copiar da cabana, já não acordavam nele as emoções de outrora. Seu coração ressonava.

Quando Iracema brincava pela praia, os olhos do guerreiro retiravam-se dela para se estenderem pela imensidade dos mares.

Viram umas asas brancas, que adejavam pelos campos azuis. Conheceu o cristão que era uma grande igara de muitas velas, como construíam seus irmãos; e a saudade da pátria apertou-lhe no seio.

O trecho acima integra o romance *Iracema*, de José de Alencar. Dele **não** se pode afirmar que

- a) revela o arrefecimento das emoções do personagem, acometido por um sentimento que o distancia das ações cotidianas de seu grupo.
- b) indicia a duração e a passagem do tempo, marcadas por fenômeno da natureza.
- c) revela mudança dos humores causada pelo sentimento de saudade por um bem antigo e distante.
- d) caracteriza um texto cuja linguagem se marca pela função emotiva, já que trata dos sentimentos do personagem.

### 13. (G1 - IFAL) Oficina irritada

Eu quero compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.  
Eu quero pintar um soneto escuro,  
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,  
não desperte em ninguém nenhum  
prazer.

E que, no seu maligno ar imaturo,  
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro  
há de pungir, há de fazer sofrer,  
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,  
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,  
claro enigma, se deixa surpreender.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 188)

Com base na leitura do poema de Carlos Drummond e nos seus conhecimentos acerca das funções da linguagem, assinale a alternativa correta.

- a) Estão presentes as funções poética e metalinguística da linguagem, uma vez que o texto chama a atenção para o arranjo singular da mensagem e discute o código.
- b) Estão presentes as funções fática e poética da linguagem, pois, no texto, há o teste do canal e um arranjo singular da mensagem.
- c) Está presente apenas a função poética, já que o texto, sendo um poema, não permite a presença de outra função da linguagem.

- d) Estão presentes as funções referencial e poética, porque, no texto, a atenção recai tanto sobre o referente quanto sobre a mensagem.
- e) Estão presentes as funções poética e conativa, já que há uma centralidade, ao mesmo tempo, na mensagem e no receptor.

#### TEXTO I

Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou.

LIMA, C. H. R. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

#### TEXTO II

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie — nem sequer mental ou de sonho —, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

PESSOA, F. O livro do desassossego. São Paulo: Brasiliense, 1986.

14. A linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação. A função que predomina nos textos I e II
  - a) focaliza o “quem” produz a mensagem, mostrando seu posicionamento e suas impressões pessoais.
  - b) coloca o foco no “com o quê” se constrói a mensagem, sendo o código utilizado o seu próprio objeto.
  - c) orienta-se no “para quem” se dirige a mensagem, estimulando a mudança de seu comportamento.
  - d) enfatiza sobre “o quê” versa a mensagem, apresentada com palavras precisas e objetivas.
  - e) destaca o “como” se elabora a mensagem, considerando-se a seleção, combinação e sonoridade do texto.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sendo este um jornal por excelência, e por excelência dos precisa-se e oferece-se, vou pôr um anúncio em negrito: precisa-se de alguém homem ou mulher que ajude uma pessoa a ficar contente porque esta está tão contente que não pode ficar sozinha com a alegria, e precisa <sup>2</sup>reparti-la. Paga-se extraordinariamente bem: minuto por minuto paga-se com a própria alegria. É urgente, pois a alegria dessa pessoa é fugaz como estrelas cadentes, que até parece que só se as viu depois que tombaram; precisa-se urgente antes da noite cair porque a noite é muito perigosa e nenhuma ajuda é possível e fica tarde demais. Essa pessoa que atenda ao anúncio só tem folga depois que passa o horror do domingo que fere. Não faz mal que venha uma pessoa triste porque a alegria que se dá é tão grande que se tem que a repartir antes que se transforme em drama. Implora-se também que venha, <sup>1</sup>implora-se com a humildade da alegria-sem-motivo. Em troca oferece-se também uma casa com todas as luzes acesas como numa festa de bailarinos. Dá-se o direito de dispor da copa e da cozinha, e da sala de estar. P.S. Não se precisa de prática. E se pede desculpa por estar num anúncio a dilacerar os outros. Mas juro que há em meu rosto sério uma alegria até mesmo divina para dar.

Clarice Lispector

(<http://pensador.uol.com.br/frase>.  
Acesso dia 30/05/2012, 17h03min)

15. (G1 - EPCAR (CPCAR) ) Quanto à classificação do gênero textual e à função da linguagem predominante no texto, pode-se dizer que se trata de uma/um
- carta com função da linguagem apelativa.
  - anúncio com função da linguagem referencial.
  - poema com função da linguagem poética.
  - classificados com função da linguagem emotiva.
16. Indique a qual função da linguagem se refere cada uma das descrições abaixo.
- Ênfase no canal para checar sua recepção ou para manter a conexão entre os falantes.
  - Visa à tradução do código ou à elaboração do discurso, seja ele linguístico ou extralinguístico.
  - Voltada para o processo de estruturação da mensagem e para seus próprios constituintes, tendo em vista produzir um efeito estético.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**BRINCAR COM PALAVRAS - NOS JOGOS VERBAIS, EXERCÍCIOS DE LITERATURA**

- Você sabe o que é um palíndromo?
- É uma palavra ou mesmo uma frase que pode ser lida de frente pra trás e de trás pra frente mantendo o mesmo sentido. Por exemplo, em português: “amor” e “Roma”; em espanhol: “Anita lava la tina”. Ou, então, a frase latina: “Sator arepo tenet opera rotas”, que não só pode ser lida de trás pra frente, mas pode ser lida na vertical, na horizontal, de baixo pra cima, de cima pra baixo, girando os olhos em redor deste quadrado:

S A T O R  
A R E P O  
T E N E T  
O P E R A  
R O T A S

- Essa frase latina polivalente foi criada pelo escravo romano Loreius 200 anos antes de Cristo, e tem dois significados: “O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos” e/ou “o lavrador sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita”. Osman Lins construiu o romance “Avalovara” (1973) em torno desse palíndromo.
- Muita gente sabe o que é um caligrama - aqueles textos que existiam desde a Grécia em que as letras e frases iam desenhando o objeto a que se referiam - um vaso, um ovo, ou então, como num autor moderno tipo Apollinaire, as frases do poema se inscrevendo em forma de cavalo ou na perpendicular imitando o feitio da chuva.
- Mas pouca gente sabe o que é um lipograma.
- Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra “s”. Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.
- Por que estou dizendo essas coisas?
- Culpa da Internet.
- Esses jogos verbais que vinham sendo feitos desde as cavernas agora foram potencializados com a informática. Dizia eu numa entrevista

outro dia que estamos vivendo um paradoxo riquíssimo: a mais avançada tecnologia eletrônica está resgatando o uso lúdico da linguagem e uma das mais arcaicas atividades humanas - a poesia. Os poetas, mais que quaisquer outros escritores, invadiram a Internet. Se em relação às coisas prosaicas se diz que a vingança vem a cavalo, no caso da poesia a vingança veio a cabo, galopando eletronicamente. Por isto que toda vez que um jovem iniciante me procura com a angústia de publicar seu livro, aconselho-o logo: “Meu filho, abra uma página sua na Internet para não mais se constranger e se sentir constrangido diante dos editores e críticos. Estampe seu texto na Internet e deixe rolar”.

(ROMANO, Affonso de Sant’Anna. *O Globo*, 15/09/1999.)

### 17. (UERJ)

Você sabe o que é um palíndromo? (par. 1)  
 Por que estou dizendo essas coisas? (par. 7)  
 Observando os parágrafos compreendidos entre as perguntas acima, identifique:

- a) a função da linguagem predominante nesses parágrafos e justifique sua resposta;
- b) o processo de formação de palavras comum aos termos OCULTAÇÃO e OCULTISMO e explique a diferença de sentido entre eles.

### 18. (UFRRJ) PROCURA DA POESIA (fragmento)

[...]  
 Penetra surdamente no reino das palavras.  
 Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
 Estão paralisados, mas não há desespero,  
 há calma e frescura na superfície intata.  
 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
 Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
 Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
 Espera que cada um se realize e consume  
 com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.  
 [...]

(ANDRADE, Carlos Drummond de. “Nova reunião: 19 livros de poesia”. 2.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.)

Nesse fragmento, Drummond dá ênfase a qual componente da comunicação: emissor, receptor, mensagem, código, canal ou referente? Considerando o elemento em destaque, informe as duas funções da linguagem predominantes no texto.

### 19. (UFU) TEXTO I

#### Enciclopédia

Hécate ou Hécata, em gr. Hekáté. Mit gr. Divindade lunar e marinha, de tríplice forma (muitas vezes com três cabeças e três corpos). Era uma deusa órfica, parece que originária da Trácia. Enviava aos homens os terrores noturnos, os fantasmas e os espectros. Os romanos a veneravam como deusa da magia infernal.

CESAR, Ana Cristina. Enciclopédia. In: *Destino: poesia*. Organização de Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2016. p.35.

#### TEXTO II

##### I

Enquanto leio meus seios estão a descoberto. É difícil  
 concentrar-me ao ver seus bicos. Então rabisco as  
 folhas deste  
 álbum. Poética quebrada pelo meio.

##### II

Enquanto leio meus textos se fazem descobertos.  
 É difícil  
 escondê-los no meio dessas letras. Então me nutro  
 das tetas dos  
 poetas pensados no meu seio.

CESAR, Ana Cristina. Sem título. In: *Destino: poesia*. Organização de Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2016. p.39.

- a) Explique, em **um parágrafo**, de que maneira a função metalinguística se presentifica no texto I.
- b) A respeito do texto II, explique, em **um parágrafo**, a relação que se estabelece entre seios e textos.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**TEXTO 1****“O navio negreiro”**

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras, moças... mas nuas, espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs.

(Castro Alves)

**TEXTO 2****“7”**

Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o Outro.

(Mário de Sá-Carneiro)

**TEXTO 3****“Os arredores florem”**

Os arredores florem:  
figos, nervos, libélulas  
a criarem nas águas  
os brevíssimos movimentos.

(Paulo Roberto Sodré)

20. (UFES) Com base nos elementos constitutivos do ato de comunicação, Roman Jakobson estabeleceu seis funções da linguagem (e a ênfase de cada uma delas): *referencial* (ênfase no assunto; no conteúdo), *emotiva* (ênfase no emissor; no sujeito), *conativa* (ênfase no receptor; no interlocutor), *poética* (ênfase na forma; na construção), *metalinguística* (ênfase no código; na autorreferência) e *fática* (ênfase no canal; no contato). Escolha um dos textos, indique e explique a ocorrência de uma dessas funções.

**GABARITO**

- |       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. A  | 2. E  | 3. D  | 4. A  | 5. E  |
| 6. D  | 7. C  | 8. C  | 9. B  | 10. D |
| 11. C | 12. D | 13. A | 14. B | 15. D |

16.

A descrição I refere-se à função fática, a qual confere o canal de comunicação. A frase II caracteriza a função metalinguística, em que o texto se refere à língua ou à própria produção textual. Por fim, a definição III trata da função poética, cujo foco é a estrutura do texto e a mensagem transmitida.

17.

a) Função metalinguística.

Uma dentre as justificativas:

- Os parágrafos explicam os significados das palavras.

- Os parágrafos contêm definição de palavras por outras palavras.

b) Derivações sufixal ou sufixação: ocultar + ção/ocultar + ismo

OCULTAÇÃO é o ato de ocultar e OCULTISMO designa crença, doutrina ou seita.

18.

O poema de Drummond, ao tratar das palavras e da produção poética, enfatiza o código. Desse modo, as funções da linguagem predominantes são metalinguagem, devido à temática, e poética, devido à estrutura de poema.

19.

a) A função metalinguística acontece em uma situação de comunicação em que a linguagem é usada na descrição de si mesma, ou seja, quando o código é definido pelo próprio código. No texto I, está presente no próprio título *Enciclopédia* (produção textual, que busca registrar vocábulos, conhecimentos e saberes de diversas áreas agrupados numa única obra, visando facilitar a consulta), assim como no uso de recursos empregados em obras elaboradas com o intuito de explicar a própria língua, como estrutura de verbete, abreviaturas técnicas, referência às origens etimológicas da palavra, bem como o caráter descritivo, resumido e supostamente objetivo do texto.

b) O paralelismo sintático que se estabelece entre as duas estrofes gera polissemia entre os termos “seios” e “textos”, os tecidos de palavras. O primeiro, “seios” do corpo feminino, é associado a maternidade, sensualidade, beleza, erotismo, aconchego, alimento e intimidade,

e também ao âmago do ser, ou seja, ao que é essencial. O segundo, “textos”, pode ser entendido como a representação materializada de uma interioridade, mas também como um espaço de troca entre autores e leitores, em que pensamentos e afetos dos que os escrevem se disponibilizam, nutrindo e seduzindo os que os leem. A convergência dos dois termos sugere que ambos são fonte de prazer e de sustento físico e espiritual, apresentando-se como matrizes da própria inspiração poética do eu lírico.

20.

Texto 1 – funções: referencial (informação) e poética (forma).

Texto 2 – funções: emotiva (ênfase no emissor), poética (forma) e metalinguística (definição).

Texto 3 – funções: poética (forma) e referencial (informação).

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
5

Habilidade(s):  
15, 16 e 17

# AULA 3

## VOCÊ DEVE SABER!

- Linguagem formal versus linguagem informal
- Língua falada versus língua escrita
- Variação diatópica
- Variação diacrônica

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

1. **(ENEM PPL)** – Não, mãe. Perde a graça. Este ano, a senhora vai ver. Compro um barato.
- Barato? Admito que você compre uma lembrancinha barata, mas não diga isso a sua mãe. É fazer pouco-caso de mim.
  - Ih, mãe, a senhora está por fora mil anos. Não sabe que barato é o melhor que tem, é um barato!
  - Deixe eu escolher, deixe...
  - Mãe é ruim de escolha. Olha aquele blazer furado que a senhora me deu no Natal!
  - Seu porcaria, tem coragem de dizer que sua mãe lhe deu um blazer furado?
  - Viu? Não sabe nem o que é furado? Aquela cor já era, mãe, já era!

ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

O modo como o filho qualifica os presentes é incompreendido pela mãe, e essas escolhas lexicais revelam diferenças entre os interlocutores, que estão relacionadas

- a) à linguagem infantilizada.
  - b) ao grau de escolaridade.
  - c) à dicotomia de gêneros.
  - d) às especificidades de cada faixa etária.
  - e) à quebra de regras da hierarquia familiar.
2. **(ENEM) Mandioca - mais um presente da Amazônia**

*Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira*. As designações da *Manihot utilissima* podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: *pão-de-pobre* — e por vários motivos óbvios. Rica em fécula, a mandioca — uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses — é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

*O melhor do Globo Rural*. Fev. 2005 (fragmento).

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot utilissima*, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que

- a) existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- b) mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- c) “pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.

- d) os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- e) a planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

3. **(ENEM 2021)** Os linguistas têm notado a expansão do tratamento informal. “Tenho 78 anos e devia ser tratado por senhor, mas meus alunos mais jovens me tratam por *você*”, diz o professor Ataliba Castilho, aparentemente sem se incomodar com a informalidade, inconcebível em seus tempos de estudante. O *você*, porém, não reinará sozinho. O *tu* predomina em Porto Alegre e convive com o *você* no Rio de Janeiro e em Recife, enquanto *você* é o tratamento predominante em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. O *tu* já era mais próximo e menos formal que *você* nas quase 500 cartas do acervo on-line de uma instituição universitária, quase todas de poetas, políticos e outras personalidades do final do século XIX e início do XX.

Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 21 abr. 2015 (adaptado).

No texto, constata-se que os usos de pronomes variaram ao longo do tempo e que atualmente têm empregos diversos pelas regiões do Brasil. Esse processo revela que

- a) a escolha de “*você*” ou de “*tu*” está condicionada à idade da pessoa que usa o pronome.
- b) a possibilidade de se usar tanto “*tu*” quanto “*você*” caracteriza a diversidade da língua.
- c) o pronome “*tu*” tem sido empregado em situações informais por todo o país.
- d) a ocorrência simultânea de “*tu*” e de “*você*” evidencia a inexistência da distinção entre níveis de formalidade.
- e) o emprego de “*você*” em documentos escritos demonstra que a língua tende a se manter inalterada.

4. **(ENEM PPL) Lisboa: aventuras**

tomei um expresso  
cheguei de foguete  
subi num bonde  
desci de um elétrico  
pedi um cafezinho  
serviram-me uma bica  
quis comprar melas  
só vendiam peúgas  
fui dar a descarga  
disparei um autoclisma  
gritei “ó cara!”  
responderam-me «ó pá»  
positivamente  
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá.

PAES, J. P. *A poesia está morta mas juro que não fui eu*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

No texto, a diversidade linguística é apresentada pela ótica de um observador que entra em contato com uma comunidade linguística diferente da sua. Esse observador é um

- falante do português brasileiro relatando o seu contato na Europa com o português lusitano.
- imigrante em Lisboa com domínio dos registros formal e informal do português europeu.
- turista europeu com domínio de duas variedades do português em visita a Lisboa.
- português com domínio da variedade coloquial da língua falada no Brasil.
- poeta brasileiro defensor do uso padrão da língua falada em Portugal.

5. **(ENEM) Assum preto**

Tudo em volta é só beleza  
Sol de abril e a mata em frô  
Mas assum preto, cego dos óio  
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança  
Ou mardade das pió  
Furaro os óio do assum preto  
Pra ele assim, ai, cantá mio

Assum preto veve sorto  
Mas num pode avuá  
Mil veiz a sina de uma gaiola  
Desde que o céu, ai, pudesse oiá

GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. Disponível em: [www.luizgonzaga.mus.br](http://www.luizgonzaga.mus.br). Acesso em: 30 jul. 2012 (fragmento).

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de *Assum preto* resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra a

- pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.
- pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.
- flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.
- redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.
- pronúncia das palavras “ignorança” e “avuá”

6. **(ENEM PPL 2020) Vaca Estrela e Boi Fubá**

Seu doutô, me dê licença  
Pra minha história contar  
Hoje eu tô em terra estranha  
É bem triste o meu penar  
Eu já fui muito feliz  
Vivendo no meu lugar  
Eu tinha cavalo bão  
Gostava de campear  
Todo dia eu aboiava  
Na porteira do currá

[...]

Eu sou fio do Nordeste  
Não nego meu naturá  
Mas uma seca medonha  
Me tangeu de lá pra cá

PATATIVA DO ASSARÉ. Intérpretes:  
PENA BRANCA; XAVANTINHO; TELXEIRA, R *Ao vivo em Tatuí*.  
Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1992 (fragmento).

Considerando-se o registro linguístico apresentado, a letra dessa canção

- exalta uma forma específica de dizer.
- utiliza elementos pouco usuais na língua.
- influencia a maneira de falar do povo brasileiro.
- discute a diversidade lexical de um dado grupo social.
- integra o patrimônio linguístico do português brasileiro.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

### 1. (ENEM DIGITAL 2020)

**Vender ou permitir o consumo de álcool por menores não é legal. Mais que uma gíria, é a lei.**



Disponível em: [www.inbatatais.com.br](http://www.inbatatais.com.br). Acesso em: 8 maio 2012.

No anúncio sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores, a linguagem formal interage com a linguagem informal quando o autor

- desrespeita a regência padrão para ampliar o alcance da publicidade.
  - elabora um jogo de significados ao utilizar a palavra “legal”.
  - apoiar-se no emprego de gírias para se fazer entender.
  - utiliza-se de metalinguagem ao jogar com as palavras “legal” e “lei”.
  - esclarece que se trata de uma lei ao compará-la a uma proibição.
2. (G1 - IFAL) Leia atentamente os textos abaixo e assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

#### Texto 1

A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edifício, que dava sobre um pátio cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até à borda da esplanada uma asa do edifício, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha. No ângulo que esta asa fazia com o resto da casa, havia uma coisa que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica vigorosa e esplêndida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

José de Alencar, *O Guarani*. São Paulo, Ática, 1992.

#### Texto 2

Subitamente um cavalheiro aproximou-se do assaltante com um palmo de sorriso. Colocou-se entre ele e a moça.

– Batista, você! Há quanto tempo! Ainda esta semana conversei com seu tio no supermercado! Me dê um abraço, amigo! Mas, o que é isso? Vai sair por aí com esse baú cheio de dinheiro? Não tem medo de ladrões, não?

Batista olhou para o chão mas não viu buraco algum para esconder-se.

A caixa, sorrindo, ao amigo dele:

Seu Batista não vai sair com esse dinheiro, não; ele veio depositar...

Marcos Rey, *O coração roubado e outras crônicas*. Coleção para gostar de ler, v. 19. São Paulo. Ática, 1996.

- Os textos acima são exemplos, respectivamente, de
- linguagem coloquial e linguagem culta.
  - linguagem culta e linguagem coloquial.
  - linguagem culta e linguagem formal.
  - linguagem familiar e linguagem informal.
  - linguagem coloquial e linguagem formal.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. <sup>1</sup>Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que <sup>2</sup>a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? <sup>3</sup>Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, “tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. <sup>5</sup>Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A venda delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências,

artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

3. (ITA) Das opções abaixo, a única que não apresenta linguagem informal é
- Hoje, com a Internet, é facilímo, está ao alcance da vista de quase todo mundo. (ref.1)
  - [...] a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal. (ref.2)
  - Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode. (ref.3)
  - [...] tipo uma parede toda de filtros de café usados. [...]. (ref.4)
  - Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar. (ref.5)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(<http://fotolog.terra.com.br>)

4. (UEA 2014) No primeiro e terceiro quadrinhos, as expressões *licencinha*, *tô passando* e *lascou* exemplificam o emprego de
- uma modalidade agramatical.
  - uma variante considerada padrão.
  - uma linguagem vulgar e ofensiva.
  - um discurso neutro e formal.
  - um registro coloquial e informal.

5. **(G1 - UTFPR)** Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé de alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (...)

Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar o sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, chupando balas de altheia. Ou sonhavam em andar de aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

Carlos Drummond de Andrade

Sobre o excerto acima, retirado da crônica “Antigamente”, assinale a alternativa correta.

- a) A linguagem culta formal é opção feita pelo autor, mas acaba sendo prejudicada pelos arcaísmos, que tornam o texto obsoleto.
- b) A linguagem do texto apoia-se em uma variante linguística que demonstra o movimento de mudanças constantes que as línguas sofrem, através do tempo.
- c) Por empregar expressões em desuso, existentes apenas nos dicionários, o texto desperta interesse apenas dos mais idosos.
- d) Contém erros grosseiros, como o uso de palavra estrangeira, expressões incompreensíveis como “pé de alferes”, “faziam o quilo”, “de pouco siso” etc.
- e) O saudosismo do autor confere ao texto um tom muito triste, nostálgico.

6. **(G1 - CFTMG 2020)** De repente, ele começou a gritar:

– Pare! Pare já com isso! Não suporto ninguém se fingindo de bom moço por mais de cinco minutos. E o senhor já está aqui há dez!

Fiquei sem ação, de novo. O que ele queria que eu fizesse? Chamasse-o de “mano”, “veio”, “bróder”? A vontade de ir embora bateu outra vez.

Ele respirou fundo, pigarreou e recomeçou:

– Na verdade, é mais uma aposta do que uma pesquisa... Um professor inglês, que conheci pela rede, apostou comigo que eu não conseguiria encontrar as frases-chave em três peças do Shakespeare.

Eu entendi e não entendi. Depois de um instante, deduzi que “rede” queria dizer internet.

LACERDA, Rodrigo. *O Fazedor de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 56.

O trecho evidencia que, entre o narrador e o professor, há marcas de variação linguística fundamentadas na diferença de

- a) faixa etária.  
b) classe social.  
c) região geográfica.  
d) nível de escolarização.

7. **(ENEM PPL)** O tradicional ornato para cabelos, a tiara ou diadema, já foi uma exclusividade feminina. Na origem, tanto “tiara” quanto “diadema” eram palavras de bom berço. “Tiara” nomeava o adorno que era o signo de poder entre os poderosos da Pérsia antiga e povos como os frísios, os bizantinos e os etíopes. A palavra foi incorporada do Oriente pela Grécia e chegou até nós por via latina, para quem queria referir-se à mitra usada pelos persas. Diadema era a faixa ou tira de linho fino colocado na cabeça pelos antigos latinos, herança do derivado grego para *diádo* (atar em volta, segundo o Houaiss). No Brasil, a forma de arco ou de laço das tiaras e alguns usos específicos (o nordestino “gigolete” faz alusão ao ornato usado por cafetinas, versões femininas do “gigolô”) produziram novos sinônimos regionais do objeto.

Os sinônimos da tiara. *Lingua Portuguesa*, n. 23, 2007 (adaptado).

No texto, relata-se que o nome de um enfeite para cabelo assumiu diferentes denominações ao longo da história. Essa variação justifica-se pelo(a)

- a) distanciamento de sentidos mais antigos.  
b) registro de fatos históricos ocorridos em uma dada época.  
c) associação a questões religiosas específicas de uma sociedade.  
d) tempo de uso em uma comunidade linguística.  
e) utilização do objeto por um grupo social.

8. **(ENEM 2ª APLICAÇÃO)** Da corrida de submarino à festa de aniversário no trem

*Leitores fazem sugestões para o Museu das Invenções Cariocas*

“Falar ‘caraca!’ a cada surpresa ou acontecimento que vemos, bons ou ruins, é invenção do carioca, como também o ‘vacilão.’”

“Cariocas inventam um vocabulário próprio”. “Dizer ‘merrmão’ e ‘é merrmo’ para um amigo pode até doer um pouco no ouvido, mas é tipicamente carioca.”

“Pedir um ‘choro’ ao garçom é invenção carioca.”

“Chamar um quase desconhecido de ‘querido’ é um carinho inventado pelo carioca para tratar bem quem ainda não se conhece direito.”

“O ‘ele é um querido’ é uma forma mais feminina de elogiar quem já é conhecido.”

SANTOS, J. F. Disponível em: [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com). Acesso em: 6 mar. 2013 (adaptado).

Entre as sugestões apresentadas para o Museu das Invenções Cariocas, destaca-se o variado repertório linguístico empregado pelos falantes cariocas nas diferentes situações específicas de uso social.

- A respeito desse repertório, atesta-se o(a)
- desobediência à norma-padrão, requerida em ambientes urbanos.
  - inadequação linguística das expressões cariocas às situações sociais apresentadas.
  - reconhecimento da variação linguística, segundo o grau de escolaridade dos falantes.
  - identificação de usos linguísticos próprios da tradição cultural carioca.
  - variabilidade no linguajar carioca em razão da faixa etária dos falantes.

9. (ENEM PPL 2020) De acordo com alguns estudos, uma inovação do português brasileiro é o *R* caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em *porrrta* ou *carrme*.

Associar o *R* caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o *R* tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Mazaropi em 32 filmes. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o *R* supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII.

Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil o *S* chiado, uma característica típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte. A história da língua portuguesa no Brasil está revelando as características preservadas do português, como a troca do *L* pelo *R*, resultando em *pranta* em vez de planta. Camões registrou essa troca em *Os Lusíadas* – lá está um *frautas* no lugar de *flautas* –, e o cantor e compositor paulista Adoniran Barbosa a deixou registrada em frases como “frechada do teu olhar”, do samba *Tiro ao Álvaro*.

FIORAVANTI, C. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Com base na afirmação de que “associar o *R* caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica”, o texto propõe uma discussão sobre a(s)

- relevância da fala de prestígio na época da Corte portuguesa.
- inovação do português brasileiro sem equivalente em Portugal.
- razões históricas do preconceito sobre a fala regional no Brasil.
- importância do estudo, da preservação e do respeito à língua falada no Brasil.
- variedade de uso da língua, característica da literatura e da música brasileiras

## 10. (ENEM) Essa pequena

Meu tempo é curto, o tempo dela sobra  
 Meu cabelo é cinza, o dela é cor de abóbora  
 Temo que não dure muito a nossa novela, mas  
 Eu sou tão feliz com ela  
 Meu dia voa e ela não acorda  
 Vou até a esquina, ela quer ir para a Flórida  
 Acho que nem sei direito o que é que ela fala, mas  
 Não canso de contemplá-la  
 Feito avarento, conto os meus minutos  
 Cada segundo que se esvai  
 Cuidando dela, que anda noutra mundo  
 Ela que esbanja suas horas ao vento, ai  
 Às vezes ela pinta a boca e sai  
 Fique à vontade, eu digo, take your time  
 Sinto que ainda vou penar com essa pequena, mas  
 O blues já valeu a pena

CHICO BUARQUE. Disponível em: [www.chicobuarque.com.br](http://www.chicobuarque.com.br).

Acesso em: 31 jun. 2012.

O texto *Essa pequena* registra a expressão subjetiva do enunciador, trabalhada em uma linguagem informal, comum na música popular. Observa-se, como marca da variedade coloquial da linguagem presente no texto, o uso de

- palavras emprestadas de língua estrangeira, de uso inusitado no português.
- expressões populares, que reforçam a proximidade entre o autor e o leitor.
- palavras polissêmicas, que geram ambiguidade.
- formas pronominais em primeira pessoa.
- repetições sonoras no final dos versos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Ora pois, uma língua bem brasileira

A possibilidade de ser simples, dispensar elementos gramaticais teoricamente essenciais e responder “sim, comprei”, quando alguém pergunta “você comprou o carro?”, é uma das características que conferem flexibilidade e identidade ao português brasileiro. A análise de documentos antigos e de entrevistas de campo ao longo dos últimos 30 anos está mostrando que o português brasileiro já pode ser considerado único, diferente do português europeu, do mesmo modo que o inglês americano é distinto do inglês britânico. O português brasileiro ainda não é, porém, uma língua autônoma: talvez seja – na previsão de especialistas, em cerca de 200 anos – quando acumular peculiaridades que nos impeçam de entender inteiramente o que um nativo de Portugal diz. A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações, que fazem o urubu de São Paulo ser chamado de corvo no Sul do país, e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de cerca de 200 linguistas. De acordo com estudos da Universidade de São Paulo (USP), uma inovação do português brasileiro, por enquanto sem equivalente em Portugal, é o R caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em porrrta ou carrme.

Associar o R caipira apenas ao interior paulista, porém, é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o R desavergonhado tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Amácio Mazzaropi em seus 32 filmes, produzidos de 1952 a 1980. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o R supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII. Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil – e em cidades do litoral – o S chiado, uma característica hoje típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte. Mesmo os portugueses não eram originais: os especialistas argumentam que o S chiado, que faz da esquina uma shquina, veio dos nobres franceses, que os portugueses admiravam. [...]

Os documentos antigos evidenciam que o português falado no Brasil começou a se diferenciar do europeu há pelo menos quatro séculos. Uma indicação dessa separação é o *Memórias para a história da capitania de São Vicente*, de 1793, escrito por frei Gaspar da Madre de Deus, nascido em São Vicente, e depois reescrito pelo português Marcelino Pereira Cleto, que foi juiz em Santos. Comparando as duas versões, José Simões, da USP, encontrou 30 diferenças entre o português brasileiro e o europeu. Uma delas é encontrada ainda hoje: como usuários do português brasileiro, preferimos explicitar os sujeitos das frases, como em “o rapaz me vendeu o carro, depois ele saiu correndo e ao atravessar a rua ele foi atropelado”. Em português europeu, seria mais natural omitir o sujeito, já definido pelo tempo verbal – “o rapaz vendeu-me o carro, depois saiu a correr...” –, resultando em uma construção gramaticalmente impecável, embora nos soe um pouco estranha.

Um morador de Portugal, se lhe perguntarem se comprou um carro, responderá com naturalidade “sim, comprei-o”, explicitando o complemento do verbo, “mesmo entre falantes pouco escolarizados”, observa Simões. Ele nota que os portugueses usam mesóclise – “dar-lhe-ei um carro, com certeza!” –, que soaria pernóstica no Brasil. Outra diferença é a distância entre a língua falada e a escrita no Brasil. Ninguém fala muito, mas muito. O pronome você, que já é uma redução de vossa mercê e de vosmecê, encolheu ainda mais, para cê, e grudou no verbo: cevai?

“A língua que falamos não é a que escrevemos”, diz Simões, com base em exemplos como esses. “O português escrito e o falado em Portugal são mais próximos, embora também existam diferenças regionais.” Simões complementa as análises textuais com suas andanças por Portugal. “Há 10 anos meus parentes de Portugal diziam que não entendiam o que eu dizia”, ele observa. “Hoje, provavelmente por causa da influência das novelas brasileiras na televisão, dizem que já estou falando um português mais correto”.

“Conservamos o ritmo da fala, enquanto os europeus começaram a falar mais rápido a partir do século XVIII”, observa Ataliba Castilho, professor emérito da USP, que, nos últimos 40 anos, planejou e coordenou vários projetos de pesquisa sobre o português falado e a história do português do Brasil. “Até o século XVI”, diz ele, “o português brasileiro e o europeu eram como o espanhol, com um corte silábico duro. A palavra falada era muito próxima da escrita”. Célia Lopes acrescenta outra diferença: o português brasileiro conserva a maioria das vogais, enquanto os europeus em geral as omitem, ressaltando as consoantes, e diriam ‘tulfón’ para se referir ao telefone.

Há também muitas palavras com sentidos diferentes de um lado e de outro do Atlântico. Os estudantes das universidades privadas não pagam mensalidade, mas propina. Bolsista é bolseiro. Como os europeus não adotaram algumas palavras usadas no Brasil, a exemplo de bunda, de origem africana, podem surgir situações embaraçosas. Vanderci Aguilera, professora sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL), levou uma amiga portuguesa a uma loja. Para ver se um vestido que acabava de experimentar caía bem às costas, a amiga lhe perguntou: “O que achas do meu rabo?”.

FIORAVANTI, Carlos. In: *Revista Pesquisa FAPESP*, ed. 2030, abr. 2015. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>>. Acesso em: 01 ago. 2015. (Texto adaptado).

## 11. (PUCMG)

- I. “Não é preciso adotar um outro nome para a nossa língua, como já foi proposto em tempos passados, quando se falou da “língua brasileira”. O nome português brasileiro já dá conta de mostrar as diferenças. O importante é reconhecer essas diferenças, deixar de considerar que elas são “erros”, e sim admitir que se trata de regras gramaticais características da língua falada aqui.” (Marcos Bagno).
- II. “Por meio de nossa cultura podemos afirmar uma visão de mundo, um modo de vida, projetos de civilização fundados em estratégias generosas e abrangentes. [...] O português de Portugal, o português que emerge nos países africanos e a língua que é falada no Brasil formam um só idioma. Não tenho dúvidas que uma ortografia comum, como parte de uma maior interação cultural, nos dará a grandeza e dimensão que nossos artistas e escritores projetam.” (Juca Ferreira).
- III. “Em países de colonização, como o Brasil, dá-se o processo do que chamamos heterogeneidade linguística pelo qual a língua funciona em uma identidade dupla. Desse modo, línguas que são consideradas as mesmas, porque se historicizam de maneiras diferentes em sua relação com a formação dos países, são línguas diferentes. Ou seja, falamos a “mesma” língua, no caso do português do Brasil e o de Portugal, mas falamos diferente. Assim podemos dizer que essas línguas diferem porque produzem discursos diferentes, significam diferentemente.” (Eni Orlandi).

Argumentos semelhantes àqueles utilizados pelo autor para afirmar a especificidade do português falado no Brasil podem ser encontrados nos fragmentos

- I, II e III.
- I e II, apenas.
- I e III, apenas.
- II e III, apenas.

12. (ENEM PPL) Foi sempre um gaúcho quebração, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas. Se numa mesa de primeira ganhava uma pontada de balastracas, reunia a gurizada da casa, fazia pi! pi! pi! como pra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçada formava, catando as pratas no terreiro. Gostava de sentar um laço num cachorro, mas desses laços de apanhar da palheta à virilha, e puxado a valer, tanto que o bicho que o tomava, de tanto sentir dor, e lombeando-se, depois de disparar um pouco é que gritava, num caim! caim! caim! de desespero.

LOPES NETO, J. S. Contrabandista. In: SALES, H. (org). *Antologia de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001 (adaptado).

A língua falada no Brasil apresenta vasta diversidade, que se manifesta de acordo com o lugar, a faixa etária, a classe social, entre outros elementos. No fragmento do texto literário, a variação linguística destaca-se

- por inovar na organização das estruturas sintáticas.
- pelo uso de vocabulário marcadamente regionalista.
- por distinguir, no diálogo, a origem social dos falantes.
- por adotar uma grafia típica do padrão culto, na escrita.
- pelo entrelaçamento de falas de crianças e adultos.

13. (ENEM 2ª APLICAÇÃO) Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavaú, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer.

Queiroz, R. *O Estado de São Paulo*. 09 maio 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se

- na fonologia.
- no uso do léxico.
- no grau de formalidade.
- na organização sintática.
- na estruturação morfológica.

14. (ENEM PPL)



Disponível em: <[http://patacoadas-do-cleber.blogspot.com/2008/04/historia-em-quadrinhosgrafite-e-seus\\_4121.html](http://patacoadas-do-cleber.blogspot.com/2008/04/historia-em-quadrinhosgrafite-e-seus_4121.html)>. Acesso em 18 jan. 2009.

Nas falas do 1.º e do 3.º quadrinhos, observam-se características que demonstram a intenção do cartunista em adotar uma

- linguagem culta na fala de Ataliba e do cientista, de acordo com as regras gramaticais do português padrão.
- linguagem bastante formal na fala do cientista, com emprego de termos técnicos de sua área de pesquisa.
- variante regional na fala de um dos clones, típica da região brasileira em que os meninos nasceram e foram criados.
- linguagem coloquial na fala dos dois personagens, sem preocupação com as normas da língua, objetivando uma comunicação mais eficaz.
- variação de registro, para distinguir o discurso do cientista da fala de garotos, personagens de gerações diferentes, em situações comunicativas bem diferenciadas.

15. (ENEM) A substituição do haver por ter em construções existenciais, no português do Brasil, corresponde a um dos processos mais característicos da história da língua portuguesa, paralelo ao que já ocorrera em relação à ampliação do domínio de ter na área semântica de "posse", no final da fase arcaica. Mattos e Siva (2001:136) analisa as vitórias de ter sobre haver e discute a emergência de ter existencial, tomando por base a obra pedagógica de João de Barros. Em textos escritos nos anos quarenta e cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de ter "existencial", não mencionado pelos clássicos estudos de sintaxe histórica, quanto de haver como verbo existencial com concordância, lembrado por Ivo Castro, e anotado como "novidade" no século XVIII por Said Ali.

Como se vê, nada é categórico e um purismo estreito só revela um conhecimento deficiente da língua. Há mais perguntas que respostas. Pode-se conceber uma norma única e prescritiva? É válido confundir o bom uso e a norma da própria língua e dessa forma fazer uma avaliação crítica e hierarquizante de outros usos e, através deles, dos usuários? Substitui-se uma norma por outra?

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. In: *Cadernos de Letras da UFF*, n. 36, 2008. Disponível em: [www.uff.br](http://www.uff.br). Acesso em 26 fev 2012 (adaptado).

Para a autora, a substituição de “haver” por “ter” em diferentes contextos evidencia que

- o estabelecimento de uma norma prescinde de uma pesquisa histórica.
- os estudos clássicos de sintaxe histórica enfatizam a variação e a mudança na língua.
- a avaliação crítica e hierarquizante dos usos da língua fundamenta a definição da norma.
- a adoção de uma única norma revela uma atitude adequada para os estudos linguísticos.
- os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

Mandinga — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideram bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, *mandinga* designava terra de feiticheiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

(COTRIM, M. O pulo do gato 3. São Paulo: Geração Editorial, 2009. Fragmento)

- No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra *mandinga* resulta de que tipo de variação?
- (FUVEST) “A princesa Diana já passou por poucas e boas.  
Tipo quando seu ex-marido Charles teve um love affair com lady Camille revelado para Deus e o mundo.”

(Folha de S. Paulo, 5. nov. 1993.)

No texto acima, há expressões que fogem ao padrão culto da língua escrita.

- Identifique-as.
- Reescreva-as conforme o padrão culto.

“No mundo nom me sei parelha,  
mentre me for como me vai;  
ca ja moiro por vós, e ai!,  
mia senhor branca e vermelha,  
queredes que vos retraia  
quando vos eu vi em saia?  
Mao dia me levantei,  
que vos entom nom vi feia!”

(*Cantiga da Ribeirinha*, Paio Soares de Taveirós)

- No trecho da cantiga trovadoresca acima, temos um exemplo de qual variedade linguística?

#### 19. (ENEM – ADAPTADA)

Óia eu aqui de novo xaxando  
Óia eu aqui de novo pra xaxar  
Vou mostrar pr'esses cabras  
Que eu ainda dou no couro  
Isso é um desaforo  
Que eu não posso levar  
Que eu aqui de novo cantando  
Que eu aqui de novo xaxando  
Óia eu aqui de novo mostrando  
Como se deve xaxar.  
Vem cá morena linda  
Vestida de chita  
Você é a mais bonita  
Desse meu lugar  
Vai, chama Maria, chama Luzia  
Vai, chama Zabé, chama Raque  
Diz que tou aqui com alegria.

(BARRROS, A. Óia eu aqui de novo.  
Disponível em Acesso em 5 maio 2013)

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. Com base nessa afirmação, indique um verso que singulariza uma forma do falar popular regional.

- (UNICAMP) O texto “O FMI vem aí. Viva o FMI”, do articulista Luiz Nassif, publicado na revista ÍCARO, está redigido no português culto característico do jornalismo, e contém, inclusive, um bom número de expressões típicas da linguagem dos economistas, como “desequilíbrio conjuntural”, “royalties”, “produtos primários”, “política cambial”. No entanto, contém também termos ou expressões informais, como na seguinte frase: “Há um ou outro caso de mudanças estruturais no mundo que deixa os países COM A BROXA NA MÃO”.

**Leia o trecho abaixo e responda a questão.**

Países já chegam ao FMI com todos esses impasses, denotando a incapacidade de suas elites de chegarem a fórmulas consensuais para enfrentar a crise – mesmo porque essas fórmulas implicam prejuízos aos interesses de alguns grupos poderosos. Aí a burocracia do FMI deita e rola. Há, em geral, economistas especializados em determinadas regiões do globo. Mas, na maioria das vezes, as fórmulas aplicadas aos países são homogêneas, burocráticas, de quem está por cima da carne-seca e não quer saber de limitações de ordem social ou política. (...) Sem os recursos adicionais do Fundo, a travessia de 1999 seria um inferno, com as reservas cambiais se esvaindo e o país sendo obrigado ou a fechar sua economia ou a entrar em parafuso. O desafio maior será produzir um acordo que obrigue, sim, o governo e o Congresso a acelerarem as reformas essenciais (ÍCARO, 170, out. 1998).

- a) Transcreva outras três expressões do trecho que tenham a mesma característica de informalidade.
- b) Substitua as referidas expressões por outras, típicas da linguagem formal.

## GABARITO

- |       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. B  | 2. B  | 3. A  | 4. E  | 5. B  |
| 6. A  | 7. E  | 8. D  | 9. D  | 10. B |
| 11. C | 12. B | 13. A | 14. E | 15. E |

16.

O texto é marcado pela variação linguística Histórica ou Diacrônica. Esse tipo de variação é marcado pelo desenvolvimento da língua ao longo do tempo. No trecho apresentado, é possível perceber como a palavra “mandinga” foi sendo modificada ao longo da história.

17.

- a) “Poucas e boas”, “tipo quando”.
- b) A princesa Diana já passou por momentos difíceis, como ocorreu quando seu ex-marido Charles teve um love affair com Lady Camille revelado para Deus e o mundo.

18:

A variação diacrônica, também chamada de histórica, é um tipo de variação linguística que ocorre com a passagem do tempo. Por isso, o português utilizado na época medieval é muito diferente do português moderno.

19.

A frase “Vou mostrar pr’esses cabras” tem o mesmo sentido de “Vou mostrar pr’esses sujeitos”. Em determinadas regiões do Brasil, a palavra “cabra” é utilizada para se referir a alguém a quem se desconhece o nome, ou também a um capanga ou camponês.

20.

- a) A informalidade encontra-se em:
  - 1. “deita e rola”
  - 2. “de que está por cima da carne-seca”; e
  - 3. “entrar em parafuso”.
- b) 1. “faz o que lhe agrada”;
- 2. “ter todo poder”; e
- 3. “ficar desorientado”.

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
1 e 8

Habilidade(s):  
1, 2, 3 e 27

# AULA 4

## VOCÊ DEVE SABER!

- Variação diastrática
- Variação diafásica
- Variação diamésica
- Preconceito linguístico

## MAPEANDO O SABER

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



# ANOTAÇÕES



# EXERCÍCIOS DE SALA

## 1. (ENEM PPL 2020)

### REALIDADE INVENTADA



BANDEIRA, G. Disponível em: [www.facebook.com/objetosinanimadoscartoon](http://www.facebook.com/objetosinanimadoscartoon). Acesso em: 24 ago. 2017.

No texto, o trecho “Cê tá muito louco, véio” caracteriza um uso social da linguagem mais comum a

- jovens em situação de conversa informal.
- pessoas conversando num cinema.
- homens com problemas de visão.
- idosos numa roda de bate-papo.
- crianças brincando de viajar.

## 2. (ENEM)

### Texto I

Entrevistadora – eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora – olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixonou pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura. ... obras da/dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

### Texto II

Entrevistadora – Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora – Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixonou pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita.

Em comum, esses textos

- apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- são modelos de emprego de regras gramaticais.
- são exemplos de uso não planejado da língua.
- apresentam marcas da linguagem literária.
- são amostras do português culto urbano.

## 3. (ENEM PPL) Escrever

A estudante perguntou como era essa coisa de escrever. Eu fiz o gênero fofo. Moleza, disse.

Primeiro evite esses coloquialismos de “fofo” e “moleza”, passe longe das gírias ainda não dicionarizadas e de tudo mais que soe mais falado do que escrito. Isto aqui não é rádio FM. De vez em quando, aplique uma gíria como se fosse um piparote de leve no cangote do texto, mas, em geral, evite. Fuja dessas rimas bobinhas, desses motes sonoros. O leitor pode se achar diante de um *rapper* frustrado e dar cambalhotas. Mas, atenção, se soar muito estranho, reescreva.

Quando quiser aplicar um “mas”, tome fôlego, ligue para o 0800 do Instituto Fernando Pessoa, peça autorização ao sábio de plantão, e, por favor, volte atrás. É um cacoete facilitador. Dele deve ter vindo a expressão “cheio de mas-mas”, ou seja, uma pessoa cheia de “não é bem assim”, uma chata que usa o truque para afirmar e depois, como se fosse estilo, obtemperar.

SANTOS, J. F. *O Globo*, 10 jan. 2011 (adaptado).

A língua varia em função de diferentes fatores. Um deles é a situação em que se dá a comunicação. Na crônica, ao ser interrogado sobre a arte de escrever, o autor utiliza, em meio à linguagem escrita padrão, condizente com o contexto,

- definições teóricas, para permitir que seus conselhos sejam úteis aos futuros jornalistas.
- gírias não dicionarizadas, para imitar a linguagem de jovens de baixa escolaridade.
- palavras de uso coloquial, para estabelecer uma interação satisfatória com a interlocutora.
- termos da linguagem jornalística, para causar boa impressão na jovem entrevistadora.
- vocabulário técnico, para ampliar o repertório linguístico dos jovens leitores do jornal.

#### 4. (ENEM) Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. *Língua Portuguesa*. n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

#### 5. (ENEM PPL) O mistério do brega

Famoso no seu tempo, o marechal Schönberg (1615-90) ditava a moda em Lisboa, onde seu nome foi aportuguesado para Chumbergas. Consta que ele foi responsável pela popularização dos vastos bigodes tufados na Metrópole. Entre os adeptos estaria o governador da província de Pernambuco, o português Jerônimo de Mendonça Furtado, que, por isso, aqui ganhou o apelido de Chumbregas – variante do aportuguesado Chumbergas. Talvez por ser um homem não muito benquisto na Colônia, o apelido deu origem ao adjetivo *xumbrega*: “coisa ruim”, “ordinária”. E talvez por ser um homem também da folia, surgiu o verbo *xumbregar*, que inicialmente teve o sentido de “embriagar-se” e depois veio a adquirir o de “bolinar”, “garanhar”. Dedução lógica: de coisa ruim a bebedeira e atos libidinosos, as palavras *xumbrega* ou *xumbregar* chegaram aos anos 60 do século XX na forma reduzida brega, designando locais onde se bebe, se bolina e se ouvem cantores cafonas. E o que inicialmente era substantivo, “música de brega”, acabou virando adjetivo, “música brega” – numa já distante referência a um certo marechal alemão chamado Schönberg.

ARAÚJO, P. C. *Revista USP*, n. 87, nov. 2010 (adaptado).

O texto trata das mudanças linguísticas que resultaram na palavra “brega”. Ao apresentar as situações cotidianas que favoreceram as reinterpretções do seu sentido original, o autor mostra a importância da

- interação oral como um dos agentes responsáveis pela transformação do léxico do português.
- compreensão limitada de sons e de palavras para a criação de novas palavras em português.
- eleição de palavras frequentes e representativas na formação do léxico da língua portuguesa.
- interferência da documentação histórica na constituição do léxico.
- realização de ações de portugueses e de brasileiros a fim de padronizar as variedades linguísticas lusitanas.

#### 6. (ENEM PPL 2019) Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo.

Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patrício e admirador,  
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### TEXTO 1

#### Pronominais

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.

ANDRADE, Oswald. Obras completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

### TEXTO 2

#### Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidô prum samba, ele mora no Brás  
Nóis fumo e não encontremos ninguém  
Nóis vortemo cuma baita duma reiva  
Da outra vez nóis num vai mais  
Nóis não semos tatu!  
Outro dia encontremo com o Arnesto  
Que pediu desculpa mais nóis não aceitamos  
Isso não se faz, Arnesto, nóis não se importa  
Mais você devia ter ponhado um recado na porta  
Anssim: “Ói, turma, num deu prá esperá  
A vez que isso num tem importância, num faz má  
Depois que nóis vai, depois que nóis vorta  
Assinado em cruz porque não sei escrever  
Arnesto”

BARBOSA, Adoniran, Gravações Elétricas Continental S/A, 1953.

- (UECE 2020)** Os textos 1 e 2 se referem ao uso da variante informal da língua portuguesa. O uso dessa variante, em ambos os textos, justifica-se por mostrar ao leitor
  - a organização social e cultural de uma comunidade de falantes.
  - que ele não sabe falar o bom português.
  - que fala essa variante da língua que ele não sabe português.
  - que há uma única variante falada no Brasil.

## 2. (UNICAMP INDÍGENAS 2021) LITERATURA INDÍGENA – A VOZ DA ANCESTRALIDADE

O contador de histórias era o portador do conhecimento e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais. Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós, fortalecendo em nós o sentido de ser indígena. O indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismos de transmissão. Aí está o papel da literatura indígena produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral e que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. Esta literatura (...) encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, um meio para também servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários.

(Adaptado de Tiago Hakiy. "Literatura Indígena – A Voz da Ancestralidade", em J. Dorrico, L. F. Daner, H. H. S. Correia, F. Danner (orgs.), *Literatura Indígena Contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 37-38.)

Segundo o autor, a literatura indígena tem por função

- assegurar que todos os membros dos povos indígenas tenham acesso aos conhecimentos ancestrais de seus povos.
- valorizar a produção artística de escritores indígenas e promover o seu reconhecimento nos circuitos literários do país.
- registrar e divulgar, via escrita, saberes e manifestações culturais indígenas outrora expressos apenas pela oralidade.
- garantir que os indígenas que hoje habitam centros urbanos consigam reconhecer o seu pertencimento étnico.

3. (ENEM PPL) o::... o Brasil... no meu ponto de vista... entendeu? o país só cresce através da educação... entendeu? Eu penso assim... então quer dizer... você dando uma prioridade pra... pra educação... a tendência é melhorar mais... entendeu? e as pessoas... como eu posso explicar assim? as pessoas irem... tomando conhecimento mais das coisas... né? porque eu acho que a pior coisa que tem é a pessoa alienada... né? a pessoa que não tem noção de na::da... entendeu?

Trecho da fala de J. L., sexo masculino, 26 anos. In: VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coord.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*.

Disponível em: [www.discursoegramatica.lettras.ufjf.br](http://www.discursoegramatica.lettras.ufjf.br). Acesso em: 4 dez. 2012.

A língua falada caracteriza-se por hesitações, pausas e outras peculiaridades. As ocorrências de "entendeu" e "né", na fala de J. L., indicam que

- a) a modalidade oral apresenta poucos recursos comunicativos, se comparada à modalidade escrita.
- b) a língua falada é marcada por palavras dispensáveis e irrelevantes para o estabelecimento da interação.
- c) o enunciador procura interpelar o seu interlocutor para manter o fluxo comunicativo.
- d) o tema tratado no texto tem alto grau de complexidade e é desconhecido do entrevistador.
- e) o falante manifesta insegurança ao abordar o assunto devido ao gênero ser uma entrevista.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES:

### Por que usar ponto final em mensagens de texto é mal visto?

Estamos passando por mudanças na utilização do sinal de ponto final. Há quem diga que ele caiu em desuso, enquanto outros afirmam que ele se tornou uma marca que traduz raiva e irritação nas mensagens de texto. Porém, o que de fato está acontecendo é que a linguagem escrita está se tornando mais flexível e ganhando seu próprio conjunto de normas estilísticas.

A questão do ponto final é apenas um exemplo dessa mudança marcada por novas possibilidades na forma de se comunicar por mensagens escritas. Assim como temos diferentes formas de conversar por linguagem falada dependendo da situação, também apresentamos estilos de escrita alternativos para cada contexto.

### Nas entrelinhas dos pontos

Ainda que o ponto final continue sendo um sinal para demarcar o fim de uma sentença, muitos usuários omitem seu uso em mensagens de texto – especialmente se o conteúdo for curto.

Essa opção do usuário por não pontuar suas frases acontece porque as mensagens de texto costumam ser muito dinâmicas, semelhantes aos diálogos da linguagem falada. Quando estamos contando algo ao vivo, costumamos fazer uso de elipses e deixar brechas para que nosso interlocutor participe e acrescente comentários. Assim também fazemos em mensagens de texto. Daí que adicionar um ponto final é o oposto de abrir esse espaço, já que o sinal significa um fim e quer dizer "É isso. Fim de discussão". Para muitos, é justamente esse caráter de impor fim ao diálogo que faz a marcação não ser amigável.

Um grupo de psicólogos dos Estados Unidos decidiu estudar a influência do sinal em conversas virtuais. Como resultado, eles notaram que os participantes da pesquisa percebiam as mensagens digitais marcadas com ponto final como desonestas ou falsas. Porém, quando os mesmos textos eram reescritos manualmente (também com o ponto final), a sensação de infidelidade não existia.

Outro estudo, realizado por linguistas, avaliou que mensagens digitais compostas por muitas sentenças raramente eram marcadas por pontos finais e somente 29% delas tinham uma pontuação ao final de todo o texto. Segundo os pesquisadores, a razão para isso é que o momento em que apertamos “enter” coincide exatamente com o instante em que deveríamos pontuar as frases.

### Mudança de código situacional

Mas por que sentimos que o autor da mensagem que usa pontos finais está sendo desonesto conosco? A resposta para isso pode ter relação com a “mudança de código situacional”, termo cunhado pelo linguista John J. Gumperz. A mudança de código situacional diz respeito às diferentes formas com as quais nós nos comunicamos dependendo do lugar, do meio e do nosso interlocutor.

Um exemplo comum disso é analisar a forma como uma pessoa se comporta durante uma entrevista de emprego e no bar com os amigos. Normalmente, o locutor vai utilizar uma linguagem mais formal na entrevista do que no ambiente com seus colegas. Caso o linguajar utilizado em ambos os casos seja o mesmo, provavelmente os amigos do bar vão estranhar e achar a situação um tanto quanto bizarra.

O uso do ponto final é um exemplo disso. Quando o sinal aparece em uma mensagem de texto, ele é percebido como uma característica excessivamente formal. Então, quando alguém encerra uma mensagem com um ponto final, é como se o indivíduo estivesse falando formalmente em uma mesa de bar com os amigos. É uma mudança de código situacional que faz aquele ato parecer incorreto, insincero e esquisito.

Também é importante lembrar que, antigamente, a linguagem escrita era quase sempre associada à formalidade porque ela residia em livros e documentos. No entanto, os tempos mudaram. As mídias sociais criaram espaço para que os usuários também trouxessem seu vocabulário casual para a linguagem escrita.

### Outra forma de sinceridade

Mais um exemplo sobre a incorporação da fala na linguagem escrita é a repetição de letras. Através de um estudo, uma pesquisadora analisou que entender letras e sinais de marcação confere mais intensidade às mensagens. Outra linguista decidiu se debruçar sobre o assunto e notou que repetir pontos de exclamação em uma conversa pode transmitir sinceridade, como exemplificado na frase: “*JACKIE, EU ESTOU ME SENTINDO TÃO TÃO TÃO MAL! Eu pensei que você estivesse atrás de nós no táxi, mas depois eu vi que você não estava!!!! Eu me sinto tããããã mal! Pegue outro táxi e eu pagarei para vocêeee*”.

Note que o texto não é terminado com um ponto final, já que o uso do sinal poderia contradizer o pedido de desculpas. Ao invés disso, o interlocutor repete vogais e abusa de pontos de exclamação. Em um padrão formal, a mensagem seria escrita da seguinte forma: “*Jackie, eu estou me sentido tão mal. Eu pensei que você estivesse atrás de nós no táxi, mas depois eu vi que você não estava. Eu me sinto tão mal! Pegue outro táxi e eu pagarei para você.*” Este outro exemplo se parece muito mais com um e-mail enviado a um colega de trabalho do que como um pedido de desculpas sincero e amigável.

Esse tipo de situação tem muito a ver com a intuição, mas os exemplos servem para mostrar como a linguagem formal pode prejudicar a sinceridade de um pedido de desculpas.

Fonte: Revista Galileu. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/mundo-noticias/noticia-478237-por-que-usar-ponto-final-em-mensagens-de-texto-e-mal-visto.html>

4. (UNIOESTE 2021) Em relação ao código situacional é CORRETO afirmar.
- Ele diz respeito apenas ao conjunto linguístico que utilizamos para nos comunicar.
  - Diz respeito às diferentes formas com as quais nos comunicamos, considerando o contexto e com quem falamos.
  - O código situacional é um conjunto de regras vinculadas exclusivamente à gramática normativa para garantir o processo de comunicação.
  - O código situacional diz respeito apenas à gramática e ao falante e desconsidera o contexto e o interlocutor.
  - O código situacional diz respeito, exclusivamente, ao nosso comportamento e não trata de questões linguísticas.

5. (UNIOESTE 2021) Leia o excerto do texto e assinale a alternativa CORRETA.

“(...) Um exemplo comum disso é analisar a forma como uma pessoa se comporta durante uma entrevista de emprego e no bar com os amigos. Normalmente, o locutor vai utilizar uma linguagem mais formal na entrevista de emprego do que no ambiente com seus colegas”.

- Utilizamos a linguagem de acordo com a situação que nos encontramos enquanto locutores: nas situações mais formais de interação utilizamos a linguagem mais formal, nas situações mais informais utilizamos a linguagem mais informal.
- Não há, em nosso convívio social nenhum código situacional pré-estabelecido, assim, só quando conversamos com alguém é que vamos definir a nossa linguagem.
- Utilizamos a linguagem formal e informal sem pensar na situação.
- A linguagem informal pode ser utilizada em uma entrevista, mas a linguagem formal não pode, de forma alguma, ser utilizada com os amigos, pois causaria estranheza.
- Tanto a linguagem formal quanto a informal podem ser utilizadas em qualquer situação indistintamente.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

6. (FUVEST) De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo
- inovador.
  - restritivo.
  - transigente.
  - neutro.
  - aleatório.

7. (FUVEST) Depreende-se do texto que uma determinada língua é um

- conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
- conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
- complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
- conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O MELHOR DE CALVIN Bill Watterson



FAZES MAL JUÍZO DE MIMI AJO INTEMPESTIVAMENTE E O ZEFIR MAIS ELABORADO OSTENTA MAIS TRAMAS DO QUE EU. CONTUDO, NÃO ME DETENHAS, POSTO QUE RESOLVIDO ESTOU A DEIXAR ESTE LUGAR, INCONTINENTE.



SANTO PALAVREADO! SERÁ QUE NÃO TEM UM SERIADO DE POLÍCIA ONDE ELES FALEM QUE NEM GENTE DE VERDADE?



O Estado de S. Paulo, 14.04.2001.

8. (FUVEST-ETE 2022) A leitura do texto permite afirmar que,

- nos três primeiros quadrinhos, não se verifica a competência comunicativa dos sujeitos, uma vez que não é compreensível o que eles dizem.
- no último quadrinho, o estilo informal se manifesta motivado pela concordância verbal e pela presença da interrogação.
- no último quadrinho, o estilo informal, marcado por alguns usos típicos da oralidade, contrasta com a formalidade dos três primeiros quadrinhos.

- d) no último quadrinho, o uso do verbo “ter” e da expressão “que nem” reforça a formalidade da linguagem presente nos quadrinhos anteriores.
- e) nos quadrinhos, percebe-se uma inadequação da linguagem, uma vez que é preciso optar entre a formalidade e a informalidade.

9. (UNICAMP) No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica:

“O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. *Que ano você nasceu? Que série você estuda?* e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para *transgressões* muito maiores? Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog Melhor Dizendo. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em: 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.)
- b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (CAMACHO, Roberto Gomes. O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, 29, p. 1-7, 1985.)
- c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Editorial, 2007.)
- d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino*: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.)

10. (ENEM) Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como *ter* por *haver* em construções existenciais (*tem* muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para *mim* fazer o trabalho), a não concordância das passivas com *se* (*aluga-se* casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicação de valor.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007 (fragmento).

Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que

- a) estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- b) falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- c) moradores de diversas regiões do país que enfrentam dificuldades ao se expressar na escrita revelam a constante modificação das regras de emprego de pronomes e os casos especiais de concordância.
- d) pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma padrão.
- e) usuários que desvendam os mistérios e sutilezas da língua portuguesa empregam formas do verbo *ter* quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo *haver*, contrariando as regras gramaticais.
11. (ENEM PPL) E: Diva... tem algumas... alguma experiência pessoal que você passou e que você poderia me contar... alguma coisa que marcou você? Uma experiência... você poderia contar agora...  
I: É... tem uma que eu vivi quando eu estudava o terceiro ano científico lá no Atheneu... né... é:: eu gostava do laboratório de química... eu... eu ia ajudar os professores a limpar aquele material todo... aqueles vidros... eu achava aquilo fantásti-

co... aquele monte de coisa... né... então... todos os dias eu ia... quando terminavam as aulas eu ajudava o professor a limpar o laboratório... nesse dia não houve aula e o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório... chegando lá... ele me fez uma experiência... ele me mostrou uma coisa bem interessante que... pegou um béquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso... então foi aquele fogaréu desfilando... aquele fogaréu... quando o professor saiu... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico... só que... eu achei o seguinte... se o professor colocou um pouquinho... foi aquele desfile... imagine se eu colocasse mais... peguei o mesmo béquer... coloquei uma colher... uma colher de cloreto de sódio... foi um fogaréu tão grande... foi uma explosão... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa... eu branca... eu fiquei... olha... eu pensei que eu fosse morrer sabe... quando... o colégio inteiro correu pro laboratório pra ver o que tinha sido...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, especialmente, no trecho “eu branca... eu fiquei... olha... eu pensei que eu fosse morrer sabe...”, há uma estrutura sintática fragmentada, embora facilmente interpretável. Sua presença na fala revela

- distração e poucos anos de escolaridade.
- falta de coesão e coerência na apresentação das ideias.
- afeto e amizade entre os participantes da conversação.
- desconhecimento das regras de sintaxe da norma padrão.
- característica do planejamento e execução simultânea desse discurso.

12. (ENEM PPL) Como se apresentam os atos de ler e escrever no contexto dos canais de *chat* da internet? O próprio nome que designa estes espaços no meio virtual elucida que os leitores-escritores ali estão empenhados em efetivar uma conversação. Porém, não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, mas de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um *software* específico. A dimensão temporal deste tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronicidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num “texto falado por escrito”, numa “conversação com expressão gráfica”. A interação

que se dá “tela a tela”, para que seja bem-sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas, muito mais do que a simples habilidade linguística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno *chat* também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários. Isso significa dizer que esta atividade comunicacional, assim como as demais, também apresenta uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva.

BERNARDES, A. S.; VIEIRA, P. M. T. Disponível em: [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em: 14 ago. 2012.

No texto, descreve-se o *chat* como um tipo de conversação “tela a tela” por meio do computador e enfatiza-se a necessidade de domínio de diversas habilidades.

Uma característica desse tipo de interação é a

- coordenação de ações, ou atitudes, que reflitam modelos de conversação tradicionais.
- presença obrigatória de elementos iconográficos que reproduzam características do texto falado.
- inserção sequencial de elementos discursivos que sejam similares aos de uma conversa telefônica.
- produção de uma conversa que articula elementos das modalidades oral e escrita da língua.
- agilidade na alternância de temas e de turnos conversacionais.

13. (UFGD 2021) O avanço tecnológico provocou alterações nos meios de comunicação e também na linguagem, o que deu origem aos gêneros digitais. Tal avanço trouxe diversas novidades não apenas para os meios de comunicação, mas também para a linguagem. A comunicação passou por diversas transformações graças ao advento da informática, e essas transformações estão mais próximas do que imaginamos.

Os gêneros textuais são incontáveis e adaptáveis às diversas realidades e situações comunicacionais. Eles também podem ser definidos graças a um conjunto de elementos fixos, embora sejam mais flexíveis do que os tipos textuais convencionais. A verdade é que a comunicação na internet acabou criando novos gêneros e alterando outros, comprovando que eles estão a serviço dos falantes e às necessidades de seu tempo. Se antes enviávamos cartas, hoje enviamos e-mail, que nada mais é do que uma adaptação virtual que dispensa o papel e a caneta. Hoje utilizamos as redes sociais para deixar um recado para nossos amigos. Contudo, é importante observar que, embora os meios tenham sido modernizados, a estrutura da comunicação e

a forma com a qual nos expressamos continuam seguindo parâmetros que estabelecem uma relação dialógica com formas textuais preexistentes.

Embora o número de gêneros seja variado, muitos deles possuem certa similaridade na escrita e na oralidade. Podem-se exemplificar como gêneros digitais presentes no dia a dia o e-mail, os blogs, os chats e os fóruns eletrônicos.

Disponível em: <https://www.portugues.com.br/redacao/generos-digitais.html>. Acesso em: 24 set. 2020 (Adaptado).

Marque a alternativa que apresenta uma característica do desenvolvimento dos gêneros digitais.

- Apresentam flexibilidade linguística, sendo possível ao usuário optar de forma consciente entre o uso de uma forma variante ou outra, fazendo adaptação ao grau de formalidade, à circunstância ou ao estilo.
- Apresentam um texto estável, em que as ferramentas disponíveis para criação e edição permitem aos leitores pouca ou nenhuma interferência ou alteração do texto.
- Apresentam um forte controle, pois a produção de textos passa por um processo de controle de qualidade do material que é publicado na rede, havendo pouca liberdade de criação.
- Apresentam um espaço reduzido e individual, o que torna o leitor apenas um visitante, ou seja, diante da impossibilidade de interação, aumenta-se a distância entre a relação autor/leitor.
- Apresentam um processo de criação monoautorial, em que prevalece a ideia expressa de um indivíduo em relação à escrita e à fala. Desse modo, o autor utiliza-se de regras de leitura para delimitar a interpretação por parte do leitor.

#### 14. (ENEM PPL) O internetês na escola

O internetês – expressão grafolinguística criada na internet pelos adolescentes na última década – foi, durante algum tempo, um bicho de sete cabeças para gramáticos e estudiosos da língua. Eles temiam que as abreviações fonéticas (onde “casa” vira ksa; e “aqui” vira aki) comprometessem o uso da norma culta do português para além das fronteiras cibernéticas. Mas, ao que tudo indica, o temido internetês não passa de um simpático bichinho de uma cabecinha só. Ainda que a maioria dos professores e educadores se preocupe com ele, a ocorrência do internetês nas provas escolares, vestibulares e em concursos públicos é insignificante. Essa forma de expressão parece ainda estar restrita a seu habitat natural. Aliás, aí está a questão: saber separar bem a hora em que podemos escrever de qq jto, da hora em que não podemos escrever de “qualquer jeito”. Mas, e para um adolescente que fica várias horas “teclando” que nem louco nos *instant messengers* e *chats* da vida, é fácil virar a

“chavinha” no cérebro do internetês para o português culto? “Essa dificuldade será proporcional ao contato que o adolescente tenha com textos na forma culta, como jornais ou obras literárias. Dependendo deste contato, ele terá mais facilidade para abrir mão do internetês” – explica Eduardo de Almeida Navarro, professor livre-docente de língua tupi e literatura colonial da USP.

RAMPAZZO, F. Disponível em: [www.revistalingua.com.br](http://www.revistalingua.com.br). Acesso em: 01 mar. 2012 (adaptado).

Segundo o texto, a interação virtual favoreceu o surgimento da modalidade linguística conhecida como internetês. Quanto à influência do internetês no uso da forma culta da língua, infere-se que

- a ocorrência de termos do internetês em situações formais de escrita aponta a necessidade de a língua ser vista como herança cultural que merece ser bem cuidada.
- a dificuldade dos adolescentes para produzirem textos mais complexos é evidente, sendo consequência da expansão do uso indiscriminado da internet por esse público.
- a carência de vocabulário culto na fala de jovens tem sido um alerta quanto ao uso massivo da internet, principalmente no que concerne a mensagens instantâneas.
- a criação de neologismos no campo cibernético é inevitável e restringe a capacidade de compreensão dos internautas quando precisam lidar com leitura de textos formais.
- a alternância de variante linguística é uma habilidade dos usuários da língua e é acionada pelos jovens de acordo com suas necessidades discursivas.

#### 15. (UFU) Se quer medir forças, sei que eu me garanto,

Sem conversa frouxa, sem me olhar de canto,  
Fecha a boca, ouça, eu não tô brincando,  
Sua estratégia é fraca, já vou chegar te derrubando.

CONKA, Karol. *Karol Conka*. Download digital, 2001.

Karol Conka é uma rapper brasileira reconhecida por canções que exaltam a mulher. No refrão de *Me garanto*, de sua autoria, a forma *tô*

- representa uma inadequação ao grau de formalidade exigido pela letra da canção, um gênero escrito que circula oralmente em contextos públicos.
- caracteriza uma variedade linguística estigmatizada, já que, no Brasil, o rap está associado a comunidades socialmente marginalizadas.
- desmistifica a dicotomia entre a fala e a escrita, visto que figura em um gênero que apresenta um meio de produção sonoro e uma concepção discursiva gráfica.

d) indicia a inclusão de uma variante típica da fala informal à norma padrão, visto que figura em um texto escrito formal.

16. Dependendo do contexto e das situações comunicativas, a linguagem utilizada pode ser formal ou informal. Como é chamada a variação linguística em que isso acontece?

17. (FUVEST) Leia este texto:

A correção da língua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas.

Monteiro Lobato, *Prefácios e entrevistas*.

- a) Tendo em vista a opinião do autor do texto, pode-se concluir corretamente que a língua falada é desprovida de regras? Explique sucintamente.
- b) Entre a palavra “episcopalmente” e as expressões “meter o bico” e “de orelhas murchas”, dá-se um contraste de variedades linguísticas. Substitua as expressões coloquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que pertençam à variedade padrão.

18. (UNIFESP) Leia o texto.

A nossa instrução pública cada vez que é reformada, reserva para o observador surpresas admiráveis. Não há oito dias, fui apresentado a um moço, aí dos seus vinte e poucos anos, bem posto em roupas, anéis, gravatas, bengalas, etc. O meu amigo Seráfico Falcote, estudante, disse-me o amigo comum que nos pôs em relações mútuas.

O Senhor Falcote logo nos convidou a tomar qualquer coisa e fomos os três a uma confeitaria. Ao sentar-se, assim falou o anfitrião:

– Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê.

Pensei de mim para mim: esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar. Vieram as bebidas e ele disse ao nosso amigo:

– Não sabe Cunugunde: o veio tá i.

O nosso amigo comum respondeu:

– Deves então andar bem de dinheiros.

– Quá ele tá i nós não arranja nada. Quando escrevo é aquela certeza. De boca, não se cava... O veio óia, oia e dá o fora.

(...)

Esse estudante era a coisa mais preciosa que tinha encontrado na minha vida. Como era ilustrado!

Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura.

O nosso amigo indagou dele em certo momento:

– Quando te formas?

– No ano que vem.

Caí das nuvens. Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!

O nosso amigo indagou ainda:

– Tens tido boas notas?

– Tudo. Espero tirá a medaia.

(Lima Barreto. *Quase doutor*.)

a) Tendo em vista o conceito contemporâneo de variação linguística, que ensina a considerar de maneira equânime as diferentes formas do discurso, avalie a atitude do narrador em relação à personagem Falcote, expressa na seguinte frase: (...) *esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar*.

b) Reescreva na norma-padrão – *Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê* e em seguida transcreva um trecho da crônica em que se manifesta a *atitude irônica* do narrador.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

São Paulo 10 de Novembro, 1924

Meu caro Carlos Drummond

(...) Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente. Eu tanto aprecio uma boa caminhada a pé até o alto da Lapa como uma tocata de Bach e ponho tanto entusiasmo e carinho no escrever um dístico que vai figurar nas paredes dum bailarico e morrer no lixo depois como um romance a que darei a impassível eternidade da impressão. Eu acho, Drummond, pensando bem, que o que falta pra certos moços de tendência modernista brasileiros é isso: gostarem de verdade da vida. Como não atinaram com o verdadeiro jeito de gostar da vida, cansam-se, ficam tristes ou então fingem alegria o que ainda é mais idiota do que ser sinceramente triste. Eu não posso compreender um homem de gabinete e vocês todos, do Rio, de Minas, do Norte me parecem um pouco de gabinete demais. Meu Deus! se eu estivesse nessas terras admiráveis em que vocês vivem, com que gosto, com que religião eu caminharia sempre pelo mesmo caminho (não há mesmo caminho pros amantes da Terra) em longas caminhadas! Que diabo! estudar é bom e eu também estudo. Mas depois do estudo do livro e do gozo do livro, ou antes vem o estudo e gozo da ação corporal. (...) E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo dum coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição livresca. Eles é que conservam o espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião. Eu conto no meu “Carnaval carioca” um fato a que assisti em plena Avenida Rio Branco. Uns

negros dançando o samba. Mas havia uma negra moça que dançava melhor que os outros. Os jeitos eram os mesmos, mesma habilidade, mesma sensualidade mas ela era melhor. Só porque os outros faziam aquilo um pouco decorado, maquinizado, olhando o povo em volta deles, um automóvel que passava. Ela, não. Dançava com religião. Não olhava pra lado nenhum. Vivia a dança. E era sublime. Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ela me ensinou a felicidade.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, pp. 3-5.

"Inúmeros são os casos de troca de correspondência entre artistas, escritores, músicos, cineastas, teatrólogos e homens comuns em nossa tradição literária. Mário de Andrade, por exemplo, foi talvez o maior de nossos missivistas. Escreveu e recebeu cartas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Câmara Cascudo, Pedro Nava, Fernando Sabino, só para citar alguns. O conjunto de sua correspondência não só nos ajuda a conhecer o seu pensamento, seus valores e sua própria vida, como também entender boa parte da história e da cultura brasileira do século XX."

DINIZ, Júlio. "Cartas: narrativas do eu e do mundo" In: *Leituras compartilhadas - cartas*. Fascículo especial 2, ano 4. Rio de Janeiro: Leia Brasil / Petrobras, 2004, p.10.

A partir da leitura do trecho da carta de Mário a Drummond e do comentário anterior, responda aos seguintes itens:

### 19. (PUCRJ - ADAPTADA)

- Na carta a Drummond, Mário de Andrade utiliza uma linguagem mais coloquial, trazendo a impressão, algumas vezes, de que a interação está ocorrendo na modalidade oral da língua. Transcreva do texto dois exemplos dessa manifestação da oralidade na escrita.
- Considere o período "Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes." Reescreva-o substituindo o verbo "pensar" pelo verbo "aludir". Faça as modificações que julgar necessárias.

### 20. (FUVEST) Examine a seguinte matéria jornalística:

#### Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



"Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda", disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, "por causa do calor de matar".

Por não ter trabalho em local fixo ("Cato lata, ajudo numa empresa de carreto. Faço o que dá"), ele varia o local de pouso. "Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua".

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

- Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.
- O vocábulo "pra", presente nas declarações atribuídas a João Paulo Silva, é próprio da língua falada corrente e informal. Cite mais dois exemplos de elementos linguísticos com essa mesma característica, também presentes nessas declarações.

## GABARITO

1. A      2. C      3. C      4. B      5. A  
6. B      7. A      8. C      9. C      10. B  
11. E     12. D     13. A     14. E     15. C

16.

A variação diafásica, também chamada de situacional, está relacionada com os diferentes contextos comunicativos. Assim, em função da situação em que a comunicação ocorre, o falante pode utilizar a linguagem formal ou informal para se comunicar.

17.

- a) Usando a ironia, Monteiro Lobato parte da hipótese que, se a linguagem coloquial é desprovida de regras e a linguagem escrita é subordinada às regras da gramática normativa, então conclui que “a correção da língua é um artificialismo”. Este raciocínio é falacioso, pois tanto a linguagem coloquial como a escrita mantêm vínculos com a gramática, embora sob aspectos diferentes: a primeira com a gramática discursiva, a segunda, com a gramática normativa.
- b) Apenas as expressões “Meter o bico” e “orelhas murchas” pertencem ao universo da linguagem coloquial e poderiam ser substituídas, segundo a variedade padrão, por “intrometer-se” e “humilhada”, respectivamente.

18.

- a) O personagem narrador revela preconceito linguístico, baseado na noção de “correto” que é imposta pelo ensino tradicional da gramática normativa o que, segundo os linguistas, leva à depreciação das variedades não padrão, como a forma de falar de pessoas de regiões agrícolas ou sem instrução formal.
- b) Na norma padrão, o excerto em itálico deveria ser substituído por: “Caixeiro (Garçom), tragamos alguma coisa de beber e comer.” É patente a ironia do narrador no excerto em que atribui qualidades altamente positivas à forma de falar de Falcote a ponto de o considerar um ótimo candidato a deputado (“Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura”), assim como no momento em que se afirma surpreendido pelos conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação acadêmica (“Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos”).

19.

- a) “pensando bem”, “dum”; “duma”, “(...)o que milhões, milhões é exagero, muitos(...)”.
- b) “Este é um caso a que tenho aludido muitas vezes.”

20.

- a) Estamos diante de uma **contradição** e, por conseguinte, de uma **ironia**. Diante desta imagem, nossos olhos sentem um estranhamento imediato fruto do contraste produzido pela palavra escrita em letras garrafais e tomando boa parte do anúncio: CONFORTO. Em cima, com custo, percebemos a existência de um homem deitado. Abaixo do homem um anúncio imenso. O efeito de sentido é produzido pelo **contraste** gerador da **ironia** presente entre a palavra CONFORTO e um homem dormindo ao relento, em um lugar que não foi feito para isso. A posição toda torta do homem enquanto dorme colide com a segurança e a beleza escritas também no anúncio, outro contraste que levará à ironia. Refletido pelo vidro, no canto à esquerda, há um outro homem, que também parece maltrapilho, e que parece estar se penteando e utilizando o vidro do ponto de ônibus para sua toalete, o que também remete à beleza expressa na mensagem escrita do anúncio. Uma ironia produzida pela própria realidade.
- b) (...) *ninguém te incomoda* (...) O pronome *te* usado com o sentido de *você* ou do oblíquo *o* faz parte do coloquial brasileiro. (...) *por causa do calor de matar* (...) expressão hiperbólica usada informalmente.

Competência(s):  
5

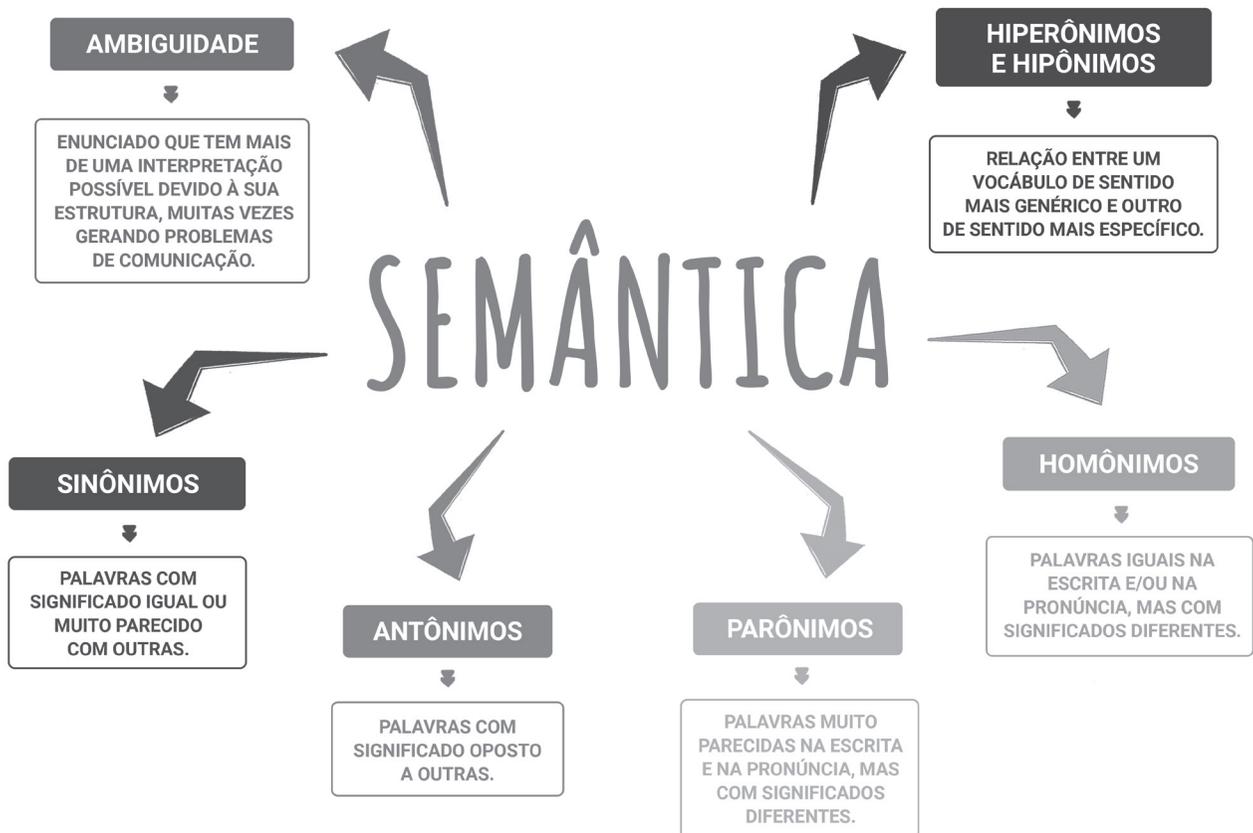
Habilidade(s):  
15, 16 e 17

# AULA 5

## VOCÊ DEVE SABER!

- Sinonímia
- Antonímia
- Paronímia
- Hiperonímia e hiponímia

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Viagens ao fim do mundo, criaturas fantásticas e batalhas épicas entre o bem e o mal – o que mais um leitor poderia querer de um livro? O livro que tem tudo isso é “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, escrito em 1949 por Clive Staples Lewis. Mas Lewis não parou por aí. Seis outros livros vieram depois e, juntos, ficaram conhecidos como “As Crônicas de Nárnia”.

Em um universo completamente mágico e original, C.S. Lewis conduz a terra de Nárnia desde a sua criação até o seu fim em sete livros incríveis. “As Crônicas de Nárnia” é um conjunto de histórias que abrangem diversas épocas dentro de um cenário repleto de castelos, membros da realeza, guerreiros, criaturas fantásticas, feiticeiras e uma mitologia bem extensa.

O autor buscou uma forma de elaborar a história da Bíblia em um contexto original e inspirado no livro sagrado, de modo que até mesmo quem não concorda com os seus preceitos e ensinamentos sinta interesse em iniciar a sua leitura. Além disso, há também referências claras às mitologias grega e nórdica e aos contos de fada, além da inserção de seres icônicos como o Papai Noel. Desde o Gênesis ao Apocalipse, Nárnia vivencia muitos períodos, nos quais questões muito diferentes são abordadas. Entretanto, há um elemento comum em todos os livros: os papéis principais são dados a crianças. São esses pequenos heróis que se descobrem grandes salvadores e se sentem no dever de lutar para proteger a terra que tanto amam e que depende deles.

A oposição entre Aslam e Tash começa a ganhar força no decorrer da cronologia dos livros, sempre camuflada em um contexto de conflitos por terras e guerras entre reinos. Em “A Última Batalha”, é citado que Aslam remete ao bem e Tash, ao mal. Qualquer um que estiver seguindo a um dos dois e praticar o bem estará, na verdade, seguindo a Aslam. Se for o oposto, estará seguindo a Tash.

Ambos são os contrastes de atitudes boas e ruins que podem ser cometidas de acordo com o caráter, o comportamento e as escolhas de cada um.

No geral, os personagens de mais destaque em toda a obra são: Aslam, Digory Kirke, Polly Plummer, A Feiticeira Branca, Pedro Pevensie, Susana Pevensie, Edmundo Pevensie, Lucy Pevensie, Sr. Tumnus, Os Castores, Caspian X, Ripchip, Trumpkin, Shasta, Aravis, Eustáquio Miserio, Jill Pole, Brejeiro, Rilian, Confuso, Manhoso, Tirian e Tash. Cada um possui uma personalidade bastante distinta do outro e todos apresentam características que os tornam originais e clássicos em uma obra que é considerada essencial na vida de uma criança, mas que também pode ser apreciada por pessoas de qualquer faixa etária. [...]

LIMA, Victor. Disponível em: <<https://nomeumundo.com/2016/08/17/as-chronicas-de-narnia/>>. Acesso em: 09 maio 2019 (adaptado). 1. (G1 - ifpe 2019)

No contexto em que foi empregada, a palavra “camuflada” (segunda linha do 4º parágrafo) estabelece relação de antonímia com

- a) ocultada.
- b) disfarçada.
- c) revelada.
- d) dissimulada.
- e) envolta.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### A última página

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. <sup>1</sup>Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

<sup>2</sup>Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita<sup>3</sup>; o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema de signos antes de colocá-los no papel.

<sup>4</sup>Para a maioria das sociedades letradas – para o islã, para as sociedades judaicas e cristãs como a minha, para os antigos maias, para as vastas culturas budistas –, ler está no princípio do contrato social; aprender a ler foi meu rito de passagem.

<sup>5</sup>Depois que aprendi a ler minhas letras, li de tudo: livros, <sup>6</sup>mas também notícias, anúncios, os títulos pequenos no verso da passagem do bonde, letras jogadas no lixo, jornais velhos apanhados sob o banco do parque, grafites, a contracapa das revistas de outros passageiros no ônibus. Quando fiquei sabendo que Cervantes, em seu apogeu à leitura, lia “até os pedaços de papel rasgado na rua”, entendi exatamente que impulso o levava a isso. Essa adoração ao livro <sup>7</sup>(em pergaminho, em papel ou na tela) é um dos alicerces de uma sociedade letrada.

A experiência veio a mim primeiramente por meio dos livros. Mais tarde, quando me deparava com algum acontecimento, circunstância ou algo semelhante <sup>8</sup> \_\_\_\_\_ <sup>9</sup>sobre o qual havia lido, isso me causava o <sup>10</sup>sentimento um tanto surpreendente, <sup>11</sup>mas desapontador de *déjà vu*, <sup>12</sup>porque imaginava que aquilo que estava acontecendo agora já havia me acontecido em palavras, já havia sido nomeado.

Meus livros eram para mim transcrições ou glosas <sup>13</sup> \_\_\_\_\_ outro Livro colossal. Miguel de Unamuno, em um soneto, <sup>14</sup>fala do tempo, <sup>15</sup>cuja fonte está no futuro; minha vida de leitor deu-me a mesma impressão de nadar contra a corrente, vivendo o que já tinha lido. Tal como Platão, passei do conhecimento para seu objeto. Via mais realidade na ideia do que na coisa. <sup>16</sup>Era nos livros que eu encontrava o universo<sup>17</sup>: digerido, classificado, rotulado, meditado, ainda assim formidável.

<sup>18</sup>A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade que me foi imposta, <sup>19</sup>uma vez que, durante a infância, depois que voltamos para a Argentina, em 1955, vivi separado do resto da família, cuidado por uma babá em uma seção separada da casa. <sup>20</sup>Então, meu lugar favorito de leitura era o chão do meu quarto, deitado de barriga para baixo, pés enganchados <sup>21</sup>sob uma cadeira. Depois, tarde da noite, minha cama tornou-se o lugar mais seguro e resguardado para ler <sup>22</sup> \_\_\_\_\_ região nebulosa entre a vigília e o sono.

O psicólogo James <sup>23</sup>Hillman afirma que a <sup>24</sup>pessoa que leu histórias ou <sup>25</sup>para quem leram <sup>26</sup>histórias na infância “está em melhores condições e tem um <sup>27</sup>prognóstico melhor do que aquela <sup>28</sup>à qual é preciso apresentar as histórias. [...] Chegar cedo na vida já é uma perspectiva de vida”. Para Hillman, essas primeiras leituras tornam-se “algo vivido e por meio <sup>29</sup>do qual se vive, um modo que a alma tem de se encontrar na vida”. A essas leituras, e por esse motivo, voltei repetidamente, <sup>30</sup>e ainda volto.

Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava. <sup>31</sup>Embora eu soubesse que era incapaz de inventar histórias como as que meus autores favoritos escreviam, achava que minhas opiniões frequentemente coincidiam com as deles e <sup>32</sup>(para usar a frase de Montaigne) “Passei a seguir-lhes o rastro, murmurando: ‘Ouçam, ouçam’”.

Fonte: MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 20-24. (Parcial e adaptado.)

2. (UCS 2021) Segundo o texto, assinale a alternativa que apresenta a melhor sinonímia a termo sublinhado no período abaixo.

**Era nos livros que eu encontrava o universo: digerido, classificado, rotulado, meditado, ainda assim formidável** (ref. 16)

- a) **digerido** por *assimilado*  
 b) **classificado** por *generalizado*  
 c) **rotulado** por *etiquetado*  
 d) **meditado** por *mitigado*  
 e) **formidável** por *hedonístico*

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: UM DOADOR UNIVERSAL

Tomo um táxi e mando tocar para o hospital do Ipase. Vou visitar um amigo que foi operado. O motorista volta-se para mim:

- O senhor não está doente e agora não é hora de visita. Por acaso é médico? Ultimamente ando sentindo um negócio esquisito aqui no lombo...

- Não sou médico.

Ele deu uma risadinha.

- Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor? É isso mesmo, deixa para lá. Para dizer a verdade, não tem cara de médico. Vai doar sangue.

- Quem, eu?

- O senhor mesmo, quem havia de ser? Não tem mais ninguém aqui.

- Tenho cara de quem vai doar sangue?

- Para doar sangue não precisa ter cara, basta ter sangue. O senhor veja o meu caso, por exemplo. Sempre tive vontade de doar sangue. E doar mesmo de graça, ali no duro. Deus me livre de vender meu próprio sangue: não paguei nada por ele. Escuta aqui uma coisa, quer saber o que mais, vou doar meu sangue e é já.

Deteve o táxi à porta do hospital, saltou ao mesmo tempo que eu, foi entrando:

- E é já. Esse negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se. Antes que seja tarde: acabo desperdiçando esse sangue meu por aí, em algum desastre. Ou então morro e ninguém aproveita. Já imaginou quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?

- E nos que não morrem? - limitei-me a acrescentar.

- Isso mesmo. E nos que não morrem! Essa eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto. Olhe aqui uma coisa, não precisa pagar a corrida. Deixei-me ficar, perplexo, na portaria (e ele tinha razão, não era hora de visitas) enquanto uma senhora reclamava seus serviços:

- Meu marido está saindo do hospital, não pode andar direito...

- Que é que tem seu marido, minha senhora?

- Quebrou a perna.

- Então como é que a senhora queria que ele ann dasse direito?

- Eu não queria. Isto é, queria... Por isso é que estou dizendo - confundiu- se a mulher. - O seu táxi não está livre?

- O táxi está livre, eu é que não estou. A senhora vai me desculpar, mas vou doar sangue. Ou hoje ou nunca.

E gritou para um enfermeiro que ia passando e que nem o ouviu:

- Você aí, ô, branquinho, onde é que se doa sangue?

Procurei intervir:

- Atenda a freguesa... O marido dela...

- Já sei: quebrou a perna e não pode andar direito.

- Teve alta hoje. - acudiu a mulher, pressentindo simpatia.

- Não custa nada - insisti. - Ele precisa de táxi. A esta hora...

- Eu queria doar sangue - vacilou ele. - A gente não pode nem fazer uma caridade, poxa!

- Deixa de fazer uma e faz outra, dá na mesma.

Pensou um pouco, acabou concordando:

- Está bem. Mas então faço o serviço completo: vai de graça. Vamos embora. Cadê o capenga?

Afastou-se com a mulher, e em pouco passava de novo por mim, ajudando-a a amparar o marido, que se arrastava, capengando.

- Vamos, velhinho: te aguenta aí. Cada uma!

Ainda acenou para mim, de longe, se despedindo.

SABINO, Fernando. *Um doador universal*.

Disponível em: <<<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/fernando-sabino/fernando-sabino-um-doador-universal-1.538>>>. Acesso: 08 maio 2017.

3. (G1 - IFPE) Na leitura de textos, deparamo-nos, muitas vezes, com palavras das quais desconhecemos o significado, no entanto, a partir do contexto, conseguimos interpretá-las. Seguindo esse entendimento, a partir da significação contextual da palavra, assinale a alternativa que contém o vocábulo que substituiria adequadamente o termo destacado no trecho a seguir, extraído do texto, de acordo com a relação de significado estabelecida.

“Está se vendo que o senhor é moço distinto.”

- a) Rápido; antonímia.  
b) Comum; sinonímia.  
c) Inteligente; sinonímia.  
d) Forte; antonímia.  
e) Exigente; sinonímia.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### O gosto da surpresa

Betty Milan  
Psicanalista e escritora

Nada é melhor do que se surpreender, olhar o mundo com olhos de criança. Por isso as pessoas gostam de viajar. Nem o trânsito, nem a fila no aeroporto, nem o

eventual desconforto do hotel são empecilhos neste caso. Só viajar importa, ir de um para outro lugar e se entregar à cena que se descortina. Como, aliás, no teatro.

O turista compra a viagem baseado nas garantias que a agência de turismo oferece, mas se transporta em busca de surpresa. Porque é dela que nós precisamos mais. Isso explica a célebre frase “navegar é preciso, viver não”, erroneamente atribuída a Fernando Pessoa, já que data da Idade Média. Agora, não é necessário se deslocar no espaço para se surpreender e se renovar. Olhar atentamente uma flor, acompanhar o seu desenvolvimento, do botão à pétala caída, pode ser tão enriquecedor quanto visitar um monumento histórico.

Tudo depende do olhar. A gente tanto pode olhar sem ver nada quanto se maravilhar, uma capacidade natural na criança e que o adulto precisa conquistar, suspendendo a agitação da vida cotidiana e não se deixando absorver por preocupações egocêntricas. Como diz um provérbio chinês, a lua só se reflete perfeitamente numa água tranquila.

O que nós vemos e ouvimos depende de nós. A meditação nos afasta do clamor do cotidiano e nos permite, por exemplo, ouvir a nossa respiração. Quem escuta com o espírito e não com o ouvido, percebe os sons mais sutis. Ouve o silêncio, que é o mais profundo de todos os sons, como bem sabem os músicos. Numa de suas músicas, Caetano Veloso diz que “só o João (Gilberto) é melhor do que o silêncio”. Porque o silêncio permite entrar em contato com um outro eu, que só existe quando nos voltamos para nós mesmos.

Há milênios, os asiáticos, que valorizam a longevidade, se exercitam na meditação, enquanto nós, ocidentais, evitamos o desligamento que ela implica. Por imaginarmos que sem estar ligado não é possível existir, ignoramos que o afastamento do circuito habitual propicia uma experiência única de nós mesmos, uma experiência sempre nova.

Desde a Idade Média, muitos séculos se passaram. Mas o lema dos navegadores continua atual. Surpreender-se é preciso. A surpresa é a verdadeira fonte da juventude, promessa de renovação e de vida.

(Veja, Editora Abril, edição 2184 - ano 43 - nº 39, 29/09/2010, p. 116)

4. (G1 - IFAL) No trecho: “...suspendendo a agitação da vida cotidiana e não se deixando **absorver** por preocupações **egocêntricas**”, as palavras grifadas mantêm, com os vocábulos “absolver” e “personalistas”, uma relação de:

- a) homonímia e sinonímia, respectivamente.  
b) sinonímia e homonímia, respectivamente.  
c) antonímia e paronímia, respectivamente.  
d) antonímia e sinonímia, respectivamente.  
e) paronímia e sinonímia, respectivamente.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:****Um caso de burro***Machado de Assis*

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espetá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoço popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburri ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca seguí o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburri ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburri e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

5. (EFOMM 2021) Assinale a opção em que o termo **burro** é recuperado por meio de um hiperônimo.
- a) “O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar perto do fim.”
  - b) “Diante do animal havia algum capim espalhado [...]”
  - c) “Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante [...]”
  - d) “Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver [...]”
  - e) “[...] se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite.”

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.*

*Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisiaca.*

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

6. (FUVEST) O conceito de hiperônimo (vocábulo de sentido mais genérico em relação a outro) aplica-se à palavra “planta” em relação a “palmeira”, “trevos”, “baunilha” etc., todas presentes no texto. Tendo em vista a relação que estabelece com outras palavras do texto, constitui também um hiperônimo a palavra
- a) “alma”.
  - b) “impressões”.
  - c) “fazenda”.
  - d) “cobra”.
  - e) “saudade”.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

<sup>1</sup>Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, <sup>12</sup>qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes *falares*, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. <sup>10</sup>Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

<sup>5</sup>Exatamente, <sup>13</sup>por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa, pois, <sup>11</sup>por eles, se instaura o movimento dialético da língua: da língua que *está sendo*, que *continua igual* e da língua que *vai ficando diferente*. <sup>2</sup>Não querer reconhecer essa natural tensão do movimento das línguas é deixar de apanhar a natureza mesma de sua forma de existir: *histórica e culturalmente situada*.

<sup>6</sup>Por conta dessas vinculações da língua com as situações em que é usada, a voz de cada um de nós é, na verdade, *um coro de vozes*. <sup>3</sup>Vozes de todos os que nos antecederam e com os quais convivemos atualmente. Vozes daqueles que construíram os significados das coisas, que atribuíram a elas um sentido ou um valor semiológico. Vozes que pressupõem papéis sociais de quem as emite; que expressam visões, concepções, crenças, verdades e ideologias. <sup>14</sup>Vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e, ao mesmo tempo, criação dessas mesmas visões.

<sup>7</sup>A língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória coletiva. Daí, <sup>4</sup>o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão a esse grupo.

<sup>8</sup>Tudo isso porque linguagem, língua e cultura são, reiteramos, realidades indissociáveis.

<sup>9</sup>É nesse âmbito que podemos surpreender as raízes do processo de construção e expressão de nossa *identidade* ou, melhor dizendo, de nossa pluralidade de identidades. É nesse âmbito que podemos ainda experimentar o sentimento de partilhamento, de pertença, de ser *gente de algum*

*lugar*, de ser pessoa que faz parte de determinado grupo. Quer dizer, pela língua afirmamos: temos território; não somos sem pátria. Pela língua, enfim, recobramos uma identidade.

ANTUNES, Irlandé. *Língua, texto e ensino*. Outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009, p. 22-23.

1. (UPE) No texto, a reiteração de itens lexicais, um dos importantes recursos da coesão textual, está presente, também, por meio da retomada por sinônimia. Isso ocorre, por exemplo, entre os segmentos sublinhados em:
  - a) “Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças” (ref. 1).
  - b) “Pensar numa língua uniforme (...) é um mito” (ref. 10) / “por eles (os falares), se instaura o movimento dialético da língua” (ref. 11).
  - c) “qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares” (ref. 12) / “por essa heterogeneidade de falares é que a língua se torna complexa” (ref. 13).
  - d) “Por conta dessas vinculações da língua com as situações em que é usada, a voz de cada um de nós é (...) um coro de vozes” (ref. 6).
  - e) “Vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e (...) criação dessas mesmas visões” (ref. 14).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focaliza(m) uma passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de Carlo Giovanni a esse artigo.

### Compaixão

Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios — principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na inação. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do pensamento: se alguns a apontaram como o alicerce da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de comiserção pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno\*. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa

e a dos outros — como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora. Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso.

O sofrimento — e todos concordam — é algo ruim. A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa infiltração universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: “Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem”.

\* Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.



(Vida Simples, janeiro de 2014. Adaptado.)

2. (UNESP) Assinale a alternativa que contém três vocábulos usados como sinônimos ao longo do fragmento:

- a) compaixão, piedade, comiseração.
- b) virtude, sofrimento, piedade.
- c) compaixão, miséria, dor.
- d) piedade, temperança, prudência.
- e) sofrimento, virtude, miséria.

3. (ENEM PPL) Não há crenças que **Nelson Leirner** não destrua. Do dinheiro à religião, do esporte à fé na arte, nada resiste ao deboche desse **iconoclasta**. O principal mérito da retrospectiva aberta em setembro na Galeria do SESI-SP é justamente demonstrar que as provocações arquitetadas durante as últimas cinco décadas **pelo artista** quase octogenário continuam vigorosas.

Bravo, n. 170, out. 2011 (adaptado).

Um dos elementos importantes na constituição do texto é o desenvolvimento do tema por meio, por exemplo, do encadeamento de palavras em seu interior. A clareza do tema garante ao autor que seus objetivos — narrar, descrever, informar, argumentar, opinar — sejam atingidos. No parágrafo do artigo informativo, os termos em negrito

- a) evitam a repetição de termos por meio do emprego de sinônimos.
- b) fazem referências a outros artistas que trabalham com Nelson Leirner.
- c) estabelecem relação entre traços da personalidade do artista e suas obras.
- d) garantem a progressão temática do texto pelo uso de formas nominais diferentes.
- e) introduzem elementos novos, que marcam mudança na direção argumentativa do texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A coragem (...) só se torna uma <sup>12</sup>virtude quando a serviço de outrem ou de uma causa geral e generosa. Como traço de caráter, a coragem é, sobretudo, uma fraca sensibilidade ao medo, seja por ele ser pouco sentido, seja por ser bem suportado, ou até provocar prazer. É a coragem dos estouvados, dos brigões ou dos <sup>10</sup>impávidos, a coragem dos “durões”, como se diz em nossos filmes policiais, e todos sabem que a <sup>2</sup>virtude pode não ter nada a ver com ela.

Isso quer dizer que <sup>1</sup>ela é, do ponto de vista moral, totalmente indiferente? Não é tão simples assim. Mesmo numa situação em que <sup>3</sup>eu agiria apenas por <sup>11</sup>egoísmo, pode-se estimar que a ação generosa (por exemplo, o combate contra um agressor, em vez da súplica) manifestará maior domínio, maior <sup>13</sup>dignidade, maior <sup>14</sup>liberdade, <sup>15</sup>qualidades moralmente significativas e que darão à coragem, como que por retroação, <sup>5</sup>algo de seu valor: sem ser sempre moral, em sua essência, a coragem é aquilo sem o que, não há dúvida, qualquer moral seria impossível ou sem efeito. <sup>4</sup>Alguém que se entregasse totalmente ao medo que lugar poderia deixar aos seus deveres? (...) O medo é egoísta. A covardia é egoísta. (...) Como virtude, ao contrário, a coragem supõe sempre uma forma de <sup>7</sup>desinteresse, de <sup>8</sup>altruísmo ou de <sup>9</sup>generosidade. Ela não exclui, sem dúvida, uma certa <sup>16</sup>insensibilidade ao medo, até mesmo um gosto por ele. Mas não <sup>6</sup>os supõe necessariamente. Essa coragem não é a ausência do medo, é a capacidade de superá-lo, quando ele existe, por uma vontade mais forte e mais generosa. Já não é (ou já não é apenas) fisiologia, é força de alma, diante do perigo. Já não é uma paixão, é uma virtude, é a condição de todas. Já não é a coragem dos durões, é a coragem dos doces, e dos heróis.

André Comte-Sponville. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. p. 55 a 57 (adaptado).

4. **(PUCRS)** A propósito do sentido de certos vocábulos no texto, afirma-se:

1. “impávidos” (ref. 10) significa “destemidos” e poderia ser substituído por “valentes” sem prejuízo à coerência da frase.
2. “egoísmo” (ref. 11) e “altruísmo” (ref. 8) são antônimos.
3. “virtude” (ref. 12) inclui, em seu sentido amplo, os sentidos de “dignidade” (ref. 13), “liberdade” (ref. 14), “qualidades” (ref. 15) e “generosidade” (ref. 9).
4. Na composição das palavras “desinteresse” (ref. 7) e “insensibilidade” (ref. 16), há elementos de valor semântico equivalente.

As afirmativas corretas são, apenas:

- a) 1 e 2.
- b) 2 e 3.
- c) 1, 2 e 3.
- d) 1, 2 e 4.
- e) 2, 3 e 4.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Pessoas habitadas

<sup>1</sup>Estava conversando com uma amiga, dia desses. Ela comentava sobre uma terceira pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a como sendo <sup>2</sup>boa gente, esforçada, ótimo caráter. <sup>3</sup>Só tem um probleminha: “não é habitada”. Rimos. Uma expressão coloquial na França – *habité*, – mas nunca tinha escutado por estas paragens e com este sentido. Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma parecida, também costuma dizer <sup>5</sup>“aquela ali tem gente em casa” quando se refere a <sup>6</sup>pessoas que fazem diferença.

<sup>7</sup>Uma pessoa pode ser altamente confiável, gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é habitada, rapidamente coloca os outros pra dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demo, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. <sup>8</sup>A Suíça, de fato, é um país de contos de fada onde tudo funciona, onde todos são belos, onde a vida parece uma pintura, um rótulo de chocolate. Mas <sup>9</sup>falta uma ebulição que a salve do marasmo.

Retornando ao assunto: pessoas habitadas <sup>10</sup>são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões. Os habitados estão preenchidos de indagações, angústias, incertezas, mas não são menos felizes <sup>11</sup>por causa disso. Não transformam suas “inadequações” em doença, mas em força e curiosidade. Não recuam diante de encruzilhadas, não se amedrontam com transgressões, não adotam as opiniões dos outros para facilitar o diálogo. São pessoas que sur-

preendem com um gesto ou uma fala fora do script, sem <sup>12</sup>nenhuma disposição para serem bonecos de ventríloquos. Ao contrário, encantam pela verdade pessoal que defendem. <sup>13</sup>Além disso, mantêm com a solidão uma relação mais do que cordial.

<sup>14</sup>Então são as criaturas mais incríveis do universo? Não necessariamente. Entre os habitados há de tudo, gente fenomenal e também assassinos, perversos e demais malucos que não merecem abrandamento de pena pelo fato de serem, em certos aspectos, bastante interessantes. Interessam, mas assustam. Interessam, mas causam dano. <sup>15</sup>Eu não gostaria de repartir a mesa de um restaurante com Hannibal Lecter, “The Cannibal”, <sup>16</sup>ainda que eu não tenha dúvida de que o personagem imortalizado por Anthony Hopkins renderia um papo mais estimulante do que uma conversa com, <sup>17</sup>sei lá, Britney Spears, que <sup>18</sup>só tem gente em casa porque está grávida.

Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer seja nos fascinar e nos manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Objetiva, 324-325.

5. **(UECE)** Atente ao que se diz sobre os trechos transcritos a seguir: “não é habitada” (referência 4) e “aquela ali tem gente em casa” (referência 5).

- I. Ambas são expressões antônimas textualmente.
- II. Mostram que a antonímia, como também a sinonímia são fenômenos que se realizam independentemente do contexto em que aparecem.
- III. Na perspectiva do texto, “aquela ali tem gente em casa” pode ser lida como “aquela ali é habitada”. Está correto o que se afirma em
  - a) I, II e III.
  - b) II e III somente.
  - c) I e III somente.
  - d) I e II somente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### O ex-cinema de autor

Arnaldo Jabor

Estou escrevendo um novo filme, inspirado em um conto de Rubem Fonseca. O roteiro está quase pronto, e diante de mim já se desenham os impasses do cinema contemporâneo. Como filmar? É fácil partir para comédias ao gosto do público ou tentativas de imitar filmes de ação norte-americanos. Mas como realizar um filme que busca refletir sobre a vida, sobre as tragédias ou comédias humanas num mundo tão fragmentado, em que a ficção ficou insignificante, frágil? A realidade parece ficção.

E as dúvidas continuam: com que linguagem devo

abordar o fragmentário, o indizível, como criar uma linguagem coerente para um mundo incoerente? Como buscar sentido na falta de sentido? <sup>2</sup>Nem mesmo temos mais a falta de sentido absurdista de Beckett, ou do nouveau roman, em que mesmo o desencanto total almejava um sentido qualquer, uma disfarçada esperança.

Como fazer um cinema de autor que não seja o reflexo da realidade, mas a realidade do reflexo? Hoje, o que é importante? Não existe mais? Não adianta buscar uma qualidade, uma excelência, que foi soterrada pela quantidade de informações e por uma dramaturgia falsamente nova, disfarçada no excesso infinito de formas de registrar. Hoje nem o absurdismo descreve mais o absurdo<sup>3</sup>... Há o desejo de obscurir “justamente possíveis” <sup>5</sup>epifanias dentro da sala escura. Não me refiro às novas experiências digitais na web, <sup>6</sup>pois seu processo é imprevisível. Falo apenas da tela grande, da esperança de criar uma obra de arte, <sup>7</sup>como se dizia antigamente. E aí, eu penso: como vou fazer esse filme que escrevo?

O grande pensador André Bazin, o cara que mais <sup>8</sup>entendia do assunto, uma vez <sup>9</sup>definiu os vários momentos da evolução da linguagem cinematográfica. Ele dizia: na época do cinema mudo, a linguagem do filme evocava a realidade, <sup>10</sup>como nos poemas dramáticos geniais de um Eisenstein ou em “A Paixão de Joana D’Arc”. Os cineastas faziam conexões poéticas que <sup>11</sup>evocavam sentidos.

Depois dos anos 30, com o cinema falado, a linguagem ficou descritiva, submetida a <sup>12</sup>cânones realistas da vida. John Ford ou Hawks são exemplos de grandes realistas.

Nos anos 50 e 60, com o advento de equipamentos mais leves, herdeiros da pobreza do <sup>13</sup>\_\_\_\_\_ italiano, surgiu o Cinema Novo, longe dos estúdios, e <sup>14</sup>assim nasceu, por exemplo, a nouvelle vague, e suas ondas <sup>15</sup>influíram no mundo inteiro. Buscávamos a importância de uma verdade sobre a vida pessoal e social, a ponto de <sup>16</sup>até dizermos: “Este filme é uma droga, mas é importante”. Nessa época, o cinema tinha uma forte importância cultural. Era visto como uma barreira contra a cultura de massas que <sup>17</sup>já dominava o panorama <sup>18</sup>\_\_\_\_\_. Nossa ideia era atingir o público e fazê-lo pensar, equivocando-o e conscientizando-o. Os filmes eram livres para criar uma nova <sup>19</sup>dramaturgia, sem regras fixadas por produtores <sup>20</sup>\_\_\_\_\_. O autor era absoluto. Godard, sem dúvida, foi o grande criador dessa época. Abria-se um tempo semelhante ao que foi o modernismo, o cubismo etc. A liberdade era imensa <sup>21</sup>para vermos a vida de ângulos jamais explorados, a vida com outros olhos.

<sup>22</sup>Porém, a partir da virada dos anos 70 para os 80, ressurgiram as <sup>23</sup>(belas) regras da antiga poética grega. Aristóteles ressuscitou e passou a <sup>24</sup>ser o pau para toda obra do cinema comercial, a fórmula narrativa única e o pretexto para a conexão total com o gran-

de público. Aristóteles, coitado, foi substituído em todas as produções, as mais bárbaras, as mais desonestas. Pobre Aristóteles <sup>25</sup>- virou partitura não mais das tragédias gregas, mas dos maiores abacaxis de Hollywood. O método narrativo de sua poética passou a justificar uma máquina de sensações programadas. Somos levados por inúmeras direções: prazeres sádicos, assassinatos explosivos, vinganças sem fim, tudo narrado como uma ventania, como uma tempestade de planos <sup>26</sup>(cenas) curtos, nunca mais longos do que quatro segundos, tudo tocado por orquestras sinfônicas plagiando Ravel para cenas românticas, Stravinsky para violências e guerras, tudo para não desgrudarmos os olhos da tela. Não há mais tempo para um filme ser visto, refletido, com choro, risos, vida. O desejo dos produtores é justamente apagar o drama humano dentro de nossas cabeças. O conflito é permanente, <sup>27</sup>de forma a impedir o observador de ver seus conflitos internos.

Hoje, os roteiros são feitos em computador, de modo a não deixar respiros para o <sup>28</sup>\_\_\_\_\_. É preciso encher cada buraco, para que nada se infiltre na atenção absoluta. Mais importantes que as personagens, são as coisas em volta. Sim, as coisas. Personagem é só um pretexto para mostrar o décor. E o décor é um grande showroom dos produtos norte-americanos. As personagens são os maravilhosos aviões, os supercomputadores, a genialidade técnica lutando por algum bem ininteligível.

O cinema moderno perdeu a magia de antes, porque quanto <sup>29</sup>mais se <sup>30</sup>aperfeiçoam as maneiras de penetrar na realidade, mais distante ela <sup>31</sup>fica. Explico. Em meio a efeitos especiais espantosos, o humano fica mais oculto. Quanto mais se fazem descobertas, mais fundo é o túnel do mistério. A máquina do mundo, quanto mais aberta, mais fica vazia e misteriosa. A perfeição digital, contemporânea, reprodutiva, descreve bem o mundo, mas não o condensa em poesia. Hoje, é imensa a quantidade de imagens que invadem nossos olhos. Tantas são <sup>32</sup>que se anulam. Tanta é a exposição da realidade diante de nossos olhos que não vemos mais nada.

A solução para mim talvez esteja na frase de Nelson Rodrigues: <sup>33</sup>/<sup>34</sup>Se a nossa época não gostar de minhas peças, pior para nossa época<sup>35</sup>”.

Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/arnaldo-jabor/o-ex-cinema-de-autor-1.1269424>.

Acesso em: 17 fev. 2022. (Adaptado.)

6. (UCS 2022) A sinonímia mais aproximada, considerando o sentido de uso no texto, é mantida pela substituição de
- a) **epifanias** (ref. 5) por *idolatrias*.
  - b) **evocavam** (ref. 11) por *transgrediam*.
  - c) **cânones** (ref. 12) por *modelos*.
  - d) **influíram** (ref. 15) por *prescreveram*.
  - e) **dramaturgia** (ref. 19) por *fonografia*.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda a(s) questão(ões) com base no texto 1.

## TEXTO 1

### Entre o espaço público e o privado

<sup>12</sup>Excluídos da sociedade, os moradores de rua <sup>26</sup>ressignificam o único espaço <sup>13</sup>que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu “lugar”, um espaço privado. <sup>11</sup>Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, <sup>1</sup>fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: <sup>17</sup>assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas <sup>3</sup>dormindo nas <sup>28</sup>calçadas, <sup>4</sup>passando por situações constrangedoras, <sup>5</sup>pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que <sup>2</sup>fazem da rua sua casa e nela constroem sua <sup>35</sup>intimidade. <sup>18</sup>Assim, a ideia de <sup>33</sup>individualização que está nas <sup>31</sup>casas, na <sup>34</sup>separação das coisas por <sup>30</sup>cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, <sup>14</sup>ganha outro sentido. O <sup>6</sup>viver nas <sup>29</sup>ruas, um lugar <sup>19</sup>aparentemente <sup>36</sup>inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem <sup>8</sup>estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social <sup>15</sup>foram <sup>21</sup>sempre precedidas de <sup>22</sup>mudanças físicas de local. Por <sup>23</sup>mais que a rua não seja um local para <sup>7</sup>viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, <sup>25</sup>senão única, a <sup>24</sup>mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação <sup>9</sup>é um ponto base e <sup>10</sup>adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto

de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e <sup>37</sup>invisíveis vedam os aspectos mais ‘privados’, ‘íntimos’, irrepreensivelmente ‘animais’ da nossa existência à vista de outras pessoas”.

O modo como essas pessoas <sup>27</sup>constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em “seu <sup>20</sup>lugar”, que aproximaram, cada um à sua maneira, <sup>16</sup>dois mundos nos quais estamos <sup>32</sup>inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono*. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em 21/8/2014.

7. (PUCRS) Analise as afirmações sobre o sentido e a formação das palavras no texto.

- I. Há uma relação de sinonímia entre “ressignificam” (ref. 26) e “constituem” (ref. 27).
- II. “calçadas” (ref. 28) está para “ruas” (ref. 29) assim como “cômodos” (ref. 30) está para “casas” (ref. 31).
- III. A relação entre “Excluídos” (ref. 12) e “inseriridos” (ref. 32) é a mesma que se estabelece entre “individualização” (ref. 33) e “separação” (ref. 34).
- IV. As palavras “intimidade” (ref. 35), “inabitável” (ref. 36) e “invisíveis” (ref. 37) têm o mesmo prefixo.

Estão corretas apenas as afirmativas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I e IV.
- d) II e III.
- e) II, III e IV.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Que coisa mais jeca!

Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país

<sup>1</sup>É bem raro que um personagem literário tenha tanta projeção cultural que seu nome acabe por virar substantivo comum de ampla circulação, verbete em todos os dicionários.

Aconteceu com o Jeca Tatu, criado há pouco mais de cem anos pelo escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948).

O Houaiss define assim o brasileirismo jeca-tatu, substantivo masculino: “habitante do <sup>2</sup>interior brasileiro, especialmente da região centro-sul, de hábitos rudimentares, morador da zona rural”. Ou seja, jecatatu é sinônimo de caipira, matuto, equivalência que o dicionário também registra.

Curiosamente, é só no verbete jeca, forma reduzida de jeca-tatu, que o lexicógrafo aponta o escancarado caráter pejorativo da palavra. O termo caipira pode ser depreciativo, mas também aparece em contextos neutros e até de valorização da cultura rural. Jeca não: é ofensivo sempre.

Mesmo quando o ator e cineasta Amácio Mazzaropi (1912-1981) fez dele um herói simpático e de grande sucesso, o riso que sua comédia buscava era baseado na superioridade do espectador sobre aquele capiau ridiculamente simplório, que envergonhava os próprios filhos, ainda que fosse honesto e de bom coração.

A negatividade vem de berço. Quando lançou o personagem do Jeca Tatu em 1914, em artigo para O Estado de S. Paulo <sup>3</sup>intitulado “Uma velha praga”, Lobato o apresentava como síntese dos defeitos que, na sua experiência de fazendeiro cheio de sonhos frustrados de modernização, condenavam o matuto brasileiro – e o país com ele – ao atraso eterno.

Preguiçoso, ignorante, <sup>4</sup>abúlico, triste, nessa primeira encarnação o Jeca (corruptela de Zeca) é uma espécie de aberração responsável por todas as suas próprias desgraças aos olhos urbanos do escritor elitista. Só que o autor nunca parou de retocar o personagem.

Em pouco tempo tinha transformado o Jeca numa vítima da <sup>5</sup>incompetência do Estado, que lhe negava saneamento, remédios e educação.

O personagem começou a ganhar contornos construtivos. Nessa fase o <sup>6</sup>astuto Lobato chegou a lhe arranjar um emprego de garoto-propaganda do Biotônico Fontoura, elixir vendido como capaz de curar os jecas de sua jequice.

No fim da vida do escritor, uma intervenção mais claramente política mudou tanto o caipira, agora retratado como explorado pelos donos da terra, que ele precisou mudar de nome.

Assim surgiu o personagem Zê Brasil, camponês dotado de consciência de classe. De modo significativo, não fez um milésimo do sucesso do Jeca.

Ocorre que a criatura já havia declarado sua <sup>7</sup>independência do criador. Morto Lobato, novas transformações estavam por vir tanto para o Jeca, o personagem, quanto para jeca, a palavra.

<sup>8</sup>O já citado Mazzaropi se encarregou da primeira, mas é a outra que <sup>9</sup>interessa mais de perto à coluna.

Se a <sup>10</sup>incrível <sup>11</sup>inserção cultural alcançada pelo caipira de Lobato só pode ser entendida no contexto de um país que, na primeira metade do século passado, ainda era maciçamente rural, o Brasil de urbanização velocíssima das décadas seguintes reservou novos papéis para o termo jeca.

Hoje é mais comum vê-lo usado como adjetivo para qualificar o “que revela mau gosto, falta de refinamento; cafona, ridículo” (Houaiss).

Abusar de palavras em inglês é jeca. Humilhar porteiros e garçons é jeca demais. Usar faixa presidencial em solenidades que não a exigem, haja jequice! Não há dúvida de que vivemos o momento mais jeca de nossa história.

Rodrigues, S. “Que coisa mais jeca! Do capiau de Lobato ao cafona urbano de hoje, palavra mudou com o país”. *Folha de São Paulo*. 24.10.2019. Disponível em: <https://bit.ly/2NxyLzK/>. Adaptado.

8. (FUVEST-ETE 2022) No texto, podem ser consideradas sinônimos de “abúlico” (ref. 4) e “astuto” (ref. 6), respectivamente, as palavras

- a) “faminto” e “sagaz”.
- b) “apático” e “esperto”.

- c) “mentiroso” e “maldoso”.
- d) “honesto” e “sabido”.
- e) “simples” e “hábil”.

9. (UFU 2015) Como é usual no desenvolvimento de novas tecnologias, os <sup>1</sup>drones também brotaram de centros militares. Mas no Exército eles têm outro nome: veículos aéreos não tripulados (os <sup>2</sup>vants). São aeronaves autônomas, guiadas a distância por pilotos ou que navegam sozinhas, e que podem medir de poucos centímetros a dezenas de metros de comprimento. No começo dos anos 2000, passaram a ser utilizadas regularmente em missões do governo americano, e gradualmente substituem pilotos no campo de batalha. Se em 2009 3% da tropa da Força Aérea dos Estados Unidos guiava os vants, agora a parcela é de ao menos 10%, e há queixas de que não é o suficiente. E se no início eles substituíam soldados em tarefas arriscadas, agora solucionam até dilemas morais típicos de situações de guerra, e que antes só humanos conseguiam resolver. Às <sup>3</sup>máquinas foram atribuídas decisões deontológicas. Quando foram concebidos, os vants eram totalmente guiados por um controle remoto. Tudo que a <sup>4</sup>máquina fazia era responder aos comandos de um humano. Mas cada vez mais o homem se mostra dispensável. Os drones militares da década de 2010 contam com *softwares* dotados de algoritmos capazes de não só guiá-los, mas de identificar alvos e decidir se é preciso abatê-los. Um ex-operador de <sup>5</sup>drones militares dos Estados Unidos revelou recentemente que as <sup>6</sup>aeronaves rastreavam, sozinhas, o celular de um inimigo e indicavam se era necessário executá-lo, mesmo que ele não fosse o dono do <sup>7</sup>aparelho, e com risco real de matar civis ao redor. Israel também divulgou a realização de testes com um programa que fará com que drones solucionem dilemas éticos. Exemplo: se o dano colateral, a morte de civis, for matematicamente mais prejudicial do que a execução de um alvo de menor relevância, a máquina cancela o ataque. Fórmulas matemáticas, em vez de humanos, podem passar a reger o campo de batalha.

THOMAS, Jennifer Ann. *Veja*, 14 de fevereiro, 2015, p. 173. (Fragmento)

No fragmento, uma das relações de coesão se estabelece por meio de

- a) meronímia, o termo drones (ref. 1) constitui uma parte de vants (ref. 2).
- b) hiperonímia, a relação existente entre um termo mais genérico, máquinas (ref. 3) e um mais específico, drones (ref. 5).
- c) catáfora, o termo aeronaves (ref. 6) substitui o termo máquina (ref. 4).
- d) anáfora, o termo drones (ref. 1) aponta para o termo aparelho (ref. 7).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica  
que o operário tem, (fabrica filhos)  
tu  
na tua superprodução de máquina humana  
forneces anjos para o Senhor Jesus,  
forneces braços para o senhor burguês.  
Mulher proletária,  
o operário, teu proprietário  
há de ver, há de ver:  
a tua produção,  
a tua superprodução,  
ao contrário das máquinas burguesas,  
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho).  
Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

10. (UECE 2019) As relações de sentido que o poeta estabelece no poema podem ser representadas por vários pares de oposição semântica de palavras, EXCETO por
- sujeito × objeto.
  - libertação × escravidão.
  - igualdade × desigualdade.
  - produção × riqueza.
11. (UNEMAT) A palavra “eminente”, presente no enunciado “O eminente ministro renunciou ao cargo” não deve ser confundida com “iminente”, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de parônimo?
- coser / cozer
  - ratificar / retificar
  - insipiente / incipiente
  - seção / sessão
  - taxar / tachar

12. (IME 2022) **Texto 1**

#### ENGENHEIROS DA VITÓRIA

Solução de problemas na história

[...] Quando se fala na eficiência em conseguir equipamentos de combate e transferir combatentes de A para B, os britânicos são campeões; certamente isso não foi por causa de alguma inteligência especial, mas pela ampla experiência em organização e senso crítico depois de enfrentar chances adversas em 1940, juntamente com a perspectiva de derrota. Aqui a necessidade foi a mãe da invenção. Eles tinham que defender suas cidades, transportar tropas até o Egito, apoiar os gregos, proteger as fronteiras da Índia, trazer os Estados Unidos para a guerra e depois levar aquele

imenso potencial americano para a área da Europa. Era mais um problema a ser resolvido. Como foi possível fazer com que 2 milhões de soldados americanos, depois de chegar às bases de Clyde, fossem para bases no sul da Inglaterra preparando-se para o ataque à Normandia, quando a maior parte das ferrovias britânicas estava ocupada em transportar vagões de carvão para as fábricas de ferro e aço que não podiam parar de produzir?

Como se viu, uma organização composta por pessoas que cresceram decorando os horários da estrada de ferro de Bradshaw como passatempo pode fazer isso, enquanto os altos comandantes consideravam que tudo estava garantido porque confiavam na capacidade de seus administradores de nível médio. Churchill acreditava que o melhor era não se preocupar demais com os problemas, pois tudo se resolveria, isto é, uma maneira havia de ser encontrada, passo a passo.

Há uma outra forma de pensar sobre essa história de soluções de problemas, e ela vem de um exemplo bem contemporâneo. Em novembro de 2011, enquanto o genial líder da Apple, Steve Jobs, recebia inúmeras homenagens póstumas, um artigo intrigante foi publicado na revista *New Yorker*. Nele o autor, Malcom Gladwell, argumentava que Jobs não era o inventor de uma máquina ou de uma ideia que mudou o mundo; poucos seres o são (exceto talvez Leonardo da Vinci e Thomas Edison). Na verdade, seu brilhantismo estava em adotar invenções alheias que não deram certo, a partir das quais construía, modificava e fazia aperfeiçoamentos constantes. Para usar uma linguagem atual, ele era um *tweaker*, e sua genialidade impulsionou como nunca o aumento de eficiência dos produtos de sua companhia.

A história do sucesso de Steve Jobs, contudo, não era nova. A chegada da Revolução Industrial do século XVIII na Grã-Bretanha – muito provavelmente a maior revolução para explicar a ascensão do Ocidente – ocorreu porque o país possuía uma imensa coleção de *tweakers* em sua cultura que encorajaram o progresso [...]

A história da evolução do tanque T-34 soviético, de um grande pedaço de metal mal projetado e fraco para uma arma de guerra mortífera, segura e de grande mobilidade, não foi uma história contínua de *tweaking*? Não foi esse também o caso do grande bombardeiro americano, o B-29, que no início estava tão mergulhado em dificuldades que chegou a se propor seu cancelamento até que as equipes da Boeing resolveram os problemas? E as miraculosas histórias do P-51 Mustang, dos tanques de Percy Hobart e de um poderoso sistema de radar tão pequeno que poderia ser inserido no nariz de um avião patrulha de longa distância e virar a maré na Batalha do Atlântico? Depois que se unem os diversos pedaços espalhados, tudo se encaixa. Mas todos esses projetos exigiram tempo e apoio.

Na verdade, os administradores de grandes companhias mundiais provavelmente se surpreendam diante, digamos, do planejamento e orquestração do almirante Ramsay nos cinco desembarques simultâneos no Dia D e gostariam de poder realizar um décimo do que ele fez.

Em suma, a vitória em grandes guerras sempre requer organização superior, o que, por sua vez, exige pessoas que possam dirigir essas organizações, não com um interesse apenas moderado, mas da maneira mais competente possível e com estilo que permitirá às pessoas de fora propor ideias novas na busca da vitória. Os chefes não podem fazer isso tudo sozinhos, por mais que sejam criativos e dotados de energia. É necessário haver um sistema de apoio, uma cultura de encorajamento, *feedbacks* eficientes, uma capacidade de aprender com os revezes, uma habilidade de fazer as coisas acontecerem. E tudo isto tem de ser feito de uma maneira que seja melhor do que aquela do inimigo. É assim que as guerras são vencidas. [...]

O mesmo reconhecimento merecem, por certo, os militares de nível médio que mudaram a Segunda Guerra Mundial, transformando as agressões do Eixo em 1942 em avanços irreversíveis dos Aliados em 1943-44, e finalmente destruindo a Alemanha e o Japão. É verdade, alguns desses indivíduos, armamentos e organizações são reconhecidos, mas em geral de uma forma fragmentada e popularizada. É raro que esses fios isolados sejam tecidos em conjunto para mostrar como os avanços afetaram as muitas campanhas, fazendo a balança pender para o lado dos Aliados durante o conflito global. Mais raro ainda é a compreensão de como o trabalho desses vários solucionadores de problemas também precisa ser incluído numa importante “cultura do encorajamento” para garantir que simples declarações e intenções estratégicas de grandes líderes se tornem realidade e não murchem nas tempestades da guerra. Se isso é o que acontece, então vivemos com uma grande lacuna em nossa compreensão de como a Segunda Guerra Mundial foi vencida em seus anos cruciais.

KENNEDY, Paul. *Engenheiros da Vitória*: Os responsáveis pela reviravolta na Segunda Guerra Mundial. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 407- 428 (texto adaptado).

Texto 2

### ODE TRIUNFAL

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

Promíscua fúria de ser parte-agente

Do rodar férreo e cosmopolita

<sup>2</sup>Dos comboios estrênuos,

Da faina transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazeres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas  
 Onde se cristalizam e se precipitam  
 Os rumores e os gestos do Útil  
 E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras  
 do Progressivo!  
 Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!  
 Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
 PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática,  
 1944 (imp. 1993), p. 144 (texto adaptado).

Leia atentamente o texto abaixo:

"[...] quando a maior parte das **ferrovias** britânicas estava ocupada em transportar vagões de carvão para as fábricas de ferro e aço [...]" (Texto 1, ref. 1).

"Dos **comboios** estrênuos," (Texto 2, ref. 2)

Nos excertos dos Textos 1 e 2, o par de palavras destacadas estabelece, respectivamente, as relações semânticas de:

- hiperonímia / hiponímia.
- homonímia / paronímia.
- hiperonímia / hiperonímia.
- paronímia / homonímia.
- hiponímia / hiperonímia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder às questões.

<sup>27</sup>Aumenta o número de adultos que não consegue focar sua atenção em uma única coisa por muito tempo. <sup>37</sup>São tantos os estímulos e tanta a pressão para que o entorno seja completamente desvendado que aprendemos a ver e/ou fazer várias coisas ao mesmo tempo. <sup>34</sup>Nós nos tornamos, à semelhança dos computadores, pessoas multitarefa, não é verdade?

<sup>41</sup>Vamos tomar como exemplo uma pessoa dirigindo. <sup>4</sup>Ela precisa estar atenta aos veículos que vêm atrás, ao lado e à frente, à velocidade média dos carros por onde trafega, às orientações do GPS ou de programas que sinalizam o trânsito em tempo real, <sup>6</sup>às informações de <sup>29</sup>alguma emissora de rádio que comenta o trânsito, ao planejamento mental feito e refeito <sup>9</sup>várias vezes do trajeto <sup>20</sup>que deve fazer para chegar ao seu destino, aos semáforos, faixas de pedestres etc.

<sup>35</sup>Quando me vejo em tal situação, <sup>19</sup>eu me lembro que <sup>14</sup>dirigir, <sup>45</sup>após um dia de intenso trabalho no retorno para casa, já foi uma atividade prazerosa e desestressante.

<sup>18</sup>O uso da internet ajudou a transformar nossa maneira de olhar para o mundo. Não <sup>23</sup>mais observamos os detalhes, <sup>1</sup>por causa de nossa ganância em relação a novas e diferentes informações. Quantas vezes sentei em frente ao computador <sup>44</sup>para bus-

car textos sobre um tema <sup>38</sup>e, de repente, <sup>24</sup>me dei conta de que estava em <sup>39</sup>temas <sup>15</sup>que em nada se relacionavam com meu tema primeiro.

Aliás, a leitura também sofreu transformações pelo nosso costume de ler na internet. <sup>16</sup>Sofremos de uma tentação permanente de <sup>43</sup>pular palavras e frases inteiras, apenas para irmos direto ao ponto. O problema é que <sup>22</sup>alguns textos exigem a leitura atenta de palavra por palavra, de frase por frase, para que faça sentido. <sup>5</sup>Aliás, não é a combinação e a sucessão das palavras que dá sentido e beleza a um texto?

<sup>3</sup>Se está difícil para nós, adultos, focar nossa atenção, imagine, caro leitor, para as crianças. <sup>2</sup>Elas já nasceram neste mundo de <sup>8</sup>profusão de estímulos de todos os tipos; elas são exigidas, desde o início da vida, a dar conta de várias coisas ao mesmo tempo; elas são estimuladas com diferentes objetos, sons, imagens etc.

<sup>46</sup>Aí, um belo dia elas vão para a escola. Professores e pais, a partir de então, querem que as crianças prestem atenção em uma única coisa por muito tempo. <sup>36</sup>E quando elas não conseguem, reclamamos, levamos ao médico, arriscamos hipóteses de que sejam portadoras de síndromes que exigem tratamento etc. <sup>42</sup>A maioria dessas crianças sabe focar sua atenção, sim. Elas já sabem usar programas complexos em seus aparelhos eletrônicos, <sup>10</sup>brincam com jogos desafiantes que exigem atenção constante aos detalhes e, se deixarmos, <sup>21</sup>passam horas em uma única atividade de que gostam.

<sup>17</sup>Mas, nos estudos, queremos que elas prestem <sup>26</sup>atenção no que é preciso, e não no que gostam.

<sup>28</sup>E isso, caro leitor, exige a árdua aprendizagem da autodisciplina. Que leva tempo, é bom lembrar.

<sup>32</sup>As crianças precisam de nós, pais e professores, para começar a aprender isso. Aliás, <sup>31</sup>boa parte desse trabalho é nosso, e não delas.

<sup>12</sup>Não basta mandarmos que elas prestem atenção: <sup>33</sup>isso de nada as ajuda. <sup>13</sup>O que pode ajudar, por exemplo, é <sup>40</sup>analisarmos o contexto em que estão <sup>7</sup>quando precisam focar a atenção <sup>25</sup>e organizá-lo para que seja favorável a tal exigência. <sup>11</sup>E é preciso lembrar que não se pode esperar toda a atenção delas por muito tempo: <sup>30</sup>o ensino desse quesito no mundo de hoje é um processo lento e gradual.

SAYÃO, Rosely. "Profusão de estímulos". *Folha de São Paulo*, 11 fev. 2014 – adaptado.

13. (G1 - COL. NAVAL) Considerando os termos grifados em "[...] por causa de nossa ganância em relação a novas e diferentes informações." (ref. 1) e "Elas já nasceram neste mundo de profusão de estímulos de todos os tipos [...]" (ref. 2), a antonímia dos termos grifados foi indicada de forma correta, respectivamente, em qual opção?

- Avidez, insuficiência.
- Abnegação, exuberância.
- Desapego, escassez.
- Altruísmo, afluência.
- Concupiscência, falha.

**14. (ENEM PPL 2019) Qual a diferença entre publicidade e propaganda?**

Esses dois termos não são sinônimos, embora sejam usados indistintamente no Brasil. Propaganda é a atividade associada à divulgação de ideias (políticas, religiosas, partidárias etc.) para influenciar um comportamento. Alguns exemplos podem ilustrar, como o famoso Tio Sam, criado para incentivar jovens a se alistar no exército dos EUA; ou imagens criadas para “demonizar” os judeus, espalhadas na Alemanha pelo regime nazista; ou um pôster promovendo o poderio militar da China comunista. No Brasil, um exemplo regular de propaganda são as campanhas políticas em período pré-eleitoral.

Já a publicidade, em sua essência, quer dizer tornar algo público. Com a Revolução Industrial, a publicidade ganhou um sentido mais comercial e passou a ser uma ferramenta de comunicação para convencer o público a consumir um produto, serviço ou marca. Anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas são exemplos de publicidade.

VASCONCELOS, Y. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

A função sociocomunicativa desse texto é

- ilustrar como uma famosa figura dos EUA foi criada para incentivar jovens a se alistar no exército.
- explicar como é feita a publicidade na forma de anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas.
- convencer o público sobre a importância do consumo.
- esclarecer dois conceitos usados no senso comum.
- divulgar atividades associadas à disseminação de ideias.

**15. (IESES) A palavra mandado não pode ser confundida com mandato, seu parônimo. Nesse sentido, quais palavras estabelecem entre si uma relação de homonímia e não de paronímia?**

- Preposição e proposição
- Eminente e iminente
- Dispensa e dispensa
- Acender e ascender

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

No sinal

Ricardo Freire

- Bem-vindo ao Esmola’s Drive-Thru.
- Como?
- Bem-vindo ao Esmola’s Drive-Thru.
- Peraí. Eu passo aqui há 20 anos e até ontem esse lugar era um sinal de trânsito. Semáforo. Farol. Sinaleira.

- Era, mas agora é mais uma franquía do Esmola’s Drive-Thru. Com concessão da prefeitura e tudo. Taqui, ó. Parte da renda é revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais.

- Cuma?

- Bi-Rodais. O pessoal que anda em cadeira de rodas. Politicamente correto, sacumé. Agora, por favor, peça pelo número.

- Não entendi.

- Peça pelo número. Não tá vendo o menu ali no painel ao lado do semáforo? Naquele poste ali? Embaixo do cartaz do candidato a vereador...

- Tô sem óculos.

- Eu ajudo. Número 1, abordagem seca, rápida, objetiva e fim de papo: 1 real. Mas esse não dá mais porque o senhor ficou aí embaçando.

- Sei.

- Número 2, abordagem piedosa com criança no colo e uso das palavras “tio” ou “tia”: 50 centavos.

- Criança branca ou preta?

- A que estiver disponível no momento.

- Claro.

- Número 3, abordagem infantil com caixa de drops à mão: trerreal para carro importado, dorreal para carro nacional do ano, 1 real para “outros”. Grátis, um drops.

- Grátis?

- Grátis. O doutor só paga a contribuição social e o drops vai de brinde.

- Ah, tá.

ÉPOCA, Ed. Globo: São Paulo, 326, 16 ago. 2004, p. 122.

**16. (UFG) Observando os recursos linguísticos utilizados no texto “No sinal”, responda:**

a) Por que a presença de expressões do tipo “cuma” e “parte da renda é revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais” caracteriza o texto como heterogêneo quanto aos níveis de linguagem?

b) Por que o motorista utiliza a repetição por sinonímia para se referir ao sinal de trânsito?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*QUAL O PODER DA LEITURA NESTES TEMPOS DIFÍCEIS?*

*Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um “espaço em crise”. Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos -, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulne-*

rabalizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem.

Para boa parte deles, no entanto, tais crises se manifestam em transtornos semelhantes. Vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises os confinam em um tempo imediato – sem projeto, sem futuro –, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em nosso psiquismo, como disse René Kaës, uma “crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração”. “O desastre ou a crise são também, e sobretudo, oportunidades”, escreveram Chamoiseau e Glissant, após a passagem de um ciclone. “Quando tudo desmorona ou se vê transformado, são também os rigores ou as impossibilidades que se veem transformados. São os improváveis que, de repente, se veem esculpidos por novas luzes”.

A leitura pode garantir essas forças de vida? O que esperar dela – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas?

Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma.

Michèle Petit, *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: ed. 34, 2009.

## Texto II

Paradoxalmente, o caos em que a humanidade corre o risco de mergulhar traz em seu bojo sua própria e última oportunidade. Por quê? Para começar, porque a proximidade do perigo favorece as instâncias de conscientização, que podem então multiplicar-se, ampliar-se e fazer surgir uma grande política de salvação do mundo. E, sobretudo, pela seguinte razão: quando um sistema é incapaz de resolver seus problemas vitais, ou ele se desintegra, ou é capaz, dentro de sua própria desintegração, de metamorfosear-se num metassistema mais rico, capaz de buscar soluções para esses problemas.

Edgar Morin, <http://www.comitepaz.org.br>

## Texto III

*O que diz o vento (07/10/1991)*

Para o Brasil chegar afinal ao Primeiro Mundo só falta vulcão. Uns abalozinhos já têm havido por aí, e cada vez mais frequentes. Agora passa por Itu esse vendaval, com tantas vítimas e tantos prejuízos a lastimar. Alguns jornais não tiveram dúvida: ciclone. Ou tornado, quem sabe.

Shelley que me desculpe, mas vento me dá nos nervos. Desarruma a gente por dentro. Mas, em matéria de vento, poeta tem imunidades. Manuel Bandeira associou à canção do vento a canção da sua vida.

O vento varria as luzes, as músicas, os aromas. E a sua vida ficava cada vez mais cheia de aromas, de estrelas, de cânticos.

Fúria dos elementos, símbolo da instabilidade, o vento é ao mesmo tempo sopro de vida. Uma aragem acompanha sempre os anjos. E foi o vento que fez descer sobre os apóstolos as línguas de fogo do Espírito Santo. Destruidor e salvador, com o vento renasce a vida, diz a “Ode to the West Wind”, de Shelley. No inverno só um poeta romântico entrevê o início da primavera. Divindade para os gregos, o vento inquieta porque sacode a apatia e a estagnação.

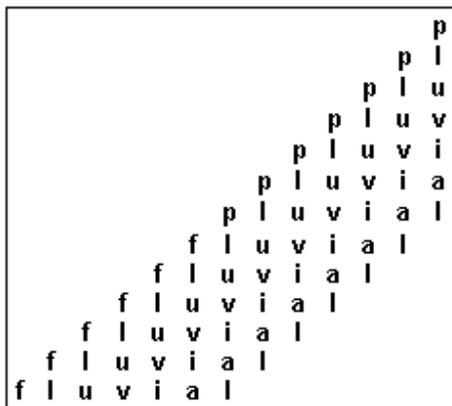
Com esse poder de levar embora, suponhamos que uma lufada varresse o Brasil, como na canção do Manuel Bandeira. Que é que esse vento benfazejo devia levar embora? Todo mundo sabe o mundo de males que nos oprime nesta hora. Deviam ser varridos para sempre. Se vento leva e traz, se vento é mudança, não custa acreditar que, passada a tempestade, vem a bonança. E com ela, o sopro renovador — garante o poeta. A casa destelhada, a destruição já começou. Vem aí a reconstrução.

Otto Lara Resende, *Bom dia para nascer: crônicas* publicadas na Folha de S. Paulo. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. Adaptado.

## 17. (FGV) Responda o que se pede.

- Apesar do texto II abordar um tema genérico e o texto I, um tema mais específico, é possível identificar no conteúdo de ambos alguma ideia comum? Justifique sua resposta.
- Sem provocar alterações no sentido do texto II, que sinônimos poderiam substituir, respectivamente, as palavras “Paradoxalmente” (início do texto) e “metamorfosear-se” (final do texto)?

18. (UNIRIO)



A. de Campos

O que expressa, semanticamente, a forma do poema?

19. (FUVEST) Considere o seguinte texto, para atender ao que se pede:

O orgulho é a consciência (certa ou errada) do nosso próprio mérito; a vaidade, a consciência (certa ou errada) da evidência do nosso próprio mérito para os outros. Um homem pode ser orgulhoso sem ser vaidoso, pode ser ambas as coisas, vaidoso e orgulhoso, pode ser — pois tal é a natureza humana — vaidoso sem ser orgulhoso. É difícil à primeira vista compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso mérito para os outros, sem a consciência do nosso próprio mérito. Se a natureza humana fosse racional, não haveria explicação alguma. Contudo, o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior; a noção de efeito precede, na evolução da mente, a noção de causa interior desse mesmo efeito. O homem prefere ser exaltado por aquilo que não é, a ser tido em menor conta por aquilo que é. É a vaidade em ação.

Fernando Pessoa, *Da literatura europeia*.

- Considerando-a no contexto em que ocorre, explique a frase “o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior”.
- Reescreva a frase “O homem prefere ser exaltado por aquilo que não é, a ser tido em menor conta por aquilo que é”, substituindo por sinônimos as expressões sublinhadas.

20. (FUVEST) Leia o texto.

Um tema frequente em culturas variadas é o do desafio à ordem divina, a apropriação do fogo pelos mortais. Nos mitos gregos, Prometeu é quem rouba o fogo dos deuses. Diz Vernant que Prometeu representa no Olimpo uma vozinha de contestação, espécie de movimento estudantil de maio de 1968. Zeus decide esconder dos homens o fogo, antes disponível para todos, mortais e imortais, na copa de certas árvores – os freixos – porque Prometeu tentara tapeá-lo numa repartição da carne de um touro entre deuses e homens.

Na mitologia dos Yanomami, o dono do fogo era o jacaré, que cuidadosamente o escondia dos outros, comendo taturanas assadas com sua mulher sapo, sem que ninguém soubesse. Ao resto do povo – animais que naquela época eram gente – eles só davam as taturanas cruas. O jacaré costumava esconder o fogo na boca. Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir e soltar as chamas. Todos fazem coisas engraçadas, mas o jacaré fica firme, no máximo dá um sorrisinho.

Betty Mindlin, *O fogo e as chamas dos mitos*. *Revista Estudos Avançados*. Adaptado.

- O emprego do diminutivo nas palavras “vozinha” e “sorrisinho”, consideradas no contexto, produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos? Justifique.
- Reescreva o trecho “Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir (...)”. Todos fazem coisas engraçadas”, substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto em duas de suas três ocorrências.

## GABARITO

1. C      2. A      3. D      4. D      5. C  
6. C      7. A      8. B      9. B      10. D  
11. B     12. A     13. C     14. D     15. D

16.

- a) O texto é considerado heterogêneo porque é construído ora com recurso de linguagem não padrão, informal (“cuma”), ora com recursos de linguagem padrão, normativa, formal (“parte da renda revertida para a Associação Municipal dos Bi-Rodais”).
- b) O motorista faz uso da repetição para expressar sua irritabilidade, sua impaciência, sua perplexidade diante da nova prática de mendicância.

17.

- a) Sim, pois ambos exprimem a possibilidade de enfrentar e reverter situações difíceis. O texto I defende a tese de que as adversidades podem ser oportunidade e motivo de superações individuais, e o texto II expressa a mesma opinião relativamente às tragédias que a Humanidade enfrenta na atualidade, como referido no excerto “o desastre ou a crise são também e, sobretudo, oportunidades”.
- b) Preservando o sentido do texto, os termos “paradoxalmente” e “metamorfosear-se” poderiam ser substituídos por “contraditoriamente” e “transformar-se”, respectivamente.

18.

A disposição tipográfica dos parônimos “pluvial” e “fluvial” mimetiza a chuva e, ao mesmo tempo, o rio formado pela água da chuva.

19.

- a) Na frase, o autor considera que, em primeiro lugar, o ser humano busca reconhecimento de seus feitos pelo outro, evidenciando sua vaidade. Posteriormente, ele se volta para si e reconhece seus atos, gerando, ou não, o orgulho, preocupando-se então consigo.
- b) O homem prefere ser elogiado, valorizado, enaltecido etc. por aquilo que não é a ser menosprezado, desvalorizado, desestimado etc. por aquilo que é.

20.

- a) Não, o emprego do diminutivo nas palavras “vizinha” e “sorrisinho” não produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos. Enquanto que, na primeira ocorrência, o diminutivo pretende diminuir a atitude contestatória de Prometeu, na segunda, confere ironia ao comportamento do jacaré.
- b) Substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto, os trechos poderiam apresentar as seguintes configurações: *os outros decidem realizar (preparar) uma festa para provocar-lhe o riso (...). Todos praticam (elaboram) coisas engraçadas”.*

Competência(s):  
1, 6 e 8

Habilidade(s):  
1, 2, 3, 18 e 27

# AULA 6

## Você DEVE SABER!

- Homonímia
- Polissemia
- Denotação e conotação
- Sentido denotativo
- Sentido conotativo
- Ambiguidade
- Ambiguidade lexical
- Ambiguidade sintática (ou estrutural)

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



# EXERCÍCIOS DE SALA

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Examine as quatro tiras do cartunista americano Bill Watterson para responder à questão a seguir.

Tira 1



Tira 2



Tira 3



Tira 4



(Calvin e Haroldo: E foi assim que tudo começou, 2007. Adaptado.)

1. (UNESP) Por homonímia entende a tradição: “propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: “um homem são”; “São Jorge”; “são várias as circunstâncias”. Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com “são” nos exemplos dados.

(Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa*, 2009. Adaptado.)

Em qual tira o efeito de humor decorre, em larga medida, deste fenômeno linguístico? Justifique sua resposta.

Elabore duas frases nas quais apareçam dois termos que, com significados diferentes, tenham a mesma forma gráfica e fônica (utilize termos diferentes daquele explorado pela tira e daquele citado pelo gramático Evanildo Bechara).

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à questão, leia o texto abaixo.

#### “A política não é lugar pra preto vagabundo feito você!”

(Douglas Belchior)

Tenho plena consciência de que represento uma exceção. Ainda que miscigenado (fosse a pele retinta, bem sei que a vida reservaria ainda mais dificuldades), como homem negro, estudei. Alcancei o banco de uma universidade reconhecida, a PUC-SP, onde me formei em História e alcei o desvalorizado, mas nem por isso menos nobre, status de professor. Trabalhador da rede pública estadual de São Paulo, nada convidativo financeiramente, mas ainda assim, digno.

Conciliar profissão a militância política foi uma opção consciente – outro privilégio para poucos. Trabalho, ganho a vida e pago minhas contas fazendo o que amo: educação, logo, política. A vida que escolhi me levou a pessoas incríveis: líderes políticos, intelectuais, atletas e artistas. Me levou a lugares impensáveis: salas acarpetadas de governos, viagens para debates, palestras e atividades políticas das mais diversas em quase todos os estados brasileiros e até nos EUA. Em todos esses espaços, tanto em momentos de conflito com adversários, quanto em momentos de elaboração e confraternização com os meus da “esquerda”, uma coisa nunca mudou: sou um homem negro. E como

um negro no país da democracia racial, sempre soube que o tratamento gentil e tolerante a mim dispensado sempre esteve condicionado a que eu soubesse o meu lugar e que não me atrevesse a sair dele.

Fui candidato a deputado federal nas eleições de 2014. Alcancei quase 12 mil votos, alcançando posição de segundo suplente à câmara federal. Como liderança política do diverso e confuso movimento negro brasileiro, me dediquei ao enfrentamento ao racismo, à denúncia do genocídio negro e à luta por direitos sociais para o povo negro, sobretudo no que diz respeito à educação e aos direitos humanos, temas em que atuo com mais profundidade. Ainda assim, sempre enfrentei olhares desconfiados, posturas desencorajadoras e a impressão de eterna dúvida quanto à minha capacidade política ou profissional. Depois da candidatura em 2014, essa impressão só aumentou. E agora finalmente transpareceu, verbalizada, em uma destas conversas de internet, na última semana: “A política não é lugar pra preto vagabundo feito você!”. Um fato é inquestionável: negros não são tolerados na política, senão como serviçais, cabos eleitorais ou, no máximo, assistentes. No campo da esquerda isso não muda. E se for mulher é ainda mais difícil. Só que desta vez consegui reverter o efeito desestimulante. Diante da cultura racista dominante na ocupação dos espaços do poder político, dou aqui a minha resposta: “Vamos enfrentar, vamos disputar e vamos vencer! Lugar de preto é onde ele quiser – inclusive na política!”.

<http://negobelchior.cartacapital.com.br/politica-nao-e-lugar-para-preto-vagabundo-feito-voce/>.  
Texto adaptado.

2. (G1 - IFAL) Ao dizer que alcançou o “banco de uma universidade reconhecida, a PUC-SP”, o autor vale-se de uma linguagem figurada, em que, por meio de uma metonímia, utiliza a parte como equivalente do todo. De maneira conotativa, ele afirma, nesse trecho, que conquistou “uma vaga na universidade”. No dicionário, a palavra “banco” (móvel em que as pessoas sentam) é homônima do vocábulo “banco” (lugar onde se fazem transações monetárias). Considerando os pares de palavras abaixo, em qual deles também se verifica relação de homonímia?
- eminência / iminência
  - assento / acento
  - fragrante / flagrante
  - deferir / diferir
  - ratificar / retificar

3. (FUVEST 2021)



Mafalda, Quino.

O efeito de humor presente nas falas das personagens decorre

- a) da quebra de expectativa gerada pela polissemia.
- b) da ambiguidade causada pela antonímia.
- c) do contraste provocado pela fonética.
- d) do contraste introduzido pela neologia.
- e) do estranhamento devido à morfologia.

4. (FUVEST) Leia o seguinte texto, que faz parte de um anúncio de um produto alimentício:

**EM RESPEITO A SUA NATUREZA, SÓ TRABALHAMOS COM O MELHOR DA NATUREZA**

Selecionamos só o que a natureza tem de melhor para levar até a sua casa. Porque faz parte da natureza dos nossos consumidores querer produtos saborosos, nutritivos e, acima de tudo, confiáveis.

[www.destakjournal.com.br](http://www.destakjournal.com.br), 13/05/2013. Adaptado.

Procurando dar maior expressividade ao texto, seu autor

- a) serve-se do procedimento textual da sinonímia.
- b) recorre à reiteração de vocábulos homônimos.
- c) explora o caráter polissêmico das palavras.
- d) mescla as linguagens científica e jornalística.
- e) emprega vocábulos iguais na forma, mas de sentidos contrários.

5. (UNICAMP 2020) Leia o texto de Jonathan Culler para responder à questão

Era uma vez um tempo em que literatura significava sobretudo

poesia. O romance era um recém-chegado, próximo demais da biografia ou da crônica para ser genuinamente literário, uma forma popular que não poderia aspirar às altas vocações da poesia lírica e épica. Mas no século XX o romance eclipsou a poesia, tanto como o que os escritores escrevem quanto como o que os leitores leem e, desde os anos 60,

a narrativa passou a dominar também a educação literária. As pessoas ainda estudam poesia — muitas vezes isso é exigido — mas os romances e os contos tornaram-se o núcleo do currículo.

Isso não é apenas um resultado das preferências de um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias mas raramente lê poemas. As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa. As histórias, diz o argumento, são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. A explicação científica busca o sentido das coisas colocando-as sob leis — sempre que a e b prevalecerem, ocorrerá c — mas a vida geralmente não é assim. Ela segue não uma lógica científica de causa e efeito mas a lógica da história, em que entender significa conceber como uma coisa leva a outra, como algo poderia ter sucedido: como Maggie acabou vendendo software em Cingapura, como o pai de Jorge veio a lhe dar um carro.

(Teoria literária: uma introdução, 1999.)

Está empregado em sentido figurado o termo sublinhado em:

- a) “muitas vezes isso é exigido” (1º parágrafo)
- b) “Era uma vez um tempo em que literatura significava sobretudo poesia” (1º parágrafo)
- c) “Mas no século XX o romance eclipsou a poesia” (1º parágrafo)
- d) “os contos tornaram-se o núcleo do currículo” (1º parágrafo)
- e) “um público leitor de massa, que alegremente escolhe histórias” (2º parágrafo)

6. (UNICAMP)



**BOM  
PRA  
BURRO.**

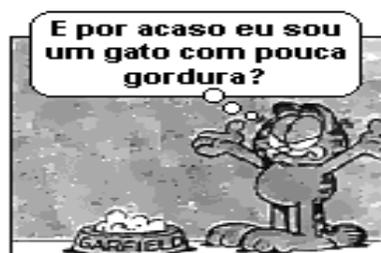
Retirada de [www.eitapiula.net/2009/09/aurelio.jpg](http://www.eitapiula.net/2009/09/aurelio.jpg)

Nessa propaganda do dicionário Aurélio, a expressão “bom pra burro” é polissêmica, e remete a uma representação de dicionário.

- a) Qual é essa representação? Ela é adequada ou inadequada? Justifique.
- b) Explique como o uso da expressão “bom pra burro” produz humor nessa propaganda.

7. (UNICAMP)

**GARFIELD - Jim Davis**



("Folha de S. Paulo", 11 de outubro de 2004).

Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.

- a) Explícite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.
- b) Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

### 1. (ENEM)



Disponível em: [www.ivancabral.com](http://www.ivancabral.com). Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão "rede social" para transmitir a ideia que pretende veicular.
  - ironia para conferir um novo significado ao termo "outra coisa".
  - homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
  - personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
  - antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.
2. **UEPB)** Do texto, abaixo, é possível concluir que o termo "chatear" foi usado:



- De maneira ambígua, sem nenhuma pista que possa ajudar na busca dos sentidos do termo.
- De forma figurada, exemplificando unicamente a polissemia da linguagem.
- Com o sentido literal do termo, ocasionando uma redundância.
- Com mais de um sentido, cuja alteração se faz perceber pelos recursos linguísticos e visuais que servem de pistas para o entendimento do texto.
- De forma equivocada, pois não existe um destinatário declarado a quem se dirige a mensagem.

### 3. (G1 - IFSUL)



Fonte: VOTRE, S. J.; PEREIRA, V. C. *Redação de Textos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. p. 22.

Na charge, o humor se deve ao termo torpedo ter sido tomado pelo personagem em seu sentido

- denotativo.
- conotativo.
- irônico.
- ambíguo.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: É MENINA

É menina, que coisa mais fofa, parece com o pai, parece com a mãe, parece um joelho, upa, upa, não chora, isso é choro de fome, isso é choro de sono, isso é choro de chata, choro de menina, igualzinha à mãe, achou, sumiu, achou, não faz pirraça, coitada, tem que deixar chorar, vocês fazem tudo o que ela quer, <sup>2</sup>isso vai crescer mimada, eu queria essa vida pra mim, dormir e mamar, aproveita enquanto ela ainda não engatinha, <sup>3</sup>isso daí quando começa a andar é um inferno, daqui a pouco começa a falar, daí não para mais, ela precisa é de um irmão, foi só falar, olha só quem vai ganhar um irmãozinho, tomara que seja menino pra formar um casal, ela tá até mais quieta depois que ele nasceu, parece que ela cuida dele, esses dois vão ser inseparáveis, ela deve morrer de ciú-

mes, ele já nasceu falante, menino é outra coisa, desde que ele nasceu parece que ela cresceu, já tá uma menina, quando é que vai pra creche, ela não larga dessa boneca por nada, já podia ser mãe, já sabe escrever o nomezinho, quantos dedos têm aqui, qual é a sua princesa da Disney preferida, quem você prefere, o papai ou a mamãe, quem é o seu namoradinho, quem é o seu príncipe da Disney preferido, já se maquia nessa idade, é apaixonada pelo pai, cadê o Ken, daqui a pouco vira mocinha, eu te peguei no colo, só falta ficar mais alta que eu, finalmente largou a boneca, já tava na hora, agora deve tá pensando besteira, soube que virou mocinha, ganhou corpo, tenho uma dieta boa pra você, a dieta do ovo, a dieta do tipo sanguíneo, a dieta da água gelada, essa barriga só resolve com cinta, que corpão, essa menina é um perigo, <sup>1</sup>vai ter que voltar antes de meia-noite, o seu irmão é diferente, menino é outra coisa, vai pela sombra, não sorri pro porteiro, não sorri pro pedreiro, quem é esse menino, se o seu pai descobrir, ele te mata, esse menino é filho de quem, cuidado que homem não presta, não pode dar confiança, não vai pra casa dele, homem gosta é de mulher difícil, tem que se dar valor, homem é tudo igual, segura esse homem, não fuxica, não mexe nas coisas dele, tem coisa que é melhor a gente não saber, não pergunta demais que ele te abandona, o que os olhos não veem o coração não sente, quando é que vão casar, ele tá te enrolando, morar junto é casar, quando é que vão ter filho, ele tá te enrolando, barriga pontuda deve ser menina, é menina.

DUVIVIER, Gregorio. *Folha de São Paulo*, 16/09/2013.

4. (UERJ) A crônica de Gregorio Duvivier é construída em um único parágrafo com uma única frase. Essa frase começa e termina pela mesma expressão: *é menina*.

Em termos denotativos, a menina, referida no final do texto, pode ser compreendida como:

- filha da primeira
- ideal de pureza
- mulher na infância
- sinal de transformação

5. (UNESP 2023) Examine a tirinha do cartunista Silva João, publicada em sua conta do Instagram em 26.09.2019.



O efeito de humor da tirinha está centrado na ambiguidade do termo

- "inspire".
- "cheguei".
- "bolso".
- "acreditei".
- "sonho".

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do conto-prefácio "Hipotrético", que integra o livro *Tutameia*, de João Guimarães Rosa.

Há o hipotrético. O termo é novo, de impesquiada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se *hipotrético* querendo dizer: antipodático, sençagante imprizado; ou, talvez, vice-dito: indivíduo pedante, importuno agudo, falto de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotrético em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

Somos todos, neste ponto, um tento ou cento hipotréticos? Salvo o excepto, um neologismo contunde, confunde, quase ofende. Perspica-nos a inércia que soneja em cada canto do espírito, e que se refestela com os bons hábitos estadados. Se é que um não se assuste: saia todo-o-mundo a empinar vocábulos seus, e aonde é que se vai dar com a língua tida e herdada? Assenta-nos bem à modéstia achar que o novo não valerá o velho; ajusta-se à melhor prudência relegar o progresso no passado. [...]

Já outro, contudo, respeitável, é o caso – enfim – de "hipotrético", motivo e base desta fábula diversa, e que vem do bom português. O bom português, homem-de-bem e muitíssimo inteligente, mas que, quando ou quando, neologizava, segundo suas necessidades íntimas.

Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:

– *E ele é muito hiputrêlico...*

Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:

– *Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.*

Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:

– *Como?!... Ora... Pois se eu a estou a dizer?*

– *É. Mas não existe.*

Aí, o bom português, ainda meio enfiado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:

– *O senhor também é hiputrêlico...*

E ficou havendo.

(Tutameia, 1979.)

6. (UNESP 2021) O efeito cômico do texto deriva, sobretudo, da ambiguidade da expressão

- a) “homem-de-bem”.
- b) “bom português”.
- c) “indesejável maçante”.
- d) “necessidades íntimas”.
- e) “indivíduo pedante”.

7. (FUVEST-ETE 2022)



Disponível em: <https://bit.ly/38U3MoX/>.

Tendo como objetivo aumentar o estoque de sangue do HEMORIO, a campanha publicitária faz uso dos seguintes recursos linguísticos:

- a) intertextualidade e prosopopeia.
- b) ambiguidade e paradoxo.

- c) neologia e polissíndeto.
- d) ambiguidade e paronímia.
- e) intertextualidade e polissemia.

8. (ENEM PPL)



Disponível em: [www.humortadela.com.br](http://www.humortadela.com.br). Acesso em: 20 set. 2011.

Conflitos de interação ajudam a promover o efeito de humor. No cartum, o recurso empregado para promover esse efeito é a

- a) intertextualidade, sugerida pelos traços identificadores do homem urbano e do homem rural.
- b) ambiguidade, produzida pela interpretação da fala do locutor a partir da variedade do interlocutor.
- c) conotação, atribuidora de sentidos figurados a palavras relativas às ações e aos seres.
- d) negação enfática, elaborada para reforçar o lamento do interlocutor pela perda da estrada.
- e) pergunta retórica, usada pelo motorista para estabelecer interação com o homem do campo.

9. (ENEM) TEXTO I

**Criatividade em publicidade: teorias e reflexões**

Resumo: O presente artigo aborda uma questão primordial na publicidade: a criatividade. Apesar de aclamada pelos departamentos de criação das agências, devemos ter a consciência de que nem todo anúncio é, de fato, criativo. A partir do resgate teórico, no qual os conceitos são tratados à luz da publicidade, busca-se estabelecer a compreensão dos temas. Para elucidar tais questões, é analisada uma campanha impressa da marca XXXX. As reflexões apontam que a publicidade criativa é essencialmente simples e apresenta uma releitura do cotidiano.

DEPEXE, S.D. *Travessias: Pesquisas em Educação. Cultura, Linguagem e Artes*, n. 2, 2008.

## TEXTO II

# Ninguém entende melhor de criação do que elas.

13 de maio – Dia das Mães

Homenagem ao Dia das Mães 2012. Disponível em: [www.comunicacao.com](http://www.comunicacao.com). Acesso em: 3 ago. 2012 (adaptado).

Os dois textos apresentados versam sobre o tema criatividade. O Texto I é um resumo de caráter científico e o Texto II, uma homenagem promovida por um site de publicidade. De que maneira o Texto II exemplifica o conceito de criatividade em publicidade apresentado no Texto I?

- Fazendo menção ao difícil trabalho das mães em criar seus filhos.
- Promovendo uma leitura simplista do papel materno em seu trabalho de criar os filhos.
- Explorando a polissemia do termo “criação”.
- Recorrendo a uma estrutura linguística simples.
- Utilizando recursos gráficos diversificados.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do drama *Macário*, de Álvares de Azevedo.

MACÁRIO (*chega à janela*): Ó mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ (*de fora*): Senhor!

MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ: O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACÁRIO: Sim. Mas vai ver o burro.

A VOZ: Um moço que parece estudante?

MACÁRIO: Sim. Mas anda com a mala.

A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?

MACÁRIO: Esse diabo é doido! Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!

A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer. Quando madrugar iremos procurar.

OUTRA VOZ: Havia de ir pelo caminho do Nhô Quitto. Eu conheço o burro...

MACÁRIO: E minha mala?

A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...

MACÁRIO (*fecha a janela*): Malditos! (*atira com uma cadeira no chão*)

O DESCONHECIDO: Que tendes, companheiro?

MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...

O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...

MACÁRIO: Porém a raiva...

O DESCONHECIDO: A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

MACÁRIO: Não! não! mil vezes não! Não concebeis, uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo...

O DESCONHECIDO: Fumais?

MACÁRIO: Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher – não me pergunteis se fumo!

O DESCONHECIDO (*dá-lhe um cachimbo*): Eis aí um cachimbo primoroso.

[...]

MACÁRIO: E vós?

O DESCONHECIDO: Não vos importeis comigo. (*tira outro cachimbo e fuma*)

MACÁRIO: Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?

O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?

MACÁRIO: O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO: Tocai! Sois um digno rapaz. (*apertam a mão*)

MACÁRIO: Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar sonolento, às noites límpidas, acho isso sumamente insípido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.

O DESCONHECIDO: E a poesia?

MACÁRIO: Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintém azinhavrado<sup>1</sup>. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO: Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam-na para o povo; hoje o povo fá-la... para ninguém...

(Álvares de Azevedo. *Macário/Noite na taverna*, 2002.)

<sup>1</sup>**azinhavrado**: coberto de azinhavre (camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido).

10. (UNESP 2022) “MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.”

Para produzir o efeito cômico desse diálogo, o autor lança mão do recurso expressivo denominado

- antítese: a oposição, numa mesma expressão ou frase, de duas palavras ou de dois pensamentos de sentidos contrários.
- eufemismo: o emprego de palavra ou expressão no lugar de outra palavra ou expressão considerada desagradável.
- hipérbole: a ênfase resultante do exagero na expressão ou na comunicação de uma ideia.
- ambiguidade: a presença, num texto, de unidades linguísticas que podem significar coisas diferentes.
- personificação: a atribuição de características humanas a seres inanimados ou irracionais.

11. (ENEM) Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. [...]

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. [...]

BRASIL. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. “Estatuto da criança e do adolescente”. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) (fragmento).

Para cumprir sua função social, o Estatuto da criança e do adolescente apresenta características próprias desse gênero quanto ao uso da língua e quanto à composição textual. Entre essas características, destaca-se o emprego de

- repetição vocabular para facilitar o entendimento.
- palavras e construções que evitem ambiguidade.
- expressões informais para apresentar os direitos.
- frases na ordem direta para apresentar as informações mais relevantes.
- exemplificações que auxiliem a compreensão dos conceitos formulados.

12. (FGV) Examine o seguinte texto, extraído de uma matéria jornalística:

Segundo estudos da USP, por ano, 50 milhões de raios caem no país. Especialistas dizem que numa tempestade a pessoa deve evitar lugares altos e abertos, como campos de futebol e ficar sob árvores, dentro de mar ou piscina.

Folha de S. Paulo, 07/01/2012.

Tendo em vista sua finalidade comunicativa, pode-se apontar, nesse texto, o defeito da

- a) ambiguidade.
- b) redundância.
- c) prolixidade.
- d) inadequação léxica.
- e) mistura de variedades linguísticas.

13. (INSPER)



(Folha de São Paulo, 03/08/2011)

Considerando-se os elementos verbais e visuais da charge, conclui-se que o humor decorre do(a)

- a) crítica despropositada feita a um livro considerado um clássico da literatura universal.
- b) duplo sentido que a palavra “barata” adquire no contexto do último quadrinho da tirinha.
- c) ambiguidade do substantivo “impressão”, presente no segundo quadrinho.
- d) explícita referência intertextual que ocorre no primeiro quadrinho da tira.
- e) traço caricatural das personagens que as aproxima do conteúdo do livro mencionado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

GATES E JOBS

Quando as órbitas se cruzam

<sup>7</sup>Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955.

Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, <sup>5</sup>tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. <sup>3</sup>Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

“Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo”, diz Andy Hertzfeld. “Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar.” Desde o começo da relação, <sup>6</sup>Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava “essencialmente esquisito” e “es-

tranhamente falho como ser humano”, e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar “ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo”. Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

2Suas diferenças de temperamento e personalidade iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. “De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona”, disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. “Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia”, disse Jobs, com pouca justiça. “Ele só pilhava despudoradamente as ideias dos outros.”

(ISAACSON, Walter. *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)



vidadesuporte.com.br

14. (EPCAR (AFA)) Há palavras na língua, chamadas de homônimas, que apresentam a mesma pronúncia, ou a mesma grafia, ou ainda, a mesma pronúncia e grafia, porém possuem significados diferentes. Assinale o período abaixo em que **NÃO** há este tipo de vocábulo.

- a) “... administrar com carisma e intensidade indiscriminadas.”
- b) “... sobretudo em questões de gosto e estilo”
- c) “... ora no modo de dizer que você era um merda...”
- d) “... e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs...”

15. (UNICAMP 2021) De acordo com Heloísa Starling, “Sertão é uma palavra carregada de ambiguidade. Sertão pode indicar a formação de um espaço interno, a fronteira aberta, ou um pedaço da geografia brasileira onde a terra se torna mais árida, o clima é seco, a vegetação escassa. Mas a palavra é igualmente utilizada para apontar uma realidade política: a inexistência de limites, o território do vazio, a ausência de leis, a precariedade dos direitos. Sertão é, paradoxalmente, o potencial de liberdade e o risco da barbárie – além de ser também uma paisagem fadada a desaparecer.

(Adaptado de Heloísa Murgel Starling, A palavra “sertão” e uma história pouco edificante sobre o Brasil. Disponível em <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2243-a-palavra-sert%C3%A3o-e-uma-hist%C3%B3ria-pouco-edificante-sobre-o-brasil.html>.

Acessado em 06/08/2020.)

Assinale o excerto que corresponde à ideia de sertão desenvolvida pela autora.

- “Se achardes no Sertão muito sertão, lembrai-vos que ele é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros.” (Machado de Assis, *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 3, p. 765)
- “Nessa época o sertão parece a terra combusta do profeta; dir-se-ia que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas.” (José de Alencar, *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 1995, p.15)
- “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topiar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.” (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 8.)
- “Dilatam-se os horizontes. O firmamento, sem o azul carregado dos desertos, alteia-se, mais profundo, ante o expandir revivesciente da terra. E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono.” (Euclides da Cunha, *Os sertões*. São Paulo: Ateliê, 2001, p. 135)

16. (FUVEST) Examine a tirinha e responda ao que se pede.



Quino, *Mafalda 2*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- O sentido do texto se faz com base na polissemia de uma palavra. Identifique essa palavra e explique por que a indicou.
- A tirinha visa produzir não só efeito humorístico mas também efeito crítico. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

17. (UNICAMP 2020 - ADAPTADA)

era uma vez uma mulher  
e ela queria falar de gênero

era uma vez outra mulher  
e ela queria falar de coletivos

e outra mulher ainda  
especialista em declinações

a união faz a força  
então as três se juntaram

e fundaram o grupo de estudos  
celso pedro luft

(Angélica Freitas, *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.14.)

Considerando o poema e a imagem, resolva a questão:

Explique as ambiguidades presentes nas duas primeiras estrofes do poema.



18. (FUVEST) Leia o texto.

Ditadura / Democracia

*A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha do seu país, ele responde sem hesitação: "Não posso me queixar".*

Millôr Fernandes, **Millôr definitivo: a bíblia do caos**.

- a) Para produzir o efeito de humor que o caracteriza, esse texto emprega o recurso da ambiguidade? Justifique sua resposta.
- b) Reescreva a segunda parte do texto (de "Mas" até "queixar"), pondo no plural a palavra "cidadão" e fazendo as modificações necessárias.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As questões seguintes se baseiam num fragmento do poema-canção i, do artista Caetano Veloso, e numa passagem de *VIAGENS NA MINHA TERRA*, do simbolista Antônio Nobre (1867-1900), escritor que retoma princípios estéticos do Romantismo português, sendo precursor da modernidade.

TRILHOS URBANOS

O melhor o tempo esconde  
Longe, muito longe,  
Mas bem dentro aqui,  
Quando o bonde dava a volta ali.  
No cais de Araújo Pinho,  
Tamarindeirinho,  
Nunca me esqueci  
Onde o Imperador fez xixi.

Cana doce, Santo Amaro,  
O gosto muito raro  
Trago em mim por ti,  
E uma estrela sempre a luzir.  
Bonde da Trilhos Urbanos  
Vão passando os anos  
E eu não te perdi:  
Meu trabalho é te traduzir...

Caetano Veloso, *CINEMA TRANSCEDENTAL*. LP 6349 436, PolyGram, 1979.

VIAGENS NA MINHA TERRA

Às vezes, passo horas inteiras  
Olhos fitos nestas braseiras,  
Sonhando o tempo que lá vai;  
E jornadeio em fantasia  
Essas jornadas que eu fazia  
Ao velho Douro, mais meu Pai.

Que pitoresca era a jornada!  
Logo, ao subir da madrugada,  
Prontos os dois para partir:  
Adeus! Adeus! É curta a ausência,  
Adeus! - rodava a diligência  
Com campainhas a tinar!

E, dia e noite, aurora a aurora,  
Por essa doida terra fora,  
Cheia de Cor, de Luz, de Som,  
Habitado à minha alcova  
Em tudo eu via coisa nova,  
Que bom era, meu Deus! que bom!

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!  
Antepassados! Rios! Luares!  
Tudo isso eu guardo, AQUI ficou:  
Ó paisagem etérea e doce,  
Depois do Ventre que me trouxe,  
A ti devo eu tudo que sou!

Só (1892). In: NOBRE, Antônio. *POESIA*. - *NOSSOS CLÁSSICOS*. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 45-6.

19. (UNESP) Os textos em pauta atualizam um tema muito frequente no Romantismo, e recorrente na literatura de todos os tempos. Levando-se em consideração que se trata de poemas autobiográficos, releia com atenção os versos de Caetano Veloso e Antônio Nobre e, a seguir,
- a) responda qual é a temática dominante em ambos os textos;
- b) explique a significação conotativa do signo TRADUZIR, em "Trilhos Urbanos".

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As questões a seguir tomam por base uma Tragédia em um Ato, assinada pelo escritor, tradutor e desenhista Millôr Fernandes (1924), e publicada pela primeira vez em "O pif-paf" (*O CRUZEIRO*, 1945).

O CAPITALISMO MAIS REACIONÁRIO

Tragédia em um ato  
Personagens - o patrão e o empregado  
Época - atual

ATO ÚNICO

Empregado - Patrão, eu queria lhe falar seriamente. Há quarenta anos que trabalho na empresa e até hoje só cometi um erro.

Patrão - Está bem, meu filho, está bem. Mas de agora em diante tome mais cuidado.

(Pano bem rápido)

(In: FERNANDES, Millôr. *TRINTA ANOS DE MIM MESMO*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974, p. 15).

20. (UNESP 1997) A tragédia, no sentido clássico, é uma obra fortemente dramática, inspirada na lenda ou na história, e que põe em cena personagens envolvidos em situações que desencadeiam desgraças. Em sua função poética, destina-se também a infundir o terror e a piedade. Considerando esta definição, releia o texto de Millôr Fernandes e, a seguir,
- interprete por que apenas esse diálogo entre os dois personagens poderia caracterizar uma tragédia, segundo o autor;
  - interprete um sentido conotativo da expressão “meu filho”, nas palavras do personagem pai.

## GABARITO

- |       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. A  | 2. D  | 3. A  | 4. A  | 5. A  |
| 6. B  | 7. E  | 8. B  | 9. C  | 10. D |
| 11. B | 12. A | 13. B | 14. A | 15. C |

16.

- Trata-se da palavra “veículo”, que pode significar meio usado para transportar ou conduzir pessoas, coisas, animais ou algo capaz de transmitir, propagar algo. No texto, o humor ocorre porque Mafalda troca um sentido pelo outro.
- Sim. O sentido crítico da tirinha provém da associação entre os ruídos emanados do televisor, que sugerem o conteúdo violento e “apelativo” da programação, e a ideia de cultura.

17.

Nas duas primeiras estrofes do poema, duas palavras, “gênero” e “coletivos”, podem ser interpretadas de forma diferente: âmbito gramatical ou sociológico. O termo “gênero” pode designar categoria gramatical que classifica nomes e pronomes de uma língua, distinguindo-os entre masculino e feminino; ou a forma que a diferença sexual assume nas diversas sociedades e culturas e que determina os papéis e o *status* atribuídos a homens e mulheres e a identidade sexual das pessoas. Já o termo “coletivos” pode representar numeral que expressa um conjunto de número inteiro de entidades ou tudo o que diz respeito a toda uma comunidade.

18.

- A frase “Não posso me queixar” permite duas interpretações: o cidadão não reclama da situação porque está contente com o sistema ou, então, porque ele está sujeito a um regime totalitarista em que a censura o impede de manifestar a sua insatisfação.
- Mas se você perguntar a quaisquer cidadãos de uma ditadura o que acham do seu país, eles respondem sem hesitação: “Não podemos nos queixar”.

19.

- A temática dominante em ambos os textos é o “saudosismo” da terra natal. Caetano refere-se a “Santo Amaro da Purificação” e Antônio Nobre ao “Douro”, em Portugal.
- “Traduzir” significa que seu poema-canção deve transformar em arte todas as experiências passadas vividas na sua terra natal.

20.

- a) Porque terminou mal para o empregado, que seguirá sendo explorado pelo patrão.
- b) “Meu filho” indica, além de uma forma paternalista, atitude protetora do patrão.

ANOTAÇÕES



**LINGUAGENS, CÓDIGOS  
E SUAS TECNOLOGIAS**

**ESTUDO ATIVO**

**1**

**DISCIPLINA:**

**LITERATURA**

---



# As formas e os sentidos da Literatura

LITERATURA

Competência(s):  
5

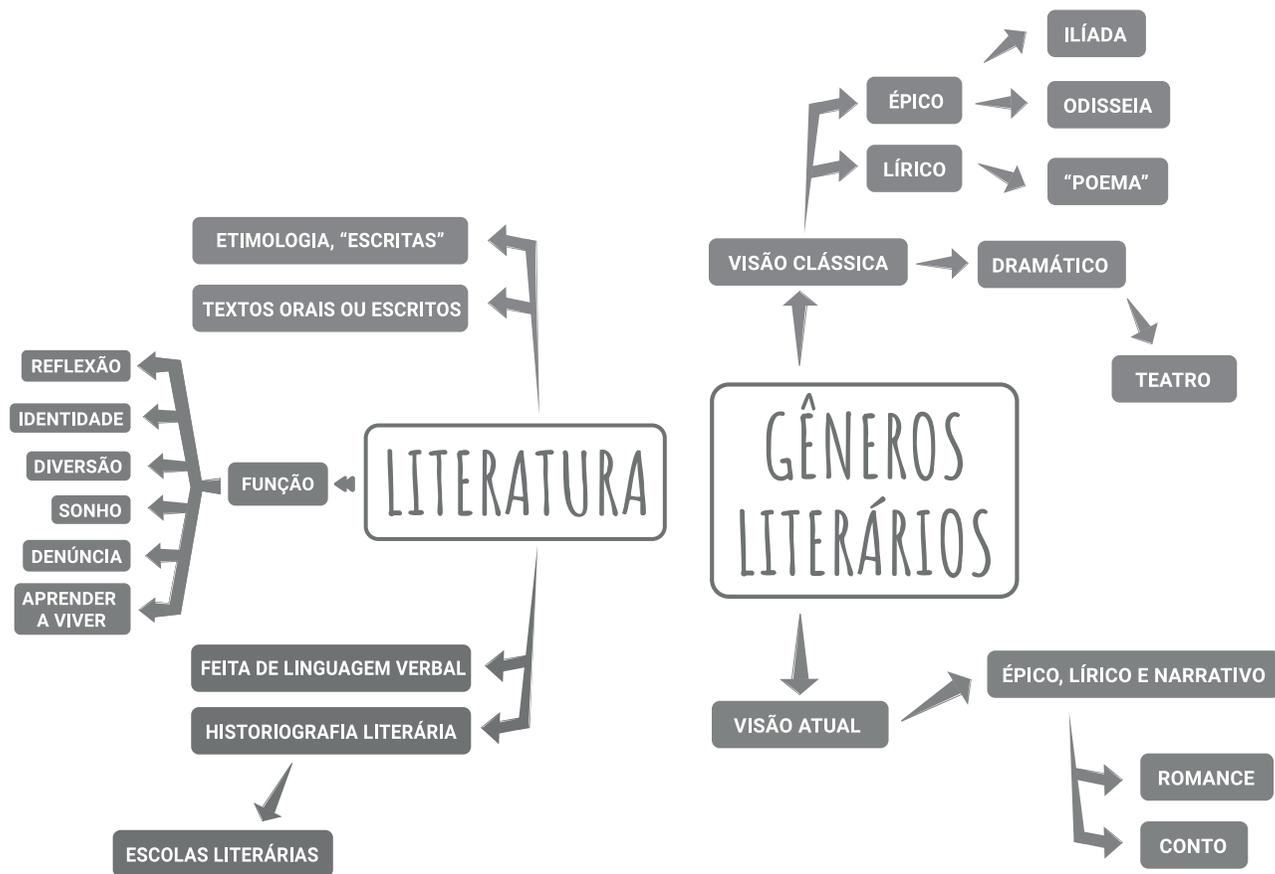
Habilidade(s):  
15, 16 e 17

## AULAS 1 e 2

### VOCÊ DEVE SABER!

- O significado da palavra "Literatura"
- As principais características do texto literário
- O que significa estudar História da Literatura
- A função da Literatura
- As diferenças entre os gêneros épico, lírico e dramático
- As características do gênero narrativo

### MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

- 1) **(UNCISAL - ADAPTADA)** O poema épico é um dos mais antigos dos gêneros literários. Foi largamente elaborado na Antiguidade greco-latina, tendo sido também produzido em momentos posteriores, a partir do modelo dos poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, e do poema épico latino *A Eneida*, de Virgílio.

Esse gênero tem como principal objetivo exaltar os feitos dos heróis de um povo, preservando a sua memória. Assinale a alternativa correta sobre o gênero:

- a) Foi elaborado, no Brasil, no período do Naturalismo, por Aluísio Azevedo.  
b) O principal poeta, na poesia de língua portuguesa, épico é Luís Vaz de Camões, autor de “Os Lusíadas”.  
c) Atualmente há uma intensa produção de poemas épicos em nosso país.  
d) O poema épico adota uma postura crítica, comum no Modernismo, nas obras de Oswald de Andrade.  
e) Há muitos poemas épicos no Simbolismo brasileiro, exaltando os nossos heróis, de autoria de Cruz e Sousa.

- 2) **(UFT - ADAPTADA)** Leia os fragmentos de textos para responder à questão.

### Fragmento de Texto 1

MARIA (falando baixo, entre risos) – Pronto, lá se foi o sapato... Enterrei o pé na lama...

TIÃO – Olha só como tá meu linho! (Passa a mão pela roupa, risonho. Para fora) Ei, Juvêncio! Tocando na chuva estraga a viola! (Pausa. O violão afasta-se.) É um maluco... tocando na chuva.

MARIA – Fala baixo, tu acorda o pessoal!  
Guarnieri, Gianfrancesco. Eles não usam black-tie.

### Fragmento de Texto 2

abrindo um antigo caderno  
foi que eu descobri  
antigamente eu era eterno

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*.

### Fragmento de Texto 3

Não sabia em que modo festejasse  
O Rei Pagão os fortes navegantes,  
Para que as amigadas alcançasse  
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes.  
Pesa-lhe que tão longe o aposentasse  
Das Europeias terras abundantes

A ventura, que não no fez vizinho  
Donde Hércules ao mar abriu caminho.  
Com jogos, danças e outras alegrias,  
A segundo a polícia Melindana,  
Com usadas e ledas pescarias,  
Com que a Lageia Antônio alegre e engana,  
Este famoso Rei todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares desusados,  
Com frutas, aves, carnes e pescados.

CAMÕES. *Os Lusíadas*.

Marque a alternativa CORRETA em que os fragmentos representam, respectivamente, os gêneros literários:

- a) Dramático, Lírico, Dramático.  
b) Lírico, Dramático, Épico.  
c) Épico, Dramático, Lírico.  
d) Épico, Lírico, Dramático.  
e) Dramático, Lírico, Épico.
- 3) **(UFT)** A crítica literária denomina gêneros literários as diferentes categorias em que as obras literárias podem ser agrupadas em função de diferentes interpretações e olhares do escritor diante do mundo. Com base na teoria dos gêneros literários, considere as afirmações abaixo:
- I. Há uma teoria clássica que dominou a literatura até o século XIX, e outra moderna que começou a manifestar-se a partir do Romantismo.  
II. Na teoria clássica consideram-se os três gêneros: épico, lírico e dramático e não se admite mistura de gêneros.  
III. Na teoria moderna considera-se que não há limites para as espécies de gêneros, mas reconhecem-se três tipos básicos: narrativo, lírico e dramático.  
IV. Na teoria moderna admite-se fusão de gêneros, o que amplia as possibilidades do processo de criação do escritor.

- a) todas estão corretas.  
b) apenas I e II estão corretas.  
c) apenas II e III estão corretas.  
d) apenas I e IV estão corretas.  
e) apenas III e IV estão corretas.

- 4) **(FUVEST 2020)**

Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, “destroem” o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói. E prendem-nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz-nos o mundo outro, irreal, neles configurado (...). No entanto, da adesão a esse “mundo de papel”, quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e

renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri-lo, sentindo-o e pensando-o de maneira diferente e nova. A ilusão, a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar-se dele, transfigurando-o; e aclara-o já pelo insight que em nós provocou.

Benedito Nunes, "Ética e leitura", de Crivo de Papel.

O argumento de Benedito Nunes, em torno da natureza artística da literatura, leva a considerar que a obra só assume função transformadora se

- estabelece um contraponto entre a fantasia e o mundo.
- utiliza a linguagem para informar sobre o mundo.
- instiga no leitor uma atitude reflexiva diante do mundo.
- oferece ao leitor uma compensação anestesiante do mundo.
- conduz o leitor a ignorar o mundo real.

## 5) (ENEM)

### Receita

Tome-se um poeta não cansado,  
Uma nuvem de sonho e uma flor,  
Três gotas de tristeza, um tom dourado,  
Uma veia sangrando de pavor.  
Quando a massa já ferve e se retorce  
Deita-se a luz dum corpo de mulher,  
Duma pitada de morte se reforce,  
Que um amor de poeta assim requer.

SARAMAGO, J. Os poemas possíveis.  
Alfragide: Caminho, 1997.

Os gêneros textuais caracterizam-se por serem relativamente estáveis e podem reconfigurar-se em função do propósito comunicativo. Esse texto constitui uma mescla de gêneros, pois

- introduz procedimentos prescritivos na composição do poema.
- explicita as etapas essenciais à preparação de uma receita.
- explora elementos temáticos presentes em uma receita.
- apresenta organização estrutural típica de um poema.
- utiliza linguagem figurada na construção do poema.

- (UERN) A palavra serve para comunicar e integrar. E também para criar literatura, isto é, criar arte, provocar emoções, produzir efeitos estéticos. (Português: linguagens: volume 1: ensino médio / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 5.ed. – São Paulo: Atual, 2005. p. 27.)

A partir da definição anterior, pode-se afirmar que a linguagem literária

- pressupõe objetividade e clareza diante da sua função utilitária.
- não permite que haja dupla interpretação a respeito do assunto tratado.
- é organizada de modo que a plurissignificação esteja presente no texto.
- tem por objetivo esclarecer acerca de um assunto relacionado à realidade.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I)

1. (CESGRANRIO) Associe os gêneros literários às suas respectivas características.

### Coluna I

- 1 – Gênero lírico
- 2 – Gênero épico
- 3 – Gênero dramático

### Coluna II

- ( ) Exteriorização dos valores e sentimentos coletivos
- ( ) Representação de fatos com presença física de atores
- ( ) Manifestação de sentimentos pessoais predominando, assim, a função emotiva

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) 3 – 2 – 1
- b) 2 – 3 – 1
- c) 2 – 1 – 3
- d) 1 – 3 – 2
- e) 1 – 2 – 3

2. (UERN) Os gêneros literários são empregados com finalidade estética. Leia os textos a seguir.

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
Para matar-me, e novas esquivanças;  
Que não pode tirar-me as esperanças,  
Que mal me tirará o que eu não tenho.

(Camões, L. V. de. *Sonetos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1961. Fragmento.)

Porém já cinco sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca doutrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando uma noite, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Uma nuvem, que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.

(Camões, L. V. *Os Lusíadas*. Abril Cultural, 1979. São Paulo. Fragmento.)

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, a classificação dos textos.

- a) Épico e lírico.
- b) Lírico e épico.
- c) Lírico e dramático.
- d) Dramático e épico.

3. (G1 - CFTMG) Sobre os gêneros literários, afirma-se:

- I. O gênero dramático abrange textos que tematizam o sofrimento e a aflição da condição humana.
- II. Textos pertencentes ao gênero lírico privilegiam a expressão subjetiva de estados interiores.
- III. O gênero épico compreende textos sobre acontecimentos grandiosos protagonizados por heróis.
- IV. Em literatura, o romance e a novela são formas narrativas pertencentes ao gênero dramático.

Estão corretas apenas as afirmativas

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) III e IV.

4. (G1 - CFTMG) Leia.

“Abelardo I (*Sentado em conversa com o Cliente. Aperta um botão, ouve-se um forte barulho de campainha.*) — Vamos ver...

Abelardo II (*Veste botas e um completo domador de feras. Usa pastinha e enormes bigodes retorcidos. Monóculo. Um revólver à cinta.*) — Pronto Seu Abelardo.

Abelardo I — Traga o *dossier* desse homem.

Abelardo II — Pois não! O seu nome?

Cliente (*Embaraçado, o chapéu na mão, uma gravata de corda no pescoço magro.*) — Manoel Pitanga de Moraes.”

ANDRADE, Oswald. *O rei da vela*. São Paulo: Globo, 1994. p. 39.

O fragmento organiza-se segundo o modelo do gênero literário que se define por

- a) ser produzido para a encenação pública.
- b) narrar os fatos notáveis da história de um povo.
- c) expressar as emoções e estados de alma do autor.
- d) ridicularizar os vícios e atitudes reprováveis dos seres humanos.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeito Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada. A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores. A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, que com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônitos, e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga. (...)

Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos: à maneira de Homero. Mas o estilo atual é outro, e o sentimento dramático se orna de termos técnicos.

Carlos Drummond de Andrade, *Quando é dia de futebol*. Rio: Record, 2002.

5. **(FGVRJ)** Ao narrar o jogo entre brasileiros e mexicanos “à maneira de Homero”, o autor adota o estilo
- épico.
  - lírico.
  - satírico.
  - técnico.
  - teatral.
6. **(ESPCEX (AMAN) 2019)** Leia o trecho abaixo, retirado de *I-Juca Pirama*, obra de Gonçalves Dias.

Da tribo pujante,  
Que agora anda errante  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci:  
Sou bravo, sou forte,  
sou filho do norte,  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.

Trata-se de um:

- poema lírico
- poema épico
- cantiga de amigo
- novela de cavalaria
- auto de fundo religioso

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho abaixo, de “*Morte e vida severina*”, de João Cabral de Melo Neto.

“— Severino retirante,  
deixa agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
(...)”

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,”

7. **(ESPCEX (AMAN))** Quanto ao gênero literário, é correto afirmar que o fragmento lido é
- narrativo, que conta em prosa histórias do sertão nordestino.
  - uma peça teatral, desprovido de lirismo e com linguagem rústica.
  - bastante poético e marcado por rimas, sem metrificção.
  - uma epopeia, que traduz o desencanto pela vida dura do sertão.
  - dramático, que encena conflitos internos do ser humano.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Joaquim Maria Machado de Assis é cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta.

Em 2008, comemora-se o centenário de sua morte, ocorrida em setembro de 1908. Machado de Assis é considerado o mais canônico escritor da Literatura Brasileira e deixou uma rica produção literária composta de textos dos mais variados gêneros, em que se destacam o conto e o romance.

Segue o texto desse autor, em poesia.

A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos,  
São pensamentos idos e vividos.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

(Machado de Assis)

8. **(IBMECRJ)** Ao avaliarmos o texto quanto a seu gênero literário, podemos afirmar que ele pertence:

- a) Ao gênero narrativo, pois conta a história triste do poeta.
- b) Ao gênero lírico, pois expressa os sentimentos do eu-poético.
- c) Ao gênero dramático, pois evidencia o drama sentimental do poeta.
- d) Ao gênero épico, pois exterioriza e narra as emoções do eu-lírico de forma grandiloquente.
- e) Ao gênero descritivo pois descreve os detalhes do contexto físico da cena.

9. **(G1 - CFTMG - ADAPTADA)** Numere os fragmentos de texto de acordo com os seguintes gêneros literários:

- 1. lírico
- 2. satírico

( ) “Quem por ti de amor desmaia,  
Nesta praia geme e chora:  
Vem, Pastora, por piedade  
A saudade consolar.

Não recreiam sempre os montes  
Co’as delícias de Amaltéia;  
Vem, ó Glaura, a ruiva areia,  
Rio e fontes animar.”

(Silva Alvarenga)

( ) “A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana, e vinha,  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,  
Que a vida do vizinho, e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,  
Para levar à Praça, e ao Terreiro.”

(Gregório de Matos)

( ) “Nesta triste masmorra,  
de um semivivo corpo sepultura,  
inda, Marília, adoro  
a tua formosura.

Amor na minha ideia te retrata;  
busca, extremoso, que eu assim resista  
à dor imensa, que me cerca e mata.»

(Tomás Antônio Gonzaga)

A sequência CORRETA encontrada é:

- a) 1, 2, 1.
- b) 1, 2, 2.
- c) 2, 1, 2.
- d) 2, 2, 1.

10. **(UEM 2022 - ADAPTADA)** Sobre a Teoria da Literatura, assinale o que for correto.

- 01) De acordo com a Teoria Literária, os textos literários estão subdivididos em três grandes gêneros: lírico, épico e dramático. Assim definidos desde a Antiguidade Clássica, eles ainda conservam a característica de serem puros, ou seja, cada um deles possui atributos particulares e exclusivos, impossibilitando que textos literários de gêneros distintos possuam semelhanças formais entre si.
- 02) Conforme as especificidades de algumas formas literárias e suas classificações, contos, fábulas e crônicas pertencem ao gênero narrativo. As epopeias, que cantam feitos grandiosos e guerras dramáticas, pertencem ao gênero dramático. Por sua vez, os romances e as novelas, que retratam principalmente a força e os conflitos das relações amorosas, pertencem ao gênero lírico.
- 04) Nos textos poéticos são recorrentes os recursos de composição que geram efeitos de musicalidade. Entre esses recursos, encontram-se o ritmo, gerado pela alternância de sílabas tônicas e átonas, e as rimas, produzidas pela semelhança sonora entre duas ou mais palavras a partir de sílabas tônicas.
- 16) Ao serem elaborados, os textos literários do gênero teatral tendem a levar em consideração possíveis estratégias para suas montagens cênicas. As orientações de cenários e de encenações, muitas vezes presentes nas rubricas, mostram esse aspecto.

### 11. (ENEM) Primeira lição

Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro.

O gênero lírico compreende o lirismo.

Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.

É a linguagem do coração, do amor.

O lirismo é assim denominado porque em outros tempos os versos sentimentais eram declamados ao som da lira.

O lirismo pode ser:

a) Elegíaco, quando trata de assuntos tristes, quase sempre a morte.

b) Bucólico, quando versa sobre assuntos campestres.

c) Erótico, quando versa sobre o amor.

O lirismo elegíaco compreende a elegia, a nênia, a endecha, o epitáfio e o epicédio.

Elegia é uma poesia que trata de assuntos tristes.

Nênia é uma poesia em homenagem a uma pessoa morta.

Era declamada junto à fogueira onde o cadáver era incinerado.

Endecha é uma poesia que revela as dores do coração.

Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares.

Epicédio é uma poesia onde o poeta relata a vida de uma pessoa morta.

CESAR, A. C. *Poética*, São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

No poema de Ana Cristina Cesar, a relação entre as definições apresentadas e o processo de construção do texto indica que o(a)

a) caráter descritivo dos versos assinala uma concepção irônica de lirismo.

b) tom explicativo e contido constitui uma forma peculiar de expressão poética.

c) seleção e o recorte do tema revelam uma visão pessimista da criação artística.

d) enumeração de distintas manifestações líricas produz um efeito de impessoalidade.

e) referência a gêneros poéticos clássicos expressa a adesão do eu lírico às tradições literárias.

12. (ENEM) **FABIANA**, *arrepelando-se de raiva* — Hum! Ora, eis aí está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para minha casa. É isto constantemente. Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa... Já não posso, não posso, não posso! (*Batendo com o pé*). Um dia arrebento, e então veremos!

PENA, M. *Quem casa quer casa*. [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 7 dez. 2012.

As rubricas em itálico, como as trazidas no trecho de Martins Pena, em uma atuação teatral, constituem

a) necessidade, porque as encenações precisam ser fiéis às diretrizes do autor.

b) possibilidade, porque o texto pode ser mudado, assim como outros elementos.

c) preciosismo, porque são irrelevantes para o texto ou para a encenação.

d) exigência, porque elas determinam as características do texto teatral.

e) imposição, porque elas anulam a autonomia do diretor.

13. (ENEM) Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó.

RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado pela

a) alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.

b) utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.

c) indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.

d) justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.

e) recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Uma porta bateu na cozinha. Ela não se assustou. Passados alguns minutos, pensou que quem tivesse chegado demorava a aparecer. É você, Filó?, gritou. Não houve resposta. Pediu que o recém-chegado se aproximasse. Nada. Esperou mais um pouco. Queria manter-se tranquila, mas o medo vinha chegando. A essa hora só podia ser mesmo a Filó. Mas por que não respondia? Talvez não tivesse ouvido quando perguntou se era ela. Não ia perguntar de novo. De que adiantaria? Sentou-se na cama para recuperar o fôlego, a respiração agora alterada. Parecia ouvir alguns passos, mas podia ser só imaginação. Que angústia era aquela? Não havia motivo pra tanto.

(Maria Tecoara, inédito)

14. (PUCCAMP) É correto o seguinte comentário: no trecho narrativo,
- a) em que predomina a descrição de sentimentos, tem-se o narrador, personagem não citada, mas subentendida, contando o que ocorre no espaço da casa, metonimicamente mencionada por *cozinha* e *cama*; ele narra o que vê, mas sobre o que pensa e sente a personagem ele só pode lançar hipóteses.
  - b) em que se utilizam os tempos verbais pretéritos, próprios do relato, as frases interrogativas expressam indagações que a personagem se faz a si mesma, como se vê, por exemplo, em *É você, Filó?, Mas por que não respondia?* e *De que adiantaria?*.
  - c) segmentado pela oposição entre dois estados emocionais, o narrador, que não se faz presente por meio do “eu”, mostra conhecer fatos e impressões que eles causam, tendo como fonte de informação os próprios pensamentos, percepções e sentimentos da personagem.
  - d) em que os fatos são apresentados em seu desenrolar pela voz do narrador-personagem, tem-se o detalhamento do espaço e do tempo à medida que a ação se desenvolve, ainda que, quanto ao espaço, uma descrição minuciosa se apresente de modo isolado.
  - e) relatado pelo autor, é claro seu posicionamento em relação às atitudes da personagem, avaliação expressa tanto pela análise dos pensamentos, quanto pelas críticas aos sentimentos dela, pois uns e outros são considerados devaneios de uma alma assustada.

15. (FUVEST 2022) Chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio. O romancista “imitaria” a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes. Caso essa pobre vida-morte deva ser tematizada, ela aparecerá como tal, degradada, sem a aura positiva com que as palavras “realismo” e “realidade” são usadas nos discursos que fazem a apologia conformista da “vida como ela é”... A escrita da resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.

Alfredo Bosi. “Narrativa e resistência”. Adaptado.

- O conceito de resistência, expresso pela tensão do indivíduo perante o mundo, adquire perspectiva crítica na escrita do romance quando o autor
- a) rompe a superfície enganosa da realidade.
  - b) forja um realismo rente à vida mesquinha.
  - c) é neutro ao figurar a vacuidade do presente.
  - d) conserva o discurso positivo da ordem.
  - e) consegue sobrepor a fantasia à verdade.

**16. (PUCRJ - ADAPTADA)**

Texto 1

**Soneto VI**

Brandas ribeiras, quanto estou contente  
De ver-nos outra vez, se isto é verdade!  
Quanto me alegra ouvir a suavidade,  
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,  
Tudo me está causando novidade:  
Oh como é certo, que a cruel saudade  
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,  
Que andou té agora por incerto giro  
Correndo sempre atrás do seu cuidado:

Este pranto, estes ais, com que respiro,  
Podendo comover o vosso agrado,  
Façam digno de vós o meu suspiro.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2000, p.35.

Texto 2

**Ternura**

Eu te peço perdão por te amar de repente  
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos  
Das horas que passei à sombra dos teus gestos  
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos  
Das noites que vivi acalentado  
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo  
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.  
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo  
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas  
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...  
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias  
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta  
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar  
[extático da aurora

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 92-3.

Indique o gênero literário predominante nos poemas de Cláudio Manuel da Costa e Vinicius de Moraes, justificando com aspectos que o caracterizam.

**17. (PUCRJ 2013) Texto 1**

Espalham-se, por fim, as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouviu as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céu, que não viu a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada se arreceia, consubstanciado como está com a solidão, para, relanceia os olhos ao redor de si e, se no lagar pressente alguma aguada, por má que seja, apeia-se, desencilha o cavalo e reunindo logo uns gravetos bem secos, tira fogo do isqueiro, mais por distração do que por necessidade.

Sente-se deveras feliz. Nada lhe perturba a paz do espírito ou o bem-estar do corpo. Nem sequer monologa, como qualquer homem acostumado a conversar.

Raros são os seus pensamentos: ou rememora as léguas que andou, ou computa as que tem que vencer para chegar ao término da viagem.

No dia seguinte, quando aos clarões da aurora acorda toda aquela esplêndida natureza, recomeça ele a caminhar, como na véspera, como sempre.

Nada lhe parece mudado no firmamento: as nuvens de si para si são as mesmas. Dá-lhe o Sol, quando muito, os pontos cardeais, e a terra só lhe prende a atenção, quando algum sinal mais particular pode servir-lhe de marco miliário na estrada que vai trilhando.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000002.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.

## Texto 2

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. – Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

– Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1986, pp. 9-10.

## Texto 3

Toda viagem é interior  
embora  
por fora  
se vista o carro ou o trem  
e se aprenda a nadar  
com o navio  
e a voar  
pelos ares, com as bombas  
e os aviões;  
toda viagem  
se faz por dentro  
como as estações  
se fabricam, invisíveis  
a partir do vento  
silenciosas  
como quando um pensamento  
muda de tempo e de marcha  
distraindo de si, e entra  
em outro clima  
com a cabeça no ar:  
psiu, míssil, além do som  
e de qualquer mapa  
ou guia que desenrolo  
miópe, sobre a estrada  
que passa  
sob meu pé-pneumático

sob o célere céu azul  
do meu chapéu;  
toda viagem  
avança e se alimenta  
apenas de horizontes  
futuros, infinitos, vazios  
e nuvens:  
toda viagem é anterior.

FREITAS FILHO, Armando. *Longa vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, pp.115-116.

- Tomando como base a leitura comparativa dos textos 1, 2 e 3, determine o sentido da palavra “viagem” em cada um deles.
- Determine o gênero literário predominante no texto 3, justificando a sua resposta com aspectos que o caracterizam.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

#### Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número. Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(*Libertinagem & Estrela da manhã*, 1993.)

#### 18. (UNESP 2019)

- Cite uma característica distintiva da poesia lírica que não se encontra nesse poema.
- Cite três elementos que evidenciam o caráter narrativo desse poema.

#### 19. (PUCRJ) Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei em burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaloide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
- Lá sou amigo do rei -  
Terei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, pp.127-8.

- Um dos aspectos mais significativos da poesia é a criação de imaginários específicos. A partir dos seguintes versos (“Lá a existência é uma aventura/De tal modo inconsequente”), comente com suas próprias palavras o lugar que Pasárgada ocupa como espaço de ressignificação da existência do eu.
- Indique o gênero literário predominante no poema de Bandeira, justificando com aspectos que o caracterizam.

## 20. (PUCRJ) Texto 1

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que ele era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, engançou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

— Ladroeira.

Nem lhe permitiam queixas. Porque reclamara, achara a coisa uma exorbitância, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato?

— Hum! hum!

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1986, pp.92-94.

## Texto 2

Heloísa – Dizem tanta coisa de você, Abelardo...

Abelardo I – Já sei... Os degraus do crime... que descí corajosamente. Sob o silêncio comprado dos jornais e a cegueira da justiça de minha classe! Os espectros do passado... Os homens que traí e assassinei. As mulheres que deixei. Os suicidados... O contrabando e a pilhagem... Todo o arsenal do teatro moralista dos nossos avós. Nada disso me impressiona nem impressiona mais o público... A chave milagrosa da fortuna, uma chave Yale... Jogo com ela!

Heloísa – O pânico...

Abelardo I – Por que não? O pânico do café. Com dinheiro inglês comprei café na porta das fazendas desesperadas. De posse de segredos governamentais, joguei duro e certo no café-papel! Amontoei ruínas de um lado e ouro do outro! Mas, há o trabalho construtivo, a indústria... Calculei ante a regressão parcial que a crise provocou... Descobri e incentivei a regressão, a volta à vela... sob o signo do capital americano.

Heloísa – Ficaste o Rei da Vela!

Abelardo I – Com muita honra! O Rei da Vela miserável dos agonizantes. O Rei da Vela de sebo. E da vela feudal que nos fez adormecer em criança pensando nas histórias das negras velhas... Da vela pequeno-burguesa dos oratórios e das escritas em casa... As empresas elétricas fecharam com a crise... Ninguém mais pode pagar o preço da luz... A vela voltou ao mercado pela minha mão previdente. Veja como eu produzo de todos os tamanhos e cores. (*Indica o mostruário*). Para o Mês de Maria das cidades caipiras, para os armazéns do interior onde se vende e se joga à noite, para a hora de estudo das crianças, para os contrabandistas no mar, mas a grande vela é a vela da agonia, aquela pequena velinha de sebo que espalhei pelo Brasil inteiro... Num país medieval como o nosso, quem se atreve a passar os umbrais da eternidade sem uma vela na mão? Herdo um tostão de cada morto nacional!

Heloísa (*Sonhando*) – Meu pai era o Coronel Belarmino que tinha sete fazendas, aquela casa suntuosa de Higienópolis... ações, automóveis... Duas filhas viciadas, dois filhos tarados... Ficou morando na nossa casinha da Penha e indo à missa pedir a Deus a solução que os governos não deram...

Abelardo I – Que não deram aos que não podem viver sem empréstimos.

Heloísa – Meus pais... meus tios... meus primos...

Abelardo I – Os velhos senhores da terra que tinham que dar lugar aos novos senhores da terra!

Heloísa – No entanto, todos dizem que acabou a época dos senhores e dos latifúndios...

Abelardo I – Você sabe que o meu caso prova o contrário. Ainda não tenho o número de fazendas que seu pai tinha, mas já possuo uma área cultivada maior que a que ele teve no apogeu.

Heloísa – Há dez anos... A saca de café a duzentos mil-réis!

Abelardo I – Estamos de fato num ponto crítico em que podem predominar, aparentemente e em número, as pequenas lavouras. Mas nunca como potência financeira. Dentro do capitalismo, a pequena propriedade seguirá o destino da ação isolada nas sociedades anônimas. O possuidor de uma é um mito econômico. Senhora minha noiva, a concentração do capital é um fenômeno que eu apalpo com as minhas mãos. Sob a lei da concorrência, os fortes comerão sempre os fracos. Desse modo é que desde já os latifúndios paulistas se reconstituem sob novos proprietários.

ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela*. São Paulo: Editora Abril, 1976, pp.46-49.

- a) Compare a visão que os personagens Fabiano e Abelardo I têm em relação ao seu lugar na sociedade, e retire dos Textos 1 e 2 uma passagem que comprove a sua resposta.
- b) Indique o gênero literário predominante no texto 2, justificando com aspectos que o caracterizam.

## GABARITO

---

1. B    2. B    3. C    4. A    5. A  
6. B    7. E    8. B    9. A    10.  $04 + 16 = 20$ .  
11. B    12. B    13. B    14. C    15. A

16.

Ambos os textos pertencem ao gênero lírico, sendo caracterizados pela presença de um eu lírico que traz subjetividade, sentimentalismo e emoções. Além disso, vemos a presença de uma linguagem poética por meio do ritmo dos poemas e do uso de figuras de linguagem.

17.

- a) No texto 1, a viagem ganha o sentido de deslocamento espacial positivo, com roteiro previsto e bem definido. No texto 2, o mesmo deslocamento espacial é visto negativamente, seja pelas condições adversas, seja por não haver destino definido. No texto 3, a viagem acontece sobretudo no plano do imaginário, indicando um deslocamento predominantemente temporal.
- b) O gênero literário predominante no poema de Armando Freitas Filho é o lírico, caracterizado pela presença do eu poético (eu lírico), pelo tom intimista e pela utilização de uma linguagem que produz sensações.

18.

- a) A principal característica do gênero lírico é a subjetividade, elemento com que o autor revela impressões, pensamentos e sentimentos ligados ao mais profundo do eu lírico. “Poema tirado de uma notícia de jornal” apresenta tom prosaico, típico da linguagem jornalística, clara e objetiva, para noticiar o destino violento de uma pessoa simples.
- b) Elementos que evidenciam o caráter narrativo do poema:
  - descrição de uma história ou acontecimento (o suicídio de João)
  - presença de personagem (João Gostoso)
  - delimitação de espaços (Babilônia, bar Vinte de Novembro e Lagoa Rodrigo de Freitas)
  - alternância de verbos no pretérito imperfeito e perfeito do indicativo

19.

- a) Pasárgada é uma terra da alegria, da imaginação, da liberdade no amor, da falta de regras, lugar onde só se faz o que se deseja. Mundo sem obrigações e sem negações, onde tudo pode. Pasárgada é a utopia, um sonho dentro de um mundo onde as liberdades individuais e coletivas são perpetradas antes pela obrigação e pelo trabalho. Pasárgada é uma metáfora para a evasão da alma através da fantasia e pelo ideal de perfeição.
- b) Trata-se do gênero lírico-poético caracterizado pelo sonho, pela subjetividade, pela liberdade de expressão, pela evasão e pela fantasia.

20

- a) Fabiano representa as camadas populares, o sertanejo pobre, marginalizado e explorado. (“Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar”. “Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens”. “O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo”) Abelardo I ocupa o lugar oposto ao de Fabiano na sociedade brasileira. Ele faz parte da burguesia emergente, apresenta-se como um empresário oportunista, explorador e inescrupuloso. (“Nada disso me impressiona nem impressiona mais o público... A chave milagrosa da fortuna, uma chave Yale... Jogo com ela!”. “Ainda não tenho o número de fazendas que seu pai tinha, mas já possuo uma área cultivada maior que a que ele teve no apogeu”. “Senhora minha noiva, a concentração do capital é um fenômeno que eu apalpo com as minhas mãos. Sob a lei da concorrência, os fortes comerão sempre os fracos”).
- b) Gênero dramático. A presença do diálogo, a ausência de narrador e o uso da rubrica para indicar ação ou estado de espírito das personagens.

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
5

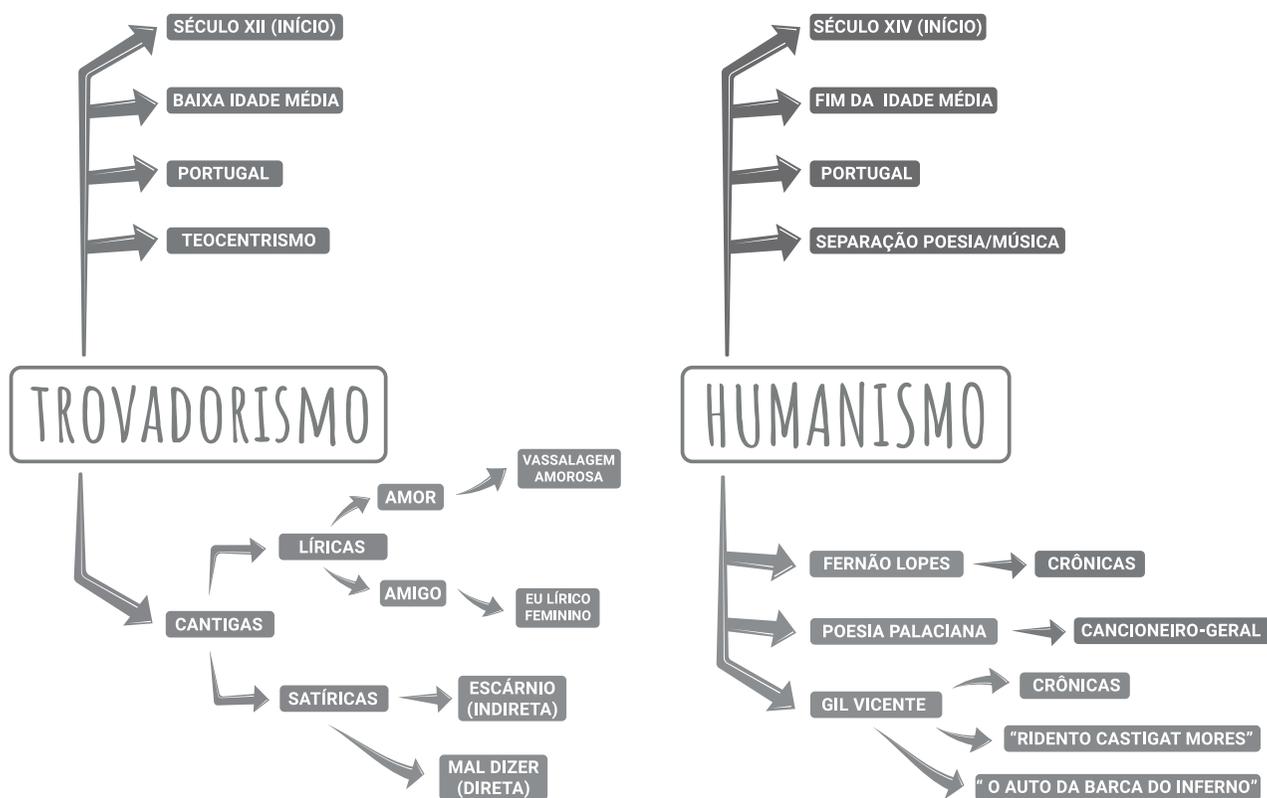
Habilidade(s):  
15, 16 e 17

# AULAS 3 e 4

## Você DEVE SABER!

- O que significa teocentrismo
- Como as relações sociais do feudalismo se relacionam com a vassalagem amorosa
- O que é amor cortês, coita d'amor e vassalagem amorosa
- As características das cantigas líricas e satíricas
- O que são crônicas, nobiliários, novelas de cavalaria e hagiografias
- As principais mudanças provocadas na literatura pela crise do feudalismo e da igreja
- As características da obra de Fernão Lopes
- As características da poesia palaciana
- As características do teatro de Gil Vicente

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*Cantiga de Amor*  
Afonso Fernandes

Senhora minha, desde que vos vi,  
lutei para ocultar esta paixão  
que me tomou inteiro o coração;  
mas não o posso mais e decidi  
que saibam todos o meu grande amor,  
a tristeza que tenho, a imensa dor  
que sofro desde o dia em que vos vi.

Já que assim é, eu venho-vos rogar  
que queirais pelo menos consentir  
que passe a minha vida a vos servir (...)

([www.caestamosnos.org/efemerides/118](http://www.caestamosnos.org/efemerides/118). Adaptado)

- (G1 - ifsp)** Uma característica desse fragmento, também presente em outras cantigas de amor do Trovadorismo, é
  - a certeza de concretização da relação amorosa.
  - a situação de sofrimento do eu lírico.
  - a coita de amor sentida pela senhora amada.
  - a situação de felicidade expressa pelo eu lírico.
  - o bem-sucedido intercâmbio amoroso entre pessoas de camadas distintas da sociedade.
- (IFSP)** Leia atentamente o texto abaixo.

Com'ousará parecer ante mi  
o meu amigo, ai amiga, por Deus,  
e com'ousará catar estes meus  
olhos se o Deus trouxer **per** aqui,  
pois **tam** muit'há que **nom** veo veer  
**mi** e meus olhos e meu **parecer**?

(*Com'ousará parecer ante mi* de Dom Dinis. Fonte: [http://pt.wikisource.org/wiki/Com%27ousar%C3%A1\\_parecer\\_ante\\_mi](http://pt.wikisource.org/wiki/Com%27ousar%C3%A1_parecer_ante_mi). Acesso em: 05.12.2012.)

|           |           |           |            |              |                     |
|-----------|-----------|-----------|------------|--------------|---------------------|
| per = por | tam = tão | nom = não | veer = ver | mi = mim, me | parecer = semblante |
|-----------|-----------|-----------|------------|--------------|---------------------|

Sobre o fragmento anterior, pode-se afirmar que pertence a uma cantiga de

- amor, pois o eu lírico masculino declara a uma amiga o sentimento de amor que tem por ela.
- amigo, pois o eu lírico feminino expressa a uma amiga a falta de seu amigo por quem sente amor.
- amor, pois o eu lírico é feminino e acha que seu amor não deve voltar para os seus braços.
- amigo, pois o eu lírico masculino entende que só Deus pode trazer de volta sua amiga a quem não vê há muito tempo.
- amor, pois o eu lírico feminino não consegue enxergar o amor que sente por seu amigo.

## 3. (G1 - IFSP - ADAPTADA)



55toni55

www.delcampe.net

(Judith Leyster, *Serenata*. [http://images-01.delcampe-static.net/img\\_large/auction/000/150/544/758\\_001.jpg](http://images-01.delcampe-static.net/img_large/auction/000/150/544/758_001.jpg)  
Acesso em: 22.10.2013. Original colorido)

Podemos associar corretamente a cena representada nessa pintura ao

- Trovadorismo, pois os artistas compunham e cantavam para os integrantes da Corte cantigas sobre as façanhas dos cavaleiros medievais.
- Trovadorismo, pois as cantigas líricas e satíricas, escritas em versos, eram cantadas pelos artistas ao som de instrumentos de corda.
- Humanismo, visto que as personagens do teatro de Gil Vicente, como os trovadores e os jograis, eram em sua maioria nobres e constituíam a elite da época.
- Classicismo, pois os temas presentes nas cantigas líricas e satíricas vêm das narrativas da mitologia greco-latina.
- Classicismo, visto que Camões inspirou-se, para escrever *Os Lusíadas*, nas cantigas trovadorescas que narravam as aventuras dos navegantes portugueses.

4. (MACKENZIE - ADAPTADA) Assinale a alternativa que **NÃO** pode ser associada ao teatro de Gil Vicente.

- [...] aparecem os homens livres pobres e também os escravos, tidos os primeiros como parasitas, e os segundos como tipos preguiçosos que nada fazem e devem ser frequentemente punidos. (Fernando Juarez De Cardoso)

- Muitas de suas peças são moralidades [...] Seus autos, contudo, não têm a rigidez das moralidades da época; as alegorias transformam-se em vida, em personagens saborosos. (Anatol Rosenfeld)
- [...] predomina [...] a sucessão de pequeninos quadros, a lembrar a mesma técnica da pintura narrativa medieval e das novelas de cavalaria. (Segismundo Spina)
- Seu teatro, essencialmente moral e social, é marcado pela intenção crítica. O riso, a sátira e os gracejos tinham um endereço certo: o público que assistia às encenações e que acabava por rir de si mesmo, sem que, por cegueira ou vaidade, se reconhecesse. (João Domingues Maia)
- [...] traz em si características de um momento de transição portuguesa, assim é marcado por traços que indicam desde elementos medievais até elementos renascentistas. (Alexandre Huady Torres Guimarães)

## 5. (G1 - IFSP) Considere o trecho para responder à questão.

No final do século XV, a Europa passava por grandes mudanças provocadas por invenções como a bússola, pela expansão marítima que incrementou a indústria naval e o desenvolvimento do comércio com a substituição da economia de subsistência, levando a agricultura a se tornar mais intensiva e regular. Deu-se o crescimento urbano, especialmente das cidades portuárias, o florescimento de pequenas indústrias e todas as demais mudanças econômicas do mercantilismo, inclusive o surgimento da burguesia.

Tomando-se por base o contexto histórico da época e os conhecimentos a respeito do Humanismo, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

- O Humanismo é o nome que se dá à produção escrita e literária do final da Idade Média e início da moderna, ou seja, parte do século XV e início do XVI.
- Fernão Lopes é um importante prosador do Humanismo português. Destacam-se entre suas obras: *Crônica Del-Rei D. Pedro I*, *Crônica Del-Rei Fernando* e *Crônica de El-Rei D. João*.
- Gil Vicente é um importante autor do teatro português e suas principais obras são: *Auto da Barca do Inferno* e *Farsa de Inês Pereira*.
- Gil Vicente é um autor não reconhecido em Portugal, em virtude de sua prosa e documentação histórica não participarem da cultura portuguesa.

- V, V, V, F.
- V, F, V, V.
- F, V, V, F.
- V, V, F, F.
- V, F, F, V.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Chicó – Por que essa raiva dela?

João Grilo – Ó homem sem vergonha! Você inda pergunta? Está esquecido de que ela o deixou? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, mas um dia hão de pagar. E a raiva que eu tenho é porque quando estava doente, me acabando em cima de uma cama, via passar o prato de comida que ela mandava para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Para mim nada, João Grilo que se danasse. Um dia eu me vingou.

Chicó – João, deixe de ser vingativo que você se desgraça. Qualquer dia você inda se mete numa embrulhada séria.

Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*

#### 6. (MACKENZIE) Considere as seguintes afirmações.

- I. O texto de Ariano Suassuna recupera aspectos da tradição dramática medieval, revelando forte influência do teatro vicentino.
- II. A palavra **Auto**, no título do texto, por si só sugere que se trata de peça teatral de tradição popular, aspecto confirmado pela caracterização das personagens.
- III. O teor crítico da fala da personagem, entre outros aspectos, remete ao teatro humanista de Gil Vicente, autor de vários autos, como, por exemplo, o *Auto da barca do inferno*.

Assinale:

- a) se todas estiverem corretas.
- b) se apenas I e II estiverem corretas.
- c) se apenas II estiver correta.
- d) se apenas II e III estiverem corretas.
- e) se todas estiverem incorretas.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

1. (G1 - IFSP) A poesia do Trovadorismo português tem íntima relação com a música, pois era composta para ser entoada ou cantada, sempre acompanhada de instrumental, como o alaúde, a viola, a flauta, ou mesmo com a presença do coro.

A respeito dessa escola literária, assinale a alternativa correta.

- a) Os principais trovadores utilizavam a guitarra elétrica para acompanhar a exibição.
- b) As composições dividem-se em dois grandes grupos: líricas e satíricas.
- c) Os principais trovadores são: Padre Antônio Vieira e Camões.
- d) O Trovadorismo é uma escola literária contemporânea.
- e) São exemplos de Cantigas Satíricas as Cantigas de Amor e de Amigo.

2. (ESPCEX (AMAN)) É correto afirmar sobre o Trovadorismo que

- a) os poemas são produzidos para ser encenados.
- b) as cantigas de escárnio e maldizer têm temáticas amorosas.
- c) nas cantigas de amigo, o eu lírico é sempre feminino.
- d) as cantigas de amigo têm estrutura poética complicada.
- e) as cantigas de amor são de origem nitidamente popular.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*Cantiga de Amor*  
Afonso Fernandes

Senhora minha, desde que vos vi,  
lutei para ocultar esta paixão  
que me tomou inteiro o coração;  
mas não o posso mais e decidi  
que saibam todos o meu grande amor,  
a tristeza que tenho, a imensa dor  
que sofro desde o dia em que vos vi.

Já que assim é, eu venho-vos rogar  
que queirais pelo menos consentir  
que passe a minha vida a vos servir (...)

([www.caestamosnos.org/efemerides/118](http://www.caestamosnos.org/efemerides/118). Adaptado)

3. (G1 - IFSP) Observando-se a última estrofe, é possível afirmar que o apaixonado
- a) se sente inseguro quanto aos próprios sentimentos.
  - b) se sente confiante em conquistar a mulher amada.
  - c) se declara surpreso com o amor que lhe dedica a mulher amada.
  - d) possui o claro objetivo de servir sua amada.
  - e) conclui que a mulher amada não é tão poderosa quanto parecia a princípio.
4. (PUCSP) Gil Vicente, criador do teatro português, realizou uma obra eminentemente popular. Seu *Auto da Barca do Inferno*, encenado em 1517, apresenta, entre outras características, a de pertencer ao teatro religioso alegórico. Tal classificação justifica-se por



- a) ser um teatro de louvor e litúrgico em que o sagrado é plenamente respeitado.
- b) não se identificar com a postura anticlerical, já que considera a igreja uma instituição modelar e virtuosa.
- c) apresentar estrutura baseada no maniqueísmo cristão, que divide o mundo entre o Bem e o Mal, e na correlação entre a recompensa e o castigo.
- d) apresentar temas profanos e sagrados e revelar-se radicalmente contra o catolicismo e a instituição religiosa.
- e) aceitar a hipocrisia do clero e, criticamente, justificá-la em nome da fé cristã.

Leia o texto para responder à questão a seguir.

Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas,

chega ao <sup>1</sup>batel infernal, e diz:

Hou da barca!

Diabo – Quem vem aí?

Santo sapateiro honrado,

como vens tão carregado?

Sapateiro – Mandaram-me vir assi...

Mas para onde é a viagem?

Diabo – Para a terra dos danados.

Sapateiro – E os que morrem confessados

onde têm sua passagem?

Diabo – Não cures de mais linguagem!

que esta é tua barca, esta!

Sapateiro – Renegaria eu da festa

e da barca e da barcagem!

Como poderá isso ser, confessado e comungado?

Diabo – Tu morreste excomungado,

não no quiseste dizer.

Esperavas de viver;

calaste dez mil enganos,

tu roubaste bem trinta anos

o povo com teu mister.

Embarca, pobre de ti,

que há já muito que te espero!

Sapateiro – Pois digo-te que não quero!

Diabo – Que te pese, hás de ir, si, si!

(Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*. Adaptado.)

<sup>1</sup>batel: pequena embarcação.

5. (FAMEMA 2020) O texto transcrito de Gil Vicente assume caráter
- moralizante, uma vez que traz explícita crítica aos costumes do personagem.
  - educativo, pois o personagem reconhece seu erro e, ao final, é perdoado.
  - humorístico, com intenção de entreter mais do que condenar comportamentos.
  - doutrinário, considerando a devoção do personagem à religião quando em vida.
  - edificante, já que o comportamento do personagem se torna exemplo a seguir.
6. (G1 - IFSP) Inspiradas na poesia provençal, as cantigas trovadorescas são consideradas as primeiras manifestações literárias portuguesas. O movimento literário em que elas surgiram ficou conhecido como Trovadorismo. Sobre o Trovadorismo, assinale a alternativa correta.
- As cantigas trovadorescas foram transmitidas apenas em cópias e recolhidas somente em duas importantes antologias, denominadas Cancioneiros, únicos documentos que restam para o conhecimento do Trovadorismo: Cancioneiro da Ajuda e Cancioneiro da Biblioteca Nacional.

- O Trovadorismo foi um movimento artístico literário que predominou no século XVII, na Europa. Esse estilo surgiu em Roma, na Itália, se expandiu por outros países da Europa, como Portugal, logo após seu surgimento, mas foi na Espanha que ele se tornou vigoroso.
- Em Portugal, as cantigas trovadorescas são classificadas em cantigas líricas (cantigas de amor e cantigas de amigo) e cantigas satíricas (cantigas de escárnio e cantigas de maldizer).
- No Trovadorismo, o pensamento religioso, espiritualista, predominante na época, numa visão teocentrista (em que Deus, do grego *Teos*, está no centro das preocupações humanas), dá lugar a uma visão antropocentrista (em que o homem, do grego *anthropos*, está no centro das realizações do universo humano).
- As características formais e temáticas das cantigas de amigo eram: influência das cantigas provençais, originárias do sul da França; eu lírico masculino que evoca a mulher amada usando a forma de tratamento “Minha senhora” (“Mia senhor”, “Mia dona”); exaltação das virtudes da beleza da amada inatingível; e predomínio do sentimento amoroso.

7. (G1 - IFSP) Assinale a alternativa correta no que se refere às cantigas de amor trovadorescas.
- Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino lamenta a ausência da mulher amada, que lhe é indiferente e que, por mais que seja vista por ele como superior, pertence às classes populares.
  - Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino manifesta insistentemente a *coita*, isto é, o sofrimento de amor, repleto de impulsos eróticos que lhe laceram o corpo e que conferem aos poemas uma aura sardônica.
  - Nas cantigas de amor, o eu lírico feminino manifesta a falta que sente do amigo – isto é, do homem amado – invocando-o por meio de composições de matriz popular que se caracterizam por construções paralelísticas.
  - Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino confessa a *coita*, isto é, o sofrimento amoroso por uma dama que lhe é inacessível devido à diferença social que existe entre ele e ela.
  - Nas cantigas de amor, a distância social existente entre o eu lírico masculino e a mulher amada a quem ele se dirige permite entrever que já grassava na sociedade portuguesa a ascensão social pelo trabalho.

## 8. (UEG) Senhora, que bem pareceis!

Se de mim vos recordásseis  
que do mal que me fazeis  
me fizésseis correção,  
quem dera, senhora, então  
que eu vos visse e agradasse.

Ó formosura sem falha  
que nunca um homem viu tanto  
para o meu mal e meu quebranto!  
Senhora, que Deus vos valha!  
Por quanto tenho penado  
seja eu recompensado  
vendo-vos só um instante.

De vossa grande beleza  
da qual esperei um dia  
grande bem e alegria,  
só me vem mal e tristeza.  
Sendo-me a mágoa sobeja,  
deixai que ao menos vos veja  
no ano, o espaço de um dia.

Rei D. Dinis

CORREIA, Natália. *Cantares dos trovadores galego-portugueses*.  
Seleção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia. 2.  
ed. Lisboa: Estampa, 1978. p. 253.

### Quem te viu, quem te vê

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala  
Você era a favorita onde eu era mestre-sala  
Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua  
Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua

Hoje o samba saiu procurando você  
Quem te viu, quem te vê  
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer  
Quem jamais a esquece não pode reconhecer  
[...]

Chico Buarque

A cantiga do rei D. Dinis, adaptada por Natália Correia, e a canção de Chico Buarque de Holanda expressam a seguinte característica trovadoresca:

- a vassalagem do trovador diante da mulher amada que se encontra distante.
- a idealização da mulher como símbolo de um amor profundo e universal.
- a personificação do samba como um ser que busca a plenitude amorosa.
- a possibilidade de realização afetiva do trovador em razão de estar próximo da pessoa amada.

Leia o texto para responder à(s) questão a seguir.

Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas,  
chega ao <sup>1</sup>batel infernal, e diz:  
Hou da barca!  
Diabo – Quem vem aí?  
Santo sapateiro honrado,  
como vens tão carregado?  
Sapateiro – Mandaram-me vir assi...  
Mas para onde é a viagem?  
Diabo – Para a terra dos danados.  
Sapateiro – E os que morrem confessados  
onde têm sua passagem?  
Diabo – Não cures de mais linguagem!  
que esta é tua barca, esta!  
Sapateiro – Renegaria eu da festa  
e da barca e da barcagem!  
Como poderá isso ser, confessado e comungado?  
Diabo – Tu morreste excomungado,  
não no quiseste dizer.  
Esperavas de viver;  
calaste dez mil enganoso,  
tu roubaste bem trinta anos  
o povo com teu mister.  
Embarca, pobre de ti,  
que há já muito que te espero!  
Sapateiro – Pois digo-te que não quero!  
Diabo – Que te pese, hás de ir, si, si!  
(Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*. Adaptado.)

<sup>1</sup>batel: pequena embarcação.

9. (FAMEMA 2020) Na situação apresentada, o sapateiro
- espanta-se com a ideia de ir para o inferno, mas o diabo admite que não pode levá-lo por ter sido um homem cristão em vida.
  - opõe-se à ideia de ir para o inferno, alegando que fora religioso em vida, mas o diabo o lembra dos pecados cometidos.
  - mostra entusiasmo por seguir na embarcação do diabo e reconhece que, mesmo tendo sido religioso, acha justa a punição.
  - sujeita-se à ordem do diabo e toma lugar em sua embarcação, com a esperança de que sua disposição para o trabalho ainda possa salvá-lo.
  - confronta o diabo, considerando que este possa se intimidar ao descobrir que fora um homem religioso em vida.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Para responder à questão a seguir, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

*Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a <sup>1</sup>baixa começou a dançar, dizendo*

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;

Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;

Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: <sup>2</sup>Deo gratias! Sou cortêsão.

Diabo: Danças também o <sup>3</sup>tordião?

Frade: Por que não? Vê como sei.

Diabo: Pois entrai, eu <sup>4</sup>tangerei e faremos um serão.

E essa dama, porventura?

Frade: Por minha a tenho eu,

e sempre a tive de meu.

Diabo: Fizeste bem, que é lindura!

Não vos punham lá censura

no vosso convento santo?

Frade: E eles fazem outro tanto!

Diabo: Que preciosa <sup>5</sup>clausura!

Entrai, padre reverendo!

Frade: Para onde levais gente?

Diabo: Para aquele fogo ardente que não temestes vivendo.

Frade: Juro a Deus que não te entendo!

E este <sup>6</sup>hábito não me <sup>7</sup>val?

Diabo: Gentil padre <sup>8</sup>mundanal, a Belzebu vos encomendo!

Frade: Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,

que eu não posso entender isto!

Eu hei de ser condenado?

Um padre tão namorado

e tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

que eu estou maravilhado!

Diabo: Não façamos mais <sup>9</sup>detença

embarcai e partiremos;

tomareis um par de remos.

Frade: Não ficou isso na <sup>10</sup>avença.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?

Não vai em tal caravela

minha senhora Florença?

Como? Por ser namorado

e folgar c'uma mulher?

Se há um frade de perder,

com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

Diabo: Devoto padre e marido,

haveis de ser cá <sup>11</sup>pingado...

(*Auto da Barca do Inferno*, 2007.)

<sup>1</sup>**baixa**: dança popular no século XVI.

<sup>2</sup>**Deo gratias**: graças a Deus.

<sup>3</sup>**tordião**: outra dança popular no século XVI.

<sup>4</sup>**tanger**: fazer soar um instrumento.

<sup>5</sup>**clausura**: convento.

<sup>6</sup>**hábito**: traje religioso.

<sup>7</sup>**val**: vale.

<sup>8</sup>**mundanal**: mundano.

<sup>9</sup>**detença**: demora.

<sup>10</sup>**avença**: acordo.

<sup>11</sup>**ser pingado**: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

10. (UNESP) Assinale a alternativa cuja máxima está em conformidade com o excerto e com a proposta do teatro de Gil Vicente.

a) "O riso é abundante na boca dos tolos."

b) "A religião é o ópio do povo."

c) "Pelo riso, corrigem-se os costumes."

d) "De boas intenções, o inferno está cheio."

e) "O homem é o único animal que ri dos outros."

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Mario Quintana, poeta gaúcho, foi um dos maiores expoentes da literatura brasileira. Com estilo eclético, estreou em 1940, desafiando os críticos literários por se ter tornado um poeta popular. Sua poesia é compreensível sem ser banal; sua originalidade é natural; suas metáforas são claras, mas, ao mesmo tempo, surpreendentes.

A questão trata dos poemas deste poeta de nossa literatura.

11. (UEMA 2021) Leia o poema *Solau à moda antiga* para responder à questão.

Senhora, eu vos amo tanto  
Que até por vosso marido  
Me dá um certo quebranto...

Pois que tem que a gente inclua  
No mesmo alastrante amor  
Pessoa animal ou cousa  
Ou seja lá o que for,  
Só porque os banha o esplendor  
Daquela a quem se ama tanto?  
E sendo desta maneira,  
Não me culpeis, por favor,  
Da chama que ardente abrasa  
O nome de vossa rua,

Vossa gente e vossa casa  
E vossa linda macieira  
Que ainda ontem deu flor...

QUINTANA, M. *Esconderijos do tempo*.  
Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Nesse poema, marcado pelo senso de humor, reconhece-se, fortemente, características da poesia medieval trovadoresca nos versos:

- “Pois que tem que a gente inclua  
No mesmo alastrante amor  
Pessoa animal ou cousa”
- “Não me culpeis, por favor,  
Da chama que ardente abrasa  
O nome de vossa rua,”
- “Senhora, eu vos amo tanto  
Que até por vosso marido  
Me dá um certo quebranto...”
- “Ou seja lá o que for,  
Só porque os banha o esplendor  
Daquela a quem se ama tanto?”
- “E vossa linda macieira  
Que ainda ontem deu flor...”

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Ondas do mar de Vigo

*Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

*Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

*Se vistes meu amigo,  
o por que eu sospiro?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

*Se vistes meu amado,  
o por que hei gram coidado?  
e ai Deus, se verrá cedo?*

Obs.: *verrá*: virá

Martim Codax

12. (MACKENZIE - ADAPTADA) Pode-se afirmar que pertence ao mesmo tipo de poema trovadoresco de “Ondas do mar de Vigo” APENAS a alternativa:
- Dona fea, nunca vos eu loei/en meu trobar, pero muito trobei;/mais ora já un bon cantar farei,/ en que vos loarei toda via;/e direi-vos como vos loarei:/dona fea, velha e sandia! (Joan Garcia de Guilhade)
  - Quer’eu en maneira provençal/fazer agora un cantar d’amor/e querrei muit’i loar mia senhor, a que prez nem fremusura non fal,/nem bondade, e mais vos direi en: tanto fez Deus comprida de ben/que mais que todas las do mundo val. (D. Dinis)
  - A melhor dona que eu nunca vi,/per bõa fé, nem que oí dizer,/ e a que Deus fez melhor parecer,/mia senhor est, e senhor das que vi,/ de mui bom preço e de mui bom sem,/per bõa fé, e de tod’outro bem, de quant’eu nunca doutra dona oí. (Fernão Garcia Esgaravunha)
  - Quantos ham gram coita d’amor/eno mundo, qual hoj’eu hei,/ querriam morrer, eu o sei,/e haveriam en sabor;/mais, mentr’eu vos vir, mia senhor,/ sempre m’eu querria viver/ e atender e atender. (João Garcia de Guilhade)
  - Que coita tamanha ei a sofrer,/por amar amigu’e non o ver!/E pousarei sô lo avelanal. (Nuno Fernandes Torneol)

13. (UEPA) “A literatura do amor cortês, pode-se acrescentar, contribuiu para transformar de algum modo a realidade extraliterária, atua como componente do que Elias (1994)\* chamou de **processo civilizador**. Ao mesmo tempo, a realidade extraliterária penetra processualmente nessa literatura que, em parte, nasceu como forma de sonho e de evasão.”

(Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 83-110, Abril e Outubro de 2007 pp. 91-92)

(\*) Cf. ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

Interprete o comentário acima e, com base nele e em seus conhecimentos acerca do lirismo medieval galego-português, marque a alternativa correta:

- as cantigas de amor recriaram o mesmo ambiente palaciano das cortes galegas.
  - “a literatura do amor cortês” refletiu a verdade sobre a vida privada medieval.
  - a servidão amorosa e a idealização da mulher foi o grande tema da poesia produzida por vilões.
  - o amor cortês foi uma prática literária que aos poucos modelou o perfil do homem civilizado.
  - nas cantigas medievais mulheres e homens submetem-se às maneiras refinadas da cortesia.
14. (UEPA 2012) As diferenças etárias são muitas vezes causa de violência simbólica. Considerando isso, assinale os versos em que as frases expressam, de forma explícita, o tema básico de *O Velho da Horta*, fundamentado neste tipo de violência.
- Branca Gil – *Todos os santos marateirados  
Socorrei ao marateirado  
Que morre de namorado.*
  - Moça – *E essa tosse?  
Amores de sobreposse  
Serão os de vossa idade:  
O tempo vos tirou a posse.*
  - Branca Gil – *Eu folgo ora de ver  
Vossa mercê namorado;  
Que o homem bem criado  
Té na morte o há de ser.*
  - Velho – *Porém, amiga,  
Se nesta minha fadiga  
Vós não sois medianeira,  
Não sei que maneira siga,  
Nem que faça, nem que diga,  
Nem que queira.*
  - Parvo – *Dono, dizia minha dona,  
Que fazeis vós cá te a noite?*

15. (G1 - IFSP) Leia o texto abaixo, um trecho do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, para assinalar a alternativa correta no que se refere à obra desse autor e ao Humanismo em Portugal.

**Nota:** foram feitas pequenas alterações no trecho para facilitar a leitura.

*Vem um Frade com uma Moça pela mão, e um <sup>1</sup>broquel e uma espada na outra, e um <sup>1</sup>casco debaixo do <sup>2</sup>capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:*

|       |   |
|-------|---|
| FRADE | Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;<br>ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã: tã-tã;<br>ta-ri-rim-rim-rã. Huhá! |
| DIABO | Que é isso, padre?! Que vai lá?   |
| FRADE | <i>Deo gratias!</i> Sou cortesão.   |
| DIABO | Sabes também o tordião?   |
| FRADE | Por que não? Como ora sei!  |
| DIABO | Pois entrai! Eu tangerei<br>e faremos um serão.<br>Essa dama é ela vossa?                             |
| FRADE | Por minha a tenho eu,<br>e sempre a tive de meu   |
| DIABO | Fizestes bem, que é formosa!<br>E não vos punham lá <sup>3</sup> grosa<br>no vosso convento santo?    |
| FRADE | E eles fazem outro tanto!   |
| DIABO | Que cousa tão preciosa...<br>Entraí, padre reverendo!   |
| FRADE | Para onde levais gente?   |
| DIABO | Pera aquele fogo ardente<br>que não temestes vivendo.   |
| FRADE | Juro a Deus que não te entendo!<br>E este hábito não me vale?   |
| DIABO | Gentil padre mundanal,<br>a Belzebu vos encomendo!  |

<sup>1</sup>**broquel e casco** – respectivamente, *escudo e armadura para cabeça* – são elementos por meio dos quais o autor descreve o frade.

<sup>2</sup>**capelo** – chapéu ou capuz usado pelos religiosos.

<sup>3</sup>**pôr grossa** – censurar.

- O destino do frade é exemplar no que se refere à principal característica da obra de Gil Vicente: a crítica severa, de sabor renascentista, à Igreja Católica, de cuja moral se distancia a obra do dramaturgo.
- A proposta do teatro vicentino alegórico – especialmente a Trilogia das Barcas – era a montagem de peças complexas, de linguagem rebuscada, distante do falar popular, para criticar, nos termos da moral medieval, os homens do povo.
- A imagem cômica, mas condenável, de um frade que canta, dança e namora, trazendo consigo uma dama, é exemplo cabal do pressuposto das peças de Gil Vicente de que, rindo, é possível corrigir os costumes.

- d) O frade terá como destino o inferno porque é homem “mundanal”, ligado aos gozos do mundo material, em cujo pano de fundo percebe-se o sistema de valores do homem medieval, para o qual não há salvação após a morte.
- e) O sistema de valores que pode ser entrevisto nas peças de Gil Vicente, e especialmente no *Auto da Barca do Inferno*, revela uma mentalidade avessa aos valores da Idade Média.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Ai, dona fea, foste-vos queixar”**

**João Garcia de Guilhade**

Ai dona fea! Foste-vos queixar  
Que vos nunca louv'en meu trobar  
Mais ora quero fazer un cantar  
En que vos loarei toda via;  
E vedes como vos quero loar:  
Dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! Se Deus mi pardon!  
E pois havedes tan gran coraçon  
Que vos eu loe en esta razon,  
Vos quero já loar toda via;  
E vedes qual será a loaçon:  
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei  
En meu trobar, pero muito trobei;  
Mais ora já en bom cantar farei  
En que vos loarei toda via;  
E direi-vos como vos loarei:  
Dona fea, velha e sandia!

16. As cantigas trovadorescas eram textos literários recitados na companhia de instrumentos musicais durante o período que ficou conhecido como Trovadorismo. Tais poemas são categorizados em quatro tipos, de acordo com suas características. Com base nessa divisão, classifique a cantiga de João Garcia de Guilharde e justifique a sua resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Cantiga

Bailemos nós já todas três, ai amigas,  
So aquestas avelaneiras frolidas, (frolidas = floridas)  
E quem for velida, como nós, velidas, (velida = formosa)  
Se amigo amar,  
So aquestas avelaneiras frolidas (aquestas = estas)  
Verrá bailar. (verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas, (irmanas = irmãs)  
So aqueste ramo destas avelanas, (aqueste = este)  
E quem for louçana, como nós, louçanas, (louçana = formosa)  
Se amigo amar,  
So aqueste ramo destas avelanas (avelanas = avelaneiras)  
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos, (mentr'al = enquanto outras coisas)

So aqueste ramo frolido bailemos,  
E quem bem parecer, como nós parecemos (bem parecer = tiver belo aspecto)

Se amigo amar,  
So aqueste ramo so lo que bailemos  
Verrá bailar.

Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

17. (UNESP - ADAPTADA) As cantigas que focalizam temas amorosos apresentam-se em dois gêneros na poesia trovadoresca: as “cantigas de amor”, em que o eu-poemático representa a figura do namorado (o “amigo”), e as “cantigas de amigo”, em que o eu-poemático representa a figura da mulher amada (a “amiga”) falando de seu amor ao “amigo”, por vezes dirigindo-se a ele ou dialogando com ele, com outras “amigas” ou, mesmo, com um confidente (a mãe, a irmã, etc.). De posse desta informação, classifique a cantiga de Airas Nunes em um dos dois gêneros, apresentando a justificativa dessa resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

SEDIA LA FREMOSA SEU SIRGO TORCENDO

Estêvão Coelho

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,  
Sa voz manselinha fremoso dizendo  
Cantigas d'amigo.

Sedia la fremosa seu sirgo lavrando,  
Sa voz manselinha fremoso cantando  
Cantigas d'amigo.

- Par Deus de Cruz, dona, sey que avedes  
Amor muy coychado que tan ben dizedes  
Cantigas d'amigo.

Par Deus de Cruz, dona, sey que andades  
D'amor muy coyitada que tan ben cantades  
Cantigas d'amigo.

- Avuytor comestes, que adivinhades.  
(Cantiga n.º. 321 - *CANC. DA VATICANA.*)

ESTAVA A FORMOSA SEU FIO TORCENDO  
(paráfrase de Cleonice Berardinelli)

Estava a formosa seu fio torcendo,  
Sua voz harmoniosa, suave dizendo  
Cantigas de amigo.

Estava a formosa sentada, bordando,  
Sua voz harmoniosa, suave cantando  
Cantigas de amigo.

- Por Jesus, senhora, vejo que sofreis  
De amor infeliz, pois tão bem dizeis  
Cantigas de amigo.

Por Jesus, senhora, eu vejo que andais  
Com penas de amor, pois tão bem cantais  
Cantigas de amigo.

- Abutre comeste, pois que adivinhais.  
(In BERARDINELLI, Cleonice. *CANTIGAS DE TROVADORES  
MEDIEVAIS EM PORTUGUÊS MODERNO*. Rio de Janeiro:  
Organ. Simões, 1953, p. 58-59.)

18. (UNESP) O paralelismo é um dos recursos estilísticos mais comuns na poesia lírico-amorosa trovadoresca. Consiste na ênfase de uma ideia central, às vezes repetindo expressões idênticas, palavra por palavra, em séries de estrofes paralelas. A partir destas observações, releia o texto de Estêvão Coelho e responda:
- O poema se estrutura em quantas séries de estrofes paralelas? Identifique-as.
  - Que ideias centrais são enfatizadas em cada série paralelística?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
AUTO DA LUSITÂNIA

Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador,  
e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe  
perdeu; e logo após ele um homem, vestido como  
pobre. Este se chama Ninguém, e diz:

- Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo:  
- Mil cousas ando a buscar:  
delas não posso achar,  
porém ando perfiando,  
por quão bom é perfiar.  
Ninguém:  
- Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo:  
- Eu hei nome Todo o Mundo,  
e meu tempo todo inteiro  
sempre é buscar dinheiro,  
e sempre nisto me fundo.

Ninguém:  
- E eu hei nome Ninguém,  
e busco a consciência.

(Berzebu para Dinato)  
- Esta é boa experiência!  
Dinato, escreve isto bem.

Dinato:  
- Que escreverei, companheiro?

Berzebu:  
- Que Ninguém busca consciência  
e Todo o Mundo dinheiro.

(Ninguém para Todo o Mundo)  
- E agora que buscas lá?

Todo o Mundo:  
- Busco honra muito grande.

Ninguém:  
- E eu virtude, que Deus mande  
que tope co ela já.

(Berzebu para Dinato)  
- Outra adição nos acude:  
escreve aí, a fundo,  
que busca honra Todo o Mundo,  
e Ninguém busca virtude.

Ninguém:  
- Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo:  
- Busco mais quem me louvasse  
tudo quanto eu fizesse.

Ninguém:  
- E eu quem me repreendesse  
em cada cousa que errasse.

(Berzebu para Dinato)  
- Escreve mais.

Dinato:  
- Que tens sabido?

Berzebu:  
- Que quer em extremo grado  
Todo o Mundo ser louvado,  
e Ninguém ser repreendido.(...)

(VICENTE, Gil. Farsa Chamada "Auto da Lusitânia".  
In: *Obras de Gil Vicente*. Porto:  
Lello & Irmão, 1965, pp. 452-453.)

19. (UNESP - ADAPTADA) Na cena da farsa AUTO DA LUSITÂNIA atuam os personagens Todo o Mundo e Ninguém, e, intercaladamente, Berzebu e Dinato. Os diálogos entre estes dois últimos estabelecem uma ambiguidade semântica com respeito aos dois primeiros. Leia o texto e responda:
- Qual personagem se responsabiliza diretamente por promover a ambiguidade?
  - Explique a ambiguidade que adquirem os nomes Todo o Mundo e Ninguém.
20. (UNICAMP) Os excertos abaixo foram extraídos do *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente.

(...) **FIDALGO:** Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.

**DIABO:** (...) E tu viveste a teu prazer, cuidando cá quarecer por que rezem lá por ti!...(...)

**ANJO:** Que querês?

**FIDALGO:** Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do paraíso é esta em que navegais.

**ANJO:** Esta é; que me demandais?

**FIDALGO:** Que me leixês embarcar, sô fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

**ANJO:** Não se embarca tirania neste batel divinal.

**FIDALGO:** Não sei por que haveis por mal Que entr'a minha senhoria.

**ANJO:** Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.

**FIDALGO:** Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia? (...)

**ANJO:** Não vindes vós de maneira pera ir neste navio.

Essoutro vai mais vazio:

a cadeira entrará

e o rabo caberá

e todo vosso senhorio.

Vós irês mais espaçoso

com fumosa senhoria,

cuidando na tirania

do pobre povo queixoso;

e porque, de generoso,

desprezastes os pequenos,

achar-vos-eis tanto menos

quanto mais fostes fumoso. (...)

**SAPATEIRO:** (...) E pera onde é a viagem?

**DIABO:** Pera o lago dos danados.

**SAPATEIRO:** Os que morrem confessados, onde têm sua passagem?

**DIABO:** Nom cures de mais linguagem!

Esta é a tua barca, esta!

(...) E tu morreste excomungado:

não o quiseste dizer.

Esperavas de viver,

calaste dous mil enganoso...

tu roubaste bem trint'anos

o povo com teu mester. (...)

**SAPATEIRO:** Pois digo-te que não quero!

**DIABO:** Que te pês, hás-de ir, si, si!

**SAPATEIRO:** Quantas missas eu ouvi, não me hão elas de prestar?

**DIABO:** Ouvir missa, então roubar, é caminho per'aqui.

(Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*, em Cleonice Berardinelli (org.), *Antologia do teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p. 57-59 e 68-69.)

a) Por que razão específica o fidalgo é condenado a seguir na barca do inferno? E o sapateiro?

b) Além das faltas específicas desses personagens, há uma outra, comum a ambos e bastante praticada à época, que Gil Vicente condena. Identifique essa falta e indique de que modo ela aparece em cada um dos personagens.

## GABARITO

---

1. B      2. C      3. D      4. C      5. A  
6. C      7. D      8. A      9. B      10. C  
11. C     12. E     13. D     14. B     15. C

16.

Classifica-se o texto de João Garcia como cantiga satírica de escárnio, pois há uma **sátira indireta, sutil, na qual evita-se citar o nome da pessoa-alvo da zombaria** “E vedes como vos quero loar: / Dona fea, velha e sandia!”

17.

A cantiga pode ser classificada como um tipo de “Cantiga de Amigo” conhecido como “Bailia ou Bailada das Avelaneiras”. Características que evidenciam esta classificação são: presença do eu-lírico feminino, referência ao amado (Se amigo amar), insinuação de sensualidade, paralelismo e refrão.

18.

- a) Em duas séries: as duas primeiras estrofes (uma série) e as duas estrofes seguintes (outra série).  
b) Na primeira são enfatizados os afazeres da mulher; na segunda, o seu sofrimento.

19.

- a) Berzebu.  
b) No texto, os nomes Todo o Mundo e Ninguém podem ser entendidos como pronomes indefinidos, saindo do caráter individual para o geral.

20.

- a) As personagens desta obra são divididas em dois grupos: as alegóricas e as personagens-tipo. No primeiro grupo inserem-se o Anjo e o Diabo, representando respectivamente o Bem e o Mal, o Céu e o Inferno. No segundo grupo incluem-se todas as restantes, nomeadamente o fidalgo D. Anrique e o sapateiro Joanantão, personagens que, como todas as outras, trazem elementos simbólicos que representam os seus pecados na vida terrena e dos quais não conseguiram libertar-se. O fidalgo veste um longo manto vermelho e vem acompanhado de um criado que porta uma cadeira, elementos que simbolizam a vaidade e a arrogância. O sapateiro transporta o avental e formas para fazer sapatos, símbolos da exploração interesseira da classe burguesa comercial.

- b) Tanto o fidalgo quanto o sapateiro acreditavam que os rituais recomendados pela igreja católica para salvação da alma eram garantia absoluta para entrar no Paraíso, o que é desmentido pelo diabo. O fidalgo usa o argumento de que deixou na terra alguém que reza por ele (“Que leixo na outra vida /quem reze sempre por mi”) e o sapateiro alega que o fato de ter ouvido missas e ter se confessado antes de morrer lhe assegurariam a entrada no Céu (“Os que morrem confessados, /onde têm sua passagem?”, “Quantas missas eu ouvi, /não me hão elas de prestar?”).

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
5

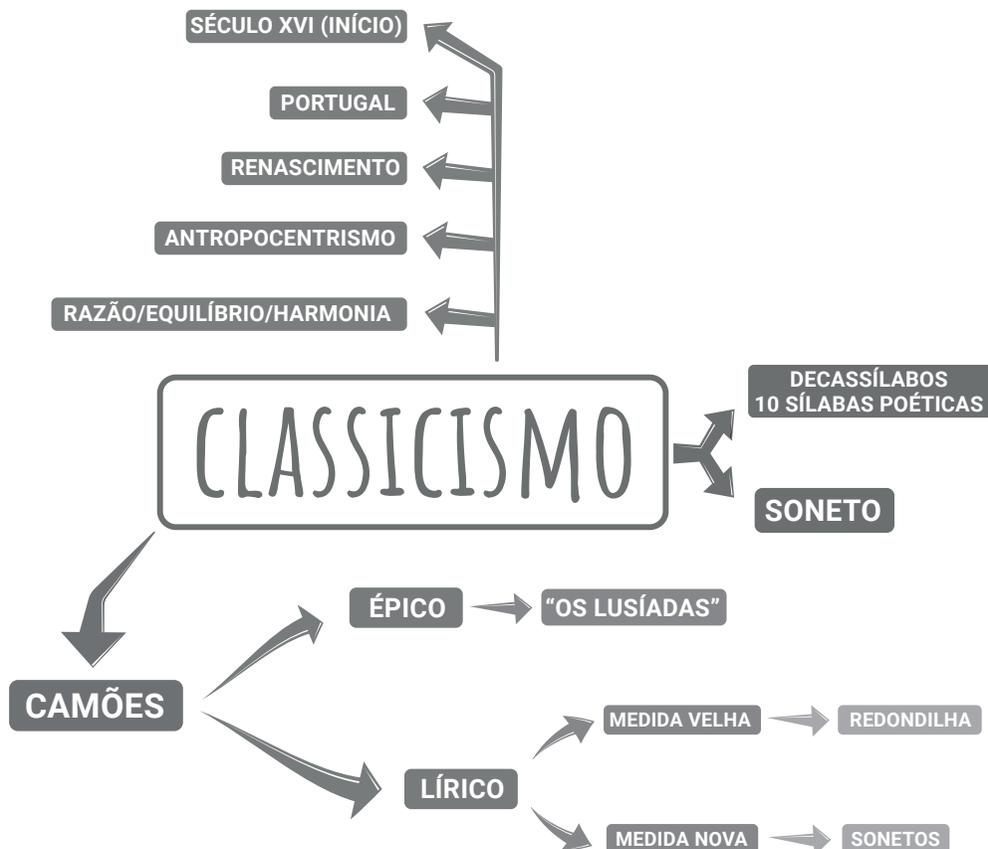
Habilidade(s):  
15, 16 e 17

## AULAS 5 e 6

### VOCÊ DEVE SABER!

- Características do Renascimento
- Como as relações sociais do feudalismo se relacionam com a vassalagem amorosa
- O que é Antropocentrismo
- Importância da valorização da razão para o Classicismo
- O que é a medida nova
- O que é o soneto
- Características da produção épica de Camões
- Características da produção lírica em medida velha de Camões
- Características da produção lírica em medida nova de Camões

### MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

1. **(PUCRS MEDICINA 2022)** Luís Vaz de Camões (1524-1580) foi um poeta do Classicismo português, autor da epopeia *Os Lusíadas* (1572). O poema a seguir faz parte de sua produção lírica.

### Ao desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar  
No Mundo graves tormentos;  
E para mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assim  
O bem tão mal ordenado,  
Fui mau, mas fui castigado.  
Assim que, só para mim,  
Anda o Mundo concertado.

Adaptado de: BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Cátedra Padre Antônio Vieira, Instituto Camões, 2000. pp. 164-165.

Sobre o poema em questão, assinale a alternativa correta.

- Ao empregar a forma do soneto, o autor busca vincular-se a poetas fundamentais da tradição italiana, como Dante e Petrarca.
- Ao apresentar o mundo dividido entre os “bons” e os “maus”, o eu lírico reflete a visão maniqueísta do período medieval e aponta a importância de se agir de acordo com as normas morais e religiosas.
- Ao tratar do tema do “desconcerto do mundo”, o eu lírico registra a impotência do indivíduo diante de uma realidade vista como injusta e incoerente.
- Ao aproximar-se da reflexão filosófica, o poema abre mão de recursos usuais do discurso poético, como a metrificação regular e o uso de esquemas de rimas.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

“Busque Amor novas artes, novo engenho para matar-me, e novas esquivações; que não pode tirar-me as esperanças que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho! vede que perigosas seguranças: que não temo contrastes nem mudanças andando em bravo mar perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto onde esperança falta, lá me esconde Amor um mal, que mata e não se vê;

que dias há que na alma me tem posto um não sei quê, que nasce não sei onde vem não sei como e dói não sei porquê.”

2. **(FUVEST-GV)** Relido o poema de dois quartetos e dois tercetos com versos decassílabos heroicos e esquema rímico abba - abba - cde - cde, e considerada a elaboração estética da linguagem com que é tratado o tema, assinalar a alternativa que nomeia que tipo de poema é, o seu autor e o movimento literário em que este se enquadra:
- redondilha Gil Vicente - Humanismo
  - soneto - Camões - Classicismo
  - soneto - Gregório de Matos - Barroco
  - lira - Cláudio Manuel da Costa - Arcadismo
  - lira - Camões - Maneirismo

3. **(FUVEST)** “Já vai andando a rédua dos homens de Arganil, acompanham-nos até fora da vila as infelizes, que vão clamando, qual em cabelo, Ó doce e amado esposo, e outra protestando, Ó filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha, não se acabavam as lamentações, tanto que os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade (...).”  
(J. SARAGAMO, ‘Memorial do convento’)

Em muitas passagens do trecho transcrito, o narrador cita textualmente palavras de um episódio de “Os Lusíadas”, visando a criticar o mesmo aspecto da vida de Portugal que Camões, nesse episódio, já criticava. O episódio camoniano citado e o aspecto criticado são, respectivamente,

- O Velho do Restelo; a posição subalterna da mulher na sociedade tradicional portuguesa.
- Aljubarrota; a sangria populacional provocada pelos empreendimentos coloniais portugueses.
- Aljubarrota; o abandono dos idosos decorrente dos empreendimentos bélicos, marítimos e suntuários.
- O Velho do Restelo; o sofrimento popular decorrente dos empreendimentos dos nobres.
- Inês de Castro; o sofrimento feminino causado pelas perseguições da Inquisição.

## 4. (MACKENZIE)

Texto 1:

“Sôbolos rios que vão  
Por Babilônia, me achei,  
Onde sentado chorei  
as lembranças de Sião  
E quanto nela passei.”

Texto 2:

“Enquanto quis Fortuna que tivesse  
Esperança de algum contentamento,  
O gosto de um suave pensamento  
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse  
Minha escritura a algum juízo isento  
Escureceu-me o engenho ao tormento,  
Para que seus enganões não dissesse.  
Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos  
A diversas vontades! Quando lerdes  
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são e não defeitos.  
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento de meus versos.”

Sobre os textos acima, é correto afirmar que:

- o primeiro faz parte de uma cantiga trovadoresca.
- ambos pertencem à obra de Camões, sendo o primeiro um exemplo de medida velha e o segundo, de medida nova.
- o primeiro foi extraído de um auto vicentino e o segundo, de um autor barroco.
- pertencem ao Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.
- têm aspectos evidentemente barrocos, fazendo parte, portanto, da lírica de Gregório de Matos.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

CANTIGA

Vi chorar uns claros olhos  
Quando deles me partia.  
Oh! que mágoa! Oh! que alegria

VOLTAS

(...)  
O bem que Amor me não deu,  
No tempo que o desejei,  
Quando dele me apartei,  
Me confessou que era meu.

Agora que farei eu,  
Se a fortuna me desvia  
De lograr esta alegria?  
(Camões - Lírica)

Mudando andei costume, terra e estado,  
Por ver se se mudava a sorte dura;  
A vida pus nas mãos de um leve lenho.  
Mas, segundo o que o Céu me tem mostrado,  
Já sei que deste meu buscar ventura  
Achado tenho já que não a tenho.

(Camões - Lírica)

- (UFJF) A partir da leitura dos dois fragmentos, assinale a afirmativa **INACEITÁVEL**:
  - Há diversidade formal e temática na lírica de Camões, devido à sua relação tanto com a tradição popular quanto com a cultura clássica.
  - Nos dois textos encontramos a ação do destino se opondo à felicidade do poeta.
  - A expressão “fortuna”, do primeiro fragmento, é equivalente, no plano semântico, à expressão “ventura”, do segundo.
  - A forma do primeiro fragmento expressa a relação entre a lírica de Camões e a tradição poética medieval peninsular.
  - O terceiro verso do segundo fragmento é uma metáfora clara da instabilidade da vida do poeta.
- (FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmação seguinte:  
O movimento desenvolveu-se no apogeu político de Portugal; consiste numa concepção artística baseada na imitação dos modelos clássicos gregos e latinos. Nele, o pensamento lógico predomina sobre a emoção, e a estrutura da composição poética obedece a formas fixas, com a introdução da medida nova, que convive com a medida velha das formas tradicionais.  
Trata-se de:
  - Modernismo.
  - Barroco.
  - Romantismo.
  - Classicismo.
  - Realismo.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I)

### 1. (IFSP) São características das obras do Classicismo:

- a) o individualismo, a subjetividade, a idealização, o sentimento exacerbado.
- b) o egocentrismo, a interação da natureza com o eu, as formas perfeitas.
- c) o contraste entre o grotesco e o sublime, a valorização da natureza, o escapismo.
- d) a observação da realidade, a valorização do eu, a perfeição da natureza.
- e) a retomada da mitologia pagã, a pureza das formas, a busca da perfeição estética.

### 2. (UNICAMP 2022)

Na ribeira do Eufrates assentado,  
Discorrendo me achei pela memória  
Aquele breve bem, aquela glória,  
Que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado  
Me foi: Como não cantas a história  
De teu passado bem e da vitória  
Que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece  
O mal, inda que grave e rigoroso?  
Canta, pois, e não chores dessa sorte.

Respondi com suspiros: Quando cresce  
A muita saudade, o piedoso  
Remédio é não cantar senão a morte.

(Luís de Camões, *20 sonetos*. Org. Sheila Hue. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p.113).

Considerando as características formais e o núcleo temático, é correto afirmar que o poema retoma o dito popular

- a) "longe dos olhos, perto do coração".
- b) "mais vale cantar mal que chorar bem".
- c) "a cada canto seu Espírito Santo".
- d) "quem canta seus males espanta".

### 3. (UNICAMP 2021)

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança:  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança:  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto,  
Que não se muda já como soía\*.  
(Luís Vaz de Camões)

\*soía: terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo do verbo "soer" (costumar, ser de costume).

(Luís de Camões, *20 sonetos*. Campinas: Editora da Unicamp, p.91.)

Indique a afirmação que se aplica ao soneto escrito por Camões.

- a) O poema retoma o tema renascentista da mudança das coisas, que o poeta sente como motivo de esperança e de fé na vida.
- b) A ideia de transformação refere-se às coisas do mundo, mas não afeta o estado de espírito do poeta, em razão de sua crença amorosa.
- c) Tudo sempre se renova, diferentemente das esperanças do poeta, que acolhem suas mágoas e saudades.
- d) Não apenas o estado de espírito do poeta se altera, mas também a experiência que ele tem da própria mudança.

### 4. (UNICAMP 2021) Leia o poema e responda à questão que se segue.

A fermosura desta fresca serra  
e a sombra dos verdes castanheiros,  
o manso caminhar destes ribeiros,  
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha terra,  
o esconder do Sol pelos outeiros,  
o recolher dos gados derradeiros,  
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza  
com tanta variedade nos oferece,  
se está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;  
sem ti, perpetuamente estou passando,  
nas mores alegrias, mor tristeza.

É correto afirmar que, no soneto de Camões,

- a) a beleza natural aborrece o eu lírico, uma vez que se transforma em objeto de suas maiores tristezas.
- b) a variedade da paisagem está em harmonia com o sentimento do eu lírico porque a relação amorosa é imperfeita.

- c) a harmonia da natureza consola o eu lírico das imperfeições da vida e da ausência da pessoa amada.  
 d) a singularidade da natureza entristece o eu lírico quando ele está distante da pessoa amada.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**O dia em que nasci moura e pereça**

O dia em que nasci moura e pereça,  
 Não o queira jamais o tempo dar;  
 Não torne mais ao Mundo, e, se tornar,  
 Eclipse nesse passo o Sol padeça.

A luz lhe falte, O Sol se [lhe] escureça,  
 Mostre o Mundo sinais de se acabar,  
 Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,  
 A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,  
 As lágrimas no rosto, a cor perdida,  
 Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,  
 Que este dia deitou ao Mundo a vida  
 Mais desgraçada que jamais se viu!

CAMÕES, Luís Vaz de. *200 sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

5. (UFJF-PISM 3) No poema de Camões a visão de mundo expressa pelo eu lírico está baseada na ideia de:
- alegria de viver.
  - valorização da natureza.
  - sentimento órfico.
  - manifestação divina.
  - desconcerto do mundo.
6. (UFJF-PISM 3) No poema é possível localizar uma crise do humanismo renascentista que se expressa de forma:
- realista.
  - fatalista.
  - romântica.
  - otimista.
  - idealista.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

[...] o professor e escritor português Helder Macedo, que, no ensaio *Camões e a viagem iniciática*, irá contestar a teoria da castidade do poeta Camões, argumentando que o autor Luís de Camões, à frente do seu tempo, teria, na verdade, procurado e desenvolvido uma nova filosofia na qual os valores até então inconciliáveis do homem (o corpo e a alma) pudessem, na sua poesia, finalmente se combinar.

Ora, Camões estava, sim, inserido numa Europa quinhentista, que ainda apresentava como grandes ícones poéticos os renascentistas italianos Dante e Petrarca, que, como dissemos, eram defensores do amor não carnal e em cujos versos a figura feminina era via de regra vista como símbolo de pureza. Entretanto, se estes dois poetas aprovisionam o seu fazer poético de um caráter platônico indubitável (e não o fazem apenas na arte, mas também na vida, haja vista as biográficas paixões inalcançáveis que estes nutriam pelas mulheres que se tornariam as suas respectivas musas poéticas: *Beatriz e Laura*), a mesma certeza não se pode ter em relação ao poeta português. Isto porque viver na Europa quinhentista não faz necessariamente de Luís de Camões um quinhentista genuíno, no sentido ideológico e não temporal da palavra, não insere obrigatoriamente Camões no pensamento do seu tempo, a coadunar, parcial ou totalmente, com a visão de mundo vigente. E serão estas duas possibilidades, estes inegociáveis **estar e não estar** camonianos em sua época, que provocarão as dubiedades semânticas que podemos observar com frequência nas leituras críticas de sua poesia.

Marcelo Pacheco Soares, *Camões & Camões ou Pede o desejo, Camões, que vos leia*. <[http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/46/01\\_Vol2\\_V00S2009\\_CL20](http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/46/01_Vol2_V00S2009_CL20)>.

7. (ESPM) Baseando-se no texto, pode-se afirmar que:
- o professor e escritor português citado discorda de uma teoria filosófica nova desenvolvida por Camões.
  - a mulher, no quinhentismo, era vista, contrariando a regra, como um ser idealizado, puro, inalcançável.
  - Camões produziu obras biográficas cujas fontes de inspirações poéticas eram as figuras femininas.
  - Camões não seguiu rigidamente os cânones renascentistas da época: o platonismo e o petrarquismo.
  - paira uma incerteza sobre a genuína influência da filosofia platônica nos clássicos renascentistas Dante e Petrarca.
8. (ESPM) Ainda segundo o texto:
- Camões não se enquadra cronologicamente no quinhentismo, mas sim ideologicamente.
  - alvos da crítica literária, as contradições semânticas são frequentes na produção poética camonianiana.
  - Camões produziu uma teoria da castidade, ao defender o amor puro, não material, não carnal.
  - a busca da conciliação entre matéria e espírito, corpo e alma, é um traço típico da lírica camonianiana.
  - a consciência das tensões entre corpo e alma, “estar” e “não estar”, faz de Camões um poeta à frente de seu tempo.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS DUAS QUESTÕES:

Leia o soneto "Alma minha gentil, que te partiste", do poeta português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no Céu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
alguma coisa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
quão cedo de meus olhos te levou.

*Sonetos, 2001.*

9. (UNESP) No soneto, o eu lírico
- suplica a Deus que suas memórias afetivas lhe sejam subtraídas.
  - expressa o desejo de que sua amada seja em breve restituída à vida.
  - expressa o desejo de que sua própria vida também seja abreviada.
  - suplica a Deus que sua amada também se liberte dos sofrimentos terrenos.
  - lamentava que sua própria conduta tenha antecipado a morte da amada.
10. (UNESP) De modo indireto, o soneto camoniano acaba também por explorar o tema da
- falsidade humana.
  - indiferença divina.
  - desumanidade do mundo.
  - efemeridade da vida.
  - falibilidade da memória.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Leia o soneto de Luís de Camões.

Enquanto quis Fortuna<sup>1</sup> que tivesse  
Esperança de algum contentamento,  
O gosto de um suave pensamento<sup>2</sup>  
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor<sup>3</sup> que aviso desse  
Minha escritura a algum juízo isento<sup>4</sup>,  
Escureceu-me o engenho<sup>5</sup> com tormento,  
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos  
A diversas vontades, quando lerdos  
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são, e não defeitos<sup>6</sup>,  
E sabeí que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento de meus versos.

*(Luís de Camões. 20 sonetos, 2018.)*

<sup>1</sup>**Fortuna:** entidade mítica que presidia a sorte dos homens.

<sup>2</sup>**suave pensamento:** sentimento amoroso.

<sup>3</sup>**Amor:** entidade mítica que personifica o amor.

<sup>4</sup>**juízo isento:** os inocentes do amor, aqueles que nunca se apaixonaram.

<sup>5</sup>**engenho:** talento poético, inspiração.

<sup>6</sup>**defeitos:** inverdades, fantasia.

11. (UNESP 2022) No soneto, Amor teme que
- o eu lírico perca sua inspiração.
  - a poesia do eu lírico não seja sincera.
  - a poesia do eu lírico não seja compreendida.
  - o eu lírico esqueça sua amante.
  - o eu lírico divulgue seus enganos.
12. (ESPCEX (AMAN)) Leia o soneto a seguir e marque a alternativa correta quanto à proposição apresentada.

Se amor não é qual é este sentimento?  
Mas se é amor, por Deus, que cousa é a tal?  
Se boa por que tem ação mortal?  
Se má por que é tão doce o seu tormento?

Se eu ardo por querer por que o lamento  
Se sem querer o lamentar que val?  
Ó viva morte, ó deleitoso mal,  
Tanto podés sem meu consentimento.

E se eu consinto sem razão pranteio.  
A tão contrário vento em frágil barca,  
Eu vou por alto-mar e sem governo.

É tão grave de error, de ciência é parca  
Que eu mesmo não sei bem o que eu anseio  
E tremo em pleno estio e ardo no inverno.

O artista do Classicismo, para revelar o que está no universo, adota uma visão

- subjetiva.
- idealista.
- racionalista.
- platônica.
- negativa.

13. **(PUCRS)** Leia o poema a seguir, de Luís de Camões.

Transforma-se o amator na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,  
que, como o acidente em seu sujeito,  
assim coa alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;  
[e] o vivo e puro amor de que sou feito,  
como a matéria simples busca a forma.

Com base no poema e em seu contexto, afirma-se:

- I. Criado no século XVI, o poema apresenta um eu lírico que reflete sobre o amor e sobre os efeitos desse sentimento no ser apaixonado.
- II. Camões é também o criador de *Os Lusíadas*, a mais famosa epopeia produzida em língua portuguesa, que tem como grande herói o povo português, representado por Vasco da Gama.
- III. Uma das características composicionais do poema é a presença de inversões sintáticas.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

14. **(ENEM) LXXVIII** (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,  
Que representa em terra um paraíso;  
Entre rubis e perlas doce riso;  
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;

Presença moderada e graciosa,  
Onde ensinando estão despejo e siso  
Que se pode por arte e por aviso,  
Como por natureza, ser fermosa;

Fala de quem a morte e a vida pende,  
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;  
Repouso nela alegre e comedido:

Estas as armas são com que me rende  
E me cativa Amor; mas não que possa  
Despojar-me da glória de rendido.

CAMÕES, L. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.



SANZIO, R. (1483-1520). *A mulher com o unicórnio*. Roma, Galleria Borghese.

Disponível em: [www.arquipelagos.pt](http://www.arquipelagos.pt). Acesso em: 29 fev. 2012.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- a) apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- b) valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- c) apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- d) desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- e) apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.

15. (ESPM 2019)



*Tanto de meu estado me acho incerto,  
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;  
Sem causa, juntamente choro e rio,  
O mundo todo abarco e nada aperto.*

*É tudo quanto sinto, um desconcerto;  
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;  
Agora espero, agora desconfio,  
Agora desvario, agora acerto.*

*Estando em terra, chego ao Céu voando,  
Numa hora acho mil anos, e é de jeito  
Que em mil anos não posso achar uma hora.*

*Se me pergunta alguém porque assi ando,  
Respondo que não sei; porém suspeito  
Que só porque vos vi, minha Senhora.*

(Luís Vaz de Camões)

Assinale a afirmação **incorreta** sobre o texto.

- Trata-se de um soneto de versos decassílabos, típico poema da medida nova praticada no Classicismo renascentista.
- Estados paradoxais do eu lírico, como “choro e rio” ao mesmo tempo, ou “em vivo ardor tremendo estou de frio”, classificam o poema no Maneirismo, pois prenunciam elementos típicos do Barroco.
- A exaltação ao amor e à mulher idealizada faz com que o eu poético passe por experiências extremadas ou hiperbólicas, como na terceira estrofe.
- A solenidade do texto ao tematizar uma mulher inspiradora de encantamento transparece, por exemplo, no uso da expressão “Senhora” com inicial maiúscula.
- O conjunto de sensações corporais opostas e a provocação de um estado mental e espiritual contraditórios não valeram a pena para o poeta, pois este só conseguiu ver a amada.

16. (UNICAMP) Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões.

Enquanto quis Fortuna que tivesse  
esperança de algum contentamento,  
o gosto de um suave pensamento  
me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse  
minha escritura a algum juízo isento,  
escureceu-me o engenho com tormento,  
para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos  
a diversas vontades! Quando lerdes  
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos...  
E sabeí que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento de meus versos!

Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acessado em 02/08/2016.

- Nos dois quartetos do soneto acima, duas divindades são contrapostas por exercerem um poder sobre o eu lírico. Identifique as duas divindades e explique o poder que elas exercem sobre a experiência amorosa do eu lírico.
- Um soneto é uma composição poética composta de 14 versos. Sua forma é fixa e seus últimos versos encerram o núcleo temático ou a ideia principal do poema. Qual é a ideia formulada nos dois últimos versos desse soneto de Camões, levando-se em consideração o conjunto do poema?

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” do poeta português Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da 'esperança;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem – se algum houve –, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria,  
e enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
outra mudança faz de <sup>2</sup>mor espanto:  
que não se muda já como <sup>3</sup>soía.

*Sonetos*, 2001.

<sup>1</sup>**esperança:** esperado.

<sup>2</sup>**mor:** maior.

<sup>3</sup>**soer:** costumar (soía: costumava).

17. (UNESP - ADAPTADA) A sinestesia (do grego *syn*, que significa “reunião”, “junção”, “ao mesmo tempo”, e *aisthesis*, “sensação”, “percepção”) designa a transferência de percepção de um sentido para outro, isto é, a fusão, num só ato perceptivo, de dois sentidos ou mais.

(Massaud Moisés. *Dicionário de termos literários*, 2004. Adaptado.)

Transcreva o verso em que se verifica a ocorrência de sinestesia. Justifique sua resposta.

18. (UNESP) Em um determinado trecho do soneto, o eu lírico assinala a passagem de uma estação do ano para outra. Transcreva os versos em que isso ocorre e identifique as estações a que eles fazem referência. Para o eu lírico, tal passagem constitui um evento apazível? Justifique sua resposta.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

### Soneto 168

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,  
A força, a arte, a manha, a fortaleza;  
O tempo acaba a fama e a riqueza,  
O tempo o mesmo tempo de si chora;

O tempo busca e acaba o onde mora  
Qualquer ingratidão, qualquer dureza;  
Mas não pode acabar minha tristeza,  
Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro  
E o mais ledo prazer em choro triste;  
O tempo, a tempestade em grão bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro  
O peito de diamante, onde consiste  
A pena e o prazer desta esperança.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro:  
Nova Aguilar, 2003, p. 545.

19. (UFJF-PISM 3) A posição da mulher em relação ao eu lírico, no “Soneto 168”, de Camões, baseia-se em uma tradição poética que também encontra ecos no Romantismo. Explique, com base nessa afirmação, como a figura feminina é retratada no texto.

20. (UFJF-PISM 3) Explique em que consiste a “esperança” do eu lírico, mencionada no último verso do “Soneto 168”, de Camões.

## GABARITO

---

1. E      2. D      3. D      4. D      5. E  
6. B      7. D      8. E      9. C      10. D  
11. E     12. C     13. E     14. C     15. E

16.

- a) Nos dois quartetos do soneto “Enquanto quis Fortuna que tivesse”, o eu lírico menciona duas divindades, Fortuna e Amor, que irão interferir na sua experiência amorosa. Enquanto Fortuna (destino) permitiu que mantivesse esperanças de vir a ser feliz, o eu lírico teve inspiração para compor poemas, o que lhe foi negado assim que o Amor se instalou nele e, por temer que alguma revelação negativa sobre ele poderia ser divulgada, lhe tirou a capacidade de inspiração.
- b) Os dois últimos versos do soneto são uma advertência do eu lírico às vítimas do Amor para que entendam que os seus poemas terão tanto mais sentido para os leitores, quanto mais profunda tiver sido a sua experiência amorosa.

17.

No verso “e enfim converte em choro o doce canto”, ocorre a sinestesia, transferência de percepção do sentido gustativo (doce) para o auditivo (canto).

18.

Nos dois primeiros versos do primeiro terceto (“O tempo cobre o chão de verde manto,/que já coberto foi de neve fria”), o eu lírico assinala metonimicamente a passagem de uma estação do ano para outra, em que “verde manto” remete à primavera e “neve fria” ao inverno. Ao mencionar no terceiro verso da mesma estrofe que o tempo “converte em choro o doce canto”, depreende-se que o eu lírico associa a mudança das estações à oscilação contínua de sensações que se operam nele: a positiva, evento aprazível de alegria, associada à primavera (doce canto) e a negativa, de tristeza, associada à tristeza (neve fria).

19.

Na lírica de Camões, vemos a mulher retratada de maneira idealizada e distante. O eu lírico chora pelo seu amor não correspondido, mas sonha com o dia em que ela poderá correspondê-lo. No romantismo, também observamos essa idealização da figura feminina, que é tida como musa distante de um amor muitas vezes impedido.

20.

Na segunda estrofe, o eu lírico revela com quem conversa, uma Senhora que tem o poder de acabar com a sua tristeza quando quiser. Assim, o eu lírico mostra que se sente triste por uma não correspondência amorosa com essa senhora. Dessa forma, resta mostrar-se esperançoso de que com o passar do tempo a senhora se tornará menos dura e corresponderá ao seu amor.

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
1 e 8

Habilidade(s):  
1, 2, 3 e 27

# AULAS 7 e 8

## Você DEVE SABER!

- Motivos pelos quais o Quinhentismo não é uma escola literária
- Como o encontro entre europeus e nativos das américas ficou registrado em textos
- Quem eram os autores dos textos de literatura de informação
- O que é a medida nova
- Quais as características dos textos de informação de circulação restrita
- Quais as características dos textos de informação de circulação ampla
- Quais as características da literatura de catequese
- Características fundamentais da obra de José de Anchieta

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

1. **(UCS 2021 - ADAPTADA)** No contexto das grandes navegações e descobertas territoriais ocorridas no Período denominado Quinhentismo, a Carta de Pero Vaz de Caminha, cujo título oficial é *Carta a El-Rei Dom Manoel sobre o achamento do Brasil*, é o primeiro texto escrito, no e sobre o Brasil. Seu autor era escrivão oficial do rei de Portugal na esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, que chegou ao litoral baiano em 22 de abril de 1500.

O trecho abaixo faz parte da Carta.

“E nesse dia, a horas de véspera, houve vista de terra, a saber: primeiramente, de um grande monte mui alto e redondo; de outras serras mais baixas, ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal –, à terra, a Terra da Vera Cruz”.

Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-carta-de-caminha->. Acesso em: 22 abr. 2021. (Parcial e adaptado.)

Em relação à literatura produzida durante o Quinhentismo no Brasil, assinale a alternativa correta.

- a) Configurou-se como uma manifestação cultural e religiosa tipicamente brasileira, independente dos vínculos europeus. Tinha como principal representante o escrivão português e padre jesuíta Antonio Vieira, que se tornou defensor dos povos indígenas.
- b) Era apreciada por um público patriota e religioso, uma vez que a literatura informativa exaltava o processo de colonização; e, a literatura religiosa, representada pelo jesuíta José de Anchieta, avalizava, em linguagem retórica, os abusos cometidos contra os indígenas.
- c) Tinha por finalidade narrar e descrever as viagens e os primeiros contatos com a terra brasileira e seus nativos. Tais textos retratavam poeticamente o processo de colonização e possuíam um caráter exclusivamente literário.
- d) Possuía alto valor literário e pouco valor histórico, principalmente pelo seu significado como testemunho do espírito aventureiro da expansão marítima e comercial de Portugal.
- e) Há um conjunto de textos denominado “literatura de informação”, que reúne relatos de viagem e outro, “literatura de catequese”, produzida pelos padres jesuítas.

2. **(PUCCAMP)** Se no século XVI a presença de mitos e do *imaginário* fantástico se fazia notar nas artes e na literatura europeia, como em *Os Lusíadas*, de Camões, no Brasil isso não ocorria porque
- a) as tendências literárias mais sistemáticas no país privilegiavam as formas clássicas.
  - b) predominava entre nós a inclinação para as teses do Indianismo.
  - c) nossas manifestações literárias consistiam em descrições informativas e textos religiosos.
  - d) os jesuítas opunham-se a qualquer divulgação de literatura calcada em mitos pagãos.
  - e) não era do interesse do colonizador permitir a difusão da alta cultura europeia entre nós.

3. **(UFSM - ADAPTADA)** Os hábitos alimentares estão entre os principais traços culturais de um povo. Era de se esperar, portanto, que houvesse alguma menção sobre o assunto no primeiro contato entre os portugueses e os nativos, conforme relatado na Carta de Pero Vaz de Caminha. De fato, Caminha escreve a respeito da reação de dois jovens nativos que foram até a caravela de Cabral e que experimentaram alimentos oferecidos pelos portugueses: Deram-lhe[s] de comer: pão e peixe cozido, confeitos, bolos, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada de tudo aquilo. E se provavam alguma coisa, logo a cuspiam com nojo. Trouxeram-lhes vinho numa taça, mas apenas haviam provado o sabor, imediatamente demonstraram não gostar e não mais quiseram. Trouxeram-lhes água num jarro. Não beberam. Apenas bochechavam, lavando as bocas, e logo lançavam fora.

Fonte: CASTRO, Silvio (org.) *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 93.

A partir da leitura do fragmento, são feitas as seguintes afirmativas:

- I. No fragmento, ao dar destaque às reações dos nativos frente à comida e à bebida oferecidas, Caminha registra o comportamento diferenciado deles quanto a itens comuns da alimentação europeia.
- II. No fragmento, percebe-se a antipatia de Caminha pelos nativos, o que se confirma na leitura do restante da carta quanto a outros aspectos dos indígenas, como sua aparência física.
- III. O predomínio de verbos de ação, numa sequência de eventos interligados cronologicamente, confere um teor narrativo ao texto.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas II e III.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

## 4. (ENEM)

## TEXTO I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. "A carta de Pero Vaz de Caminha".  
Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

## TEXTO II



PORTINARI, C. *O descobrimento do Brasil*. 1956.  
Óleo sobre tela, 199 × 169 cm  
Disponível em: [www.portinari.org.br](http://www.portinari.org.br). Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

- a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.

d) as duas produções, embora usem linguagens diferentes — verbal e não verbal —, cumprem a mesma função social e artística.

e) a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

- (IFSP) *A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador.*

(Carta de Pero Vaz de Caminha. [www.dominiopublico.com.br](http://www.dominiopublico.com.br). Acesso em: 04.12. 2012.)

O trecho acima pertence a um dos primeiros escritos considerados como pertencentes à literatura brasileira. Do ponto de vista da evolução histórica, trata-se de literatura

- de informação.
- de cordel.
- naturalista.
- ambientalista.
- árcade.

- (UEL - ADAPTADA) A chamada atividade literária das primeiras décadas de nossa formação histórica caracterizou-se por seu cunho pragmático estrito, seja a circunscrita ao parâmetro jesuítico, seja a decorrente de viagens de reconhecimento e informação da terra.

São representantes dos dois tipos de atividade literária referidos no excerto acima

- Gregório de Matos e Cláudio Manuel da Costa.
- Antônio Vieira e Tomás Antônio Gonzaga.
- José de Anchieta e Pero Vaz de Caminha.
- Bento Teixeira e Gonçalves de Magalhães.
- Basílio da Gama e Gonçalves Dias.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I)

1. **(UFSM)** A *Carta de Pero Vaz de Caminha* é o primeiro relato sobre a terra que viria a ser chamada de Brasil. Ali, percebe-se não apenas a curiosidade do europeu pelo nativo, mas também seu pasmo diante da exuberância da natureza da nova terra, que, hoje em dia, já se encontra degradada em muitos dos locais avisados por Caminha.

Tendo isso em vista, leia o fragmento a seguir.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d'olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

As águas são muitas e infundas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.

CASTRO, Sílvio (org.). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 115-6.

Esse fragmento apresenta-se como um texto

- descritivo, uma vez que Caminha ocupa-se em dar um retrato objetivo da terra descoberta, abordando suas características físicas e potencialidades de exploração.
- narrativo, pois a “Carta” é, basicamente, uma narração da viagem de Pedro Álvares Cabral e sua frota até o Brasil, relatando, numa sucessão de eventos, tudo o que ocorreu desde a chegada dos portugueses até sua partida.
- argumentativo, pois Caminha está preocupado em apresentar elementos que justifiquem a exploração da terra descoberta, os quais se pautam pela confiabilidade e abrangência de suas observações.
- lírico, uma vez que a apresentação hiperbólica da terra por Caminha mostra a subjetividade de seu relato, carregado de emotividade, o que confere à “Carta” seu caráter especificamente literário.

- narrativo-argumentativo, pois a apresentação sequencial dos elementos físicos da terra descoberta serve para dar suporte à ideia defendida por Caminha de exploração do novo território.

2. **(G1 - CFTCE)** No período compreendido entre o descobrimento do Brasil e o ano de 1601, produziu-se, no Brasil, a literatura informativa, cuja temática era:
- a vida dos habitantes nativos.
  - o perfil físico, étnico e cultural da nova terra.
  - o modelo de catequese adotado pelos jesuítas.
  - as aventuras do europeu descobridor.
  - a política predatória de Portugal em relação ao Brasil.
3. **(UDESC)** O movimento literário que retrata as manifestações literárias produzidas no Brasil à época de seu descobrimento, e durante o século XVI, é conhecido como Quinhentismo ou Literatura de Informação.

Analise as proposições em relação a este período.

- A produção literária no Brasil, no século XVI, era restrita às literaturas de viagens e jesuíticas de caráter religioso.
- A obra literária jesuítica, relacionada às atividades catequéticas e pedagógicas, raramente assume um caráter apenas artístico. O nome mais destacado é o do padre José de Anchieta.
- O nome Quinhentismo está ligado a um referencial cronológico — as manifestações literárias no Brasil tiveram início em 1500, época da colonização portuguesa — e não a um referencial estético.
- As produções literárias neste período prendem-se à literatura portuguesa, integrando o conjunto das chamadas literaturas de viagens ultramarinas, e aos valores da cultura greco-latina.
- As produções literárias deste período constituem um painel da vida dos anos iniciais do Brasil colônia, retratando os primeiros contatos entre os europeus e a realidade da nova terra.

Assinale a alternativa **correta**.

- Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- Somente a afirmativa II é verdadeira.
- Somente as afirmativas I, II, III e V são verdadeiras.
- Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.
- Todas as afirmativas são verdadeiras.

## 4. (ENEM PPL) Texto 1

José de Anchieta fazia parte da Companhia de Jesus, veio ao Brasil aos 19 anos para catequizar a população das primeiras cidades brasileiras e, como instrumento de trabalho, escreveu manuais, poemas e peças teatrais.

## Texto 2

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedades e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo.

ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta*. Rio de Janeiro: S.J., 1933, 430-31 p.

A leitura dos textos revela a preocupação de Anchieta com a exaltação da religiosidade. No texto 2, o autor exalta, ainda, a beleza natural do Brasil por meio

- do emprego de primeira pessoa para narrar a história de pássaros e bosques brasileiros, comparando-os aos de Portugal.
- da adoção de procedimentos típicos do discurso argumentativo para defender a beleza dos pássaros e bosques de Portugal.
- da descrição de elementos que valorizam o aspecto natural dos bosques brasileiros, a diversidade e a beleza dos pássaros do Brasil.
- do uso de indicações cênicas do gênero dramático para colocar em evidência a frescura dos bosques brasileiros e a beleza dos rouxinóis.
- do uso tanto de características da narração quanto do discurso argumentativo para convencer o leitor da superioridade de Portugal em relação ao Brasil.

## 5. (UFPA) Todas as alternativas são corretas sobre o Padre José de Anchieta, EXCETO:

- Foi o mais importante jesuíta em atividade no Brasil do século XVI.
- Foi o grande orador sacro da língua portuguesa, com seus sermões barrocos.
- Estudou o tupi-guarani, escrevendo uma cartilha sobre a gramática da língua dos nativos.
- Escreveu tanto uma literatura de caráter informativo como de caráter pedagógico.
- Suas peças apresentam sempre o duelo entre anjos e diabos.

## TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Do Brasil descoberto esperavam os portugueses a fortuna fácil de uma nova Índia. Mas o pau-brasil, única riqueza brasileira de simples extração antes da “corrida do ouro” do início do século XVIII, nunca se pôde comparar aos preciosos produtos do Oriente. (...) O Brasil dos primeiros tempos foi o objeto dessa avidez colonial. A literatura que lhe corresponde é, por isso, de natureza parcialmente superlativa. Seu protótipo é a carta célebre de Pero Vaz de Caminha, o primeiro a enaltecer a maravilhosa fertilidade do solo.

(MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides – Breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 3-4)

## 6. (PUCCAMP) Uma vez que se considere que o conceito de literatura, compreendida como um autêntico sistema, supõe a presença ativa de escritores, a publicação de obras e a resposta de um público, entende-se que

- ainda não ocorreu no Brasil a vigência plena de um sistema literário, capaz de expressar aspectos mais complexos de nossa vida cultural.
- os primeiros documentos informativos sobre a terra a ser colonizada devem ser vistos como manifestações literárias esparsas, ainda não sistemáticas.
- a carta de Caminha e os textos dos missionários jesuíticos fazem ver desde cedo a formação de um maduro sistema literário nacional.

Atende ao enunciado o que está APENAS em

- I.
- II.
- III.
- I e II.
- II e III.

7. (G1 - IFSP) Leia um trecho do poema *Ilha da Maré*, do escritor brasileiro Manuel Botelho de Oliveira.

E, tratando das próprias, os coqueiros,  
galhardos e frondosos  
criam cocos gostosos;  
e andou tão liberal a natureza  
que lhes deu por grandeza,  
não só para bebida, mas sustento,  
o néctar doce, o cândido alimento.  
De várias cores são os cajus belos,  
uns são vermelhos, outros amarelos,  
e como vários são nas várias cores,  
também se mostram vários nos sabores;  
e criam a castanha,  
que é melhor que a de França, Itália, Espanha.

(COHN, Sergio. *Poesia.br* Rio de Janeiro: Azougue, 2012.)

Podemos relacionar os versos desse poema ao Quinhentismo Nacional, pois

- a) o eu lírico repudia a presença de colonizadores portugueses em nossa terra.
- b) a fauna e a flora tropicais são descritas de maneira minuciosa e idealizada.
- c) o poeta enriqueceu devido à exportação de produtos brasileiros para a metrópole.
- d) a exuberância e a diversidade da natureza tropical são exaltadas pelo poeta.
- e) a natureza farta e bela é o cenário onde ocorrem os encontros amorosos do eu lírico.

8. **(UNICHRISTUS - MEDICINA 2022)** Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à cristandade, e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que nenhuma outra coisa haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim, desta maneira, tragam ainda toda aquela bárbara gente que habita nestas partes ao lume e ao conhecimento da nossa santa fé católica, que será descobrir-lhe outras minas maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja, para glória sua, e salvação de tantas almas.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. Org. Ricardo Martins Valle. Introd. e notas Ricardo Martins Valle e Clara Carolina Souza Santos. São Paulo: Hedra, 2008. p. 115.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios.

CAMINHA, P.V. Carta. Ribeiro, D. et AL. *Viagem pela Histórias do Brasil; Documentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Os textos revelam, **respectivamente**, que a literatura informativa

- a) estava consorciada ao projeto de difusão da fé cristã e apresentava uma postura etnocêntrica do europeu em relação ao indígena.
- b) evidenciava uma postura eurocêntrica do colonizador e equiparava a cultura indígena à europeia.
- c) ligava-se ao desejo de conquista material e tinha objetivos catequéticos e pedagógicos.
- d) mostrava grande admiração pelas características físicas do indígena e apresentava valores católicos medievais.
- e) relacionava-se apenas ao desejo de conquista espiritual e demonstrava interesse pela cultura indígena.

9. **(PUCCAMP DIREITO 2022)** *O Brasil dos primeiros tempos foi objeto de uma avidez colonial. A literatura que lhe corresponde é, por isso, de natureza parcialmente superlativa. O conhecimento da terra compõe-se muitas vezes com intenções exclamativas. É exemplo dela a História da Província de Santa Cruz, de Pero de Magalhães Gandavo.*

O excerto acima, do historiador e crítico José Guilherme Merquior, diz respeito

- a) a manifestações da literatura barroca que se desenvolveu no século XVIII.
  - b) à formação de um público leitor, incentivada pelos missionários estrangeiros.
  - c) à literatura de informação característica do primeiro século da nossa colonização.
  - d) ao ufanismo de nossas letras, que já se manifestava um século antes do Romantismo.
  - e) à ênfase patriótica com que as academias arcádicas marcavam sua produção.
10. **(G1 - IFSP)** A respeito do Quinhentismo no Brasil, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

- ( ) A principal obra do período foi *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, cuja temática era o índio brasileiro.
- ( ) Consta que o primeiro texto escrito no território do Brasil foi a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, em que registra suas impressões sobre a terra recém-descoberta.
- ( ) Entre as publicações daquela época, encontram-se cânticos religiosos, poemas dos jesuítas, textos descritivos, cartas, relatos de viagem e mapas.
- ( ) A produção das obras escritas naquele período apresenta um caráter informativo, documentos que descreviam as características do Brasil e eram enviados para a Europa.

- a) V, V, V, F.
- b) F, V, F, V.
- c) F, V, V, F.
- d) V, F, V, V.
- e) F, V, V, V.

11. **(UFRGS)** Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações a seguir sobre a Literatura de Informação no Brasil.

- ( ) A carta de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei D. Manuel I, circulou amplamente entre a nobreza e o povo português da época.
- ( ) Os textos informativos apresentavam, em geral, uma estrutura narrativa, pois esta se adaptava melhor aos objetivos dos autores de falar das coisas que viam.

- ( ) Os textos que informavam sobre o Novo Mundo despertavam grande curiosidade entre o público europeu, estando os de Américo Vespúcio entre os mais divulgados no início do século XVI.
- ( ) Pero de Magalhães Gandavo é o autor dos textos “Tratado da Terra do Brasil” e “História da Província Santa Cruz a que Vulgarmente chamamos de Brasil”.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V - F - V - V.  
b) V - F - F - F.  
c) F - V - V - V.  
d) F - F - V - V.  
e) V - V - F - F.

12. (UPE) “Ali ficamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dela, entre esse arvoredor, que é tanto, tamanho, tão basto e de tantas plumagens, que homens as não podem contar. Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.”

“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem nenhuma crença. E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.”

“Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.”

Partindo da leitura das três citações da Carta de Pero Vaz de Caminha, analise os itens a seguir:

- I. Trata-se de um documento histórico que exalta a terra descoberta mediante o uso de expressões valorativas dos hábitos e costumes de seus habitantes, o que, de um lado, revela a surpresa dos portugueses recém-chegados, de outro, tem a intenção de instigar o rei a dar início à colonização.
- II. Ao afirmar que os habitantes da nova terra não têm nenhuma crença, Caminha faz uma avaliação que denota seu desconhecimento sobre a cultura daqueles que habitam a terra descoberta, pois todos os grupos sociais, primitivos ou não, têm suas crenças e mitos.
- III. Caminha usa a conversão dos gentios como argumento para atrair a atenção do Rei Dom Manuel sobre a terra descoberta, colocando, mais uma vez, a expansão da fé cristã como bandeira dos conquistadores portugueses.
- IV. Ao afirmar que os habitantes da terra descoberta não lavram nem criam, alimentam-se do que a natureza lhes oferece, Caminha tece uma crítica à inaptidão e inércia daqueles que vivem mal, utilizando, por desconhecimento, as riquezas naturais da região.
- V. As citações revelam que a *Carta do Achamento do Brasil* tem por objetivo descrever a nova terra de modo a atrair os que estão distantes pela riqueza e beleza de que é possuidora.

Estão **CORRETOS**, apenas,

- a) I, II e IV.  
b) I, II, III e V.  
c) I, II e III.  
d) II e IV.  
e) I e II.

13. (MACKENZIE) A terra é mui graciosa,  
Tão fértil eu nunca vi.  
A gente vai passear,  
No chão espeta um caniço,  
No dia seguinte nasce  
Bengala de castão de oiro.  
Tem goiabas, melancias,  
Banana que nem chuchu.  
Quanto aos bichos, tem-nos muitos,  
De plumagens mui vistosas.  
Tem macaco até demais  
Diamantes tem à vontade  
Esmeraldas é para os trouxas.  
Reforçai, Senhor, a arca,  
Cruzados não faltarão,  
Vossa perna encanareis,  
Salvo o devido respeito.  
Ficarei muito saudoso  
Se for embora daqui.

(Murilo Mendes)

O texto:

- a) faz referência à literatura dos jesuítas no Brasil no século XVI.
- b) alude humoristicamente àquilo que se convencionou chamar de literatura informativa no Brasil.
- c) parodia tendências próprias do Barroco brasileiro.
- d) contraria qualquer proposta temática do Modernismo brasileiro de 1922.
- e) apresenta elementos que o relacionam com o “Grupo Mineiro”, basicamente responsável pelo Arcadismo no Brasil.

14. **(ESPCEX (AMAN))** Em relação ao momento histórico do Quinhentismo brasileiro, podemos afirmar que

- a) a Europa do século XVI vive o auge do Renascimento, com a cultura humanística recrudescendo os quadros rígidos da cultura medieval.
- b) o século XVI marca também uma crise na Igreja: de um lado, as novas forças burguesas e, de outro, as forças tradicionais da cultura medieval.
- c) os dogmas católicos são contestados nos tribunais da Inquisição (livros proibidos) e no Concílio de Trento, em 1545.
- d) o homem europeu estabelece duas tendências literárias no Quinhentismo: a literatura conformativa e a literatura dominicana.
- e) a política das grandes navegações coíbe a busca pela conquista espiritual levada a efeito pela Igreja Católica.

15. **(UPE-SSA 1)** As manifestações da literatura do Brasil-Colônia estão ligadas ao Quinhentismo português e ao Seiscentismo peninsular. Assim, entre os anos de 1500 a 1600, encontram-se importantes produções, como as de José de Anchieta e a de Bento Teixeira, as quais marcam presença nas origens da literatura brasileira.

Texto 1

### Primeiro Ato

*(Cena do martírio de São Lourenço)*

*Cantam:*

Por Jesus, meu salvador,  
Que morre por meus pecados,  
Nestas brasas morro assado  
Com fogo do meu amor.

Bom Jesus, quando te vejo  
Na cruz, por mim flagelado,  
Eu por ti vivo e queimado  
Mil vezes morrer desejo.

Pois teu sangue redentor  
Lavou minha culpa humana,  
Arda eu pois nesta chama  
Com fogo do teu amor.

O fogo do forte amor,  
Ah, meu Deus!, com que me amas  
Mais me consome que as chamas  
E brasas, com seu calor.

Pois teu amor, pelo meu  
Tais prodígios consumou,  
Que eu, nas brasas onde estou,  
Morro de amor pelo teu.

*(Auto de São Lourenço, de José de Anchieta)*

Texto 2

### PROSOPOPEIA

I

Cantem Poetas o Poder Romano,  
Sobmetendo Nações ao jugo duro;  
O Mantuano pinte o Rei Troiano,  
Descendo à confusão do Reino escuro;  
Que eu canto um Albuquerque soberano,  
Da Fé, da cara Pátria firme muro,  
Cujo valor e ser, que o Geó lhe inspira,  
Pode estancar a Lácia e Grega lira.

II

As Dêlficas irmãs chamar não quero,  
que tal invocação é vão estudo;  
Aquele chamo só, de quem espero  
A vida que se espera em fim de tudo.  
Ele fará meu Verso tão sincero,  
Quanto fora sem ele tosco e rudo,  
Que per rezão negar não deve o menos  
Quem deu o mais a míseros terrenos.

III

E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta  
A Estirpe d'Albuquerque excelente,  
E cujo eco da fama corre e salta  
Do Cauro Glacial à Zona ardente,  
Suspendei por agora a mente alta  
Dos casos vários da Olindesa gente,  
E vereis vosso irmão e vós supremo  
No valor abater Querino e Remo.

IV

Vereis um sinil ânimo arriscado  
A trances e conflictos temerosos,  
E seu raro valor executado  
Em corpos Luteranos vigurosos.  
Vereis seu Estandarte derribado  
Aos Católicos pés victoriosos,  
Vereis em fim o garbo e alto brio  
Do famoso Albuquerque vosso Tio.

V  
 Mas em quanto Talia no se atreve,  
 No Mar do valor vosso, abrir entrada,  
 Aspirai com favor a Barca leve  
 De minha Musa inculta e mal limada.  
 Invocar vossa graça mais se deve  
 Que toda a dos antigos celebrada,  
 Porque ela me fará que participe  
 Doutro licor melhor que o de Aganipe.

(Bento Teixeira)

Sobre tais produções e seus autores, analise as proposições a seguir.

- I. Em geral, a produção de José de Anchieta tem como finalidade prestar serviço à Companhia de Jesus; assim, é intencional o caráter estético-doutrinário e pedagógico de suas obras.
- II. O Auto de São Lourenço é dotado de técnica tomada de empréstimo de Gil Vicente e possui forte influência barroca, como imaginação exaltada, ideia abstrata e valorização dos sentidos.
- III. Prosopopeia é um poemeto épico com a finalidade de louvar o Governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho.
- IV. Pode-se dizer que o Texto 2 distancia-se tanto na forma como no estilo de *Os Lusíadas*, de Camões.
- V. Bento Teixeira compromete o valor estético de sua *Prosopopeia*, quando emprega um tom bajulatório no poemeto, apresentando pobre motivo histórico e inconsistência nos recursos nele utilizados.

Estão CORRETAS apenas:

- a) I, II e IV.
- b) II, III e V.
- c) I, III e IV.
- d) IV e V.
- e) I, II, III e V.

16. Quinhentismo é o nome dado para as manifestações literárias que surgiram no Brasil nos primeiros anos do século XVI, durante o período de descobrimento das características nativas do país pelo povo europeu. Neste período, o Brasil ainda não era um país, mas apenas uma das colônias de Portugal e não possuía qualquer tipo de produção artística ou intelectual genuinamente brasileira. Considerando essas informações, indique que tipo de produção textual era desenvolvida nesse período e qual função essas obras possuíam.
17. (UDESC 2015 - ADAPTADA) A obra *Cronistas do descobrimento*, Antonio Carlos Olivieri e Marco Antonio Villa, faz referência à história do descobrimento do Brasil. A literatura está dividida em diversas estéticas literárias que também pontuam características que se assemelham ou resgatam elementos da história nacional. Com base nesta analogia, indique como inicia a Literatura Brasileira.

18. (UFJF-PISM 3 2022) As Tiras do Armandinho constituem uma série de quadrinhos brasileira protagonizada por um menino de cabelo azul chamado Armandinho. Leia uma delas a seguir:



Fonte: tirasarmandinho.tumblr.com

Na tirinha, Armandinho escuta uma criança indígena, que reflete acerca da noção de “terra”. Qual a diferença de sentido atribuído à “terra” em relação ao sentido da mesma palavra na Carta da Caminha?

19. (UFMG) Leia estes trechos:

**TRECHO 1**

Colombo sabe perfeitamente que as ilhas já têm nome, de uma certa forma, nomes naturais (mas em outra acepção do termo) as palavras dos outros, entretanto, não lhe interessam muito, e ele quer rebatizar os lugares em função do lugar que ocupam em sua descoberta, dar-lhes nomes justos a nomeação, além disso, equivale a tomar posse.

TODOROV, Tzevetan. *A conquista da América*, São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 27.

**TRECHO 2**

[...] e a quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buchos e neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra, a saber: primeiramente dum grande monte mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas ao sul dele, e de terra chã com grandes arvoredos: ao qual monte alto o Capitão pôs nome o Monte Pascoal, e à terra a Terra da Vera Cruz.

CAMINHA. Pero Vaz de. *Carta ao Rei Dom Manuel*. Belo Horizonte: Crisálida, 2002. p. 17.

Explicite, comparando os dois trechos, a relação existente entre os atos de nomear e tomar posse.

20. (UFJF-PISM 3 2022) A Carta de Pero Vaz de Caminha é apontada por Alfredo Bosi, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (Cultrix, 1994), como uma das principais manifestações de uma literatura de viagens, que se tornou típica no período da Literatura Brasileira denominada de Quinhentista. Leia um trecho a seguir:

*Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo Sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos -- terra que nos parecia muito extensa. Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas*

*que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.*

Fonte: *Carta a El Rei D. Manuel*, Dominus: São Paulo, 1963, p.10-11. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf>

Neste trecho, é possível compreender de que modo os recém-chegados ao território que hoje é chamado de Brasil avaliavam as pessoas que aqui encontraram.

Qual passagem do texto permite identificar essa avaliação?

## GABARITO

---

1. A      2. B      3. C      4. C      5. B  
6. B      7. D      8. A      9. C      10. E  
11. D     12. B     13. B     14. B     15. E

16.

Os primeiros registros escritos do Brasil têm como característica a documentação do processo colonizador que marcou os primeiros anos de povoamento e são conhecidos como literatura de informação ou informativa, pois eram produzidos para relatar à metrópole portuguesa as características e riquezas das terras encontradas.

Paralelamente às obras de informação escritas por leigos viajantes que desbravavam a colônia, foram produzidas, também, obras de cunho pedagógico e moral, a chamada literatura de formação ou de catequese, produzida pelos missionários jesuítas. Esses textos eram utilizados pelos jesuítas para tentar catequizar os povos indígenas.

17.

A gênese da formação literária brasileira se encontra, basicamente, no século XVI, constituem-na os relatos dos cronistas viajantes. Devido a uma referência cronológica, tal período é conhecido como Quinhentismo.

18.

Enquanto a ideia de terra em Caminha é associada a um recurso, na tira terra é associada a um sentimento de pertencimento.

Caminha associa a terra a um recurso e, portanto, enxerga-a como uma posse, isto é, a terra seria algo que pode ser possuído pelos homens, que pode ter um dono. Na tirinha, por outro lado, o personagem indígena apresenta uma outra visão da terra: não mais como um recurso que pode ser possuído, mas como um sentimento de pertencimento – a terra não pode ser da posse de ninguém, as pessoas é que pertencem à terra.

19.

Além da acepção de “dar nome aos seres”, o verbo “nomear” pode ser entendido como *designar alguém para um cargo, dar direito de posse*. É com este sentido que Todorov Tzevetan o utiliza para analisar o comportamento do colonizador ao apoderar-se das terras que pertenciam a povos com culturas e linguagens diferentes. Ao substituir os nomes originais dos aborígenes pelos dos dominadores, impõe-se ao dominado a necessidade do ensino da nova língua que passa a ser usada como instrumento para posse do novo território.

20.

“o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente”.

Neste trecho, vemos que os portugueses avaliaram os nativos como pessoas que precisariam ser salvas. Assim, julgaram o modo de vida dos nativos como algo inferior, que necessitaria de mudança e salvação.

Competência(s):  
5

Habilidade(s):  
15, 16 e 17

**AULAS**  
**9 e 10**

### Você DEVE SABER!

- Como a Contrarreforma influenciou a visão de mundo do homem Barroco
- Porque a tensão, o contraste e o rebuscamento são características essenciais da obra de arte Barroca
- Em qual contexto brasileiro se deu a produção da literatura barroca
- Quais as principais características da poesia lírica e satírica de Gregório de Matos
- Quais as principais características dos sermões de Padre Antônio Vieira

### MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

### 1. (UNESP)

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana, e vinha,  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

(...)

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos, os que não furtam, muito pobres,  
E eis aqui a Cidade da Bahia.

(Gregório de Matos. "Descreve o que era realmente naquelle tempo a cidade da Bahia de mais enredada por menos confusa". In: *Obra poética* (org. James Amado), 1990.)

O poema, escrito por Gregório de Matos no século XVII,

- representa, de maneira satírica, os governantes e a desonestidade na Bahia colonial.
- critica a colonização portuguesa e defende, de forma nativista, a independência brasileira.
- tem inspiração neoclássica e denuncia os problemas de moradia na capital baiana.
- revela a identidade brasileira, preocupação constante do modernismo literário.
- valoriza os aspectos formais da construção poética parnasiana e aproveita para criticar o governo.

### 2. (IMED) Leia o texto abaixo, de Gregório de Matos Guerra:

#### A INSTABILIDADE DAS COUSAS DO MUNDO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se formosa a Luz é, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

Considere as seguintes assertivas a partir do texto:

- Tal soneto é característico do período barroco brasileiro, momento em que o homem do século XVII está dividido entre os valores antropocêntricos do Renascimento e as amarras do pensamento medieval restituído pela Contrarreforma.
- O soneto revela o dualismo que envolve o homem barroco, marcado por incertezas e inconsistências.
- O soneto apresenta a preocupação do poeta com a efemeridade da vida e das coisas.

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas III.
- Apenas I e II.
- Apenas II e III.
- I, II e III.

3. (FGV) Foi um movimento literário do século XVII, nascido da crise de valores renascentistas. Caracteriza-se na literatura pelo culto dos contrastes, a preocupação com o pormenor e a sobrecarga de figuras como a metáfora, as antíteses, hipérboles e alegorias. Essa linguagem conflituosa reflete a consciência dos estados contraditórios da condição humana. Trata-se do:
- Romantismo.
  - Trovadorismo.
  - Humanismo.
  - Realismo.
  - Barroco.

4. (UFRGS) Quanto ao período Barroco e seus representantes na literatura colonial brasileira, é correto afirmar que
- os sermões de Antônio Vieira apresentam uma retórica complexa pela exuberância de imagens e pelos postulados morais e religiosos.
  - a obra de Gregório de Matos se distingue pela sua unidade temática, expressa por um tom satírico.
  - a poesia irreverente de Gregório de Matos satiriza diferentes tipos sociais, exceção feita aos representantes da Igreja.
  - o predomínio dos valores transcendentais, motivados pela Reforma, marca o estilo barroco da obra de Vieira.
  - Gregório de Matos se ateu ao uso da língua culta da Metrópole, ao contrário de Vieira, que utilizou termos indígenas, africanos e populares.

5. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto abaixo, na ordem em que aparecem.

Padre Antônio Vieira é um dos principais autores do ....., movimento em que o homem é conduzido pela ..... e que tem, entre suas características, o ....., com seus jogos de palavras, de imagens e de construção, e o ....., o uso de silogismo, processo racional de demonstrar uma asserção.

- Gongorismo - exaltação vital - Cultismo - preciosismo.
- Conceptismo - fé - preciosismo - Gongorismo.
- Barroco - depressão vital - Conceptismo - Cultismo.
- Conceptismo - depressão vital - Gongorismo - preciosismo.
- Barroco - fé - Cultismo - Conceptismo.

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando jovem, Antônio Vieira acreditava nas palavras, especialmente nas que eram ditas com fé. No entanto, todas as palavras que ele dissera, nos púlpitos, nas salas de aula, nas reuniões, nas catequeses, nos corredores, nos ouvidos dos reis, clérigos, inquisidores, duques, marqueses, ouvidores, governadores, ministros, presidentes, rainhas, príncipes, indígenas, desses milhões de palavras ditas com esforço de pensamento, poucas - ou nenhuma delas - haviam surtido efeito. O mundo continuava exatamente o de sempre. O homem, igual a si mesmo.

Ana Miranda, *BOCA DO INFERNO*

6. (FATEC) "...milhões de palavras ditas com esforço de pensamento."

Essa passagem do texto faz referência a um traço da linguagem barroca presente na obra de Vieira; trata-se do:

- gongorismo, caracterizado pelo jogo de ideias.
- cultismo, caracterizado pela exploração da sonoridade das palavras.
- cultismo, caracterizado pelo conflito entre fé e razão.
- conceptismo, caracterizado pelo vocabulário preciosista e pela exploração de aliterações.
- conceptismo, caracterizado pela exploração das relações lógicas, da argumentação.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I)

1. (S1 - IFCE 2020) O Barroco foi um período do século XVI marcado pela crise dos valores renascentistas, gerando uma nova visão de mundo através de lutas religiosas e dualismos entre espírito e razão. O movimento envolve novas formas de literatura, arte e até filosofia.

Fonte: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/barroco.html>.

São destaques desse período no Brasil na literatura e nas artes plásticas, respectivamente,

- Gregório de Matos e Aleijadinho.
- Aluísio de Azevedo e Pedro Alexandrino Borges.
- Machado de Assis e Almeida Júnior.
- Álvares de Azevedo e Pedro Américo.
- José de Alencar e Victor Meirelles.

2. (G1 - CFTMG 2019) **A uma ausência**

Sinto-me, sem sentir, todo abrasado  
No rigoroso fogo que me alenta;  
O mal que me consome me sustenta,  
O bem que entretém me dá cuidado.

Ando sem me mover, falo calado,  
O que mais perto vejo se me ausenta,  
E o que estou sem ver mais me atormenta;  
Alegro-me de ver-me atormentado,

Choro no mesmo ponto em que me rio,  
No mor risco me anima a confiança,  
Do que menos se espera estou certo.

Mas, se de confiado desconfio,  
É porque, entre os receios da mudança,  
Ando perdido em mim como em deserto

BACELAR, A. B. In. MOISÉS, M. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1969.

A principal característica barroca desse soneto, representativo da poesia portuguesa do século XVII, é a

- percepção da fugacidade do sentimento amoroso.
- dualidade entre o sagrado e o profano inerente ao amor.
- utilização de antíteses para exprimir o estado do eu lírico.
- temática da sensualidade por meio de linguagem rebuscada.

3. **(FAMEMA 2019)** A veia lírico-amorosa do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696) está bem exemplificada em:

a) “Aquele não sei quê, que, Inês, te assiste  
No gentil corpo, e na graciosa face,  
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,  
Não sei onde consiste, ou não consiste.”

b) “Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,  
É verdade, Senhor, que hei delinquido,  
Delinquido vos tenho, e ofendido,  
Ofendido vos tem minha maldade.”

c) “Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.”

d) “Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,  
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;  
De pó te faz espelho, em que se veja  
A vil matéria, de que quis formar-te.”

e) “A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.”

4. **(G1 - CFTMG)** Já desprezei, sou hoje desprezado,  
Despojo sou, de quem triunfo hei sido,  
E agora nos desdêns de aborrecido,  
Desconto as ufânicas de adorado.

O amor me incita a um perpétuo agrado,  
O decoro me obriga a um justo olvido:  
E não sei, no que emprendo, e no que lido,  
Se triunfe o respeito, se o cuidado.

Porém vença o mais forte sentimento,  
Perca o brio maior autoridade,  
Que é menos o ludíbrio, que o tormento.

Quem quer, só do querer faça vaidade,  
Que quem logra em amor entendimento,  
Não tem outro capricho, que a vontade.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Em termos formais e temáticos, as principais características barrocas do soneto são, respectivamente,

- a) a sintaxe rebuscada e o culto aos contrastes.
- b) o rigor métrico e a crítica ao sentimentalismo.
- c) o vocabulário erudito e a reflexão sobre o amor.
- d) as rimas alternadas e o embate entre emoção e razão.

5. **(UNICHRISTUS - MEDICINA 2022)** A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande [...]. Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer.

VIEIRA, Antônio. *Obras completas do padre Antônio Vieira: sermões*. Prefaciados e revistos pelo Pe. Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão – Editores, 1993. v. III. p. 264-265.

O fragmento anterior exemplifica o Conceptismo.

Esse estilo barroco consiste na valorização do(a)

- a) conteúdo por meio do jogo de ideias, de conceitos e do raciocínio lógico.
- b) jogo de palavras, objetivando a exaltação da forma com o emprego de metáforas e de hipérboles.
- c) conteúdo e da forma por meio do emprego da adjetivação excessiva e do apelo sensorial.
- d) forma por meio de jogo de palavras, de trocadilhos e do uso abusivo de metáforas.
- e) adjetivação excessiva e do apelo sensorial, ou seja, dos apelos que se ligam aos cinco sentidos.

6. **(FUVEST 2022)**

Largo em sentir, em respirar sucinto,  
Peno, e calo, tão fino, e tão atento,  
Que fazendo disfarce do tormento  
Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,  
Dentro no coração é que o sustento:  
Com que, para penar é sentimento,  
Para não se entender, é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;  
Da tempestade é o estrondo efeito:  
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!  
Pois não me chegam a vir à boca os tiros  
Dos combates que vão dentro no peito.

Gregório de Matos e Guerra

No soneto, o eu lírico:

- expressa um conflito que confirma a imagem pública do poeta, conhecido pelo epíteto de “o Boca do Inferno”.
- opta por sufocar a própria voz como estratégia apaziguadora de suas perturbações de foro íntimo.
- explora a censura que o autor sofreu em sua época, ao ser impedido de dar expressão aos seus sentimentos.
- estabelece, nos tercetos, um contraponto semântico entre as metáforas da natureza e da guerra.
- revela-se como um ser atormentado, ao mesmo tempo que omite a natureza de seu sofrimento.

7. **(PUCGO MEDICINA 2022)** Leia o fragmento de texto a *Literatura Transplantada*, de Sergius Gonzaga:

O Barroco foi introduzido no Brasil por intermédio dos jesuítas. A princípio, fins do século XVI, ele é apenas catequético. Todavia, a partir do século XVII, generaliza-se nos grandes centros de produção açucareira, especialmente na Bahia, através de igrejas. [...]

(GONZAGA, S. *Manual de Literatura Brasileira*. 14. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 17.)

Sobre as marcas frequentes da linguagem barroca na literatura brasileira, considere as proposições a seguir:

- Busca a ilustração dos estados de conflito espiritual do homem barroco.
- Uso de certas figuras de linguagem como recurso oratório.
- O Cultismo é caracterizado pelo jogo de ideias.
- O uso de vocabulário sofisticado é traço singular da linguagem conceptista.

Sobre as marcas da linguagem barroca, marque a única alternativa cujos itens são todos corretos:

- I e II apenas.
- I e III apenas.
- I, III, e IV apenas.
- II, III e IV apenas.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões a seguir:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

(*Poemas escolhidos*, 2010.)

8. **(UNESP)** O soneto de Gregório de Matos aproxima-se tematicamente da citação:

- “Nada é duradouro como a mudança.” (Ludwig Börne, 1786-1837)
- “Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas.” (Sófocles, 496-406 a.C.)
- “Nada é mais forte que o hábito.” (Ovídio, 43 a.C.-17 d.C.)
- “A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria.” (William Blake, 1757-1827)
- “Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência.” (Friedrich Schiller, 1759-1805)

9. **(UNESP)** A exemplo do verso “A firmeza somente na inconstância.” (4ª estrofe), verifica-se a quebra da lógica em:

- “Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,” (3ª estrofe)
- “Se é tão formosa a Luz, por que não dura?” (2ª estrofe)
- “Depois da Luz se segue a noite escura,” (1ª estrofe)
- “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,” (1ª estrofe)
- “E na alegria sintam-se tristeza.” (3ª estrofe)

10. **(ENEM PPL)**

Quantos há que os telhados têm vidrosos  
E deixam de atirar sua pedrada,  
De sua mesma telha receiosos.

Adeus, praia, adeus, ribeira,  
De regatões tabaquista,  
Que vende gato por lebre  
Querendo enganar a vista.

Nenhum modo de desculpa  
Tendes, que valer-vos possa:  
Que se o cão entra na igreja,  
É porque acha aberta a porta.

GUERRA, G. M. In: LIMA, R. T. *Abecê de folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (fragmento).

Ao organizar as informações, no processo de construção do texto, o autor estabelece sua intenção comunicativa. Nesse poema, Gregório de Matos explora os ditados populares com o objetivo de

- a) enumerar atitudes.
- b) descrever costumes.
- c) demonstrar sabedoria.
- d) recomendar precaução.
- e) criticar comportamentos.

## 11. (FUVEST 2020) A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso gabo\*:  
Contemos esta regra por primeira,  
Já lá vão duas, e esta é a terceira,  
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;  
A sexta vá também desta maneira:  
Na sétima entro já com grã\*\* canseira,  
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?  
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais  
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei;  
Se desta agora escapo, nunca mais:  
Louvado seja Deus, que o acabei.

Gregório de Matos

\*louvor \*\*grande

### Tipo zero

Você é um tipo que não tem tipo  
Com todo tipo você se parece  
E sendo um tipo que assimila tanto tipo  
Passou a ser um tipo que ninguém esquece

Quando você penetra num salão  
E se mistura com a multidão  
Você se torna um tipo destacado  
Desconfiado todo mundo fica  
Que o seu tipo não se classifica  
Você passa a ser um tipo desclassificado

Eu até hoje nunca vi nenhum  
Tipo vulgar tão fora do comum  
Que fosse um tipo tão observado  
Você ficou agora convencido  
Que o seu tipo já está batido  
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado

Noel Rosa

O soneto de Gregório de Matos e o samba de Noel Rosa, embora distantes na forma e no tempo, aproximam-se por ironizarem

- a) o processo de composição do texto.
- b) a própria inferioridade ante o retratado.
- c) a singularidade de um caráter nulo.
- d) o sublime que se oculta na vulgaridade.
- e) a intolerância para com os gênios.

### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões

roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(*Essencial*, 2011.)

**12. (UNESP)** Assinale a alternativa cuja citação se aproxima tematicamente do “Sermão do bom ladrão” de Antônio Vieira.

- “Rouba um prego, e serás enforcado como um malfeitor; rouba um reino, e tornar-te-ás duque.” (Chuang-Tzu, filósofo chinês, 369-286 a.C.)
- “Para quem vive segundo os verdadeiros princípios, a grande riqueza seria viver serenamente com pouco: o que é pouco nunca é escasso.” (Lucrécio, poeta latino, 98-55 a.C.)
- “O dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; aquele que se persegue é o instrumento da escravidão.” (Rousseau, filósofo francês, 1712-1778)
- “Que o ladrão e a ladra tenham a mão cortada; esta será a recompensa pelo que fizeram e a punição da parte de Deus; pois Deus é poderoso e sábio.” (Alcorão, livro sagrado islâmico, século VII)
- “Dizem que tudo o que é roubado tem mais valor.” (Tirso de Molina, dramaturgo espanhol, 1584-1648)

**13. (UFPR)** O soneto “No fluxo e refluxo da maré encontra o poeta incentivo pra recordar seus males”, de Gregório de Matos, apresenta características marcantes do poeta e do período em que ele o escreveu:

Seis horas enche e outras tantas vaza  
A maré pelas margens do Oceano,  
E não larga a tarefa um ponto no ano,  
Depois que o mar rodeia, o sol abrasa.

Desde a esfera primeira opaca, ou rasa  
A Lua com impulso soberano  
Engole o mar por um secreto cano,  
E quando o mar vomita, o mundo arrasa.

Muda-se o tempo, e suas temperanças.  
Até o céu se muda, a terra, os mares,  
E tudo está sujeito a mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus pesares  
Eram de algum minguante as esperanças,  
Nunca o minguante vi de meus azares.

De acordo com o poema, é correto afirmar:

- A temática barroca do desconcerto do mundo está representada no poema, uma vez que as coisas do mundo estão em desarmonia entre si.
- A transitoriedade das coisas terrenas está em oposição ao caráter imutável do sujeito, submetido a uma concepção fatalista do destino humano.
- A concepção de um mundo às avessas está figurada no soneto através da clara oposição entre o mar que tudo move e a lua imutável.
- A clareza empregada para exposição do tema reforça o ideal de simplicidade e bucolismo da poesia barroca, cujo lema fundamental era a *aurea mediocritas*.
- A sintonia entre a natureza e o eu poético embasa as personificações de objetos inanimados aliadas às hipérboles que descrevem o sujeito.

**14. (UFMS)** A desarmonia e a contradição são características predominantes no Barroco. Observe os fragmentos poéticos de Gregório de Matos, a seguir transcritos, e verifique qual(uais) confirma(m) essas características.

- “Amanheceu o dia prometido,/famoso, alegre, claro e prazenteiro;/bom dia, disse eu, para viagem.”
- “O ódio é da alma infame companhia/a paz deixou-a Deus à cristandade;/mas arrastar por força uma vontade,/em vez de caridade é tirania.”
- “De que pode servir falar quem cala?/Nunca se há de falar o que se sente,/Sempre se há de sentir o que se fala.”

Está(ão) correta(s)

- apenas I.
- apenas I e II.
- apenas III.
- apenas I e III.
- apenas II e III.

**15. (ENEM PPL)** **Lisongeia outra vez impaciente a retenção de sua mesma desgraça...**

*Gregório de Matos*

Discreta e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo claramente  
Na vossa ardente vista o sol ardente,  
E na rosada face a Aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria  
Essa esfera gentil, mina excelente  
No cabelo o metal mais reluzente,  
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,  
Antes que o frio da madura idade  
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o Zenith da mocidade,  
Sem a noite encontrar da sepultura,  
É cada dia ocaso de beldade.

CUNHA, H. P. Convivência maneirista e barroca na obra de Gregório de Matos. In: *Origens da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. p. 90.

O Barroco é um movimento complexo, considerado como a arte dos contrastes. O poema de Gregório de Matos, que revela características do Barroco brasileiro, é uma espécie de livre-tradução de um poema de Luís de Góngora, importante poeta espanhol do século XVII.

Fruto de sua época, o poema de Gregório de Matos destaca

- a) a regular alternância temática entre versos pares e ímpares.
- b) o contraste entre a beleza física da mulher e a religiosidade do poeta.
- c) o pesar pela transitoriedade da juventude e a certeza da morte ou da velhice.
- d) o uso de antíteses para distinguir o que é terreno e o que é espiritual na mulher.
- e) a concepção de amor que se transforma em tormento da alma e do corpo do eu lírico.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

SEGUE NESTE SONETO A MÁXIMA DE BEM VIVER QUE É ENVOLVER-SE NA CONFUSÃO DOS NÉSCIOS PARA PASSAR MELHOR A VIDA

SONETO

Carregado de mim ando no mundo,  
E o grande peso embarga-me as passadas,  
Que como ando por vias desusadas,  
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo  
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,  
Que as bestas andam juntas mais ousadas,  
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,  
Erra, quem presumir que sabe tudo,  
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,  
Que é melhor neste mundo, mar de enganos,  
Ser louco c'os demais, que só, sisudo.

(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1989. p. 253)

16. (UFRJ) O soneto de Gregório de Matos apresenta, em sua construção, um conflito entre o eu-lírico e o mundo.

- a) Em que consiste esse conflito?
- b) Qual foi a solução proposta?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Tinham eles (os holandeses) saído na ilha de Itaparica, fronteira à Bahia, e aqui, levados de furor herético, deram muitos golpes numa cruz que à porta de uma ermida estava arvorada. Tornando poucos dias depois, os nossos, como era costume, os esperaram, e, encontrando com eles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de leste a oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé imóvel, até que os braços se puseram de norte a sul, abertos para os que pelejavam.

(Padre Vieira, *Cartas do Brasil*, p. 91.)

17. (UFSCAR) O trecho apresentado faz parte de uma carta que o Padre Vieira escreveu para seu superior em Lisboa, quando estava no Brasil, durante a primeira invasão holandesa ocorrida na Bahia em 1624.

- a) Como Vieira caracteriza os holandeses?
- b) Qual a visão de mundo de Vieira, naquele contexto histórico, em relação à providência divina na luta entre o invasor e as pessoas da terra? Responda utilizando algum exemplo do texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: - Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? - Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; <sup>2</sup>o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os <sup>1</sup>Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: "Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem". Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Fragmento do *Sermão do bom ladrão*, de Pe. Antonio Vieira

18. (PUCRJ) Uma das mais importantes características da obra do Padre Antonio Vieira refere-se à presença constante em seus sermões das dimensões social e política, somadas à religiosa. Comente esta afirmativa em função do texto apresentado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) quest(ões) a seguir toma(m) por base o “Soneto LXVII” (“Considera a vantagem que os brutos fazem aos homens em obedecer a Deus”), de Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666).

Quando vejo, Senhor, que às alimárias<sup>1</sup>  
Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –,  
Não lhe esquece jamais o alto estatuto  
Das leis que lhes pusestes ordinárias;

E logo vejo quantas artes<sup>2</sup> várias  
O homem racional, pródigo<sup>3</sup> e astuto,  
Põe em obrar, ingrato e resoluto,  
Obras que a vossas leis são tão contrárias:

Ou me esquece quem sois ou quem eu era;  
Pois do que me mandais tanto me esqueço,  
Como se a vós e a mi não conhecera.

Com razão logo por favor vos peço  
Que, pois homem tal sou, me façais fera,  
A ver se assi melhor vos obedeço.

(A tuba de Caliope, 1988.)

<sup>1</sup>alimária: animal irracional.

<sup>2</sup>arte: astúcia, artil.

<sup>3</sup>pródigo: providente, que se previne, providente, precavido.

19. (UNESP) Que contraste é explorado pelo poema como base da argumentação? Justifique sua resposta. Considerando também outros aspectos, em que movimento literário o poema se enquadra?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ao <sup>1</sup>valimento que tem o mentir

Mau ofício é mentir, mas proveitoso...  
Tanta mentira, tanta utilidade  
Traz consigo o mentir nesta cidade  
Como o diz o mais triste mentiroso.

Eu, como um ignorante e um baboso,  
Me pus a verdadeiro, por vaidade;  
Todo o meu <sup>2</sup>cabedal meti em verdade  
E saí do negócio <sup>3</sup>perdidoso.

Perdi o principal, que eram verdades,  
Perdi os interesses de estimar-me,  
Perdi-me a mim em tanta <sup>4</sup>soledade;

Deram os meus amigos em deixar-me,

<sup>5</sup>Cobrei ódios e inimizades...

Eu me meto a mentir e a aproveitar-me.

GREGÓRIO DE MATOS

PIRES, M. L. G. (org.). *Poetas do período barroco*.

Lisboa: Comunicação, 1985.

<sup>1</sup>valimento – validade

<sup>2</sup>cabedal – conhecimento

<sup>3</sup>perdidoso – prejudicado

<sup>4</sup>soledade – solidão

<sup>5</sup>cobrar – receber

20. (UERJ) O barroco apresenta duas vertentes: o cultismo, caracterizado pela linguagem rebuscada e extravagante, pelos jogos de palavras; e o conceptismo, marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico.

O poema de Gregório de Matos, exemplo da estética barroca, insere-se em uma dessas vertentes. Identifique-a e justifique sua resposta.

## GABARITO

---

1. A      2. C      3. A      4. A      5. A  
6. E      7. A      8. A      9. E      10. E  
11. C     12. A     13. B     14. E     15. C

16.

- a) o eu-lírico encontra-se em crise, pois se sente completamente deslocado em relação à coletividade.  
b) A solução proposta é render-se ao mundo.

17.

- a) Na carta, Vieira caracteriza os holandeses como hereges e iconoclastas.  
b) A contextualização histórica da carta de Vieira deve levar em conta dois dados importantes: a disputa militar que opunha Holanda a Portugal e a luta da Igreja Católica (representada por Portugal) contra o Protestantismo (representado pela Holanda). Da perspectiva de Vieira, os interesses de Portugal coincidiam com os da Igreja, por isso a providência divina agiria em favor de brasileiros e portugueses. No texto, a ação da providência se mostra no milagre que se opera na cruz: agredida pelos holandeses (“deram muitos golpes numa cruz”), ela se move sozinha (“a cruz [...] se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé imóvel”).

18.

Há no texto um bom exemplo da preocupação do Padre Antonio Vieira com temas de caráter social e de dimensão política. A aproximação e a comparação da figura de Alexandre Magno, grande conquistador do mundo antigo, com a do pirata saqueador mostram uma crítica aos valores morais e a visão ideológica do autor.

19.

O contraste explorado pelo poema como base da argumentação é entre o animal, que, por ser irracional, obedeceria a Deus sem questionamentos, e o homem, cuja racionalidade leva à prática de obras contrárias às leis divinas. O culto aos contrastes, que costuma culminar no uso de aliterações e paradoxos, é uma característica típica do barroco e vem acompanhado de outros aspectos comuns a esse movimento: como a temática religiosa, consequência do teocentrismo da Contrarreforma católica, o cultismo (exemplificado pelas inversões sintáticas) e o conceptismo (evidenciado pelo jogo lógico-argumentativo).

20.

Vertente: conceptismo.

O poeta estabelece um jogo entre os conceitos de mentira e verdade por meio de um raciocínio lógico, mostrando as consequências da opção pela verdade.

# ANOTAÇÕES



Competência(s):  
1, 6 e 8

Habilidade(s):  
1, 2, 3, 18 e 27

# AULAS 11 e 12

## Você DEVE SABER!

- Qual é a relação entre o Iluminismo e o Arcadismo
- Por que os poetas árcades valorizam a simplicidade
- Por que o Arcadismo pode ser chamado de Neoclassicismo
- Qual é a relação entre a Inconfidência Mineira e o Arcadismo Brasileiro
- O que é Pastoralismo e Bucolismo
- O que são os Temas/Lemas Latinos
- Quais as principais características da poesia de Claudio Manuel da Costa e de Tomás Antônio Gonzaga
- Importância dos épicos árcades para a criação do índio e da natureza como símbolos nacionais

## MAPEANDO O SABER



# ANOTAÇÕES



## EXERCÍCIOS DE SALA

1. (UNESP 2022) O tópicos clássico do *locus amoenus* está bem exemplificado nos seguintes versos do poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage:

- O ledo passarinho, que gorjeia  
D'alma exprimindo a cândida ternura,  
O rio transparente, que murmura,  
E por entre pedrinhas serpenteia:
- Já sobre o coche de ébano estrelado  
Deu meio giro a noite escura e feia;  
Que profundo silêncio me rodeia  
Neste deserto bosque, à luz vedado!
- Ante a doce visão com que me enlaças,  
Já murcho, estéril já, meu ser floresce:  
Mas súbito fantasma eis desvanece  
Chusma de encantos, que em teu sonho abraças:
- Já o Inverno, espremendo as cãs nevosas,  
Geme, de horrendas nuvens carregado;  
Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado  
Investe ao Polo em serras escumosas;
- Quando por entre os véus da noite fria  
A máquina celeste observo acesa,  
Da angústia, de terror a imagens presa  
Começa a devorar-me a fantasia.

2. (UNESP 2021)



A obra *Paisagem italiana* (1805), do pintor alemão Jakob Philipp Hackert (1737-1807), remete, sobretudo, ao ideário do

- Realismo.
- Romantismo.
- Arcadismo.
- Barroco.
- Naturalismo.

3. (UNESP 2021)



A obra *Prisão de Tiradentes* (datada de 1914), do pintor brasileiro Antônio Parreiras (1860-1937), remete a evento histórico relacionado ao seguinte movimento literário brasileiro:

- Barroco.
  - Arcadismo.
  - Romantismo.
  - Realismo.
  - Modernismo.
4. (UNESP) Os autores deste movimento pregavam a simplicidade, quer nos temas de suas composições, quer como sistema de vida: aplaudindo os que, na Antiguidade e na Renascença, fugiam ao burburinho citadino para se isolar nas vilas, pregavam a “áurea mediocridade”, a dourada mediania existencial, transcorrida sem sobressaltos, sem paixões ou desejos. Regressar à Natureza, fundir-se nela, contemplar-lhe a quietude permanente, buscar as verdades que lhe são imanentes – em suma, perseguir a *naturalidade* como filosofia de vida.

(Massaud Moisés. *Dicionário de termos literários*, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Massaud Moisés refere-se ao seguinte movimento literário:

- Arcadismo.
- Simbolismo.
- Romantismo.
- Barroco.
- Naturalismo.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Para responder à(s) quest(ões) a seguir, considere o texto abaixo.

Também no Brasil o século XVIII é momento da maior importância, fase de transição e preparação para a Independência. Demarcada, povoada, defendida, dilatada a terra, o século vai lhe dar prosperidade econômica, organização política e administrativa, ambiente para a vida cultural, terreno fecundo para a semente da liberdade. (...) A literatura produzida nos fins do século XVIII reflete, de modo geral, esse espírito, podendo-se apontar a obra de Tomás Antônio Gonzaga como a sua expressão máxima.

(COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: EDLE, 1972, 7. Ed. p. 127 e p. 138)

5. (PUCCAMP) Considera-se um aspecto importante da poesia arcádica e neoclássica de Tomás Antonio Gonzaga no seguinte segmento crítico:
- na *Lira dos vinte anos*, combinam-se magistralmente as tendências lírica e satírica do poeta.
  - sua arte religiosa exalta a intuição anímica, identificada como uma visão dos olhos da alma.
  - seus poemas mais característicos devem ser elencados entre os da mais alta expressão dos ideais românticos.
  - seus versos sofridos evocam o remorso do monge devorado pelos mais abjetos impulsos carniais.
  - persiste nos versos de *Marília de Dirceu* um ânimo sossegado, o equilíbrio iluminista de uma felicidade caseira.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:**

Para responder à questão a seguir, considere o texto abaixo:

Finalmente, a bandeira. Tiradentes propôs que fosse adotado o triângulo representando a Santíssima Trindade, com alusão às cinco chagas de Cristo crucificado, presente nas armas portuguesas. Já Alvarenga propôs a imagem de um índio quebrando os grilhões do colonialismo, com a inscrição "Libertas quae sera tamen" (Liberdade, ainda que tardia), do poeta latino Virgílio, e que foi adotada e consagrada.

(MOTA, Carlos Guilherme e LOPEZ, Adriana. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo, Ed. 34, 2015, 4. ed. p. 261)

6. (PUCCAMP) A referência ao poeta latino Virgílio faz lembrar que
- entre os nossos poetas românticos, os ideais clássicos ganharam novo alento.
  - Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga opuseram-se aos artifícios clássicos.
  - as lutas nacionalistas do século XIX deveram muito aos pensadores do Classicismo.
  - a religiosidade medieval incorporou-se às lutas libertárias do século XVIII.
  - nossos árcades e inconfindentes mostraram-se sensíveis aos valores da poesia clássica.

## ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I)

1. **(IMED)** Expressão do poeta romano Horácio, *Carpe diem* é popularmente traduzida do latim para “aproveite o dia”. O professor John Keating, personagem de Robin Williams no filme estadunidense *Dead Poets Society*, no Brasil “Sociedade dos poetas mortos”, buscou motivar seus alunos entusiasmado por tal lema. Ideia presente na poesia inglesa dos séculos XVI e XVII, também inspirou poetas brasileiros, sendo uma das principais características do:
- Barroco.
  - Arcadismo.
  - Romantismo.
  - Simbolismo.
  - Modernismo.

2. **(ESPCEX (AMAN))** A temática do Arcadismo presente nos versos abaixo é o

“Se o bem desta choupana pode tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia,  
Que da Cidade o lisonjeiro encanto”

- “carpe diem”.
- paganismo.
- “fugere urbem”.
- fingimento poético.
- louvor histórico.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

“Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado;  
De tosco trato, de expressões grosseiro,  
Dos frios gelo e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs de que me visto.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha estrela!

(freedb.sites.uol.com.br/lusdecam.htm, adaptado)

3. **(G1 - IFSP)** Pode-se afirmar que se destaca no poema
- o racionalismo, característica do Barroco.
  - o conceptismo, característica do Arcadismo.
  - o cultismo, característica do Barroco.
  - o teocentrismo, característica do Barroco.
  - o pastoralismo, característica do Arcadismo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Soneto VI

*Brandas ribeiras, quanto estou contente  
De ver-vos outra vez, se isto é verdade!  
Quanto me alegra ouvir a suavidade,  
Com que Fílis entoas a voz cadente!*

*Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,  
Tudo me está causando novidade:  
Oh! como é certo que a cruel saudade  
Faz tudo, do que foi, mui diferente!*

*Recebi (eu vos peço) um desgraçado,  
Que andou até agora por incerto giro,  
Correndo sempre atrás do seu cuidado:*

*Este pranto, estes ais com que respiro,  
Podendo comover o vosso agrado,  
Façam digno de vós o meu suspiro.*

Cláudio Manoel da Costa

### Soneto

*Estes os olhos são da minha amada,  
Que belos, que gentis e que formosos!  
Não são para os mortais tão preciosos  
Os doces frutos da estação dourada.*

*Por eles a alegria derramada  
Tornam-se os campos de prazer gostosos.  
Em zéfiros suaves e mimosos  
Toda esta região se vê banhada.*

*Vinde olhos belos, vinde, e enfim trazendo  
Do rosto do meu bem as prendas belas,  
Dai alívio ao mal que estou gemendo.*

*Mas ah! delírio meu que me atropelas!  
Os olhos que eu cuidei que estava vendo,  
Eram (quem crera tal!) duas estrelas.*

Cláudio Manoel da Costa

4. **(MACKENZIE)** Na composição poética árcade, a natureza é tratada:
- como uma lembrança da pátria da qual foram exilados.
  - como um refúgio da vida atribulada das metrópoles do século XIX.
  - como um prolongamento do estado emocional do poeta.
  - como um local em que se busca a vida simples, pastoril e bucólica.
  - como uma fonte para o retrato crítico às desigualdades sociais.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:  
Leia o texto a seguir e responda à questão.

### Lira 83

Que diversas que são, Marília, as horas,  
que passo na masmorra imunda e feia,  
dessas horas felizes, já passadas  
na tua pátria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;  
e à sombra de alto cedro na campina  
eu versos te compunha, e ele os compunha  
à sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;  
de exceder um ao outro qualquer trata;  
o eco agora diz: Marília terna;  
e logo: Eulina ingrata.

Deixam os mesmos sátiros as grutas:  
um para nós ligeiro move os passos,  
ouve-nos de mais perto, e faz a flauta  
cos pés em mil pedaços.

— Dirceu — clama um pastor — ah! bem merece  
da cândida Marília a formosura.  
E aonde — clama o outro — quer Eulina  
achar maior ventura?

Nenhum pastor cuidava do rebanho,  
enquanto em nós durava esta porfia;  
e ela, ó minha amada, só findava  
depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana  
os versos, que de tarde havia feito;  
mal tos dava e os lia, os guardavas  
no casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,  
banhados com as lágrimas do gosto,  
jurava não cantar mais outras graças  
que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;  
eu agora, Marília, não as canto;  
mas inda vale mais que os doces versos  
a voz do triste pranto.

(GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. São Paulo: Ática, 1997. p. 126-127.)

5. **(UEL)** Assinale a alternativa que enumera corretamente as características do Arcadismo brasileiro presentes no poema de Tomás Antônio Gonzaga.
- a) A presença do ambiente rústico; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida familiar; a engenhosa elaboração pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.
  - b) A presença do ambiente nacional; a supressão da palavra poética; a celebração da vida familiar; a construção pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.
  - c) A presença do ambiente urbano; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida rústica; a elaboração predominantemente hiperbólica do poema.
  - d) A presença de ambiente bucólico; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida simples; a clareza, a lógica e a simplicidade na construção do poema.
  - e) A presença do ambiente nacional; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida em sociedade; a construção racional do poema enfatizando o decoro e a discrição.
6. **(UEL)** O ideal horaciano da “áurea mediocridade”, tão cultivado pelos poetas árcades, faz-se presente pelo registro
- a) de uma existência em contato com seres míticos, como é o caso dos sátiros.
  - b) de uma vida raciocinante expressa por meio de linguagem elaborada mefaforicamente.
  - c) da aceitação obstinada dos reveses da vida impostos pela política.
  - d) do prazer suscitado pelas situações difíceis a serem disciplinadamente encaradas.
  - e) de uma vida tranquila e amorosa em contato com a natureza sempre amena.

7. **(ENEM DIGITAL 2020)** Leia a posteridade, ó pá-  
trio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

OSTA, C. M. *Obras poéticas de Glauceste Satúrnio*.  
Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br).  
Acesso em: 8 out. 2015.

A concepção árcade de Cláudio Manuel da Costa registra sinais de seu contexto histórico, refletidos no soneto por um eu lírico que

- busca o seu reconhecimento literário entre as gerações futuras.
- contempla com sentimento de cumplicidade a natureza e o pastoreio.
- lamentava os efeitos produzidos pelos atos de cobiça e pela indiferença.
- encontra na simplicidade das imagens a expressão do equilíbrio e da razão.
- recorre a elementos mitológicos da cultura clássica como símbolos da terra.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810).

18

*Não vês aquele velho respeitável,  
que à muleta encostado,  
apenas mal se move e mal se arrasta?  
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,  
o tempo arrebatado,  
que o mesmo bronze gasta!*

*Enrugaram-se as faces e perderam  
seus olhos a viveza:  
voltou-se o seu cabelo em branca neve;  
já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,  
nem tem uma beleza  
das belezas que teve.*

*Assim também serei, minha Marília,  
daqui a poucos anos,  
que o ímpio tempo para todos corre.  
Os dentes cairão e os meus cabelos.  
Ah! sentirei os danos,  
que evita só quem morre.*

*Mas sempre passarei uma velhice  
muito menos penosa.  
Não trarei a muleta carregada,  
descansarei o já vergado corpo  
na tua mão piedosa,  
na tua mão nevada.*

*As frias tardes, em que negra nuvem  
os chuvaeiros não lance,  
irei contigo ao prado florescente:  
aqui me buscarás um sítio ameno,  
onde os membros descanse,  
e ao brando sol me aquente.*

*Apenas me sentar, então, movendo  
os olhos por aquela  
vistosa parte, que ficar fronteira,  
apontando direi: — Ali falamos,  
ali, ó minha bela,  
te vi a vez primeira.*

*Verterão os meus olhos duas fontes,  
nascidas de alegria;  
farão teus olhos ternos outro tanto;  
então darei, Marília, frios beijos  
na mão formosa e pia,  
que me limpar o pranto.*

*Assim irá, Marília, docemente  
meu corpo suportando  
do tempo desumano a dura guerra.  
Contente morrerei, por ser Marília  
quem, sentida, chorando  
meus braços olhos cerra.*

(Tomás Antônio Gonzaga. *Marília de Dirceu e mais poesias*.  
Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1982.)

8. **(UNESP)** A leitura atenta deste poema do livro *Marília de Dirceu* revela que o eu lírico
- sente total desânimo perante a existência e os sentimentos.
  - aceita com resignação a velhice e a morte amenizadas pelo amor.
  - está em crise existencial e não acredita na durabilidade do amor.
  - protesta ao Criador pela precariedade da existência humana.
  - não aceita de nenhum modo o envelhecimento e prefere morrer ainda jovem.

9. (UPF) Na poesia de Cláudio Manuel da Costa verifica-se um conflito entre as solicitações da poética neoclássica ou árcade, que o levam a conceber artificialmente uma paisagem \_\_\_\_\_, e o sentimento nativista do escritor, que o impele a aproveitar artisticamente a paisagem \_\_\_\_\_ de sua pátria.

A alternativa que completa **corretamente** as lacunas do texto anterior é:

- a) amena - bucólica
- b) rústica - bucólica
- c) bucólica - rústica
- d) rústica - amena
- e) bucólica - amena

10. (UNIFESP)



(Pedro Américo. *Tiradentes esquartejado*, 1893. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.)

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- a) Barroco.
- b) Arcadismo.
- c) Naturalismo.
- d) Realismo.
- e) Romantismo.

11. (UNIFESP 2020) O lema do *carpe diem* sintetiza expressivamente o motivo de se aproveitar o presente, já que o futuro é incerto. Tal lema manifestou-se mais explicitamente nos seguintes versos de Tomás Antônio Gonzaga:

- a) Ah! socorre, Amor, socorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Voa sobre os Astros, voa,  
Traze-me as tintas do Céu.
- b) Depois que represento  
Por largo espaço a imagem de um defunto,  
Movo os membros, suspiro,  
E onde estou pergunto.
- c) É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte e prado;  
Porém, gentil pastora, o teu agrado  
Vale mais que um rebanho, e mais que um trono.
- d) Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôs a mão dos anos:  
Os trabalhos, Marília, os sentimentos  
Fazem os mesmos danos.
- e) Ah! enquanto os Destinos impiedosos  
Não voltam contra nós a face irada,  
Façamos, sim, façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais ditosos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto "VII", de Cláudio Manuel da Costa, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Onde estou? Este sítio desconheço:  
Quem fez tão diferente aquele prado?  
Tudo outra natureza tem tomado,  
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço  
De estar a ela um dia reclinado;  
Ali em vale um monte está mudado:  
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,  
Que faziam perpétua a primavera;  
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;  
Mas que venho a estranhar, se estão presentes  
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.)

12. (UNESP 2020) No soneto, o eu lírico expressa um sentimento de inadequação que, a seu turno, se faz presente na seguinte citação:

- a) “A independência, não obstante a forma em que se desenrolou, constituiu a primeira grande revolução social que se operou no Brasil.” (Florestan Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil.*)
- b) “Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo ‘sentido’. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.” (Caio Prado Júnior. *Formação do Brasil contemporâneo.*)
- c) “A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente. De início pareceu ser episódio secundário. E na verdade o foi para os portugueses durante todo um meio século.” (Celso Furtado. *Formação econômica do Brasil.*)
- d) “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.” (Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil.*)
- e) “A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de ‘raça’ e de ‘religião’ do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora.” (Gilberto Freyre. *Casa-grande e senzala.*)

13. (ENEM) No soneto de Cláudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- a) angústia provocada pela sensação de solidão.
- b) resignação diante das mudanças do meio ambiente.
- c) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.
- d) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.
- e) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.

14. (UNIFESP) Assinale a alternativa na qual se pode detectar nos versos do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) uma ruptura com a convenção arcádica do *locus amoenus* (“lugar aprazível”).

- a) “Olha, Marília, as flautas dos pastores  
Que bem que soam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
Os Zéfiros brincar por entre flores?”
- b) “O ledo passarinho que gorjeia  
Da alma exprimindo a cândida ternura,  
O rio transparente, que murmura,  
E por entre pedrinhas serpenteia:”
- c) “Se é doce no recente, ameno Estio  
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,  
E, lambendo as areias e os verdores,  
Mole e queixoso deslizar-se o rio;”
- d) “A loira Fílis na estação das flores,  
Comigo passeou por este prado  
Mil vezes; por sinal, trazia ao lado  
As Graças, os Prazeres e os Amores.”
- e) “Já sobre o coche de ébano estrelado,  
Deu meio giro a Noite escura e feia;  
Que profundo silêncio me rodeia  
Neste deserto bosque, à luz vedado!”

15. (UEPA) “Sobre Bocage, sabemos que foi um homem situado entre dois mundos, entre as regras rígidas de um Arcadismo decadente, refletindo um mundo racional, ordenado e concreto, e a liberdade de um Romantismo ascendente, quando a literatura se abre à individualidade e à renovação”.

(www.lpm-editores.com.br – 03.09.11)

O comentário acima nos permite concluir que Bocage sofreu a violência simbólica quando uma regra pastoril e neoclássica, disfarçada de gosto e verdade inquestionáveis, impediu parcialmente a expressão de sua liberdade criadora. Interprete os versos abaixo e assinale os que tematizam a resistência a tal regra.

- a) *Só eu (tirano Amor! tirana Sorte!)  
Só eu por Nise ingrata aborrecido  
Para ter fim meu pranto espero a morte.*
- b) *Ó trevas, que enlutais a Natureza,  
Longos ciprestes desta selva anosa,  
Mochos de voz sinistra e lamentosa,  
Que dissolveis dos fados a incerteza;*
- c) *Das terras a pior tu és, ó Goa,  
Tu pareces mais ermo que cidade,  
Mas alojias em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.*

- d) Ó retrato da Morte! Ó Noite amiga,  
*Por cuja escuridão suspiro há tanto!*  
*Calada testemunha de meu pranto,*  
*De meus desgostos secretária antiga!*
- e) *Razão, de que me serve o teu socorro?*  
*Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;*  
*Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
 ALTÉIA

Cláudio Manuel da Costa

Aquele pastor amante,  
 Que nas úmidas ribeiras  
 Deste cristalino rio  
 Guiava as brancas ovelhas;

Aquele, que muitas vezes  
 Afinando a doce avena,  
 Parou as ligeiras águas,  
 Moveu as bárbaras penhas;

Sobre uma rocha sentado  
 Caladamente se queixa:  
 Que para formar as vozes,  
 Teme, que o ar as perceba.

(In *POEMAS* de Cláudio Manuel da Costa. São Paulo: Cultrix, 1966, p. 156.)

16. (UNESP) Neste fragmento do romance *ALTÉIA*, de Cláudio Manuel da Costa, acumulam-se características peculiares do Arcadismo. Releia o texto que lhe apresentamos e, a seguir:
- Aponte duas dessas características.
  - Justifique sua resposta com, pelo menos, duas citações do texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o excerto do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant'Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha os seus companheiros, e a sua fama de violleiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles "caras" todos, que nem o olhavam. [...]

Na "cidade", como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards*<sup>1</sup> dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

(*Clara dos Anjos*, 2012.)

<sup>1</sup>*placards*: nome que se dava às tabuletas que traziam resultados de competições esportivas, publicados nos jornais.

17. (UNESP 2020)

- No excerto, o narrador contrapõe dois espaços. Identifique-os.
- Na poesia árcade também ocorre a contraposição de dois espaços, o que vem a ser um importante tópico dessa poesia. Quais são esses espaços?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base a letra de uma guarânia dos compositores sertanejos Goiás (Gerson Coutinho da Silva, 1935-1981) e Belmonte (Pascoal Zanetti Todarelli, 1937-1972).

Saudade de minha terra  
De que me adianta viver na cidade,  
Se a felicidade não me acompanhar?  
Adeus, paulistinha do meu coração,  
Lá pro meu sertão eu quero voltar;  
Ver a madrugada, quando a passarada,  
Fazendo alvorada, começa a cantar.  
Com satisfação, arreio o burrão,  
Cortando o estradão, saio a galopar;  
E vou escutando o gado berrando,  
Sabíá cantando no jequitibá.

Por Nossa Senhora, meu sertão querido,  
Vivo arrependido por ter te deixado.  
Nesta nova vida, aqui da cidade,  
De tanta saudade eu tenho chorado;  
Aqui tem alguém, diz que me quer bem,  
Mas não me convém, eu tenho pensado,  
E fico com pena, mas esta morena  
Não sabe o sistema em que fui criado.  
Tô aqui cantando, de longe escutando,  
Alguém está chorando com o rádio ligado.

Que saudade imensa, do campo e do mato,  
Do manso regato que corta as campinas.  
Ia aos domingos passear de canoa  
Na linda lagoa de águas cristalinas;  
Que doces lembranças daquelas festanças,  
Onde tinha danças e lindas meninas!  
Eu vivo hoje em dia, sem ter alegria,  
O mundo judia, mas também ensina.  
Estou contrariado, mas não derrotado,  
Eu sou bem guiado pelas mãos divinas.

Pra minha mãezinha, já telegrafei,  
Que já me cansei de tanto sofrer.  
Nesta madrugada, estarei de partida  
Pra terra querida que me viu nascer;  
Já ouço sonhando o galo cantando,  
O inhambu piando no escurecer,  
A lua prateada, clareando a estrada,  
A relva molhada desde o anoitecer.  
Eu preciso ir, pra ver tudo ali,  
Foi lá que nasci, lá quero morrer.

(Goiá em duas vozes – o compositor interpreta suas músicas.  
Discos Chororó. CD nº 10548, s/d.)

18. (UNESP) Relendo os primeiros seis versos da terceira estrofe, percebe-se que o conteúdo deles relatado apresenta analogia com a poesia do Arcadismo, de que foram típicos representantes em nosso país Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. Indique uma dessas semelhanças.

19. (PUCRJ) Texto 1

**Soneto VI**

Brandas ribeiras, quanto estou contente  
De ver-nos outra vez, se isto é verdade!  
Quanto me alegra ouvir a suavidade,  
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,  
Tudo me está causando novidade:  
Oh como é certo, que a cruel saudade  
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,  
Que andou té agora por incerto giro  
Correndo sempre atrás do seu cuidado:

Este pranto, estes ais, com que respiro,  
Podendo comover o vosso agrado,  
Façam digno de vós o meu suspiro.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2000, p.35.

Texto 2

**Ternura**

Eu te peço perdão por te amar de repente  
Embora o meu amor seja uma velha canção nos  
teus ouvidos

Das horas que passei à sombra dos teus gestos  
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos  
Das noites que vivi acalentado  
Pela graça indizível dos teus passos eternamente  
fugindo

Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.  
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo  
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação  
das promessas

Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...  
É um sossego, uma unção, um transbordamento de  
carícias

E só te pede que te repouses quieta, muito quieta  
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem  
sem fatalidade o olhar

[extático da aurora

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 92-3.

- a) A partir da leitura do Texto 1, determine o estilo de época a que ele pertence, destacando dois aspectos que confirmam a sua resposta.
- b) Indique o gênero literário predominante nos poemas de Cláudio Manuel da Costa e Vinicius de Moraes, justificando com aspectos que o caracterizam.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Soneto XCVII**

Cláudio Manuel da Costa

Destes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci: oh! quem cuidara  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza.

Amor, que vence os tigres, por empresa  
Tomou logo render-me; ele declara  
Contra o meu coração guerra tão rara,  
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,  
A que dava ocasião minha brandura,  
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,  
Temei, penhas, temei, que Amor tirano,  
Onde há mais resistência, mais se apura.  
(Fonte: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 95)

**Glossário: "Penha":** massa rochosa, saliente e isolada, localizada na encosta ou no dorso de uma serra.

20. (UFJF-PISM 3 2022) Nas poesias do Arcadismo, a natureza e o homem são, em geral, alçados a uma universalidade abstrata cujo modelo é a tradição mitológica e pastoril greco-latina. No entanto, há momentos em que a "cor local" se infiltra na poesia árcade. Isso ocorre, por exemplo, em alguns poemas de Cláudio Manuel da Costa nos quais encontramos uma intensa incorporação da paisagem mineira articulada em sua "imaginação da pedra". Qual elemento da "paisagem local" foi incorporado ao Soneto e como o narrador se relaciona com ele?

## GABARITO

|       |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1. B  | 2. C  | 3. E  | 4. D  | 5. D  |
| 6. E  | 7. C  | 8. B  | 9. C  | 10. B |
| 11. E | 12. D | 13. E | 14. E | 15. E |

16.

- a) Pastoralismo e bucolismo.  
b) "Aquele pastor amante"  
"Deste cristalino rio"

17.

- a) No excerto do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, o narrador compara a periferia com a região central da cidade, dois espaços que se contrapõem pela composição social de quem neles mora ou os frequenta, o que lhe causa estranheza e sensação de perda de identidade. Enquanto que no primeiro, reduto de gente humilde e pouco letrada, Cassi Jones se sente à vontade com as suas limitações intelectuais e é valorizado por seu comportamento de malandro e mulherengo, no segundo é tomado pela sensação de inferioridade por não dominar assuntos que eram abordados ao seu redor.
- b) A poesia árcade ou neoclássica contrapõe o espaço campestre ao urbano. Nessa estética do século XVIII, retoma-se intensamente a tópicos do fugere urbem (fugir da cidade). Assim, o ambiente bucólico é considerado idealmente suave, harmônico, propiciador da felicidade e do idílio amoroso, enquanto o espaço urbano é visto como degradante em relação à condição humana.

18.

*"Que saudade imensa, do campo e do mato,/Do manso regato que corta as campinas./Ia aos domingos passear de canoa/Na linda lagoa de águas cristalinas;/Que doces lembranças daquelas festas,/Onde tinha danças e lindas meninas!"*

O excerto acima retoma os tópicos do movimento neoclássico: busca da simplicidade em contato direto com a natureza bucólica ("manso regato", "Na linda lagoa de águas cristalinas") e o abandono do status social exigido na vida urbana, resumidos nos termos latinos LOCUS AMOENUS (lugar ameno) e FUGERE URBEM (fugir da cidade), respectivamente.

19.

- a) O texto 1 é um soneto de Cláudio Manuel da Costa e pertence ao estilo do arcadismo. Duas características típicas desse estilo e que estão presentes no soneto do poeta são: o uso do soneto com emprego de versos decassílabos e o aspecto bucólico, como vemos no verso “Os rebanhos, o gado, o campo, a gente”, em que o eu lírico alude a elementos do campo.
- b) Ambos os textos pertencem ao gênero lírico, sendo caracterizados pela presença de um eu lírico que traz subjetividade, sentimentalismo e emoções. Além disso, vemos a presença de uma linguagem poética por meio do ritmo dos poemas e do uso de figuras de linguagem.

20.

O elemento é a paisagem montanhosa de Minas Gerais (“penhascos” e “Penhas”). O narrador se relaciona com tal elemento por contraste: se as penhas são “duras”, o narrador se apresenta com “alma terna” e “peito sem dureza”.

# ANOTAÇÕES

